

N.º 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM

VIVER ÀS CLARAS

A PROPAGANDA POSITIVISTA

em

S. PAULO

(Explicação decisiva aos amigos e correligionarios)

por

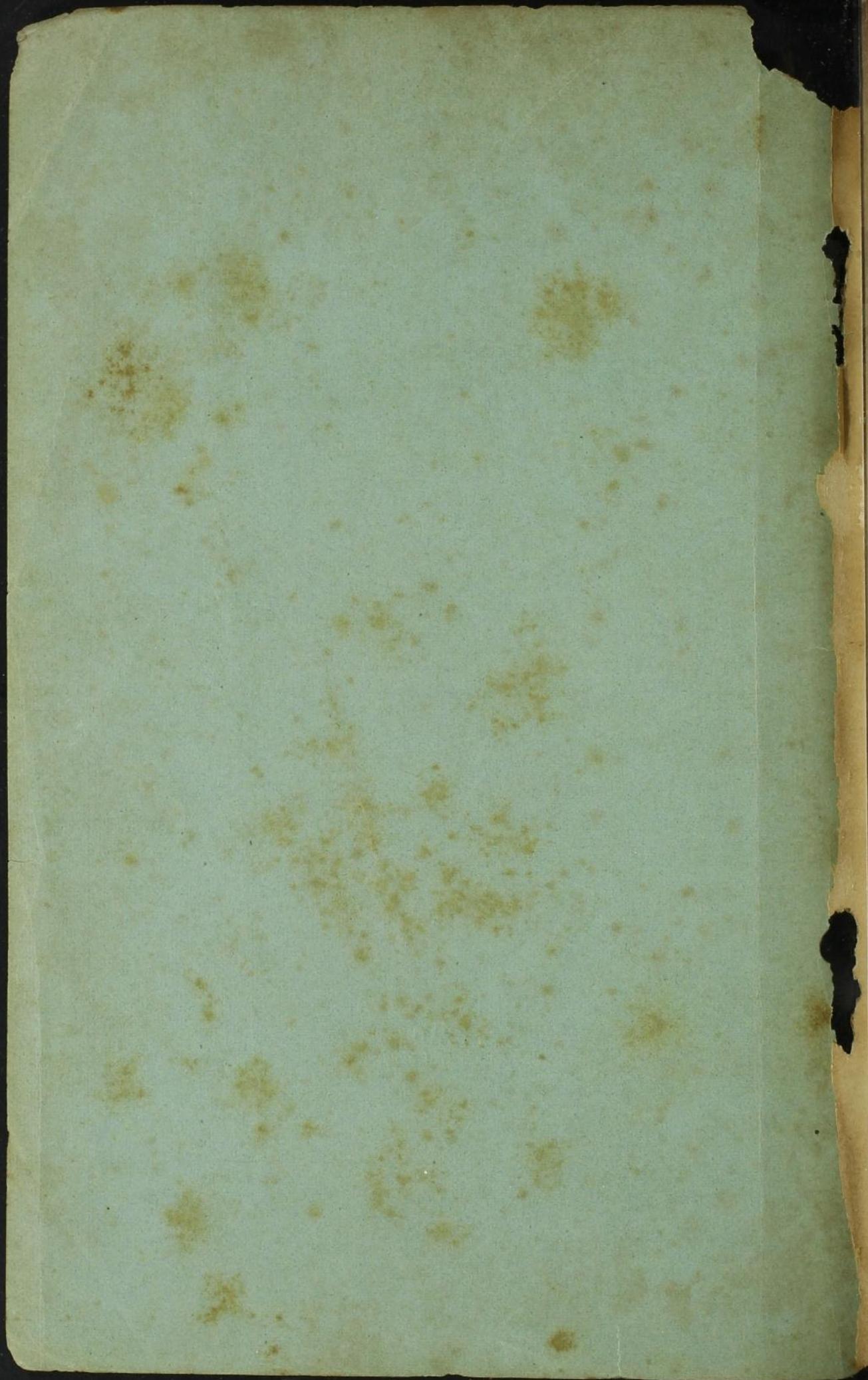
JOSÉ FELICIANO



S. PAULO

6, Rua General Jardim, 6

ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Maio de 1898



R
O AND

A P

(L)

N.º 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM

VIVER ÀS CLARAS

A PROPAGANDA POSITIVISTA

em

S. PAULO

(Explicação decisiva aos amigos e correligionarios)

por

JOSÉ FELICIANO



S. PAULO

6, Rua General Jardim, 6

ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Maio de 1898

ADVERTENCIA

Deste folheto só se tirou uma pequena edição.

Não é destinado á venda, embora se distribua a todos que se interessarem pela questão, e a respeito desejem esclarecer-se. Em qualquer caso, porém, a distribuição ha de ser pessoal, porque «ninguem devendo aspirar á estima daquelles que lh'a não merecem, cada um não deve a todos indistintamente uma conta habitual de suas acções quaesquer.» (*Catéch. posit.* 298).

Este exemplar n.º é dirigido ao cidadão

.....

.....

O Autor,

.....

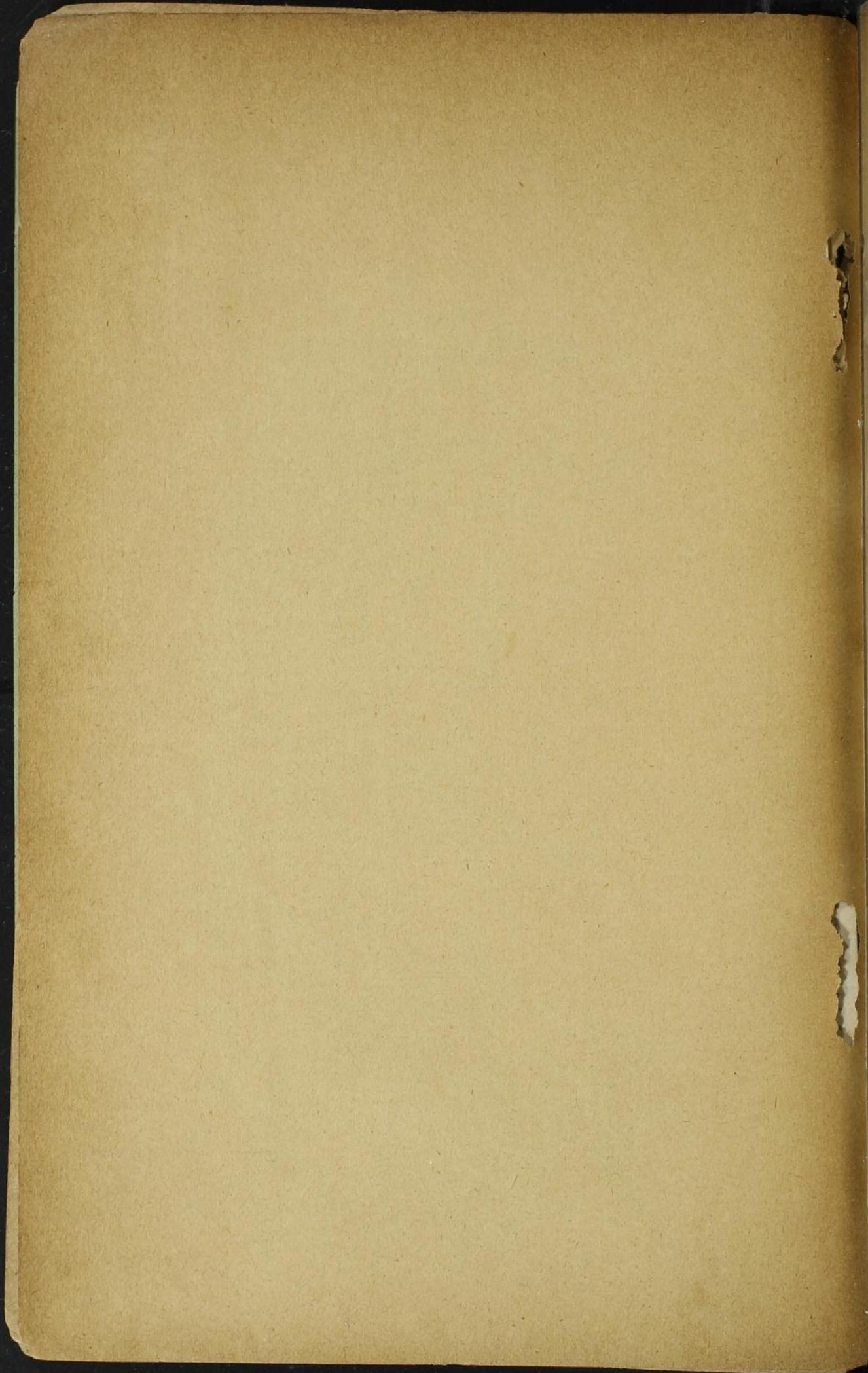
A AUGUSTO COMTE

Tantas, tão rudes nesta vida foram
As penas que curtiste, Mestre amado,
Que é bem possas viver recompensado
Nos corações daquelles que te adoram.

Quantos no mundo a influença exoram
De teu saber—resumo do Passado,—
Tendo da vida o travo amargurado,
Em teu soffrer o coração vigoram.

.....

Em ti devem tambem haurir a força,
Para affrontar a tormentosa lida
Que os fracos doma e os validos reforça.



NOTA PRÉVIA

...«é instante a necessidade que temos de alargar a esphera de nossa propaganda religiosa, a fim de garantir a efficacia e o futuro de nossa Igreja.»

...«ainda somos muito revolucionarios para sentir bem os verdadeiros proveitos de uma extensa fraternidade, de uma larga tolerancia, de uma affectuosa conducta que attráia e não repilla.»

(Resenha de *nosso movimento em 1896*).

Só agora participo a meus amigos e correligionarios a deliberação a que fui levado pela circular que me desligou do gremio fluminense, e «considerou extintas nossas relações» com seu chefe, conforme este declara devolvendo sem abrir uma carta minha (1). Aguardei que se applicasse a effervescencia provocada pelo chefe e não animei discordias, não desafiei reacções, não instiguei os dyscolos. Minha deliberação final era de natureza a prescindir de qualquer apoio *partidario*, e seria mau discutir assumptos que só a calma reflexão utilmente resolve.

Desejava mesmo soffrer tudo com paciencia e retardar esta declaração. Acreditei, porém, que estava prejudicando os mais com meu silencio, principalmente

(1) Só depois da minha completa desillusão, só depois das cartas vituperosas, é que expliquei esta offensa inutil e gratuita.

sendo varias vezes perguntado pela abertura de minhas conferencias deste anno.

O tempo decorrido após minha desligação, realizada ha quasi dous mezes, basta para que minhas palavras sejam decisiva explicação e não sirvam de incitamento a criticas apaixonadas.

Precisamos nos abster de accusações ferinas, que nos amargariam a todos, que nos tornariam mais imperfeitos e iriam scandalizar as almas ternas, as almas que começavam a divisar a grandeza da nova Religião nos esforços que por ella envidávamos.

Por isso é que não tomo em consideração umas epistolas aculeadas, contumeliosas que por aqui têm corrido. Si as accusações que contêm são cabaes para me afastar dos postos que tenho prejudicado, de outro modo e ás claras é que me deviam chamar a contas. Não é generoso, é maledicencia atacar ferinamente os mais, compellindo-os a reacções deploraveis, a manifestações em que os maus pendores inevitavelmente se exercitam.

Si, acabada a agitação, o chefe lamentar haver cedido a tão maus impulsos, lograrei ao menos a satisfação de não o haver directamente provocado a essas e a outras invectivas, de todo em todo contrarias á terna, á sympathica, á synthetica, á synergica, á santissima Religião nossa. E' assim que devemos seguir os dictames do Mestre, trabalhando em nosso aperfeiçoamento privado, «eliminando todos os sentimentos repulsivos, por mais legitimos que elles sejam». (*Testamento*, 223).

Não digo isto por inculcar virtude que eu já tenha, mas por ser mensageiro de boa doutrina, por mostrar os desejos que me animam, as intenções com que actúo.

Sei que a paciencia tem limites racionaes; ultrapassal-os é, como diz um Santo, semear vicios, nutrir a negligencia, promover o mal. Só por isso tambem é que venho dar esta explicação.

Já que tudo fez inevitavel o rompimento, já que elle é definitivo e definitiva é minha resolução final,

expliquemos os factos claramente, francamente; expliquemos tudo sem hostilidade vã, sem inuteis accusações .
pessoaes.

Esta é a mira que leva quanto se vai ler nas paginas seguintes (1).

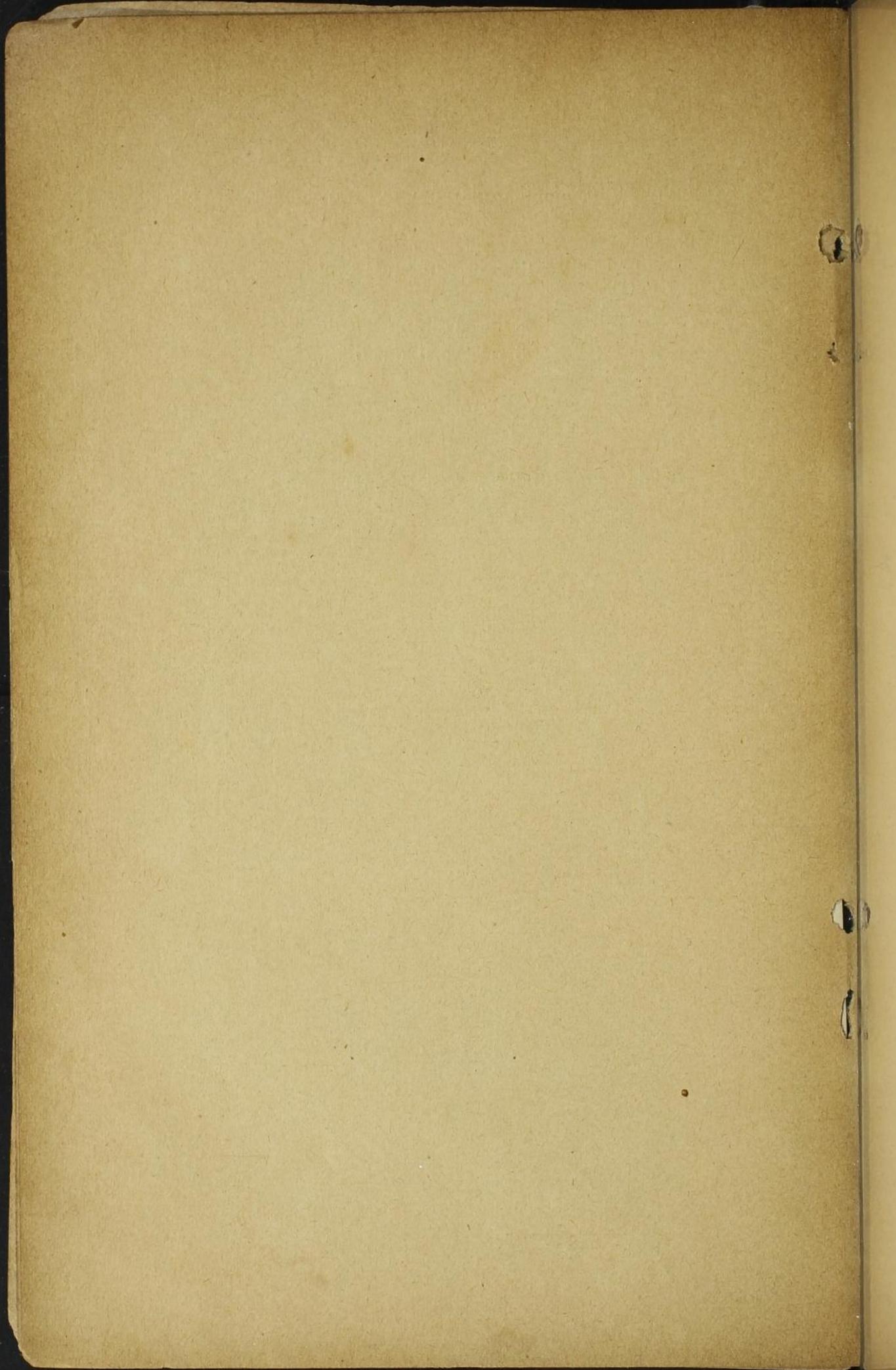
S. Paulo, $\frac{9 \text{ de Archimedes de } 110}{3 \text{ de Abril de } 1898}$

José Feliciano de Oliveira.

6, rua General Jardim (Villa Buarque)

Nascido em Jundiahy a 6 de Março de 1868.

(1) Tendo conhecimento de varias accusações ferinas que o chefe tem feito correr entre os amigos que me estimam, para os desligar de mim, — fui obrigado a alongar umas notas que já determinara appensar a esta declaração. Mantive, porém, o proposito de fugir a uma hostilidade vã e a inuteis accusações pessoaes, embora não pudesse evitar uma justa reacção no esclarecimento de pontos desagradaveis. A muito mais me provocou o chefe, como se verá em a nota VII. (24 de Archimedes—18 de Abril).



I

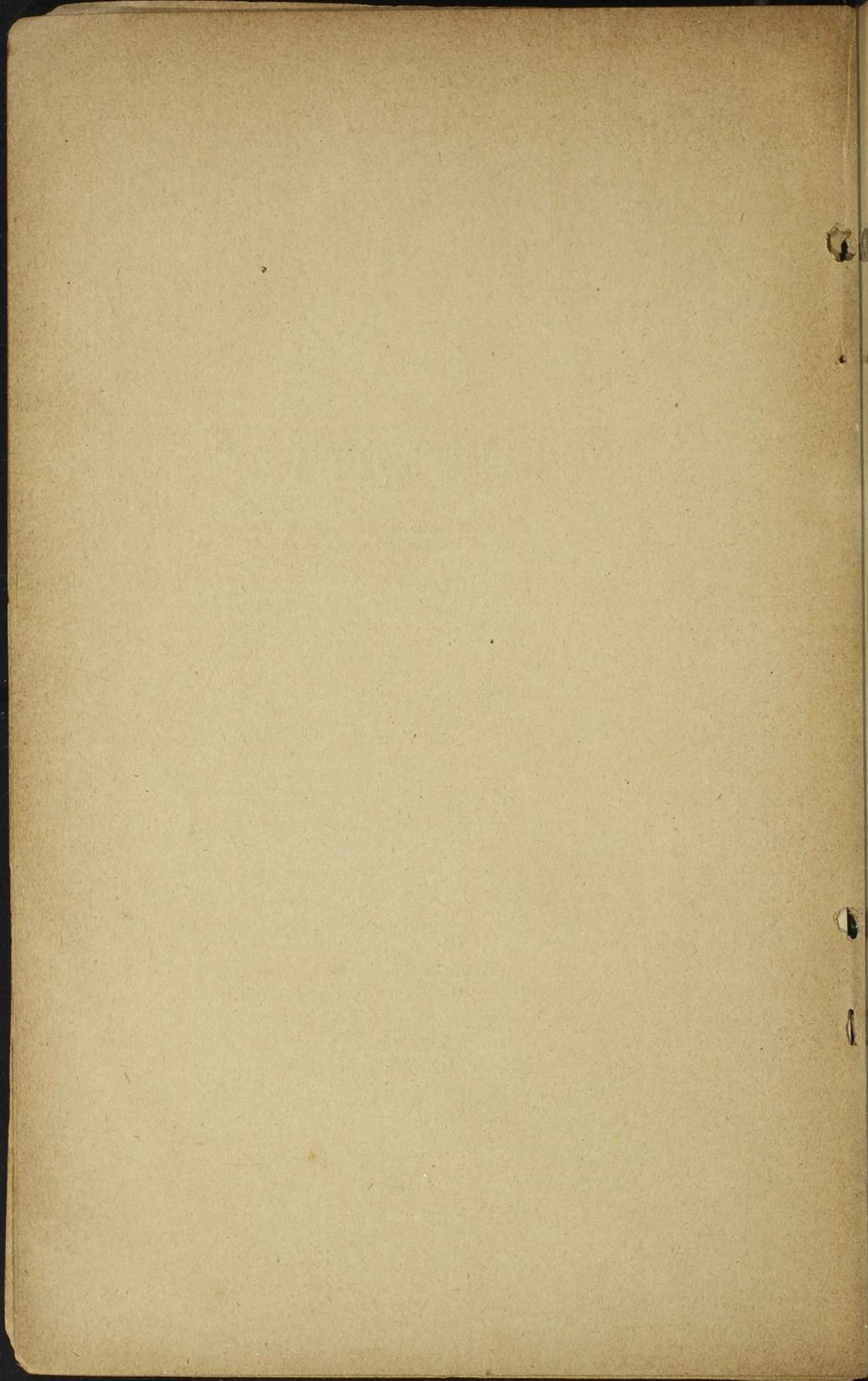
DECLARAÇÃO DECISIVA

...não deixe emfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito;
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CAMÕES, *Lusiadas*, V, 100.

Esta sabia e abençoada doutrina (o
Positivismo)... dominará eternamente, tanto
na vida publica, como na vida privada, todos
meus sentimentos, pensamentos e actos.

BENJAMIN CONSTANT.



I

ADVERTENCIA GERAL E PESSOAL

Nenhuma revolta pode evitar o reproche de inconsequencia... Insurgindo-se contra os papas, os reis modernos suscitaram finalmente a indisciplina de seus proprios subditos.

—O sacerdocio deve sempre esforçar-se por conter mutações pessoaes, cujo livre curso tornar-se-ia mais funesto do que os abusos que as houvessem inspirado.

—...o julgamento universal, sabiamente cumprido, constitue o officio sacerdotal mais decisivo, o mais difficil de fundar e desenvolver...—suppõe uma digna preponderancia do espirito synthetico, consolidada e desenvolvida por uma forte preparação encyclopedica, onde sempre domina a harmonia normal entre a sciencia, a arte e a industria.

A. COMTE, *Politica*, II, 327, 330 e 332.

Fica extinto o Centro de propaganda positivista que fundei nesta capital. O curso deste anno, que devia ter começado em Março, não terá mais lugar sob minha direcção.

Suspendo essa propaganda systematica, porque hoje só poderia proseguil-a abrindo scisão com o centro do Rio, de que fui desligado no dia 11 de Homero (8 de Fevereiro) e de que me acho totalmente afastado emquanto permanecer nelle a direcção actual.

Não é preciso explicar largamente todos os factos que nos levaram a tão completa separação. Apurar vagas apprehensões, illogicas hypotheses e divergencias pessoases,—são cousas mui pouco positivistas para interessarem á Humanidade. Nisto, como em tudo o mais, cinjamo-nos aos ensinamentos do Mestre dos mestres, Chefe invisível, subjectivo Papa de todos nós (1).

Agora bastará explicar summariamente o rompimento final e minha final resolução.

*
* *

Duas cartas minhas, uma puramente intima e outra de character mais geral (2), serviram de motivos especiaes e caracteristicos para fundamentar minha desligação. A' primeira acompanhavam uns commentarios, cuja parte final, completando minha segunda carta, devia ser transcripta com ella. O chefe supprimiu essa parte e em vez della transcreveu a primeira carta, só cheia de noticias particulares, que podiam promover discordias. O uso de iniciaes suppostas ainda mais devia alargar as desavenças e equivoicações (3).

Na segunda carta, com seu complemento, pedia eu, por ultimo, vivazmente, energicamente uma organização para o Centro daqui, e protestava contra intervenções

(1) Veja-se no fim a nota n. I

(2) Sem deixar de ser bem intima. Isto de tomar o que se escreve intimamente, ou sob uma confiante subordinação, como paginas definitivas, vistas e revistas, de um livro publico,—pode ser habil muitas vezes, mas correcto, sympathico, fraternal é que não será com certeza. Entre amigos pensamos alto, já conversando, já escrevendo. Emittimos juizos em formação, e assim nos auxiliamos reciprocamente ao santo calor, á luz santa do sentimento puro, da mente esclarecida. Nossas opiniões podem assim dissipar-se ou firmar-se definitivamente, para depois influir em nossa vida publica.

(3) Houve com effeito algumas: *H* (Dr. Bhering) foi tomado por um outro; *S* (um extranho a nosso meio) foi tomado como eu proprio.

desorganizadoras a que o vago, a prevenção, «as apprehensões» me deixavam sempre sujeito (1).

O chefe, em tudo e por tudo, repellindo o que teve por uma «intimação», cortou commigo todas as relações, impoz-me um intermediario hostile, preferiu-o a um amigo commum e não me deu resposta alguma a estas deliberações:

1.^a) Logo que vi não poder proseguir na propaganda sem a hostilidade do centro fluminense,—que até suas publicações daqui me retirava,—fui ao cidadão Godofredo Furtado e offereci-lhe que continuasse a dirigir o Centro nosso em harmonia com o do Rio de Janeiro. A' vista de sua recusa formal, deliberei:

2.^a) Pedir ao Rio a vinda de um substituto a quem eu tudo entregaria, passando a simples ouvinte. Só na ausencia completa de um substituto, eu dissolveria o Centro, dando um destino social a todos seus moveis e ornamentos.

O intermediario não transmittiu ao chefe essas deliberações e inveridicamente o informou de que eu me recusava a entregar as publicações do Apostolado.

Prescindi afinal de tão infiel medianeiro e recorri a um querido amigo, muito considerado pelo chefe. Essa mediação foi absolutamente rejeitada. Foi rejeitado o

(1) O caso que motivou meu protesto cifrava-se em me desautorar o chefe, querendo decidir de novo o que já estava plenamente resolvido *ipso facto* e com sua approvação.

Não transcrevo minhas cartas, porque esta declaração visa sobretudo aos que têm conhecimento da circular do chefe. Dos commentarios não tenho cópia. Apesar de haver pedido ao chefe que os conservasse á minha disposição, até agora não m'os devolveu.

Desses commentarios resulta: 1.^o) que eu só devia prestar contas de meus actos, sem sujeitar a nova decisão o que eu mui legitimamente já decidira; 2.^o) que eu aqui dirigia um grupo composto de alguns que nenhuma relação mantinham com o chefe central, ou que delle eram conhecidos por meu intermedio; 3.^o) que não era possivel a autoridade do chefe prestar-se a resurgir questões decididas, ferindo-me de ricochete; pois eu arcava com toda a responsabilidade de minhas decisões quaesquer. Declarei que daria conta de meu proceder, mas não admittia que a questão recommencesse de seus primordios e desenrolasse todos seus aspectos desagradaveis, como aconteceu no primeiro julgamento, que para mim era decisivo.

testemunho de uma pessoa sympathica, como si não fosse dogma positivista que o amor não pode cegar, que só o odio é cego e que o amor sómente é real no mundo (1).

O chefe acceitou as informações falsas, ratificou-as (como si assim poudesse fazel-as veridicas) e hereticamente considerou a hostilidade actual como substituindo o julgamento do ceu, da «terra da verdade», no acertado dizer de nossos maiores (2).

Estimulou assim injustificaveis repulsões e impeliu-me para o caminho da rebeldia, da dissidencia, como unico a trilhar na prosequção de minha propaganda systematica.

Não podendo modificar minhas pretensões—de maneira alguma «insolitas», quer ante as nascentes praxes positivistas, quer perante as seculares de nossos predecessores catholicos (3):—não tendo, por outro lado, nenhuma formal accusação de outros erros, com o fim organico de me auxiliar na emenda (4); e, finalmente,

(1) Veja-se no fim a nota II. Depois um outro bom amigo e veterano positivista reforçou o testemunho. Mas o chefe só fez questão de ser firme e não quiz desilludir-se.

(2) V. no fim a nota III.

(3) Pode e deve haver decisões exclusivamente reservadas aos chefes estadaues, para manter a unidade nos diversos centros.

Vejam-se os casos reservados, desde os da celebre Bulla da ceia (*In cana Domini*) até os dos bispos, os *ex-informata conscientia*; vejam-se as attribuições dos simples curas, absolvendo *in articulis mortis* os mesmos casos reservados ao Papa; vejam-se os canonistas que tratam de taes casos, dos casos inappellaveis, desde o nosso MONTE (*Direito Ecclesiastico*, III) até GOUSSET (*Théologie morale*, tome II). Veja-se no fim a nota VI.

E para se conhecer qual fosse o escrupulo do sacerdocio catholico em evitar as intromissões na vinha ou na seara alheia, basta citar esta nota do *Catecismo do Concilio de Trento* (II parte, cap. VIII, § XIII): «O religioso respeito com que desde os antiquissimos tempos da Igreja se conservou o direito de padre commum, facilmente se vê nos velhos decretos dos Padres, *peios quaes se acautela que Bispo nem Padre não ouse ingerir-se em parochia de outro, sem a autoridade de quem a ella preside (quibus cautum est ne quis Episcopus aut Sacerdos in alterius parochiâ aliquid gerere audeat, sine ejus auctoritate, qui illi præset)*.

Finalmente o proprio chefe, quando subordinado do Sr. Laffitte, sustentava sua total competencia para decidir no caso de disciplina interna, sem *nada communicar a seu superior*. (Veja-se o relatorio de 1884, pag. 19).

(4) Quem deseja saber nossas mazellas para cural-as com a maledicencia, é indigno de nossa attenção.

havendo soffrido a mais repulsiva hostilidade, ao ponto de nem me poder communicar dignamente com o chefe, —só me restavam em geral dous caminhos a seguir:

1.º) Dar ao Centro paulista a organização que lhe negava o chefe geral e «proseguir por conta propria minha carreira positivista», constituindo mais «uma livre tentativa de propaganda» (1), o que era affrontar, era aggravar a hostilidade do gremio fluminense;

2.º) Extinguir o Centro, inutilizando aqui esforços meus e sacrificios de 10 annos, mas fugindo ao mesmo tempo o mau exemplo de systematizar uma nova revolta no seio da Igreja universal.

Senti, pensei e felizmente preferi o segundo caminho, o caminho da obscuridade, a que me volvo depois de tres annos de esforços continuos, de multiplos trabalhos numa propaganda systematica (2).

Si para a Humanidade for um bem a extinção deste Centro, ao exclusivo chefe, que dirige no Brazil o Apostolado systematico, pertence a gloria de semelhante feito. Si for um mal, como me parece, a indefectivel

(1) As expressões sublinhadas são da carta-circular em que o chefe, embora *prevendo* meu «*naufragio*», deseja que eu tenha exito feliz em meus tentamens de propagandista.

Quero evitar as accusações ferinas, e por isso não caracterizo essa permissão, curial nas epistolas do chefe.

(2) Para mostrar os males insanaveis que resultam das propagandas, dos centros antagonistas, basta citar este trecho de Augusto Comte, nosso juiz completo: «Qualquer antagonismo collectivo entre os diversos servidores da Humanidade não pode habitualmente conciliar-se nem com a noção, nem sobretudo com o sentimento, do verdadeiro Grão-Ser». (*Polit.*, II, 72). O venerando Sr. Congreve, chefe da Igreja Britanica, separando-se do Sr. Laffitte, sempre entendeu que a divergencia não importava em romper a fraternidade, os laços amistosos entre os positivistas. E elle sempre desaprovou a virulencia de linguagem do chefe brasileiro.—De facto, si nós mantemos relações com amigos de outros credos, porque as havemos de romper com os positivistas dissidentes?

Era esta propensão á tolerancia um dos defeitos meus que muito alarmavam o chefe. Eu, porém, já o tinha antes de entrar para o gremio fluminense, em 1892. Desde 1888 o manifestei quando, expondo com energia e firmeza a condemnação do jornalismo, mostrava a necessidade de o tolerar até certo ponto. O chefe então discordava por completo de meu modo de ver, e isso mais uma vez me afastou de seu gremio. Por fim, em 1890, teve que attenuar sua opinião absoluta, conforme expoz no relatorio de 1891.

justiça da Posteridade, negando-lhe seu grado e sua graça, ha de lançar em desconto de meus erros os esforços e sacrificios que fiz para evitar o desastroso evento.

Fica-lhe tambem a responsabilidade dos tresmalhos em que alguns hão de cahir, excusavelmente às vezes, porque não há quem lhes acuda com os sentimentos e convicções apropositadas, porque não se acham acostados a um gremio collector e unido.

Desordenado o Centro que eu aqui fundei e com a ausencia de um completo Superior universal ou mesmo nacional, o Positivismo, como preceituo Augusto Comte (*Polit.*, IV, 542), se desenvolverá melhor pelos livres esforços de seus dignos adeptos que sob um chefe insufficiente (1). Entre elles hão de surgir orgams propagadores da «fé mais susceptivel de inspirar o concurso sem alterar a independencia.» (*Ibid.* 541).

Confiemos mais e mais em Augusto Comte e esperemos que a Humanidade nos julgue, não só conforme os resultados effectivos de nosso labor, mas tambem á vista de nossos projectos, de nossos sentimentos reaes.

(1) Veja-se no fim a nota IV.

II

RESOLUÇÃO FINAL

Perturbaríamos continuamente a ordem social, em vez de aperfeiçoal-a, si nossa principal solicitude se não dirigisse para o emprego das forças *quaesquer*, feita abstracção de sua origem e mesmo de sua séde... Nosso verdadeiro merito, como nossa felicidade, depende sobretudo do digno emprego voluntario das forças *quaesquer* que a ordem real, assim a artificial, como a natural, nos torna disponiveis.

(A. COMTE, *Polit.*, II, 328 e 329)

Ora, eu por muito tempo tenho hesitado em dar a minhas forças *quaesquer* o destino social, positivista, porque achava que outros verdadeiramente aptos e mais fortes é que o deviam fazer. Mas esses não appareceram, não quizeram ahi empregar suas forças... (1)

(Carta ao Chefe, em 6 de Descartes—13 de Outubro—de 107—1895).

Devo assegurar a meus amigos e correligionarios que o desligamento, agora consummado, não é uma excommunhão nem é para mim um desligamento religioso (2). Os compromissos positivistas que tenho assumido como crente, na existencia pessoal e social, mantenho-os todos inteiramente, sempre confiante na Humanidade e em seu incomparavel interprete--August-

(1) Veja-se no fim a nota V.

(2) Veja-se no fim a nota VI.

to Comte—, inspirado por seu dilecto anjo,—Clotilde de Vaux.

Não abracei a Religião da Humanidade como derivativo ou como alimento a uma vã tendencia literaria e philosophista (1). Tendo sido creado no seio do catholicismo,—por uma piedosa e terna Mãe,—ao emancipar-me de seus dogmas sobrenaturaes, busquei outros que cimentassem bastantemente as necessidades organicas de minha alma.

Não podia ser mais feliz encontrando o positivismo. Não só encontrei uma doutrina real, util, certa, precisa, organica e relativa, mas sobretudo deparou-se-me ahi exabundantemente justificada a cultura dos sentimentos, que até ao catholicismo as varias religiões tinham gradualmente visado. Vi que o catholicismo é a melhor preparação ao positivismo, de que foi collectivamente o precursor necessario; vi que o scepticismo deve ser evitado, que o bem publico e a felicidade privada consagram a união das almas convergentes, que se devem conservar catholicas enquanto não se tornam positivistas (2).

Encontrei, em summa, a religião sympathica por excellencia, onde as mais ternas aspirações do coração humano, onde a poesia, a philosophia e a politica se consagram, onde intimamente se alliam para a conquista do bello, do verdadeiro e do bom.

Um ardor prematuro, mesmo antes de meu quarto lustro, me impelliu a propagar sofregamente a fé que

(1) O cidadão M. Lemos, hoje, malsina-me de literato e grammatico mal curado, chamando literatice á mesma propaganda que fiz em quasi 7 annos de subordinação a sua chefia. Pouco se me dá de tal juizo, porque não desejo para mim a nimia benevolencia que elle usa consigo proprio, chamando «apostolado pela palavra e pelo exemplo», mesmo a seu escuro estagio de consciente e nocivo litterismo, (*Nossa iniciação no Positivismo*, pag. 14, conferida com seus escriptos de 1875 a 1879).

E quanto á minha grammatiquice, tambem lhe digo que não posso desejar para mim a complacencia com que tem tratado as mesmas cogitações orthographicas, a que nunca me consagrei. (Vejam-se o opusculo e os varios avulsos que dedicou á chamada *ortografia positiva*, que nunca adoptei).

(2) *Appel aux conservateurs*, 74-80.

me animava. Uma vaidade ingenua amplificou-me as forças e arremessou-me á luta. Sopitando desaccordos pessoases, procurei associar-me aos adeptos da mesma fé e imaginei que assim havia de prelibar os gosos são da fraternidade religiosa. As desillusões vieram. Com ellas veiu o conhecimento de minha insufficiencia e de meu desamparo, porque o chefe se mostrava por igual insufficiente.

Não desanimei, porém, e nem desanimo, contemplando nossas imperfeições, proprias e alheias. Bem má é a humildade que tira o animo; entristecer-se, acabrunhar-se com os proprios defeitos é juntar um defeito a outro defeito. E' preciso que a humildade não nos leve a desconhecer as qualidades que temos, para dellas nos utilizarmos dignamente: nisso está «nosso verdadeiro merito, nossa felicidade.» Não é humildade e pode ser cynismo, pode ser astucia dizer a todos que temos defeitos: elles vêm de seu e por si se manifestam. Bastará confessal-os opportunamente aos corações abertos, aos piedosos, aos limpos de altivez e isentos da curiosidade petulante que sempre imagina o peor (1). Que vale confessar mazellas ao maledicente que só as empeçonha com sua lingua viperina, que leva a martellar continuamente num só defeito nosso, sem contribuir para sua correção?

E depois confessar defeitos, arguir-se de insufficiencia, continuando a fazer tudo como si fosse completo, fôra astucia vã para adeantar e fugir censuras justas, fôra fazer gala do sambenito, fôra frustrar a penitencia digna.

Sou por isso lançado no rumo de modesto recolhido, que se prepara, que se adestra para a luta, num meio ainda muito preocupado com as agitações politicas, que tomaram a deanteira ao culto, ao ensino e á

(1) Muitos destes pensamentos se vem manifestados e postos em pratica na vida do glorioso S. Francisco de Salles. (Veja-se sua excellente biographia feita pelo padre HAMON, cura de S. Sulpicio).

disciplina religiosa (1). E' assim que devo mostrar o sentimento pleno de minha insufficiencia actual, embora não desconheça que me tenho esforçado sempre e que alguma cousa tenho feito. Mas como isso está longe de bastar, recolho-me a tempo, sem maior desanimo, sem rancor, continuando a sentir e a pensar na grata, na sympathica persuasão de que hoje todos os homens são «positivistas espontaneos, em diversos graus de evolução, que só têm necessidade de ser completados» (2).

Volverei ao convivio com um Passado excelso, volverei á prece e ao estudo, applicando minha actividade no desenvolvimento da vida privada e publica, mostrando, nos limites de minhas forças, que todo o homem é um cidadão que a Familia prepara e a Igreja completa. Não devo transcurar o presentimento da Igreja universal na preparação, nas lucubrações que lhe hei de consagrar, no culto de seus proceres e na fé em seu advento. Mas, no setimo lustro (3) que agora enceto, não dirigirei na Igreja nenhuma propaganda systematica.

E como em geral, segundo preceito do Mestre (*Lettres à HURTON*, 116), seus discipulos quaesquer mais deverão falar que escrever,—nesse quinquennio, a par de minhas conferencias didacticas, raras serão as manifestações escriptas que me revigorem o ardor e transmitam a fé. Hei de vencer esse prazo poupando as forças insufficientes, a fim de fortalecel-as e augmental-as.

E' necessario ser um tempo mudo—

..... que aproveita

Sem armas, com fervor commetter tudo (4)?

(1) Mesmo no estado normal, A. Comte consagra para os cavalleiros positivistas «retiros periodicos em edificios especiaes, para retemperarem sua vocação ao pé do sacerdocio.» (*Polit.*, IV, 336).

(2) *Polit.*, IV, 377.

(3) Quantos têm estado em minha intimidade, e o proprio Chefe, testemunharão que foi sempre idéa minha só decidir de minha carreira apostolica quando completasse 35 annos.

(4) ANTONIO FERREIRA, *Carta a Diogo Bernardes*.

Si depois desse preparo tiver grangeado o fundo moral, o fundo intellectual e mesmo physico necessario ao serviço social, estarei prompto aos appellos da Humanidade, de quem espero manter-me sempre digno filho e servidor humilde. O homem se agita e a Humanidade o conduz.

Não fujo á arena; fico livre de laços que julguei me seriam amparo a minha fraqueza e vou preparar-me para fazer um serviço menos imperfeito.

Quanto ao desencargo, ao vital desafogo de que me vou gosar,—não os procurei por minhas mãos, nunca os procuraria, mesmo soffrendo um trabalho exhaustivo, a cumprir *todas* as ordens de um voluntarioso chefe, a satisfazer *todos* os appellos feitos a minhas posses quaesquer. Só o escrupulo de não querer buscar um inglorio descanso, é que me tolheu longo tempo numa tensão incomportavel. Pensei que, tratando-se de prestar serviços á Humanidade e não a pessoas insufficientes, era necessario contemporizar, era mister não solicitar minha desligação por dissidios pessoaes com um chefe provisório e incompleto. Aspirando ao triumpho da mesma doutrina e acceitando os ensinamentos do mesmo altanado Mestre, pareceu-me algum tempo que o proprio chefe prescindiria de uma concordancia de opiniões, em que mais se empenhava seu desnatural orgulho ou minha sofrega vaidade. Pareceu-me emfim que era nos aperfeiçoando debaixo do mesmo labaro, que deviamos mostrar a sinceridade de nossas protestaões e a grandeza de nossa fé (1).

(1) O Mestre, mesmo em relação a nossos adversarios, dizia: «Superando, pela veneração, toda divergencia secundaria, os verdadeiros positivistas, que põem o coração acima do espirito, saberão activamente desenvolver as convergencias fundamentaes», (*Circulares*, pag. 60). Falando sobre a sentença de Santo Agostinho—*In necessariis unitas; in dubiis libertas; in omnibus charitas*,—diz o Mestre que este «admiravel axioma da Igreja Catholica» é um programma que só o positivismo realiza, obtendo «a unidade necessaria, a liberdade permittida, e a caridade continua.» (*Philosophie*, IV, 52 e *Lettres à HUTTON*, pag. 75).

O exemplo dos grandes, que não é feito para entibiar os pequenos,—ahi estava para nos guiar. Um incomparavel Hildebrando (cuja sós firmeza e virulencia compraz-se o chefe em imitar) convivia na Igreja com um S. Pedro Damião, que o apodara cruelmente. E assim outros Papas com um S. Bernardo, um S. Thomaz de Aquino, um Bossuet. Mas para um tal convivio era preciso disposições reciprocas, era preciso muita superioridade da parte do chefe. Si este a teve, que o demonstrem os factos e a sequencia de nossa vida.

Livre de pesadissimos encargos, tratarei de resarcir o tempo perdido. Sobretudo os meus, os de minha familia deverão ser compensados com os esforços espirituales e materiaes que improficuamente desviei para um gremio, que suppunha um elemento da Igreja universal. Seu chefe, que approvou, que solicitou e aproveitou meus serviços, minhas contribuições quaesquer, é o primeiro hoje que me chama ingrato e se associa aos que me diffamam.

Continuarei a offerecer a pouquidão de meus prestimos a todos os amigos de nossa causa e a meus sinceros affeiçãoos, esperando me perdoarão algum natural desabafo a que me levou a rudeza dos golpes que me foram vibrados.

Solemnemente declaro que a ninguem desejo responder. Para triste exemplificação, basta o que está feito. Quero fugir a novas recriminações, á critica de gallinaceo que tudo esgaravata, que põe tacha em tudo e nada corrige. Essa critiquice até hoje só nos ensinou a perder a veneração pelos proceres da vespera, e não consta que tenhamos com isso progredido, melhorando-nos a nós mesmos. Não é martellando os viciosos que havemos de patentear nossas virtudes.

Comtudo não deixarei indefezado meu bom nome, mesmo em satisfação aos que me honram com sua benevola confiança. Não pode ser ás mãos lavadas destruida uma reputação modesta, mas limpa, que desde a infancia um cus-

tosos, um continuo trabalho gradualmente levantou. Quando os bem quinhoados só empregavam o tempo nos brincos infantis e nos folguedos collegiaes, já ao autor destas linhas pesavam os encargos das labutações da vida. Quando os mais, nos grandes centros, com os mestres afamados melhor podiam haurir o saber da Humanidade, só lhe coube a modesta instrucção de quem precisou sempre entregar-se aos misteres mais humildes para sustentar os seus. E quando uma Doutrina incomparavel lhe poude guiar os passos em vereda recta, sua vaidade o illudiu com um chefe insufficiente, que o accusa de quanto não fez sob sua direcção, e até esquece o que fez por pedido ou ordem sua.

Apezar de ter o testemunho irrefragavel dos que conhecem minha vida, eu não podia silenciar, não podia soffrer o malho destruidor como si fôra inconcussa bigorna. Seria pretensão desmarcada suppor que sou invulneravel e que todos disso devem estar convictos, sem nenhuma defeza minha. Estou, pois, resolvido a me defender em todo o terreno digno. Amo a paz muito e muito, mas não temo a guerra de nenhuma especie (1).

Si o chefe, sem dar ninguem por si, entender que me deve replicar, tornando explicitas suas vagas e secretas accusações,—peço que de todo em todo seja completo, seja claro, seja preciso e consistente em seus di-

(1) O Mestre, numa occasião bem dolorosa, disse: «Muito amo a paz, porém, sem temer a guerra de nenhuma especie.» (*Testamento*, 40).

Ao querido medianeiro que informou o chefe de minhas disposições pacificas, em beneficio da Doutrina, respondeu-lhe elle que «acceitar essa especie de treguas, seria, a seu ver, pactuar com a hypocrisia». Donde se infere que o orgulho, associado á destruidora maledicencia, bem como os demais instinctos nossos, devem ser manifestados para não passarmos por hypocritas. Comprimir suas divergencias, seus maus instinctos a bem da paz social,—é hypocrisia. E por isso lavrou o chefe seus rescriptos epistolares, acaçapando-me com expressões ferinas, provocando minha justa reacção.

Na mesma carta diz o chefe que não haverá guerra por falta de segundo contendor, pois elle «tem mais que fazer do que occupar-se em me combater». A sinceridade desse orgulhoso dizer avalia-se notando que as cartas hostis surgiram justamente quando eu, silencioso e retirado, mantinha uma attitudde pacifica. Então o chefe me suppunha algum malhadeiro inerte, sem dignidade?

zeres. Só assim, por uma vez ultima, esclarecerei tudo ou farei de tudo um humildoso *mea culpa*, que ao menos me livre de perder mais tempo com ímpios e maliciosos, ou com mestres hypercriticos.

Entendo, porém, que o melhor caminho não é esse. Vãos debates sobre pessoas, sobre alheias faltas, não têm até hoje provado os acertos e a sufficiencia do chefe. Habitando os mais a despreçar os que eram bons na vespera, não é que levantamos a natureza humana. E' assim que promovemos nossa propria ruina, porque os pendores que suscitamos são os mesmos que virão depois empregar-se em nós. E' assim que as revoltas do chefe têm gerado essa falta de prestigio que notou em si. O prestigio seu teria aproveitado mais si em nossas relações mutuas houvesse praticado a dedicação e a veneração, que a moral positiva igualmente prescreve a todos os servidores da Humanidade (*Polit.*, IV, 342). Só o orgulho vão é que leva a presuppôr a veneração nos outros, qualquer que seja nossa conducta de chefe *ab-ovo*. Antes de exigir a veneração dos outros, nós, de nosso lado, a devemos estimular com nossa dedicação, com o exemplo completo de nossa propria veneração. Assim é que merecemos as honras de superior. Assim é que realmente vivemos para outrem e vivemos ás claras (1).

(1) E' de todo condemnavel pretender que se *vive ás claras*, ostentando os vicios propios, notando os vicios dos mais e maldizendo a conducta alheia. *Viver ás claras* deve ser um complemento pratico, deve ser a garantia do *viver para outrem*.

Fazer tudo sem refolhos, fazer quanto é confessavel, sem maldizer dos outros, sem contar tudo o que se faz—é *viver ás claras*. Nós não devemos dar conta habitual de nossos actos a todos indistintamente,—nós não devemos *viver ás escancaras*. O *viver ás claras* subordina-se ao *viver para outrem*. (*Polit.*, IV, 312; *Catéch.*, 298).

Viver ás claras é viver para outrem, é fazer o bem.

*Ne fais rien qui ne puisse éclater au grand jour,
Rien qui blesse en secret ton respect pour toi-même.*

(*Vers dorés* de PYTHAGORE)

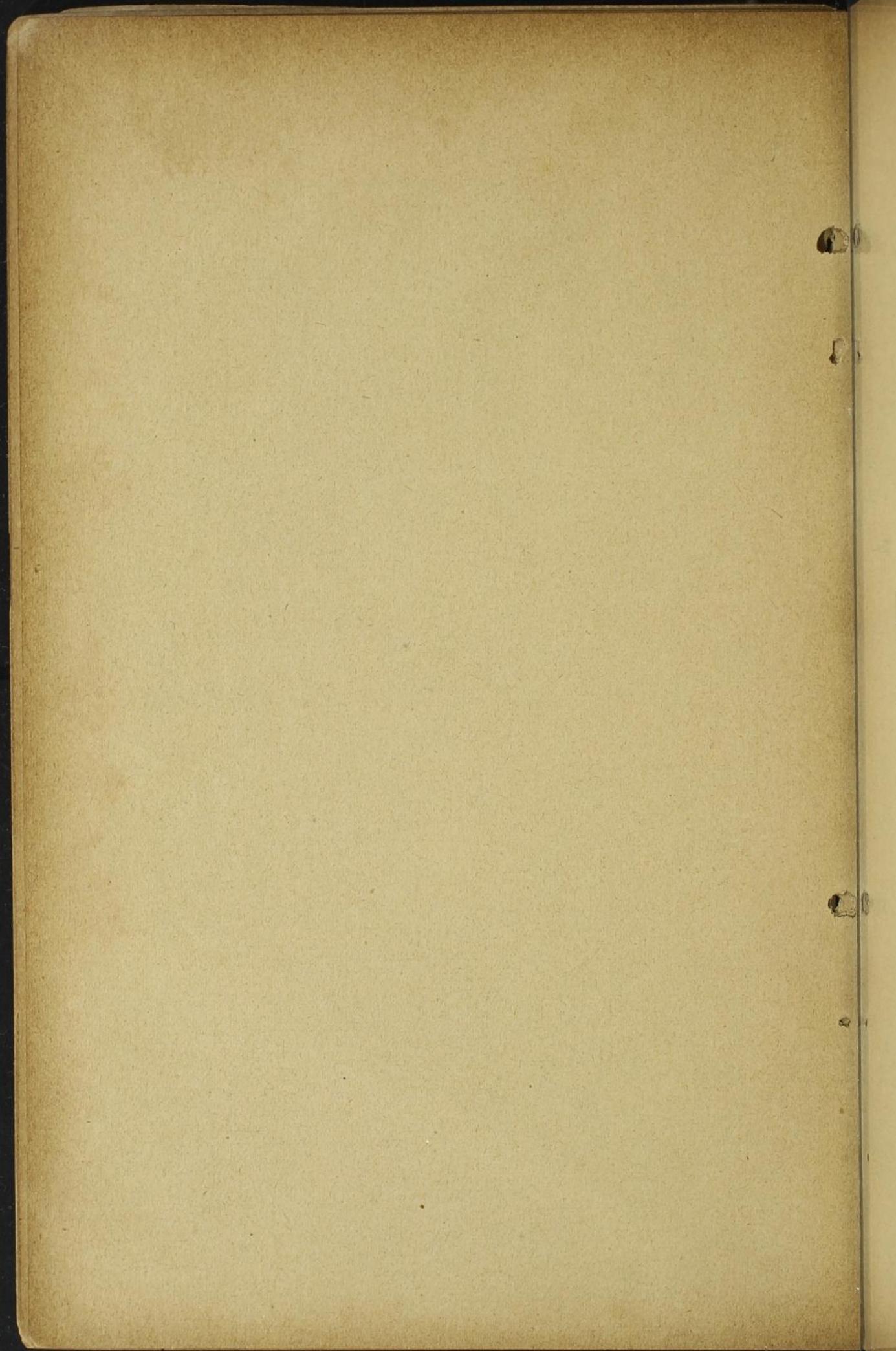
O que á inteira luz brilhar não poderia,
O que teu pundonor não soffre sem tisar-se,—
Jamais pratiques tu, fugindo á luz do dia.

(*Aureos carmes* ou *Versos de ouro*, attribuidos a PYTHAGORAS).

Não são, pois, as lutas pessoais o melhor caminho para galgar uma verdadeira supremacia.

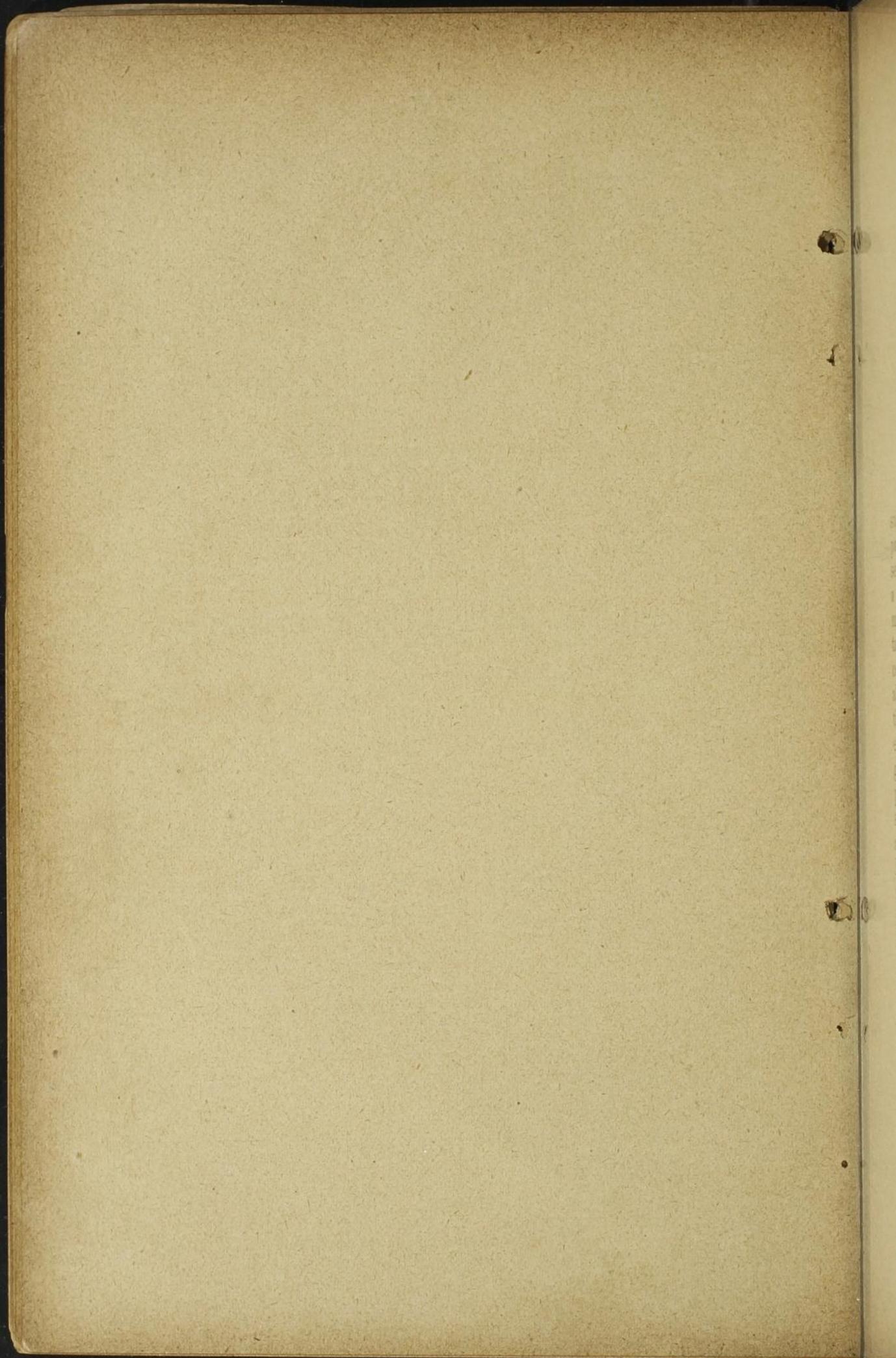
O melhor caminho a seguir é confiar no juízo da Humanidade, aceitando o conselho do Mestre que manda «*converter esses debates sem resultado em uma generosa emulação para ver quem realmente apresenta mais puros sentimentos e melhor conducta.*»

Tal é o desafio positivista com que termino esta exposição. Os novos ataques do chefe é que me farão arredar de meu silêncio. Praza á Humanidade que tal não aconteça!



II

DISSOLUÇÃO DO CENTRO POSITIVISTA



I

DISSOLUÇÃO DO CENTRO

A relutancia do chefe em dizer si tinha ou não substituto para me dar, agora ou mais tarde, foi motivo para suspender algum tempo esta solução final. Estive sempre resolvido a entregar o Centro, que aqui formei, a um continuador que bem aproveitasse os esforços meus. A divergencia e incompatibilidade que me afastavam da propaganda, referindo-se pessoalmente ao chefe central, e minhas crenças positivistas em nada se tendo abalado, era dever meu contribuir para que se não extinguisse um foco de nossa fé, por mais imperfeito que elle fosse. Uma vez que em todo o Occidente não surgiu ainda um completo sacerdocio positivista, nossa propaganda está sujeita á espontaneidade dos adeptos sinceros, quaesquer que sejam os inconvenientes que apresenta a insufficiencia espiritual de taes orgams. Desde que sinceramente nos apegamos a um credo sympathico, o digno, o conciliante proselytismo, em nós ha de forçosamente produzir-se, ha de impulsar-nos a um congraçamento fraternal, que seja nosso apoio, nosso allivio e a sementeira feliz de nossos esforços.

Só na ausencia completa de um continuador, eu intentava dissolver o Centro. Um resto de illusão me fez pensar que houvesse da parte do chefe um melhor conhecimento de sua incompetencia, para ver que não

pode concentrar em suas mãos os destinos da verdadeira propaganda positivista. Enganei-me, como se viu.

Uma hostilidade maligna julgou poder embaraçar meus bons propositos, desfigurando-os inteiramente. Reunindo uns poucos, fez crer ao chefe que todos haviam fornecido objectos para a sala commum, e que todos agora, afastando-se de mim, reclamavam o que me tinham dado. O chefe, que só deixára de intervir por habiliçade, para não embaraçar adhesões a seu procedimento, julgou-me de todo em todo repellido pelo «conjunto de seus confrades e amigos.» Deliberou então que lhes cabia o direito de reclamar tudo.

Sabendo eu dessa deliberação, pedi a meu amigo e correligionario, J. de Azevedo, que me trouxesse «o conjunto» dessas reclamações. Nenhuma só recebi até ao presente. O celebrado «conjunto» não existe, portanto: foi apenas uma arma pequenina de combate pessoal, de hostilidade rancorosa.

Fica, pois, assentado que só razões sociaes me fizeram desde logo retirar da liça, antes mesmo de conhecer a campanha infamatoria que contra mim têm promovido o chefe e seu delegado. A verdade inteira é que não fui abandonado: o truculento aspecto do chefe teve mesmo que se abrandar para ouvir muitas «lamentações» sobre os males que está fazendo a nossa propaganda, para *tolerar* dos melhores confrades um favoravel testemunho a meu respeito. Só o orgulho e a vaidade, que em tudo se revê, podia entonadamente desprezar isso tudo, achando que a firmeza é a principal qualidade do chefe, que este deve ser como rei, *cuja palavra não torna atrax*, ou como Deus, cuja omni-sciençia preelege as verdades que tem de aceitar nos testemunhos quaesquer.

Assim, queira ou não queira o chefe, o Centro paulista foi dissolvido porque entendi que não devia systematizar uma revolta analoga á que elle tem desenvolvido no Brazil. Convicto, mesmo por essa experien-

cia, dos grandes males que taes scisões produzem; convicto de minha insufficiencia apostolica, dissolvi o Centro sem receber nenhuma reclamação dos amigos que me auxiliaram em sua installação.

A nenhum de meus amigos aconselhei que abandonasse o chefe. Deixei a todos plena, desembaraçada liberdade para decidirem a respeito, mesmo porque, retirando-me da propaganda systematica, não necessitava de afastar adhesões do chefe ou de as conquistar para mim.

A carta seguinte mostra claramente a maneira por que o Centro foi dissolvido e o destino que tiveram seus moveis quaesquer:

«S. Paulo, 7 de Archimedes de 110 (1 de Abril de 1898). Caro amigo e correligionario J. de Azevedo. — Por um trecho de carta que me mostraste, vi que o cidadão Miguel Lemos finalmente se manifestou sobre a dissolução de nosso Centro. Opina elle que, tendo eu sido abandonado (?) pelo «conjunto dos confrades e sympathicos paulistas», devo fazer entrega de tudo á «pessoa que elles incumbiram de reclamar os objectos e mesmo a sala.»

Nunca recebi nenhuma reclamação explicita a esse respeito. O cid. Godofredo, que vagamente me falou em reclamantes, nunca me apresentou uma reclamação formal, com as assignaturas dos confrades e sympathicos que a poudessem fazer. Isto apezar de lh'a ter eu pedido insistentemente.

A' vista de tal trecho de carta, pedi-te que apurasses o numero dos reclamantes e suas reclamações. Estava disposto, como declarei, a lhes entregar o destino do Centro, si realmente constituissem o «conjunto de nossos confrades e sympathicos.» Si apenas houvesse alguns reclamantes, acceitaria da parte delles uma proposta para ficarem com tudo, desfalcando da totalidade a pagar as quotas com que tivessem contribuido para a installação do Centro.

Afinal, como me declaraste, tendo chegado á conclusão de que ninguem faz reclamações, de que não existe o precitado «conjunto» de reclamantes, resolvo dissolver o Centro da seguinte fórma:

1.º) A ti e a meu caro amigo, a meu bom correlligionario Sebastião Hummel, constitúo depositarios da tribuna, columna, busto, quadros e mais objectos sagrados (bandeiras, jarras, livros, etc.), que não desejo vão ter a mãos profanas ou scepticas. Taes objectos podem ser entregues á pessoa que aqui se propozer fazer uma propaganda como a que iniciei e dirigi. No caso de não apparecer logo esse propagandista, de commum accordo dareis aos objectos o destino social que melhor parecer.

2.º) Os moveis, os trastes communs (cadeiras, armario, etc.) serão vendidos e seu producto será enviado á *Execução testamentaria* de A. Comte, para empregal-o na publicação da correspondencia geral de nosso Mestre.

Assim termina uma questão, propositalmente embaraçada por informações falsidicas. Não foram as primeiras e nem serão as ultimas, mas serão sempre o que ellas valem.

Agradeço teus bons officios, tua intervenção fraternal e crê-me, com a leal, a aberta franqueza de sempre, teu cordeal

amigo e servo no Amor e serviço de
nossa Deusa,

José Feliciano.

P. S.—Com esta te envio tambem o seguinte:

1.º) Conta de photographias e o remanescente que tinha em meu poder;

2.º) Conta do Garraux e um saldo de 71\$300.

3.º) Autorização para retirar da casa Garraux os livros e folhetos que eu lá consignára.

Fica assim de todo em todo liquidada a entrega de quanto pertence ao gremio do Rio. Não peço e não preciso quitação, estando, porém, prompto a responder

por todas as reclamações que apparecerem. E a este respeito preciso advertir que o preço das publicações vendidas está em todas desfalcado de 20 0/0, de comissão para os livreiros. Eu antes costumava repor essa commissão ou attenual-a com donativos mensaes.»

.....
Ahi está como é que eu «me neguei a entregar os objectos do Apostolado.» Eu, que gastei de minhas economias muitos contos de réis com o gremio fluminense, ia assenhorear-me de um punhado de publicações e retratos! Que mais não inventará o impotente rancor, o rancor dos imbecis?!

Adeante, para maior clareza de tudo, vai a lista de todos os contribuintes daqui.

II

RESUMO FINANCEIRO

(de Novembro de 1895 a Março de 1898)

Por minha proposta, a resenha de nosso movimento e o resumo financeiro de 1896 deviam ser annexados ao relatório do chefe central. Mas até agora não tendo sahido o relatório de 1896, darei o resumo financeiro completo de 1895 até hoje.

Nosso Centro foi inaugurado em sala especial a 10 de Maio de 1896, e o aluguel da sala correu de 1.^o de Março de 1896 a 31 de Março de 1898. As contribuições de alguns amigos começaram em Novembro de 1895, porém, as quotas recebidas de então até Março de 1896, considerei como donativos para a installação, em que effectivamente foram empregadas.

Mais tarde, quando publicar os artigos episodicos de nossa propaganda, hei de fazer uma resenha historica de nosso movimento.

RECEITA

Quadro dos contribuintes e totalidades de suas quotas

	A. contribuintes installadores	Totaes	Donativos	Mensalidades
1	José Feliciano	470\$000	240\$000	230\$000
2	Gabriel Antunes	305\$000	80\$000	225\$000
3	Jeronymo Azevedo.	190\$000	80\$000	110\$000
4	Alcibiades Moreira.	185\$000	75\$000	110\$000
5	A. H. de Medeiros	160\$000	70\$000	90\$000
6	Godofredo Furtado.	160\$000	45\$000	115\$000
7	Alberto Souza	153\$000	83\$000	70\$000
8	Sebastião Hummel.	150\$000	30\$000	120\$000
9	João Camargo	125\$000	30\$000	95\$000
10	Oscar Corrêa.	120\$000	50\$000	70\$000
11	F. M. Germano.	119\$500	34\$500	85\$000
12	Silvio de Almeida	85\$000	20\$000	65\$000
13	Julio Souza	80\$000	35\$000	45\$000
14	Francisco Vianna	50\$000	10\$000	40\$000
15	Felicio de Oliveira.	50\$000	5\$000	45\$000
16	Florisbello Leivas	50\$000	50\$000	
17	Ernesto Dias de Castro	40\$000	20\$000	20\$000
18	Basilio Magalhães	20\$000	20\$000	
19	Eugenio Gastaldetti	15\$000	15\$000	
20	Franklin Vianna	10\$000	10\$000	
21	Augusto Baillot.	10\$000	10\$000	
22	Vicente de Carvalho (1)	5\$000	5\$000	
	B. outros contribuintes			
1	J. A. Paula Costa	120\$000		120\$000
2	José Portugal Freixo	50\$000		50\$000
3	João Portugal Freixo.	46\$000		46\$000
4	Fernando Bonilha Junior.	45\$000		45\$000
5	Joaquim da Cunha Barros	30\$000		30\$000
6	Domin. ^s Tupinambá Godinho	4\$000		4\$000
		2:847\$500;	1:017\$500;	1:830\$000

(1) Esta verba é de um concurso mensal anterior a Março de 1896. Este nosso distinto correligionario e outros, ou por ausencia não souberam do concurso para a installação, ou por vicissitudes de mudanças e mais complicações se viram impossibilitados de contribuir para a manutenção de nosso Centro. Aliás, a este respeito, *nunca fiz nenhum appello especial*. Para este anno havia offercimentos espontaneos de novos contribuintes, já frequentadores do Centro.

DESPEZA

Quadro das verbas despendidas

A. Na installação da sala

1.	5 1/2 duzias de cadeiras	662\$000
2.	Tapete, lampeão e moveis diversos (vid. as contas)	328\$000
		<u>990\$000</u>

B. Na manutenção da sala

1.	Armario, alfaias e objectos diversos	170\$500
2.	Despezas em dias de festa	72\$400
3.	Despezas typographicas (1 artigo e 1 avulso)	64\$000
4.	Carreto, correio e telegrammas	33\$000
5.	1 ex. do <i>Testamento</i> e photographias	27\$000
		<u>366\$900</u>

C. No aluguel da sala

25 mezes a 60\$000	1:500\$000
------------------------------	------------

RESUMO**RECEITA**

1.	Donativos e mensalidades	2:847\$500
2.	Publicações vendidas	53\$200
3.	Moveis e alfaias vendidas	577\$000
	Total	<u>3:477\$700</u>

DESPEZA

1.	Despezas de installação	990\$000
2.	Despezas de manutenção	366\$900
3.	25 mezes de aluguel da sala	<u>1:500\$000</u>
		2:856\$900
	Saldo	<u>620\$800</u>
	Total	3:477\$700

OBSERVAÇÕES

1.^a) Não faço menção dos objectos doados, porque estão todos em deposito, como atraz se declarou. Apenas uma pequena mesa foi agora comprada pelo proprio doador, que a guarda como lembrança de nossa propaganda.

2.^a) Do saldo mencionado falta apenas deduzir as despezas com a impressão da primeira e segunda parte deste folheto. Feita essa deducção, o resto será enviado á *Execução testamentaria* de Augusto Comte.

3.^a) Da publicação *A Lucia*, feita por subscrição entre nossos amigos, falta prestar conta de 200 exs., enviados ao gremio do Rio (1). Além de taes exemplares, restam em meu poder mais 550, cuja venda fica a meu cargo. Pretendo publicar mais tarde algumas traducções e opusculos de propaganda: todo o rendimento que de taes publicações provenha, ha de ser exclusivamente empregado no custeio das mesmas. Opportunamente irei prestando conta ao publico da applicação de tal rendimento.

(1) Até hoje (2 de S. Paulo, 22 de Maio) não recebi a prestação de contas de taes exemplares. Para os que tão *zelosos e malignos* se mostraram em minha prestação de contas, é imperdoavel tal negligencia e merece registrada.

CONCLUSÃO

Para concluir sympathicamente esta parte financeira, devo participar a meus amigos que um caso, em extremo lamentavel, me obriga a ficar ainda encarregado de uma affectuosa gerencia.

Quando eu já tinha dado por dissolvido o Centro de S. Paulo, recebi uma carta de nosso venerando confrade, D. José Segundo Florez, ancião de 85 a 86 annos, que reside em Pariz e foi um discipulo querido de nosso Mestre. Nessa penosa missiva, o venerando ancião nos dá conta de sua extrema pobreza, de sua precaria saude e pede uma pensão minima de 100 francos mensaes.

Resolvi remetter-lhe logo essa quantia e promover entre meus amigos um subsidio mensal de 100 francos no minimo para auxiliar nosso confrade.

Até agora não tendo podido endereçar a todos uma circular neste sentido, aproveito a oportunidade para lhes dar esta noticia. Não é mister um fundamentado appello aos sentimentos altruistas, não é necessario encarecer o fim deste concurso para deliberar meus amigos a soccorrer o veterano respeitavel que, no fim de sua longa existencia, lhes estende as mãos tremulas e lhes supplica um obolo para um viver escasso. Lembrolhes todavia os seguintes factos:

1.º) A. Comte, em seu *Testamento* (pag. 32), faz-lhe um pequeno legado como «lembrança especial da profunda estima que lhe inspiram seu coração, seu espirito e seu character.» E ainda accrescenta: «Lamento

não poder melhor testemunhar minha gratidão ao eminente discípulo,—o unico que plenamente caracterizou o conjunto de minha natureza, qualificando-me de *simpatico filosofo*.»

2.º) A' pag. 21, A. Comte declara que, si o subsidio positivista comportasse, elle instituiria vitaliciamente uma annuidade apostolica ao Sr. Florez.

3.º) A' pag. 20, escolhe D. José Florez para membro do *Comité positivo*, destinado a secundar a instalação geral do Positivismo: ao Sr. Florez cabia essa propaganda na Hespanha e seus annexos. D. José, por muitos annos (de Janeiro de 1852 ou 1854 ao fim de 1872), exerceu essa missão apostolica num periodico bimensal, intitulado—*El Eco Hispano-Americano*, que elle dirigia sob a divisa *Orden y Progreso*: em nossas plagas foi elle o primeiro que arvorou o lemma sagrado de nossa bandeira. Este periodico «era muito espalhado em toda a America hespanhola», segundo o testemunho de Augusto Comte (*Lettres à CONGREVE*, 35), que muito apreciava seus artigos, «pois, ha longo tempo, conhecia o zelo e o alcance deste modesto discípulo.» (*Lettres à HUTTON*, 65) (1).

(1) Sei que o cidadão Miguel Lemos já atacou este venerando discípulo de A. Comte e considerou como "legenda digna de lastima o protopostolado do Sr. Florez." "E isto porque o Chefe, 1.º) «tendo feito seus primeiros estudos de philosophia (?) em Montevideu, onde foi criado, *nem uma só vez ouviu alli falar de Augusto Comte ou do positivismo*; 2.º) porque "nunca lhe foi possivel ver aqui um só numero do periodico que o Sr. Florez publicava em Paris", antes mesmo do Sr. Lemos nascer. "Estas razões são realmente dignas de lastima. (V. relatorio de 1895, ed. braz. pag. 8-9). Não ha hesitar entre tão vivo assomo de personalidade e o testemunho de Augusto Comte, que declara: «Ce journal bi-mensuel» (*Eco Hispano Americano*), TRÉS REPANDU DANS TOUTE L'AMÉRIQUE ESPAGNOLE, est dirigé, sous la devise *Orden y Progreso*, par l'un de mes meilleurs disciples, M. Florez, espagnol résidant á Paris.» (*Lettres à CONGREVE*, pag. 35).

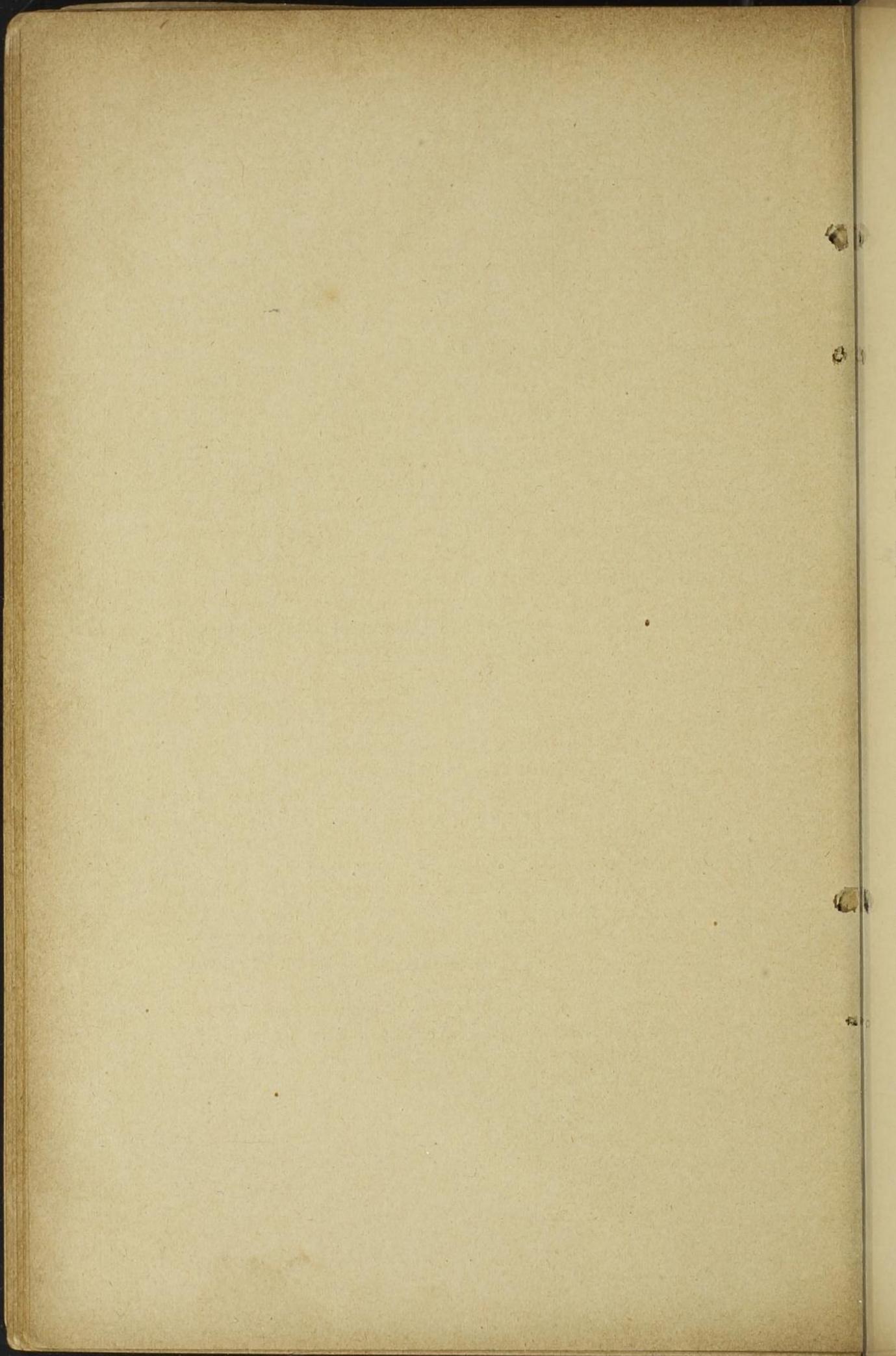
O Sr. Lemos, no mesmo relatorio (pag. 7, nota), não esconde que sua má vontade contra o Sr. Florez provém de ter este assignado uma acta lafittista, em que os ataques do chefe brasileiro são repellidos em termos acres. E entretanto quem assim tão sensivel se mostrou a uma *reacção* acrimoniosa, costuma *atacar* em termos que se podem ver nas notas deste folheto (Vid. nota VII especialmente). E' assim que aconselha aos outros «verdade e caridade», reservando para si uma conducta sem amor e mesmo sem verdade.

Assim os positivistas americanos temos o dever especial de contribuir para a existencia de um venerando Apostolo, que Augusto Comte tanto distinguia, que estava destinado a dirigir a installação do Positivismo em nossa raça e que de facto apostolou inicialmente na America do Sul.

Conto, pois, com o concurso de meus amigos para um fim tão sympathico. Darei assim a algum resto de meus lazeres um destino affectuoso, e nós todos prelu-diaremos a commovente união religiosa que atravez dos mares soccorre irmãos, que não os deixa perecer á mingua.

III

NOTAS · E ESCLARECIMENTOS PESSOAES



I

(Pags. 11 e 12)

Além dos trechos citados, convem muito que tenhamos sempre em vista os seguintes no julgamento das cousas e das pessoas :

—«Só o conhecimento real da economia natural pode conter nosso arrastamento espontaneo para as opiniões que mais favorecem nossos instintos dominantes.

—Toda tendencia antipathica que não é assaz motivada torna-se tão contraria ao desenvolvimento do espirito como á satisfação do coração.

—O desespero, a diffamação e a suspeita... impulsam a complicar nossas hypotheses, de modo a nos afastar da verdade.

—...todo espirito criterioso extenderá até á ordem individual nossa predilecção espontanea pelas hypotheses mais favoraveis, como sendo necessariamente mais simples que as que inspiram o temor e a desconfiança.

—...toda suspeita que não é assaz motivada constitue, para com taes problemas (julgamentos sobre as pessoas), uma complicação logica tão viciosa como a do geometra que sobrecarrega a curva além do que indica actualmente a equação. Num e noutro caso, a confirmação ulterior seria igualmente fortuita e não dissiparia a irracionalidade desse desvio.

—Quer a complicação superflua de nossas hypotheses provenha do coração, quer provenha do espirito, ella tende sempre a nos arrastar para aberrações inde-

finidas, determinando um excesso de subjectividade que não comporta nenhum freio directo.» (*Politica Positiva*, III, 95 e 96).

«Não é sem razão que muitas vezes se consideram as suspeitas más como indícios muito mais decisivos contra quem as forma que em relação a quem as sofre.» (*Testam.* 535).

Devo declarar, em desafogo de minha consciencia, que, do fim de 1894 para cá, foi preciso muitas vezes toda a força systematica de nossa Doutrina para fazer previsões sympathicas, quando contemplava procedimentos espirituaes de todo contrarios ao bom sentir e á boa razão. Não me arrependo de minha tolerancia, de meu soffrimento, porque vejo no Mestre o altanado exemplo que isso mesmo e até mais me aconselhava. São delle estas palavras: «Muitas vezes me tenho felicitado por haver quasi sempre seguido esta regra (das hypotheses sympathicas) em meus julgamentos sobre as pessoas, mesmo quando a experiencia finalmente contradisse minhas primeiras supposições.» (*Polit.*, III, 96).

II

«Foi rejeitado o testemunho de uma pessoa sympathica...» pag. 14

A Doutrina que systematiza na logica a preponderancia fundamental do amor, que lhe attribue a efficacia dos esforços mentaes, que proclama como definitivo que o homem deve pensar sob a inspiração espontanea da mulher,—essa Doutrina sublimada reprova nos termos seguintes uma recusa tão mal fundada: «Deve-se olhar como honrosissima para nossa especie a grande estima que se inspiram mutuamente seus membros, quando se estudam muito. Com effeito, só o ódio, só a indifferença mereceriam a increpação de cegueira que uma

apreciação superficial applica ao amor.» (CATÉCH. éd. apostolique, 288) (1).

—«Melhor é inda amar que ser amado. *Não ha nada real* no mundo além de *amar.*» Augusto Comte repetia taes maximas em suas preces quotidianas (*Testamento*, pag. 81) e em sua *Politica* (tomo IV, 49), referindo-se a esta ultima, escreve este aureo trecho que transcrevo integralmente para consolo das almas ternas:

«Esta apreciação (do sentimento na unidade positiva) deixa a desejar um exame directo do principal attributo da unidade final,—a coincidencia necessaria entre o dever e a felicidade, que consistem igualmente em *viver para outrem.* Não obstante a intima consagração que o instinto sympathico espontaneamente accorda a todos os dignos esforços, theoreticos e praticos, elle só os institue como meios proprios a vencer as difficuldades da situação humana. A melhor satisfação que possam proporcionar, resulta de sua necessaria destinação ao serviço continuo do Grão-Ser. Independentemente de taes necessidades, o sentimento tanto pode constituir a verdadeira felicidade como a harmonia normal. Uma penna feminina (2) caracterizou dignamente tal privilegio por esta admiravel sentença, principal titulo de sua immortalidade: *Não ha nada real no mundo além de amar.*

Si bem que esta maxima da *Delphina* pareça a principio exaggerada, a religião positiva deve consagral-a, para melhor fazer sentir que a principal efficacia do sentimento reside nelle só. Ao passo que a especulação, e mesmo a acção, só contribuem para nossa felicidade em virtude de seus resultados, que muitas vezes abortam, por dependerem do exterior,—a affeição nos proporciona sempre uma satisfação directa e certa, que só depende do interior. Assim, a verdadeira felicidade não

(1) Não é assim que pensa o cid. Miguel Lemos. Na carta a meu amigo diz elle textualmente: «Permití-me que vos diga que a *amixado continúa* a OFUSCAR o vosso esclarecido espirito».

(2) M.^{me} DE STAËL, *Delphine*, 3.^{eme} partie, lettre XXVIII.

pode consistir nos pensamentos, nem nos actos, mas unicamente nas sympathias, cuja melhor recompensa resulta de sua propria existencia (1).

Quando um digno exercicio nos fez apreciar este soberano bem, os maiores successos, theoreticos ou praticos, tornam-se incapazes de nos dar igual satisfação. Então reconhecemos que o principal merito de nossas opiniões e de nossos esforços consiste em reagir sobre nossos sentimentos, unicas fontes directas da felicidade e do dever, tanto privados como publicos».

—Arguir de suspeito um testemunho de amigo, é, pois, consagrar as praticas revolucionarias. Suspeição por amizade, não se entende. Si ella tambem por inimizade forçosamente deve existir, cria-se deste modo um impossivel estado de indiferença como proprio para um testemunho são. Tal imparcialidade suppositicia, e *impossivel*, seria assentar que se pode bem julgar um facto ou uma pessoa que não nos interessa, que nos é indifferente. Tal pretexto é a consagração da suspeita, da desconfiança e do temor, porque *não é possivel haver imparcialidade*. Para julgar é preciso boa vontade, benevolencia, porque nenhuma apreciação da resultado sem sympathia, sem fraternidade.

Foi o conhecimento continuado destas praticas que me levaram á energica manifestação que motivou meu desligamento. E si ella produziu tal resultado foi *exactamente porque, da parte do chefe, não mais existia a fraternidade, que «constitue a primeira condição de toda verdadeira subordinação, visto como seres antagonistas não podem compor nenhuma hierarchia.»* (Polit., III, 140).

E ainda é a triste experiencia de taes processos que me conduz hoje a rever todos os juizos, a que me levou a influencia do chefe ou suas informações quaesquer. Si meus intentos e actos são por elle tão desfi-

(1) «...a vida humana não tem por fim pensar, mas agir em virtude de affeições cujo aperfeiçoamento constitue o unico progresso que é capaz de se tornar verdadeiramente inexgotavel.» (Synthese, 537).

gurados, si elle consagra a hostilidade, a malevolencia como preferiveis á amizade, á benevolencia,—que confiança podem merecer os juizos que de taes praticas emanaram (1)?

Para concluir e mostrar que tambem aqui, nesta apuração pessoal, é baseado no Mestre que eu falo; para continuar a ser mensageiro de boa doutrina,—transcrevo mais o trecho seguinte, que ainda será consolo ás almas ternas:

«Sob todos os titulos essenciaes, a influencia philosophica do fetichismo se conforma admiravelmente com os melhores preceitos do positivismo... A preponderancia fundamental do coração sobre o espirito, que a systematização final penosamente estabelece num meio viciado pela theologia e pela metaphysica, emanou sem esforço da espontaneidade primitiva. Este unico principio da synthese humana conduziu, desde o inicio, a constituir instintivamente a verdadeira logica, que, não obstante as alterações doutoraes, permaneceu sempre a logica popular, a que faz dignamente concorrerem os sentimentos, as imagens e os signaes na elaboração dos pensamentos.

«Sob a impulsão fetichica, a influencia affectiva ahi prevaleceu espontaneamente, como systematicamente ha de prevalecer quando a disciplina positiva superar as resistencias dos sophistas, que pretendem regular o espirito sem nenhuma participação do coração. A *feliz*

(1) O chefe, na missiva já citada, e em outras, vitupera-me impiedosamente, declarando ter a meu respeito um «juizo firmissimo» que annulla tudo quanto de bom pensam de mim os meus amigos equanto elle proprio já pensou. Mas si eu me transformar, declara elle que seu «juizo tambem mudará.» Ora, como seu juizo mudou agora porque eu «não trepidei em lhe endereçar missivas» nas quaes, em tom elevado, lhe fiz sentir seus deveres para comigo,—está claro que esse juizo mudará outra vez si eu lhe dirigir epistolas gratulatorias e elogiosas. Então ficarei outra vez prestimoso, dedicado, activo, etc., etc.

E' por isso que me devo agora libertar de muitos «juizos» do cid. M. Lemos, a quem sacrifiquei muitas vezes minha personalidade por uma condescendente subordinação, visando fins sociaes que seu orgulho, sua dureza não puderam reconhecer.

disposição dos fetichistas á confiança habitual para com os seres e os acontecimentos quaesquer é eminentemente conforme á verdadeira racionalidade, porque ella conduz a simplificar mais todas as nossas hypotheses. Com effeito, sua simplificação consiste na eliminação, artificial ou natural, de cada influencia puramente subjectiva que é extranha a sua destinação objectiva. Ora, quer uma tal complicação seja moral, quer seja mental, a depuração torna-se por igual conveniente e sua importancia se proporciona á intensidade real das perturbações quaesquer.

«A tocante logica dos menores negros é, pois, mais criteriosa que nossa academica seccura, a qual, SOB O PRETEXTO EMPIRICO DE UMA IMPARCIALIDADE SEMPRE IMPOSSIVEL, consagra a suspeição e o temor (1).» (Polit., III, 120-121).

III

«...hereticamente considerou a hostilidade actual como substituindo o julgamento do ceu (2)...» pag. 14.

(1) Podia traduzir apprehensão (*crainte*), que com a suspeita, a denigração constituem hypotheses inverificaveis. Como é que o Chefe, segundo affirma, pode *prever futuros desvios com apprehensões? Previsão não é prevenção.* Quando se *prevê*, basea-se em leis conhecidas e regula-se a conducta propria pelo resultado positivamente esperado. Quando se está *prevendo*, basea-se no vago, em circumstancias fortuitas, e a conducta é guiada occultamente por uma criação má de nosso espirito. Nós mesmos ajudamos com nosso proceder a realização de nossas suspeitas. Cabe-nos culpa, e ás vezes a maxima, na maldade *suspeitada*; desamparámos e irritámos a victima de nossa prevenção, facilitando assim o predomínio dos maus pendoros.

(2) Aos amigos que extranharam formalmente a conducta hostil e ingrata de uns *certos*, apaniguados do chefe,—declarou o cid. Miguel Lemos, continuando a divergir de Augusto Comte: «abstrahindo (?) dos ataques inconsiderados ou violentos, haveis de reconhecer que nós positivistas, que não podemos esperar pelo juizo de outro mundo, temos que fazer justiça neste mesmo».

Os ataques de seu infiel mediano foram «desbragados», segundo este proprio confessou. Agora, *abstrahindo delles*, o que fica naturalmente não é «desbragado»: ou não é nada ou será algum prodromo imperfeitissimo da verdadeira opinião publica esclarecida e disciplinada. Mas com taes depurações maliciosas, não sei onde se achará o mau, porque, em tudo, abstrahindo do que é mau ou nada ficará ou ficará o que não é mau. E assim consagra o chefe que os desbragados podem julgar os que não são de sua igualha, que opinião publica é a critica dos pessimistas maledicentes, dos desaffectedos, *quando estes abocanham nos desfavorecidos de sua graça.*

Lamentó muito que a paixão tenha incutido mais esta pratica, que se não compadece nenhumentemente com quaesquer preceitos moraes e em particular com os nossos, conforme destes trechos se verá:

—«a aptidão apreciatrix constitue directamente o principal caracteristico do poder espiritual.

—O sacerdocio «deve construir e desenvolver uma ordem subjectiva fundada sobre a estima pessoal, em virtude de uma sufficiente apreciação de todos os titulos individuaes.»

«A competencia directa e exclusiva do poder espiritual não exige, a este respeito, nenhuma explicação... elle deve distribuir a estima aos individuos, conforme a *aptidão total* de cada um delles a servir dignamente a Humanidade.»

—«Esta attribuição extrema (julgamento dos vivos e dos mortos) que, no fundo, resume todas as outras, *constitue realmente o mais difficil dos deveres pontificaes, porque exige as determinações mais precisas.* Após ter feito abstracção das vantagens que resultam de cada situação, devem-se tambem afastar as que provêm da instrucção; porquanto, sem serem mais pessoaes, até aqui pouco menos fortuitas são. Mais ainda: é preciso abster-se de julgar os mortos ou os vivos pelas sós producções de sua existencia effectiva, porque ellas dependem demais da posição no tempo e no espaço, que domina muitas vezes as condições verdadeiramente individuaes. Tal é a triplice codea que o sacerdocio deve habitualmente penetrar para instituir dignamente a classificação abstrata. Mesmo assim esta immensa difficuldade só comporta uma solução plena quando a apreciação pontifical pode abraçar toda a carreira pessoal. Poucos typos humanos são assaz caracterizados para se tornarem verdadeiramente julgaveis antes que seu destino se tenha cumprido. Dahi resulta uma nova demonstração de que é necessariamente impossivel em tempo algum fazer prevalecer objectivamente a ordem abstrata sobre a ordem

concreta. Este officio sacerdotal é, pois, tambem aquelle que mais facilmente poderia degenerar em tendencia subversiva, si a sabedoria e a pureza a elle não presidissem continuamente. Ao mesmo tempo que exige uma applicação mais delicada da doutrina universal, demanda maior calma no meio correspondente. De todas as funcções proprias ao grande organismo, essa é, pois, a que mais soffre nos seculos anarchicos. Nada hoje pode mais contristar o verdadeiro philosopho como ver muitas vezes que a consideração, tanto como o poder, são usurpados pelos mais indignos typos, enquanto que as melhores naturezas ficam menosprezadas ou comprimidas por falta de toda disciplina espirital.» (*Politica*, II, 330-332: leiam-se essas pags., completando-se esta nota com os trechos citados na epigraphe e nota I).

O chefe, que conhece taes verdades, já uma vez me disse que ellas, como todas as verdades, precisam ser entendidas, e que estas só se referem a um juizo *post mortem*, a um juizo definitivo e irrevogavel. E entretanto, não obstante sua insufficiencia (veja-se nota IV), não obstante estar eu vivo, já tem a meu respeito juizo firmissimo, juizo definitivo, com que tenta romper até minhas intimas, minhas inalteraveis amizades. São estes processos que me provocam a sahir de minha moderação. Acaso ha para as verdades positivistas um *entendimento* bastante lato para permittir as excepçoes excommunições, sem um completo sacerdocio, sem uma Igreja completa? (Veja-se nota VI).

Naturalmente eu nunca pretendi subtrahir minha conducta a uma justa apreciação do publico, pois sei que cada um tem no mundo a dupla funcção de dirigir sua vida e examinar a de outrem. Sei tambem, segundo o Mestre, que o egoista é o mais interessado em comprimir o egoismo dos outros, seus intrataveis concorrentes (1).

(1) Veja-se *Polit.*, II, pag. 416 e 417; *Catóch.* ed. ap., pag. 262. E isto não é julgar: ninguem é julgavel a não ser por seus superiores. (*Polit.*, IV, 540).

Mas tudo isto no Positivismo é dirigido por uma educação universal, distribuida systematicamente por um sacerdocio que ahi tem «os meios mais puros, mais directos e no fundo os mais efficazes» para prevenir ou reparar os desvios quaesquer, agindo na consciencia de cada um. E' um campo vasto com uma disciplina ás claras, sempre demonstravel e com demonstrações sempre discutíveis. Não é o corro de inimigos falsidicos que calculam com os successos individuaes, substituindo as influencias fortuitas por supposições e regras tiradas do proprio egoismo. E quando se reclama contra taes prevenções ou taes hostilidades, invoca-se «a discreção e a solitudine que não permitem communicar por *impresões isoladas (!) e gradativas (!)* as previsões acerca de futuros desvios;» invocam-se «apprehensões inspiradas por varios e repetidos incidentes e por uma observação frequente.» (*Circular* de 11 de Homero). E mais: julga-se ainda que a hostilidade pessoal, directa, embaraçosa é um equivalente do juizo de além tumulo.

Augusto Comte, no precioso tratado da *Politica Positiva* (II, pag. 422), declara que é na classe do sacerdocio «que deve reinar a verdadeira prudencia, isto é, a circumspecção reflectida, sempre subordinada a uma sã apreciação systematica, que só é possível em relação aos casos civicos. Em qualquer outra parte, meras inspirações do egoismo são muitas vezes decoradas com tal nome. Com effeito, os successos pessoaes e praticos são demasiadamente complicados com influencias fortuitas para que se tornem assaz calculaveis.»

Nos casos individuaes, não é, pois, a prudencia, não é a circumspecção que nos leva a ter e a recomendar «reservas»: é a prevenção, a suspeita, é o egoismo, que apura casos sem basear-se em leis conhecidas. Antes a illusão, o logro, que a reserva, a arteirice.

Não desenvolvo mais esta nota, porque iria cahir nas manifestações pessoaes de uma indignação, aliás bem provocada e legitima. Não devo dar mais pabulo

á critica já tão estimulada e approvada pelo chefe. Ainda aqui é o Mestre que nos aconselha: «Tendo reconhecido o perigo de cultivar regularmente os sentimentos rancorosos, mesmo quando a indignação é a mais legitima, é preciso sobretudo fugir de os estimular num meio critico, em que o positivismo vem reorganizar a veneração.» (Polit., IV, 404-405) (1).

IV

... «sob um chefe insufficiente...» pag. 16.

Envolvendo o cid. Miguel Lemos nesta asserção, já como superior nacional, já como sacerdote ou apóstolo, não lhe faço uma increpação pessoal, uma hostilidade vã. Não é por um julgamento meu, baseado em «principios de apreciação» fornecidos pelo Mestre (2), que o chefe brasileiro deve ser considerado como insufficiente. E' por sentença d'elle proprio, conforme se verá dos trechos seguintes:

1.º «...continúo como chefe da Igreja e director do Apostolado brasileiro, mas devo aproveitar este ensejo para declarar que sempre me considerei, e ainda me considero, nesse duplo cargo, como um funcionario provisorio...

(1) Pode-se ler a *Biographia de B. Constant*, I, 467-469, cotejando-se com as pags. 257 e 330. Ahi se expõem e se desenvolvem os ensinamentos de A. Comte a respeito da funcção apreciatrix, «principal caracteristico do poder espirital». Benjamin Constant é um caso typico das extemporaneas e apaixonadas condemnações do chefe do Apostolado. Hoje sabemos que a influencia do Fundador da Republica foi que reergueu um gremio prestes a desaparecer na voragem das lutas acrimoniosas. Isto augmenta mais nossa veneração por B. Constant, porque, embora seja insufficiente o chefe, nós precisamos manter o fóco da propaganda, cujo incremento depende de sua inteira oportunidade. E' por isso que nunca lamentarei qualquer efficaz auxilio que a esse gremio tenha prestado. O homem passa e a instituição permanece, ainda que actualmente não seja esta um elemento da Igreja universal, em virtude de lutas anti-positivistas.

(2) *Polit.*, IV, 539.

Com effeito, tenho sempre repetido que eu só exerceria taes funcções emquanto não apparecesse alguém que preenchesse as condições sacerdotaes, ou mesmo as do apostolado de um modo mais completo que eu.

Ainda no exordio do discurso com que inaugurei a nossa capella, lembrei de novo esse meu proposito, nascido da convicção profunda em que estou de ser eu pessoalmente muito inferior ás exigencias de tal missão, além de me reconhecer como dotado de uma natureza mais pratica do que theorica.» (*Undecima circular*, de 1891, ed. braz. pags, 51-52).

2.º) Na circular de 1893, (pag. 55 da ed. braz.), suspendendo «a conferição de sacramentos», baseia seu acto nestes dous motivos:

a) «a deficiente preparação e a pouca preocupação religiosa que, em geral, offerecem os positivistas; b) as lacunas de minha competencia, as quaes enfraquecendo minha autoridade, deixam esta sem o necessario prestigio para determinar de modo efficaz os aturados esforços que cada positivista precisa fazer sobre si e em torno de si, a fim de desobrigar-se dos difficeis e minuciosos deveres que decorrem de nossos sacramentos.»

3.º) Em cartas recentes, e em conversações, o chefe tem insistido sempre na mesma confissão, notando sua insufficiencia e a da maioria de seus subordinados.

—Sempre entendi que, na deficiencia actual, nós nos tinhamos de tolerar mutuamente, e que (como escrevi ao chefe) «precisavamos respeitar geralmente as pessoas providas de officios.» E isto porque, segundo diz o Mestre (*Polit.*, II, 329), «a harmonia habitual entre as funcções e os funcionarios apresentará sempre immensas imperfeições. Quando mesmo se quizesse collocar cada um em seu lugar, a curta duração de nossa vida objectiva impediria necessariamente de o conseguir, por não se poderem assaz examinar os titulos a fim de com tempo de se fazerem as mutações.»

Mas tendo pessoalmente sentido e verificado a completa realidade de taes confissões, vi que só dando uma organização especial ao Centro paulista poderíamos manter unida nossa propaganda.

O chefe, porém, numa *tensão* de relações em que seus defeitos estavam empenhados, achou que o rompimento era a unica solução, como si tudo de sua parte fosse perfeito, integral, estando só de meu lado os defeitos graves e os gravissimos.

E' a responsabilidade de tal acção que devo deixar bem clara deante de meus amigos e correligionarios, para esclarecimento dos que definitivamente nos hão de julgar.

E já que minha sinceridade foi posta em acceirada suspeição, devo dizer que desde 1893 sempre declarei meu sentir sobre nossa deficiencia religiosa, advertindo amigos que com ella se impressionavam mal, e escrevendo ao proprio chefe. Sinceramente, francamente lembrei meios que nos melhorassem, porque não era por maledicencia que notava defeitos nos outros, não era por me livrar de censuras que me dizia imperfeito.

Em minhas queixas, não fui sinão o corajoso arauto do que em torno do chefe com mais intensidade se diz (1). E o fil-o francamente, sinceramente, procurando sempre cooperar com um chefe insufficiente, porque eu tambem me julguei sempre um simples *puxador de rexa*.

(1) O insuspeito amigo que em carta publica (V. a nota VII) já apreciou francamente esta malfadada questão, em missiva posterior dá-me um testemunho digno de ser registrado em comprovação do que assevero acima: ... «continúo a tributar ao chefe brasileiro o respeito que espontaneamente voto aos homens de convicção; mas, reconhecendo embora as superiores qualidades que o distinguem, não posso comtudo negar seus exagerados assomos de dominação orgulhosa, que fizeram da direcção central do positivismo em nossa patria uma função irritante, exclusivista e até odienta. Aliás, a correligionarios vossos que hoje se prosternam em submissão inacreditavel aos pés do chefe soberano, outr'ora,—não ha muito tempo ainda,—ouvi muitas vezes referencias desfavoraveis á virulencia com que o Sr. Lemos aggride aos proprios confrades que Augusto Comte honrou com o titulo de discipulos, e á vaidade vivax com que afasta cautelosamente a collaboração alheia na propagação do positivismo.»

Mas depois que os defeitos do chefe o levaram ao extremo de fazer trocadilho e me ultrajar com esse modesto titulo,—um *modus vivendi*, uma organização especial foi-se impondo como condição necessaria de minha cooperação (1). Pedi aquella, continuando a offerecer esta em condições de mantermos nossa independencia e o concurso de nossos esforços. Já viram meus amigos como tudo foi repellido e como os defeitos do chefe mais uma vez se patentearam, destruindo-me qualquer illusão de um possivel accordo.

Si, pois, me afasto do chefe e volvo minha actividade para uma preparação privada,—naturalmente inseparavel da vida civica e mesmo universal,—é sobretudo de sua imperfeição que se deve queixar, si contra elle se manifestar qualquer indifferença dos que me acompanhavam aqui.

Para concluir fazendo preponderar a voz do Mestre, aqui transcrevo um trecho seu, em tudo muito a proposito:

«Si o sacerdocio estiver abaixo de sua destinação normal, disso deverá elle sobretudo arguir a sua propria imperfeição, muito mais de temer que a hostilidade do governo e a indifferença do publico.

A principal tentação, de que elle sempre deve preservar-se, resulta de nossa involuntaria tendencia a mandar quando se devera persuadir ou convencer. Uma autoridade qualquer, mesmo quando a principio provém de uma fonte puramente espiritual, nos arrasta habitualmente a substituir as demonstrações discutiveis pelas prescripções imperativas, como o orgulho pedantocratico hoje o mostra tantas vezes.» (*Polit.*, II, 420).

(1) Si quizesse alongar esta questão pessoal, rectificaria, afóra outros pontos, as duas notas da circular em que se não diz a verdade inteira sobre a "carta que amarguei silenciosamente pelo bem geral," e sobre a severa opinião do chefe a respeito do recorrente ali referido. (V. a nota VII)

V

... «não quizeram ahi empregar suas forças...»
pag. 17.

Accrescento aqui o restante desse trecho :

«Então eu, com os conselhos de meus chefes (1), resolvi tomar o lugar com a modestia que me é possível. Estou resolvido a trabalhar para que surja alguém apto a bem prégar o positivismo. Iniciei a propaganda nesse modesto proposito. Reconhecendo minhas imperfeições, minha fraqueza, estou sempre á espera do Apostolo, para me retirar, mesmo do posto secundario de repetidor de catecismo.»

Isto mesmo disse eu varias vezes em outras cartas e em conversações.

Para que melhor se veja o modesto character que dei a minha propaganda, aqui transcrevo o introito com que inaugurava a serie annual de minhas conferencias :

«E' muito modesto o papel que venho representar, --é um prolongamento social de minha funcção de professor. Não assumo, não posso assumir nenhum primado espiritual com as conferencias positivistas que agora enceto. Os impulsos do meio, as esperanças dos chefes, juntos a estímulos de amigos, me levam a emprehender esta tarefa, em que a deficiencia de minhas forças será compensada pela grandeza da Doutrina que me inspira.»

Todos soffremos os males dolorosos da anarchia tremenda que nos derranca a vida pessoal, a vida domestica, a vida civica. Bem mais faceis são todas as tarefas que commetemos quando as qualidades pessoas,

(1) Devo declarar que o eminente apostolo cid. R. Teixeira Mendes, em sua visita inolvidavel de 1895 e na inolvidavel correspondencia do mesmo anno, foi quem effectivamente contribuiu para me resolver a encetar aqui a propaganda systematica. Em minha viagem ao Rio, a 9 de Julho de 1895, o cid. Miguel Lemos só me aconselhou que fizesse uma propaganda simples, com *bonhomia* (?) em sala emprestada, num edificio publico, etc.

quando a Família, quando a Pátria e a Humanidade nos cumulam de elementos favoráveis. Porém, mui poucos são os mimos da fortuna que se podem conhecer felizes ante as oscillações de nossa vida dilacerada, profundamente desunida.

Mas, como quer que seja, fortes ou fracos, felizes ou infelizes, competentes ou incompetentes, nós temos uma Doutrina grandiosa que havemos prégar pelos diversos meios a nosso alcance. Cumpre não desanimar com os defeitos que em nós contemplarmos ou com os resultados de nosso esforço. Havemos de fazer conta que todos os nossos sentimentos, todas as nossas idéas, todos os nossos actos, de um modo geral, todas as nossas palavras,—que exprimem acção, idéa e sentimento,—constituem outras tantas sementes que lançamos á ventura no vasto terreno social. Taes sementes, como as do antigo Evangelho, hão de soffrer o seu destino, de conformidade com o lugar em que cahirem. Si entre espinhos se afogam algumas, si algumas se reseccam nas pedras e si pelos homens outras são calcadas,—muitas haverá que encontrarão terra boa onde germinem, floresçam e fructifiquem».

*
* *

Não é de agora que tenho fugido a preeminencias facticias na propaganda do positivismo. Em 1891, quando aqui installámos um Club Cooperador Positivista, a 9 de Agosto, rejeitei o lugar de seu presidente, allegando minha pouca idade, falta de prestigio e posição social pouco relevante. A 15 de Agosto, estando com o chefe pela primeira vez e dando-lhe noticia da inauguração do Club, elle achou que eu devia ter acceitado o cargo de presidente, desde que a funcção de professor primario, que eu então exercia, não me collocava numa constrangida posição civil.

Foram, pois, as influencias do meio, foi meu amor pela Doutrina que me levou a assumir modestamente a direcção de nosso movimento, do qual me cabia «a responsabilidade moral, pela espontanea evolução das cousas», conforme o chefe me escrevia o anno passado.

Ultimamente, porém, o zelo do chefe, seus continuos alarmas faziam-me cada vez mais resistente ao desenvolvimento apostolico de minha funcção. Sempre dizia a meus intimos que era um «puxador de reza», e até aos 35 annos não queria passar além. Até lá, prestando a minha fé os serviços compatíveis com minhas forças, esperava que surgisse um propagandista capaz de *apostolar* verdadeiramente. Cingir-me-ia a «um prolongamento social de minha funcção de professor», e não accitaria delegações para ceremonias sacramentaes ou religiosas: só por digna obediencia exerceria qual-quer funcção mais alargada.

Emquanto não apparecesse o capaz e decidido, o acceito pelos chefes, eu teria que exercer aqui uma certa funcção directiva, cabendo-me encaminhar as individualidades que fossem surgindo sob minha acção limitada. Não fugi a tal dever e a sua responsabilidade; mas não queria alargal-os, não lhes queria dar feição espiritual ou por outra—feição sacerdotal.

Ora, sendo estas minhas firmes, constantes, ratificadas resoluções, surprehendeu-me que o chefe, de tudo sabedor (1), viesse declarar ter eu por diversas vezes solicitado que me investisse aqui na funcção de chefe. O cid. M. Lemos NUNCA teve de mim nenhuma INSISTENCIA para me consagrar chefe com uma INVESTIDURA especial, emanada de sua autoridade. Foi-lhe forçoso accuitar-me como espontaneo centro coordenador do movimento paulista, porque todos me rodeavam a mim, apesar de minhas relutancias, ultimamente inspiradas

(1) Eu sempre *pequei* por expansivo, e em minhas cartas expunha ao chefe todos meus intentos com extensão prolixa.

pelo *xelo* do cid M. Lemos. Consagrar-me! Realmente o cid. Miguel Lemos, quando lhe convem a seu orgulho, toma bastante ao serio as funcções sacerdotaes, para que tão insufficiente se confessa.

A fim de que se avalie o entono do chefe, transcrevo sua *retardada* e habil resposta a minhas deliberações de pag. 13:

«Não tenho que dar satisfações ao Sr. J. F. sobre meus projectos relativos á propaganda em S. Paulo, nem sobre si nomearei ou não qualquer substituto. Elle foi que quiz de *motu proprio* entregar-se ahi á propaganda, si bem que com a minha animação e sanção, mas sempre considerando eu essa tentativa como um simples ensaio de suas forças e capacidade. Nunca, porém, o investi de chefia alguma, e ás diversas solicitações (?) que elle me fez neste sentido, pedindo-me a organização systematica do grupo de S. Paulo, respondi (?) invariavelmente (?) que não achava isso opportuno, e *que elle deveria conquistar pelos seus proprios esforços a sua ascendencia pessoal* (o grypho é do chefe) e que eu então sancionaria essa ascendencia provada. Como fui bem inspirado (?) em proceder com toda a prudencia que o assumpto exigia!»

Devo frizar bem a inverdade deste trecho contraditorio, pouco delicado e presumpçoso.

O chefe na exclamação final vangloria-se das *zelosas*, das suspicazes prevenções de que eu o accusei e que em balde tem querido negar. As *solicitações* e as *invariaveis respostas* de que fala nesse trecho, não são verdadeiras: ellas não passam de phantasmas suspeitosos que o chefe criou e agora toma como reaes. E é só de taes criações, de taes suspeitas que elle se vangloria, como vou mostrar.

Uma UNICA vez, a 30 de Setembro de 1895, disse-me o chefe uma cousa parecida com a phrase que elle gryphou, como sendo a resposta invariavel a meus *diversos* pedidos de investidura espiritual. A proposito de

uma questão com um seu «velho camarada», e *não em resposta a qualquer das taes «solicitações»*, disse-me o chefe: «...vossa situação de quem tem que *conquistar ainda* um ascendente espontaneo, não vos permite maiores exigencias a esse respeito do que aos vossos confrades (1).»

Depois disso, a 2 de Aristoteles (27 de Fevereiro) do anno passado, dizia-me elle, tratando de uma intervenção fraterna e de character bem espiritual: «...cabe-vos, pela espontanea evolução das cousas, a responsabilidade moral do movimento positivista nessa cidade, cumpre-me habilitar-vos com as informações que tal responsabilidade precisa»...

Não ha nada mais que possa verificar as afirmações do chefe. A UNICA vez que pedi uma organização systematica de nosso Centro foi a que motivou agora meu desligamento. Tudo o mais não é verdadeiro; ha de ser criação do *novo* juizo que fez a meu respeito.

E' esse juizo *novo* que tambem levou o chefe a carregar em minha insufficiencia apostolica, chegando a me tirar todo o merito intellectual que antes «me supozera.»

Acho que o despeito do chefe o torna incompetente para tal aferição, por mais intellectualidade que nelle eu supponha. Si é notavel o merito intellectual do chefe e si o meu é nullo, mais estreita será a conta que deve prestar á Humanidade pelo desperdicio de seu talento nas polemicas e revoltas, com que tem perturbado a familia positivista.

Os dotes fortuitos, os dotes da situação e os da instrução não constituem o verdadeiro merito, o valor real dos homens. A's vezes são dotes mais seguros os que «pezam e carregam para a humildade que os que elevam e desvanecem para a soberba». Não ter dotes

(1) Da resposta a essa carta é que extractei os trechos citados na epigraphe da pag. 17, e no começo desta nota.

nenhuns, ou ter poucos, pode ser até glorificação para quem tira da mingua propria as forças com que faz alguma cousa. «Mais difficultoso é ganhar pouco com pouco, que muito com muito.» (V. A. COMTE, *Polit.*, II, 329; P. VIEIRA, *Sermões*, I, 1854, 172-176).

A Humanidade, beneficiando o Chefe com os talentos que tanto o desvanecem e o fazem abater os maldotados, será inflexivel quando julgar o que elle produziu em 18 annos de uma propaganda, que só mantem o centro fluminense com 28 agremiados.

Até lá é possivel que eu lhe dê ensejo de mostrar a um tempo sua total competencia e minha nullidade. Si me for propicio o quinquennio semi-pythagorico, pedir-lhe-ei que me examine os merecimentos com as theses scientificas, que o Mestre prescreveu para consagrar sacerdote o digno apostolo ou o digno crente.

Antes disso, é melhor ficarmos em paz com esta melindrosa questão sobre meritos intellectuaes.

VI

O sacerdocio, a disciplina e a propaganda positivista

Esta nota, a maior parte da anterior, bem como a seguinte e outras que ajuntei no baixo de algumas paginas, são posteriores á redacção do corpo deste folheto, onde vem minha declaração decisiva. São tambem decisivas manifestações de uma defeza necessaria e prestadia. Meu caso ha de aproveitar assim para esclarecer e firmar certas questões da propaganda positivista, até hoje entregue a uma especie de ditadura temporal.

A facilidade com que o chefe rompe ligações espirituaes e lhes empresta a forma de semi-excommunhão, — não pode continuar, a bem do Positivismo, que ainda não comporta funcções sacerdotaes, desprovido como está de um digno clero. Fóra da subordinação directa

aos textos de A. Comte, a religião se torna insufficiente nos grupos que, sem sacerdocio, se arrogam as prerogativas de Igreja.

O chefe brasileiro ha de modificar-se, ha de abai-xar suas pretensões, para que o numero dos positivistas agremiados não vá cada vez mais diminuindo (1). Depois da Republica, o grupo se tem mantido graças ao advento dos adeptos *politicos*, que se achegaram ao Centro por influencia de B. Constant. Si a Igreja continuar a progredir só com taes sympathias politicas, seu gremio não passará de um foco partidario, com bases positivistas.

Ora a insufficiencia do chefe tende a levar o gremio par esse terreno escorregadio. Hoje um fragilimo estado de sitio já concorre para emmudecer a propa-ganda, que, no Brazil todo, conta sómente com um apóstolo que *préga* (2). Dependente assim das agita-

(1) Hoje, em toda a Republica, não passam de 28, incluindo os chefes e um ou mais proselytos. Em Janeiro de 1882 o Centro contava 45 membros.

O chefe tem um tão fraco proselytismo e acha-se tão cheio de sua pessoa, que ainda quando se visse reduzido a elle só, não deixaria de pensar que é o «unico depositario da verdade». E' isto o que elle, em termos habeis, já chegou a dizer (relatorio de 1884, pag. 11), e é o que se infere de sua carreira em que tem acerbamente rejeitado a preponderancia ou mesmo a simples, a fraternal collaboração dos discipulos directos de A. Comte. E' crível que, no mundo todo, só tenha a verdade inteira da Doutrina quem até hoje nunca fez della um curso geral, quem não a préga habitualmente, quem carece da educação encyclopedica e até se julga mais propenso a funções praticas? A «plena e inteira fidelidade ao Mestre», em que firma seu primado espirital, onde hauriu elle, que competencia a consagrou, além da propria que é insufficiente? Não é um circulo vicioso basear seu prestigio numa fidelidade que só tem como fiador esse mesmo prestigio?

(2) Foi em Setembro do anno passado que contemplei este contristador espectáculo, que mui decisivamente concorreu para a energia de minhas reclamações e de minhas queixas:—vimos um director de *apostolos* que nem apóstolo poude ser. Annunciando a viagem do Sr. Mendes á Europa, prometeu continuar a exposição dominical de nossa Doutrina, e depois, no dia seguinte ao de sua partida, veio declarar pelos jornaes que tal resolução «ficava de nenhum effeito, por ter reconhecido sua *impraticabilidade*», isto é, «por *he ser impossível* realizar esse projecto.» (V. *Boletim* n. 4 P.). Os ensaios de exposição parcial que fizeram alguns confrades, foram suspensos em Novembro, a pretexto de se não confiar no «poder suspeito» que decretára o estado de sitio. E assim um vistoso templo, que tantos,

ções partidarias e reduzida a contar com um só apóstolo, a Igreja brasileira pode apresentar uma organização positivista?

Não; não pode, dizem os textos do Mestre.

Esta nota visava o desenvolvimento da these que acima indiquei, tratando geral e particularmente do verdadeiro sacerdocio, da verdadeira disciplina e da propaganda verdadeira. A nota, porém, foi-se avolumando muito, e como seu pleno desenvolvimento adiaria demais a publicação deste folheto, resolvi deixal-a para ser depois publicada em avulso.

Para estes trabalhos só disponho dos domingos e às vezes das noites de sabbado. Tal era o tempo em que preparava as conferencias de minha «deficientissima» propaganda, que se não limitava a esse curso theorico, porque dos fructos de meu trabalho real e util,—UNICA fonte de meus rendimentos quaesquer,—sempre tirei largamente para subsidiar a disseminação de nossa Doutrina. Tudo isso entresachado com penosas perturbações morbidas, minhas e da familia, que me embaraçam muito e ajudam sempre a fazer de mim «o trapalhão» (1) que tanto desinquieta o chefe. Si este tivesse mais coração e menos orgulho, honraria melhor seu cargo, correspondendo a minha ingenua confiança, que a elle nada occultava e delle exigia a solitudine que *nunca* mostrou. A expansiva, a larga correspondencia que com

tantos sacrificios nos tem custado, ficou totalmente silencioso, mesmo no centenario natalicio de nosso Mestre. Assim a deficiencia apostolica do chefe e o partidarismo, em que por demais se tem mettido, mostraram toda a inconsistencia dos motivos geraes em que me baseava para supportar um chefe insufficiente. Que valia sacrificar-me a bem de uma propaganda, cujo director a deixava amortecer em seu proprio centro e a comprimia em sua irradiação? Não escondi as impressões penosas que tal espectáculo me produziu, e depois disso era mesmo impossivel supportar mais os assomos, as intromissões de um chefe cuja insufficiencia tão deploravelmente se revelava. E' isto que melhor se verá no desenvolvimento ulterior desta nota.

(1) Tal é a amostra dos termos com que o chefe trata quem se não prosterna a seus pés.

elle manteve, presta-se a provar meu asserto, quando se cotejar a parte que ahi me cabe com as as minguadas, as seccas manifestações que pertencem ao chefe.

Parece que o chefe até hoje tem querido impôr-se pelo gladio, pela virulencia com que arremette contra os que o offendem ou o chocam, mesmo de leve. E' contar muito com a covardia alheia, é abusar da prudencia dos mais.

Eu tenho muito amor á paz, e si esta questão parar aqui, estou disposto a abrir mão desta nota. Mas si o chefe continuar a me diffamar, fazendo de mim um reprobado excommungado, a repulsa é inevitavel e é util para convencer ao cid. M. Lemos de que a prudencia tem limites, de que a covardia não é universal. Quem espalha os ventos do orgulho, deve colher as tempestades de uma justa reacção.

E' isto uma vivaz affirmacção a meus amigos, para que sintam que não *morri*. As almas timidas, lendo os empolados rescriptos do chefe, devem ter encolhido as azas tremulas, pensando que é melhor não affron-tar as furias do alto (1). Em mim estas rajadas produzem um effeito contrario: incitam á luta e reforçam a alma, depois que passa a tristeza de alguma de-sillusão. E eu nunca me puz em o numero das *almas fortes*, daquellas que o chefe, a seu modo, costuma apreciar...

(1) No dizer de um bom e pacifico amigo, «o chefe possui tempera de combatente.» Aliás, elle proprio se «reconhece como dotado de uma natureza mais pratica que theorica.» E', pois, o receio ás manifestações dessa «tempera,» é a timidez, a prudencia que muitas vezes ha de fazer o chefe *dominar*. Triste dominio para quem se diz um chefe espiritual!

VII

Esclarecimentos pessoais

Esta nota fez-se indispensavel depois que, entre meus amigos e correligionarios, espalhou o chefe largamente uma serie de accusações ferinas, que miram desconceituar-me por todos os modos. Já nosso publico está informado de taes manejos, por uma carta que um prezado amigo (cidadão Alberto Souza) me endereçou com o titulo—*Espiritualismo e positivismo*. Não sou eu, pois, o culpado de publicar agora questões pessoais: a defeza minha e a confiança que mereço de muitos, por igual me forçam a dar aqui alguns esclarecimentos.

Primeiro esclarecerei alguns pontos da carta do cidadão A. Souza e depois falarei nas epistolas, nos dizeres accusatorios que contra mim espalhou o chefe.

I

O cidadão A. Souza refere-se a uma reunião frustrada, que considerei hostile a mim. Contesta que para ella concorresse intimamente e declara que ahi nada houve que me fosse pessoalmente hostile. Registrando tão insuspeito e veridico testemunho, acrescento que tal reunião exactamente se frustrou porque a maioria de meus amigos não correspondeu aos intuitos de seu promotor. Este veio a minha casa no dia seguinte

muito despeitado, e em novas sortidas foi tal sua indelicadeza «desbragada» (1), que rompi com elle todas as relações pessoaes. Já que era meu inimigo encapotado, fosse-o ás claras, á vista de todos. Isto de aninhar serpentes desentanguidas e feras, só mesmo por «toleima» (2), tão grossa que nem a fabula ainda consagrotó. Como disse ao chefe: «Minha vivacidade ou violencia de forma só se exaspera com as posições hypocritas dos que me atacam por detraz, ou sem razão querem sempre me comprimir a personalidade para cevar instintos criticos.»

Diz ainda meu amigo A. Souza que «o conflicto foi provocado por mim, pela interpretação opposta que eu dei á carta inicial do Sr. Lemos.» Explicarei este ponto.

A habilidade do chefe consiste justamente em fazer crer numa explosão suspeitosa, de todo gratuita. Mas na propria circular se desmente essa pretendida innocencia da carta inicial. Minha energica repulsa não podia surprehender o chefe, porque, segundo declara, «havia muito que eu lhe tinha inspirado sérias apprehensões.» havia muito que, suspicaz, desconfiado, elle me espreitava em «varios e repetidos incidentes» e com «uma observação frequente». Um homem orgulhoso, que confessa estar «ha muito» em vigilancia tão suspeitosa, podia manter em nossas relações a lhaneza cordial, a fraternidade que «constitue a condição primaria de toda verdadeira subordinação?» (*Polit.*, III, 140).

Essa falta de cordialidade attingia a indelicadeza de não responder á participação que lhe fiz, quando inaugurei publicamente minhas conferencias positivistas. Quando celebrámos a Festa da Humanidade pela primeira vez, em 1897, meus correligionarios me surprehenderam com uma captivante, mas prematura manifestação de apreço. O chefe, depois de um mez, accusando

(1) Como elle proprio declarou a um meu amigo.

(2) E' uma nova amostra dos termos epistolares usados pelo chefe.

a recepção da noticia que a respeito lhe enviei, notou «falta de compasso na expressão que lhe deram». Nesse tempo, em Londres, o venerando octogenario, Sr. Ricardo Congreve, só impedido por «sua fraca saude», é que já me não enviára suas benevolas felicitações, que constituem para mim, reunidas a outras, as mais suaves e preciosas lembranças de um trabalho tão espinhoso.

Cingindo-me, porém, ao assumpto desta explicação, devo dizer que, já por seus antecedentes, já por seus consequentes, era a carta *inicial* uma zelosa tomada de contas a meu procedimento. Nesse caracter lhe prometti obedecer, como explicitamente declaro nos comentarios que o chefe não publicou, só transcrevendo a carta ultima que se podia prestar a intrigas.

Resumâmos:

1.º) Em vista de seus antecedentes, era essa carta de um zeloso insufficiente, que absorve negocios universaes,—porque:

a) Em casos menos graves, o chefe sempre decidiu contra mim, só *fazendo questão de ser firme*, humilhando-me e exaltando seus «velhos camaradas», cujo procedimento não devo caracterizar;—o de um por indigno, o de outro, mais innoxio, porque a sympathia, a piedade não me permitem resurgir o passado num presente que lhe é tão penoso e acabrunhador;

b) A pessoa agora em questão, a 6 de Setembro de 1896, já merecera um juizo severissimo do chefe e de sua familia, quando um membro desta teve um conflicto com o recorrente;

c) Porque a decisão recorrida já lhe fôra exposta por inteiro, como baseada inicialmente em seu juizo, e d'elle tivera approvação expressa.

2.º) Em vista de seus consequentes, porque:

a) O chefe só teve pressa em dar viva, irosa, precipitada solução a minhas cartas, e até hoje não resolveu a questão que occasionalmente as suscitou,—

apezar das condemnavéis manifestações com que na imprensa se tem exhibido o recorrente (1);

b) Mantem entre os seus o recorrente e delle recebe informações a meu respeito, fazendo como o coador, que, na phrase de Frei Heitor Pinto, deixa passar o limpo licor, só retendo as fézes e immundicias;

c) Finalmente, porque a indigna hostilidade, que acompanhou e succedeu á desligação, bem mostra os intuitos da carta *inicial*. Numa das cartas hostis, vituperosas, essa questão já é agora indignamente apresentada como «tristissima para mim» (2): é isto que o chefe denomina *mudança de juízo*.

O procedimento insufficiente, alarmado, suspeito e pouco lhano do chefe, que tocava o extremo da indelicadeza, me pozera em expectativa. A primeira incurção, eu oppuz meus embargos e deu-se o que já vimos.

Tal é em resumo a explicação do ponto referido. O caso é tão desfavoravel ao chefe que, mesmo sem minhas explicações, tem sido esse um dos pontos que mais escandalizaram meus amigos. Só por generosidade não o frizei no corpo de minha declaração, e si agora o faço, é por exigencias de minha defeza, é porque a edificação do proximo não comporta mais uma generosa reserva. Não estou disposto a anihilar-me, dando aos amigos um deprimente espectáculo, sem nenhum lucro para o bem social.

*
* *

Não foi só em tal questão que se patenteou a habilidade do chefe. A publicação de minha carta intima obedeceu tambem a cadimas intenções, que só agora

(1) Só um mez depois de meu desligamento, só a 13 de Aristoteles (10 Março) é que o chefe, segundo confessa, «poude ler os documentos da referida questão». (Carta ao medianeiro meu).

(2) Hoje assim podemos chamar-lhe, porque a intervenção do chefe deu lugar a uma serie de *tristexas*, cujas consequencias, até materiaes, custosamente estou pagando. E é assim que o chefe aspira á estima dos que o rodeiam, firmando um prestigio de que tanto necessita?

descobri. O chefe serviu-se do que ahí narro sobre a doença de um seu «velho camarada» para me accusar de tartufismo. Tudo isto porque em tempo, segundo suas prevenções, o chefe attendeu a queixas que seu camarada lhe fez contra mim, e me *aconsellou* a ter com elle uma conducta demasiado humilde, a que pontualmente acquiesci. Nunca o tratei mal e, pelo contrario, depois de suas ultimas desgraças, sinto por elle funda, piedosa sympathia, ao ponto de afastar queixas graves que contra o mesmo se levantaram. O chefe, porém, acha que eu intentava eliminá-lo de nossas relações, e agora, em sua desgraça, só por tartufismo poderia eu manifestar-lhe piedade e offerecer-lhe meus serviços.

Como isto fica longe do preceito christão—*Diligite inimicos vestros* (MATHEUS, cap. 5, 44) (1)! Como se distancia da maxima de Clotilde (a VII)!

E aqui não se trata de inimigos maus, que me hostilizam. Imagine-se o que de mim não dirá o chefe, si um dia me vir carregar na desgraça alguns dos que hoje o rodeiam e me diffamam!

Não ha de ser, porém, o juizo seu que me demo-verá de praticar a verdadeira caridade, o altruismo verdadeiro, que se paga de actos e não de palavras falsidicas.

*
* *

Estes e os esclarecimentos seguintes mostram bem o que eu dizia ao chefe: «Perturbações domesticas e civicas que aqui soffro, que afasto efficazmente, vêm-me depois com vossa autoridade a me humilhar, sem nenhuma utilidade social.»

Antes de passar adeante, preciso apoiar meu procedimento em palavras que o Mestre escreveu, quando

(1) *Nulli malum pro malo... Dilectio proximi malum non operatur* (S. PAULO, *ad Roman.* XII, 17; XIII, 10). A Humanidade é que premeia ou castiga—*Mihi vindicta: ego retribuam, dicit DOMINA* (*Ibid.* XII, 19).

publicamente explicava uma «apparente anomalia de sua despeza pessoal.» Dizia elle: «Evitando qualquer detalhe superfluo, minha verdadeira dignidade não soffrerá com este publico esclarecimento, que prevenirá accusações irreflectidas e talvez mesmo uma ignobil malevolencia.» (*Circulares*, 33).

Assim acobertado e obedecendo ás prescripções da moral positiva, que me manda viver ás claras, passo á parte mais delicada, mais intima desta explicação.

Que a Humanidade perdôe ao chefe as perturbações que seu orgulho e sua dureza me têm acarretado!

*
* *

Os esclarecimentos rapidos que vou dar sobre outros pontos do folheto—*Espiritualismo e positivismo*, vêm reforçar o que já disse a respeito da «prevenção tensiva» com que o chefe me atenazou, com que de continuo se alarmava e me trazia alarmado.

Falarei primeiro dos «acontecimentos de ordem estrictamente privada», que o meu amigo A. Souza encontrou coloridos e ornamentados no meio positivista, cuja falta de cohesão e fraternidade sempre deplorei, diligenciando melhora-lo com meus desajudados esforços. Assim se verá tambem como é que tal «prevenção tensiva» data dos fins de 1894.

Nesse anno comecei a conhecer os *processos espirituales* do director do Apostolado. Sahindo do gremio um querido amigo,—a influencia dominante que affectuosamente me aproximou do Centro,—escrevi ao chefe lamentando o facto e intervindo para ver si o amigo poderia voltar. Esperava que tal se dêsse, porque o director considerava muito o meu amigo: na despedida escreveu-lhe amistosamente e elogiou na circular suas boas qualidades, mesmo de coração (1).

(1) Só hoje sei que, além da circular, uma carta mais expressiva foi dirigida ao meu amigo.

Qual não foi minha surpresa quando, em sua resposta, o chefe usa de phrases cortantes, de expressões deprimentes contra meu amigo. Não sei que lhe respondi, salvando minha amizade, apesar dos defeitos que a autoridade do chefe tão ferinamente notava no amigo. Mas fiquei fundamente, dolorosamente impressionado com tão *duro* e incorrecto *processo espiritual*.

No fim do mesmo anno foi o director «invocado para acalmar os conflictos que a *imperfeição humana torna inseparaveis dos melhores laços* (são palavras do Mestre, *POLIT.*, IV, pag. 313). Foi invocado por minha Senhora e não por mim. A intervenção dos verdadeiros sacerdotes é que se torna efficaz no seio das familias, porque todos seus membros lhes são pessoalmente conhecidos, segundo a regra, tão preciosa socialmente como intellectualmente, que affecta ao mesmo professor os sete annos do ensino encyclopedico (*Polit.*, *ibid.*). Sciente disto e do mais, eu por mim talvez não invocasse tal autoridade, embora minha ingenua affeição ainda muito me apegasse ao chefe insufficiente.

Minha Senhora, porém, julgou dirigir-se a um sacerdote e com elle se abriu confiadamente, levando-me a fazer o mesmo. Ambos, porém, fomos enganados em nossa confiança, como hoje vemos mais claramente. A devassa foi aberta, os amigos foram interrogados e os dous recorrentes foram postos um deante do outro, a se digladiarem em «provas e contra-provas.»

Por fim, satisfeita inteiramente a curiosidade aguçada, deixou-nos o chefe alguns mezes totalmente indecisos, suspensos, numa situação dolorosissima, insupportavel. E quando em minhas cartas transparecia esse terrivel estado d'alma, o chefe, do alto de sua potestade, advertia-me com dureza que eu *parecia descontente*, que pelos modos eu tinha «mais sofreguidão do que as circumstancias permittiam.»

Então, quando já era impossivel supportar mais tantas delongas, o eminente apostolo, cidadão Teixeira

Mendes, bondosamente se offereceu para vir aqui. O chefe encarregou-o de «ouvir-nos» *outra vez* e elle, ouvindo-nos, tudo resolveu pelo melhor, tudo aconselhou em nosso bem, com uma bondade amical que conquistou nossa estima e gratidão profunda.

Sem mais detalhes e commentarios, taes são os factos «de ordem estrictamente privada» que meus confrades coloriram e ornamentaram. Alguns desses ornamentos chégaram a meus ouvidos, e partiu de um positivista fluminense, que foi ou é intimo do chefe. Isto me faz crer que os coloridos vêm de cima.

Como quer que seja, livre hoje de uma responsabilidade que me ia sacrificando por todos os modos, não temo o chefe nas guerras diversas que me possa promover, quando a mim quizer fazer carga desses conflictos, ou divergencias, muito vulgares no gremio que tão insufficientemente dirige. Imagino mesmo que o chefe tem abusado de nossa inteira e ingenua confiança, porque no desmarcado juizo firmissimo, que de mim faz a um querido amigo, declarou que esse julgamento resultava de nossas «prolongadas relações em que lhe foi dado perscrutar o mais intimo de minha natureza». Para isso diz elle que fez «uma serie de imparciaes observações.» Vejam os meus amigos a que ingenuamente, inconsciamente estive eu sujeito no gremio fluminense. Fui um objecto de observações e de perscrutações intimas... Talvez, á maneira de Lombroso, minha propria letra, meus traços physionómicos não escapassem aos olheiros inquisitoriaes que em mim vigiavam suspeitosamente!

Como tudo isto é triste de se ver e de se exprimir!.....

Si, á vista das manifestações consummadas, eu não tivesse *tudo* a esperar da atrabilis do chefe, affianço a meus amigos que nenhuma satisfação a este respeito daria. Mais sabe o tolo em sua casa que o sizudo na

alheia (1). Deixaria que de mim falassem as irresponsáveis más linguas, que se acoutam hypocritamente num gremio de nossa Religião. Que se esbofassem, até os limites compatíveis com minha liberdade pessoal...

Mas tratando-se de um chefe, que possuiu minha confiança, que usou e abusou da condescendente subordinação que lhe teve quem já era positivista antes de se chegar a elle; tratando-se de falatorios autorizados por meu ex-chefe, era de minha parte um dever dar explicação de tudo. Embora, a respeito dessa questão íntima, tenha eu do chefe categoricas affirmações de que ellas me não deslustraram em seu conceito,—agora não posso mais confiar em taes documentos, porque o chefe *tudo mudou*, depois que «eu não trepidei em endereçar-lhe» as famosas epistolas. Para contar com seu antigo juizo, precisaria transformar-me, isto é, precisaria dirigir-lhe missivas laudatorias. Ora, como esta mudança é improvavel, á vista do exposto,—não tenho remedio sinão esclarecer até nugas pessoas, que dão fundamento a calumnias vagas.

*
* *

Em seu folheto fala o meu amigo que os conceitos do chefe e seus sequazes foram ao ponto de descobrir «que até o merito intellectual me falta». Soube realmente como o chefe proclama que meu pobre intellecto nem o francez alcançou. Este caso, a explicar-se, havia de ser uma historia interessante. Com documentos escriptos, provaria que, apesar de minguado, alguns serviços prestou meu saberete na segunda edição do *Catecismo*. E isto examinando pouco mais de um quarto da versão portugueza, a pedido do traductor, que é o proprio chefe.

(1) ...advertid que mas sabe,
Que el entendido en la agena,
En su casa el ignorante.

(F. DE ROJAS—Teatro Español escogido, 352)

Mas é melhor não tocar nestas e noutras cousas. Só o farei, si a isso for *de novo* provocado pelo chefe. Estas ninharias contristam quem se vê obrigado a versal-as seriamente. Isto até nos vence, porque nos enteja... Quem se vale de taes niquices, deve estar bem pobre de argumentos para tsnar os serviços que malbarata, depois de os haver utilizado.

Passemos para a segunda parte desta nota.

II

Devo tratar agora das epistolas vituperosas, que para aqui enviou o chefe, no intento ferino de me afastar amigos caros e dedicados. A essas cartas se refere o cidadão A. Souza, dizendo que «estava longe de subscrever todos os conceitos emitidos a meu respeito, quer na circular e documentos annexos, quer nas cartas posteriores.»

Só tratei de haver á mão a que foi dirigida ao medianeiro de minha escolha, amigo certo, de velha data e intimo conhecedor de minha vida. A carta, porém, tão apaixonada, tão «aspera» lhe parecera que, sob sua responsabilidade, não m'a quiz communicar e pediu a autorização do chefe. Nesse tempo a carta, em cópia e com additamento, era por aqui largamente conhecida. A ella se remettiam os amigos recalcitrantes, para inteiramente se desilludirem a meu respeito.

Uma quinzena demorou o chefe em responder. Habitualmente costuma demorar muito mais, sempre que se trata de assumpto que não o toca pessoalmente.

Afinal veio a autorização: a carta me podia ser communicada, pois era util que eu conhecesse meus defeitos, a fim de mais efficazmente reformar-me.

Meus amigos já lhe conhecem muitos pontos extractados em notas anteriores. Tratar do mais que áhi se lê, fôra esgrimir palavras pouco sonoras. Que hei de responder a um homem orgulhoso, que soberbamente

nos quer *decretar* empolados juizos em lugar de factos, e se limita a improperar chamando-me «grande trapalhão», «pessoa incompetente moral e intellectualmente», cheia de «toleima», etc., etc.?

Si os factos, em que diz basear-se, forem cabaes para me afastar dos postos que tenho prejudicado, —repito,—em publico e ás claras me deve chamar a contas, enunciando tudo racionalmente, isto é, com precisão, clareza e consistencia. O mais não merece attenção, não pode ser rebatido seriamente. «Toda proposição que finalmente não é reductivel á simples enunciação de um facto, ou particular ou geral, não pode offerer nenhum sentido real e intelligivel» (1). As ficções positivas só um Augusto Comte pode construir, e tiveram sempre ou um alto destino logico ou um sublimado alcance moral. Nunca poderiam forjar-se para com ellas deturpar o character de nossos desaffectedos. Só um chefe muito insufficiente pode pensar de outro modo.

Não posso, pois, e não devo e não quero oppor uma repulsa *analytica* a affirmações orgulhosas, em que, habilmente (2), se atiram labeus vagos para falsar os golpes do adversario, para obrigar-o a sahir de sua moderação e entrar no terreno das invectivas, dos improprios.

O cidadão Miguei Lemos, desde seus tempos escolares até hoje, nunca achou um superior digno de seu respeito e de sua obediencia. Contra todos se revoltou, porque uma autolatria exagerada não lhe permite ver ninguem superior a elle mesmo.

Devia, pois, respeitar-se a si proprio e não escrever cartas onde se renega em tudo. Já que não o fez, eu tratarei de remediar ás semrazões que seu proceder acarreta.

(1) A. COMTE—*Philosoph. posit.*—condens. de Miss MARTINEAU, II, pag. 587; *Philosoph. posit.*, VI, 3.^{me} éd. pag. 600; *Polit. posit.*, app., pag. 140.

(2) «Desbragadamente», disse e fez aqui o representante do chefe.

Em respeito a todos os proceres do Passado e aos que no Futuro a todos nós hão de julgar : em respeito a venerandos anciãos que no presente devem merecer nosso amor ; em respeito, por ultimo, a minha propria dignidade, que, por menos que valha, vale sempre minha justa individualidade,—não mais tomarei em consideração quaesquer atrabiliarias epistolas com que o chefe me queira detrahir. Baseando-se em factos, citados com rigor, tratarei de os esclarecer, quando em publico vierem desinquietar as consciencias rectas.

E só. Que a Humanidade me perdôe, si acaso ultrapassei os limites da justa repulsa ! A paciencia minha não poude comportar tanta cousa a um tempo.

CONCLUSÃO

Em parte nenhuma desta exposição neguei ao chefe o discrecionário poder que elle tinha para me desligar do centro que dirige. Não lho neguei e não lho nego. Si a soberba do chefe insufficiente não suporta collaboradores esforçados, ainda que insufficientes também; si elle só quer subordinados para esposar os resentimentos seus e para applaudir todos seus actos, amargando calado todas as censuras,—está claro que eu gravemente claudiquei, não levando até ao calvario a terrível cruz que me avergoava. Mas dado o castigo, consummado o desligamento, não podia o chefe exceder-se, procurando alcançar-me em todas as minhas relações, para me deprimir, para me arruinar totalmente. O castigo justo só visa a falta incriminada,—não attinge os actos lidimos, não tisna as manifestações, os serviços que a precederam; não alcança todos os aspectos de nossa vida.

Já que eu estomagára pessoalmente o chefe (1),

(1) E' preciso não esquecer que eu fui desligado porque não «trepidei em endereçar» ao chefe missivas com reclamações energicas e queixas fundadas. O chefe declara que, mesmo provado o fundamento de minhas queixas, eu teria aberrado de seu canon pessoal. Assim, eu aberrei sómente do positivismo encarnado pessoalmente no chefe, e é por isso que eu não cessarei de firmar que minha questão é com a pessoa do director do Apostolado. Até hoje ainda não puz em duvida um só dos principios dogmaticos do Positivismo, em cuja Igreja universal espero morrer, como declarei a meu amigo A. Souza.

Esta nota vai com vista a boateiros que propalaram estarem *abaladas* minhas crenças depois deste conflicto puramente pessoal. Tal conflicto terá em minha vida reacção analoga á de uma violenta separação entre dous amigos de crenças communs e com indoles, com defeitos contrarios.

este que cortasse relações comigo. Mas o poder *peçoal*, que assim castiga, não ha de passar além. Não ha de pretender inutilizar-nos como esposo, como pai, como filho, como amigo e mesmo como cidadão. Incompatibilizar-se pessoalmente com o director de um *gremio* positivista, não é sahir do gremio da Igreja universal, não é soffrer excommunhão perpetua, excommunhão maior.

O que transcender esses limites, só da raivença destruidora pode nascer, só pode vir da insufficiencia que antes de tudo quer *parecer* chefe, confundindo o orgulho pessoal com a dignidade social e a cruel dureza com a energia directora (1). O proprio Mestre, que era Summo Sacerdote e podia excommunhar, dizendo que seus contemporaneos seriam sobretudo julgados conforme sua conducta em relação ao positivismo, faz esta declaração característica: «duas estigmatizações pessoais provaram já que, a este respeito, EU OUSO *antecipar a Posteridade.*» (*Circ.*, 102).

Foi contra ousadias e assomos desmarcados que acabei de reagir. Será contra pretensões assim irracionaes e anti-positivistas que hei de protestar na promettida nota VI. Precisamos ver que não é mister o estrondo, o espavento, as invectivas para que passemos por chefe, por firme, por homem riço de character. A perseverança e a energia são os mais communs dos attributos humanos: encontram-se em todos os animaes verdadeiramente activos. O principal é termos amor, é termos fé, porque as qualidades do character «faltam raramente ás vocações sufficientemente reguladas.» A falta de religião é que hoje torna a vida publica «o apanagio privilegiado das ambições vulgares», é que neutraliza «nos melhores typos» a dedicação corajosa e perseverante. (*Polit.*, IV, 457-458).

(1) Veja-se pag. 73 das *Circulares* de A. COMTE e *Polit.*, IV, 457-458.

A doçura, a bondade, a conciliação, dentro de nossos princípios,—perfeitamente conciliantes e relativos,—constituem processos melhor conducentes a attrahir, a reerguer as almas bem nascidas, que por ahí se abatem ou se transviam contemplando nossas lutas. A reacção que, mesmo nas almas timidas, produz uma conducta conciliante, paternal, amistosa é das mais favoraveis para sua disciplina, para sua reformação. Os grandes doutores da Igreja catholica, os melifluos Ambrosios, os angelicos Aquinos e sobretudo os Salles dulciloquos, já assim o entenderam, ameigando os sobrecechos carancudos, diminuindo os terrores infernaes, decantando as glorias celestes, afastando os bellicos petrechos, que não cabem nas religiosas navetas ou nos alforges espirituaes.

Por isso tudo almejo a terminação desta contenda, a que tenho sido provocado por todos os modos. A parte essencial está terminada. As minucias agora são desnecessarias: só na continuação do debate é que ellas poderiam exigir uma ventilação especial.

Tenho ancia de refugiar-me no seio do Passado e nas esperanças do Porvir, sem a demasiada preocupação deste borrascoso presente. Os homens passam e a Humanidade fica. Si com ella quizermos permanecer, tratemos de viver para outrem: esse é o unico meio de conquistar a immortalidade verdadeira, cujos ambitos se alargam mais e mais com o progressivo desenvolvimento de nossa especie.

Nos dominios inexauriveis de nosso progresso moral, vejamos quem melhor afasta feios rancores e quem mais trabalha para desenvolver os sentimentos bons.

Si é uma inclinação *real* isto que experimento, sei-o eu em consciencia e sabem-no em manifestações os que me querem, os que por mim são queridos. Si parecer minguado o que *de real* eu sinto,—isso tenho e com isso me contento, emquanto a Humanidade me não guia a posses mais altas, de mais *realidade*. O que tenho de

sentimento ha de valer por si, independente dos juizos rancorosos.

Não fico peor porque me vituperam e nem ficaria melhor se me afamassem. O que eu for, isso hei de ser, por mais que me elevem ou me abaixem os juizes incompetentes (1)

(1) *Imitação*, liv. II, cap. VI.

Publicações do mesmo autor

1. **Revista dos Novos** (1885-1886) — collecção incompleta 2\$000
2. **O balão Julio Cesar e o jornalismo** (1888) 1\$000
3. **A ditadura republicana** (1889) 1\$000
4. **O exercicio da medicina** (1890). \$200
5. **A reforma do ensino** (1890) \$500
6. **O Supremo Par**, versos, (1891). \$300
7. **Geometria** de CLAIRAUT (1892), esgotada e a 2.^a edição a entrar no prelo.
8. **Lucia**, novella de C. de Vaux, trad. de Rita F. de Oliveira, e **A. Comte e C. de Vaux**, artigo de Aimel, trad. de José Feliciano (1897) 2\$000
9. **O Natal da nova Religião**, versos, (1898) \$300

ADVERTENCIA.—Este pequenino catalogo pode mostrar a meus amigos alguns de meus esforços em prol de nossa propaganda, a contar sobretudo de 1888 para cá. Só em 1891 me approximei do Centro fluminense, do qual me afastára até então seu exclusivismo intolerante, seu «privilegio de virtude» (1), conforme escrevia em 1889 ao amigo de que falo á pag. 70. Foi a influencia desse amigo que me fez entrar no gremio a 5 de Setembro de 1892.

(1) No *Boletim* n.º 5 P vêm estes trechos que provam como o chefe, confessando sempre sua insufficiencia e a da maioria de seus subordinados, não cessa de arrogar-se a supremacia em tudo. «O positivismo... não receia a comparação entre a conducta privada e publica de seus verdadeiros adeptos com a dos seus adversarios, *grandes ou pequenos*. — ...os que se sentem prejudicados com a *obra de saneamento moral que nossa propaganda vai promovendo*... não conseguirão arrancar-nos apologias ou explicações que reservamos para aquelles que julgamos dignos dellas.»

PROTESTAÇÃO FINAL (*)

Nos elogios que tributei aos talentos do chefe, e que mantenho hoje; nas opiniões e testemunhos com que reforço agora suas próprias confissões de incompetencia apostolica ou sacerdotal; nas repulsas inevitaveis que tive de oppor a suas accusações ferinas,—protesto:

1.º Não pretender mais autoridade além da que resultar dos documentos citados ou da opinião discutivel e imperfeita do autor: sou uma testemunha coeva que me agito, com o fim de ser conduzido pela Prioridade que *ensina* e pela Posteridade que *julga*;

2.º Esperar a sentença definitiva do sacerdocio futuro, á qual me sujeitarei de plano: no presente só o verdadeiro poder espiritual fará um julgamento completo e mui raramente *ousará* prevenir o aresto final da Posteridade.

(*) Sigo aqui nossos bons predecessores catholicos. Imito a protestaçoão que Urbano VIII prescreveu aos fieis, quando em seus livros apreciasssem os feitos ou exemplos de pessoas notaveis. (Decretos de 1625, 1631 e 1634). Precisamos dignamente sentir que o interregno espiritual continúa, que não ha sacerdocio e não podemos nos arrogar a funcção de juizes completos. Assim diminuiremos o estímulo critico em um meio tão anarchizado e tão presumpçoso.

Tudo, tudo submetto á correcção do sacerdocio da verdadeira Igreja positivista, em cujo seio conto sempre viver, como rendido filho e servidor humilde. Assim possa eu alcançar dignamente o surto feliz de tão alto sacerdocio!

Em 16 de S. Paulo de 110 (5 de Junho de 1898)

José Feliciano

6, rua General Jardim,
N. em Jundiahy a 6 de Março de 1868.

ADDENDA

(á pag. 38)

A demora na impressão deste folheto me permite communicar a meus amigos que D. J. S. Florez já me accusou o recebimento da quantia enviada. De sua carta extraio commovido estas linhas tocantes: «Completei 85 annos a 29 de Março ultimo, e os carrégo bem penosamente, atormentado por uma nevrose aguda, um eczema geral, uma forte irritação na bexiga e duas hernias inguinaes... Aos confrades que vos derem dinheiro para mim,izei-lhes que, tendo eu 85 annos, tal subsidio infelizmente não pode durar muitos annos. Creio mesmo que irei breve,—o que para mim seria desejavel, a fim de acabar com esta vida de soffrimento. Os sabios latinos diziam muito bem e com razão: *A vida não é estar vivo, mas estar válido (Non est vivere, sed valere, vita).*»



CORRIGENDA

Pag. 12, em vez de *proprio*. —leia-se: *proprio...*

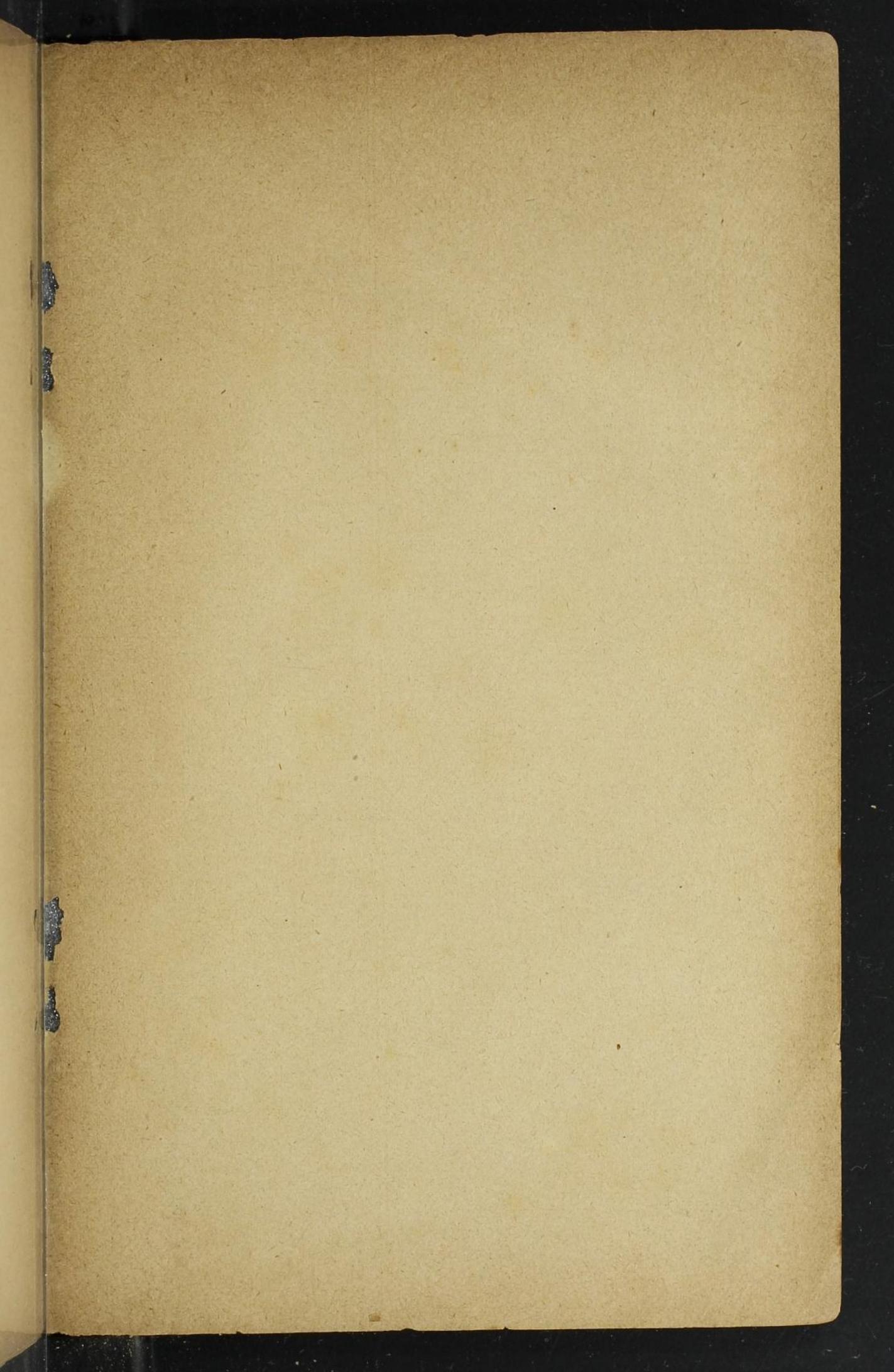
» 15, » » » *permissão*,— » *permistão*,

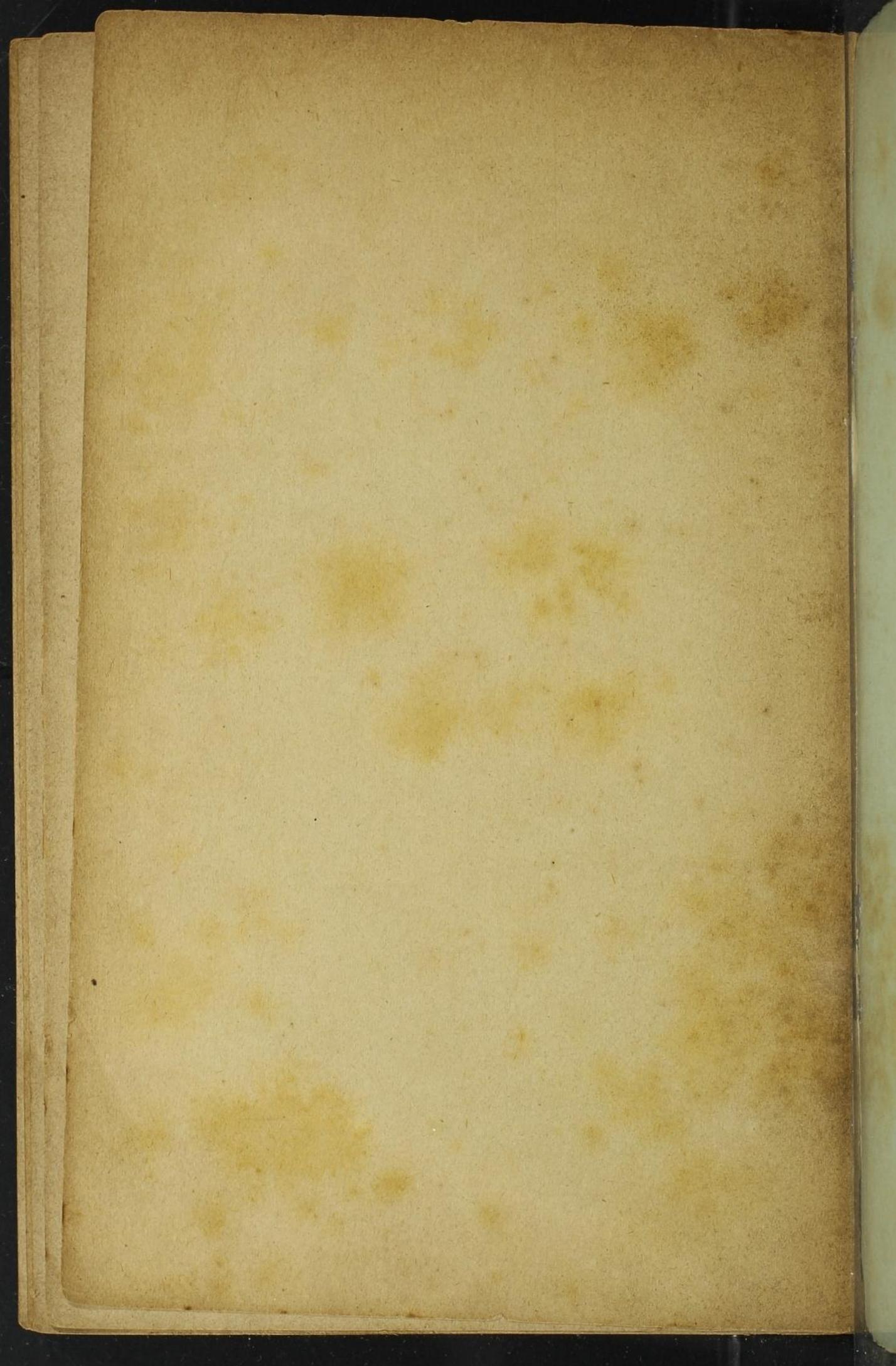
Outros erros são de facil correcção.

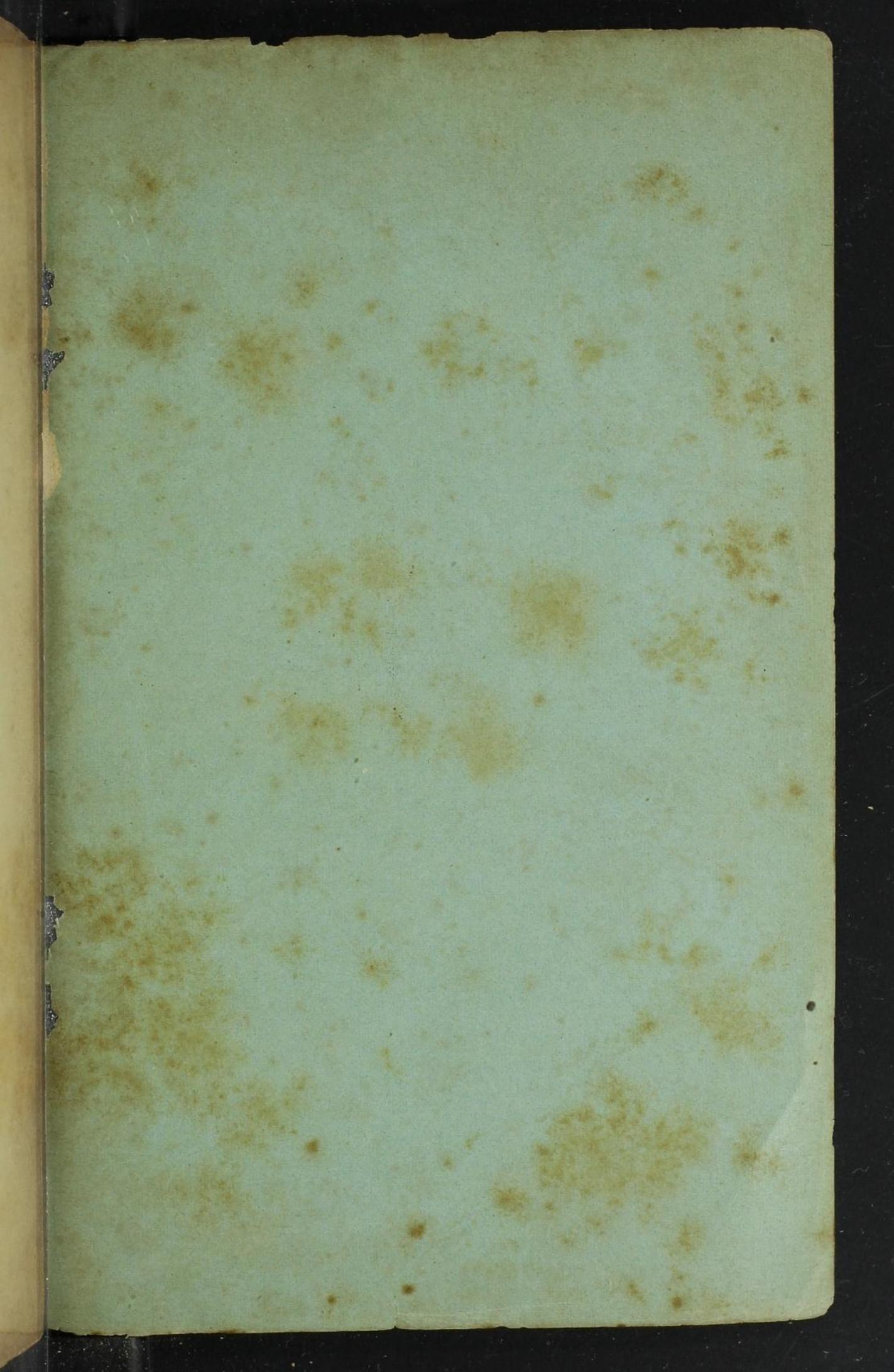
INDICE

Advertencia	2
A Augusto Comte	3
Nota prévia	5
I. DECLARAÇÃO DECISIVA	9
I. Advertencia geral e pessoal	11
II. Resolução final.	17
II. DISSOLUÇÃO DO CENTRO POSITIVISTA	27
I. Dissolução do Centro	29
II. Resumo financeiro	34
Conclusão	38
III. NOTAS E ESCLARECIMENTOS PESSOAES	41
I. (As hypotheses sympathicas)	43
II. (Os testemunhos da amizade)	44
III. (A aptidão apreciatrix e julgamentos do chefe)	48
IV. (A insufficiencia do chefe)	52
V. (A insufficiencia minha)	56
VI. O sacerdocio, a disciplina e a propa- ganda positivista	61
VII. Esclarecimentos pessoaes	65
CONCLUSÃO	77
Publicações do mesmo autor	81
Protestação final	82
Addenda e corrigenda	84

NOTA. Devido a tardanças da typographia, só se acabou de imprimir este folheto a 21 de S. Paulo de 110 (10 de Junho de 1898).









N.º 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM

VIVER ÀS CLARAS

A PROPAGANDA POSITIVISTA

em

S. PAULO

(Explicação decisiva aos amigos e correligionarios)

por

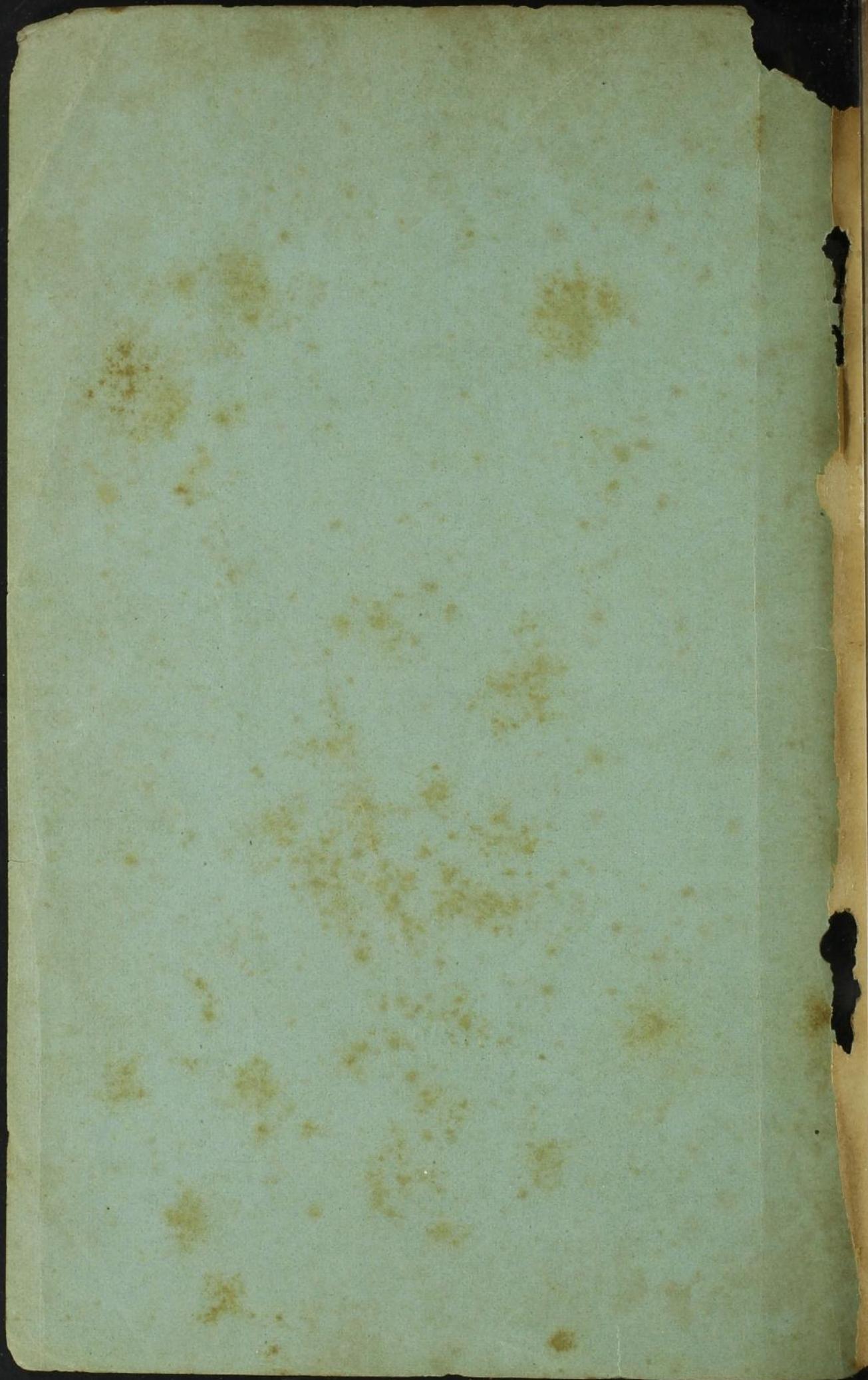
JOSÉ FELICIANO



S. PAULO

6, Rua General Jardim, 6

ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Maio de 1898



R
O AND

A P

(L)

N.º 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM

VIVER ÀS CLARAS

A PROPAGANDA POSITIVISTA

em

S. PAULO

(Explicação decisiva aos amigos e correligionarios)

por

JOSÉ FELICIANO



S. PAULO

6, Rua General Jardim, 6

ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Maio de 1898

ADVERTENCIA

Deste folheto só se tirou uma pequena edição.

Não é destinado á venda, embora se distribua a todos que se interessarem pela questão, e a respeito desejem esclarecer-se. Em qualquer caso, porém, a distribuição ha de ser pessoal, porque «ninguem devendo aspirar á estima daquelles que lh'a não merecem, cada um não deve a todos indistintamente uma conta habitual de suas acções quaesquer.» (*Catéch. posit.* 298).

Este exemplar n.º é dirigido ao cidadão

.....

.....

O Autor,

.....

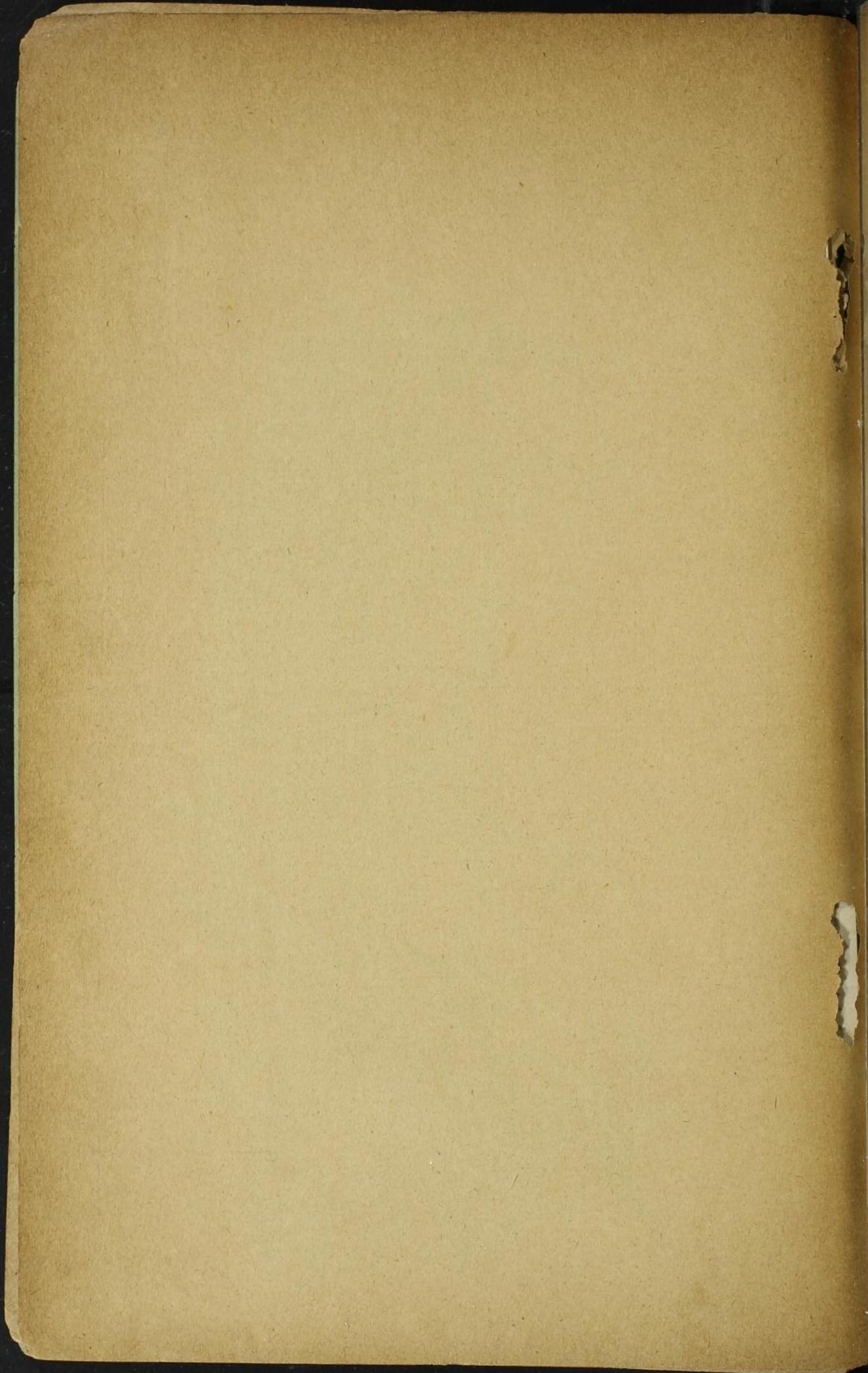
A AUGUSTO COMTE

Tantas, tão rudes nesta vida foram
As penas que curtiste, Mestre amado,
Que é bem possas viver recompensado
Nos corações daquelles que te adoram.

Quantos no mundo a influência exoram
De teu saber—resumo do Passado,—
Tendo da vida o travo amargurado,
Em teu soffrer o coração vigoram.

.....

Em ti devem também haurir a força,
Para affrontar a tormentosa lida
Que os fracos doma e os validos reforça.



NOTA PRÉVIA

...«é instante a necessidade que temos de alargar a esphera de nossa propaganda religiosa, a fim de garantir a efficacia e o futuro de nossa Igreja.»

...«ainda somos muito revolucionarios para sentir bem os verdadeiros proveitos de uma extensa fraternidade, de uma larga tolerancia, de uma affectuosa conducta que attráia e não repilla.»

(Resenha de *nosso movimento em 1896*).

Só agora participo a meus amigos e correligionarios a deliberação a que fui levado pela circular que me desligou do gremio fluminense, e «considerou extintas nossas relações» com seu chefe, conforme este declara devolvendo sem abrir uma carta minha (1). Aguardei que se applicasse a effervescencia provocada pelo chefe e não animei discordias, não desafiei reacções, não instiguei os dyscolos. Minha deliberação final era de natureza a prescindir de qualquer apoio *partidario*, e seria mau discutir assumptos que só a calma reflexão utilmente resolve.

Desejava mesmo soffrer tudo com paciencia e retardar esta declaração. Acreditei, porém, que estava prejudicando os mais com meu silencio, principalmente

(1) Só depois da minha completa desillusão, só depois das cartas vituperosas, é que expliquei esta offensa inutil e gratuita.

sendo varias vezes perguntado pela abertura de minhas conferencias deste anno.

O tempo decorrido após minha desligação, realizada ha quasi dous mezes, basta para que minhas palavras sejam decisiva explicação e não sirvam de incitamento a criticas apaixonadas.

Precisamos nos abster de accusações ferinas, que nos amargariam a todos, que nos tornariam mais imperfeitos e iriam scandalizar as almas ternas, as almas que começavam a divisar a grandeza da nova Religião nos esforços que por ella envidávamos.

Por isso é que não tomo em consideração umas epistolas aculeadas, contumeliosas que por aqui têm corrido. Si as accusações que contêm são cabaes para me afastar dos postos que tenho prejudicado, de outro modo e ás claras é que me deviam chamar a contas. Não é generoso, é maledicencia atacar ferinamente os mais, compellindo-os a reacções deploraveis, a manifestações em que os maus pendores inevitavelmente se exercitam.

Si, acabada a agitação, o chefe lamentar haver cedido a tão maus impulsos, lograrei ao menos a satisfação de não o haver directamente provocado a essas e a outras invectivas, de todo em todo contrarias á terna, á sympathica, á synthetica, á synergica, á santissima Religião nossa. E' assim que devemos seguir os dictames do Mestre, trabalhando em nosso aperfeiçoamento privado, «eliminando todos os sentimentos repulsivos, por mais legitimos que elles sejam». (*Testamento*, 223).

Não digo isto por inculcar virtude que eu já tenha, mas por ser mensageiro de boa doutrina, por mostrar os desejos que me animam, as intenções com que actúo.

Sei que a paciencia tem limites racionaes; ultrapassal-os é, como diz um Santo, semear vicios, nutrir a negligencia, promover o mal. Só por isso tambem é que venho dar esta explicação.

Já que tudo fez inevitavel o rompimento, já que elle é definitivo e definitiva é minha resolução final,

expliquemos os factos claramente, francamente; expliquemos tudo sem hostilidade vã, sem inuteis accusações .
pessoaes.

Esta é a mira que leva quanto se vai ler nas paginas seguintes (1).

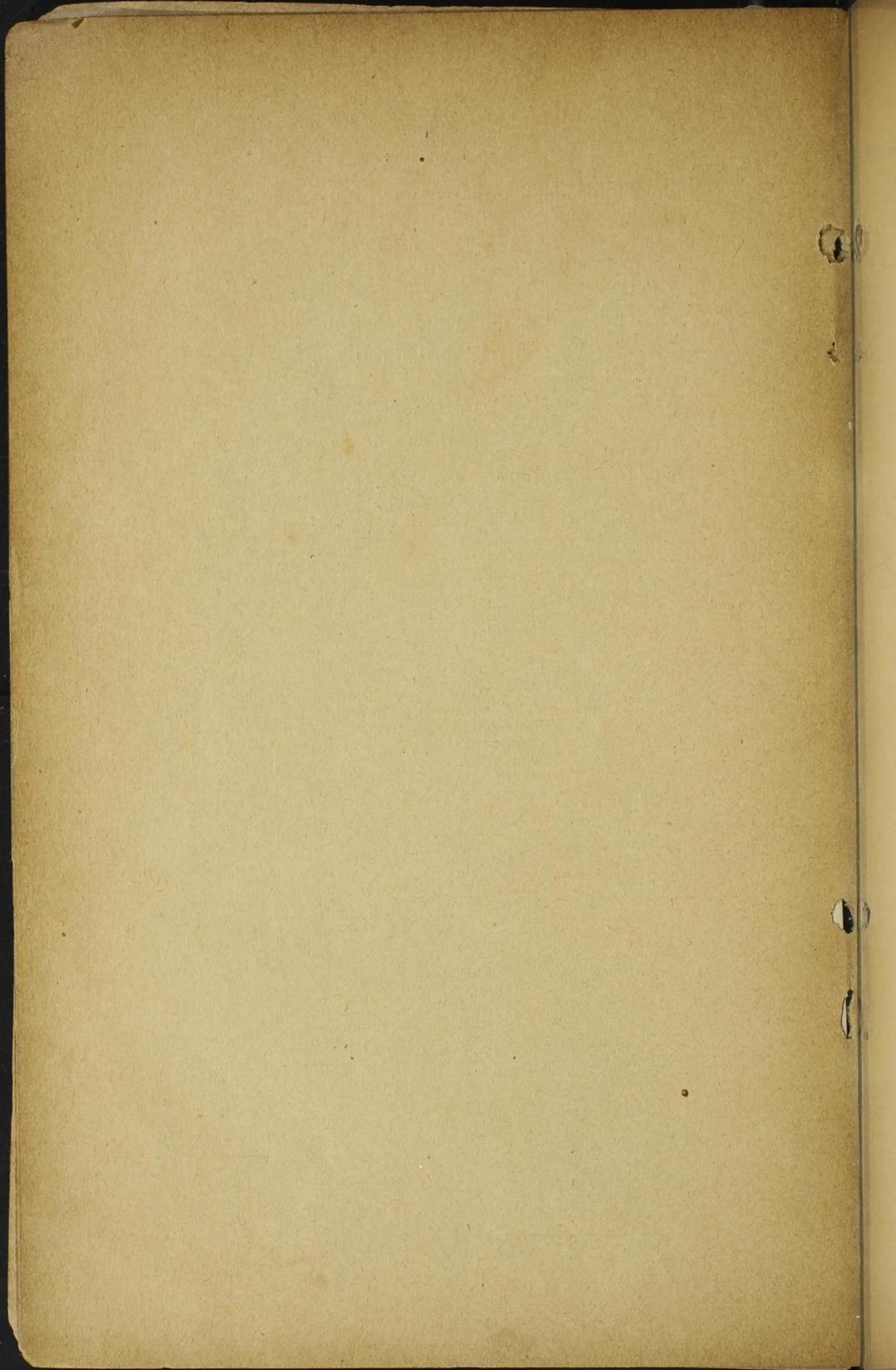
S. Paulo, $\frac{9 \text{ de Archimedes de } 110}{3 \text{ de Abril de } 1898}$

José Feliciano de Oliveira.

6, rua General Jardim (Villa Buarque)

Nascido em Jundiahy a 6 de Março de 1868.

(1) Tendo conhecimento de varias accusações ferinas que o chefe tem feito correr entre os amigos que me estimam, para os desligar de mim, — fui obrigado a alongar umas notas que já determinara appensar a esta declaração. Mantive, porém, o proposito de fugir a uma hostilidade vã e a inuteis accusações pessoaes, embora não pudesse evitar uma justa reacção no esclarecimento de pontos desagradaveis. A muito mais me provocou o chefe, como se verá em a nota VII. (24 de Archimedes—18 de Abril).



I

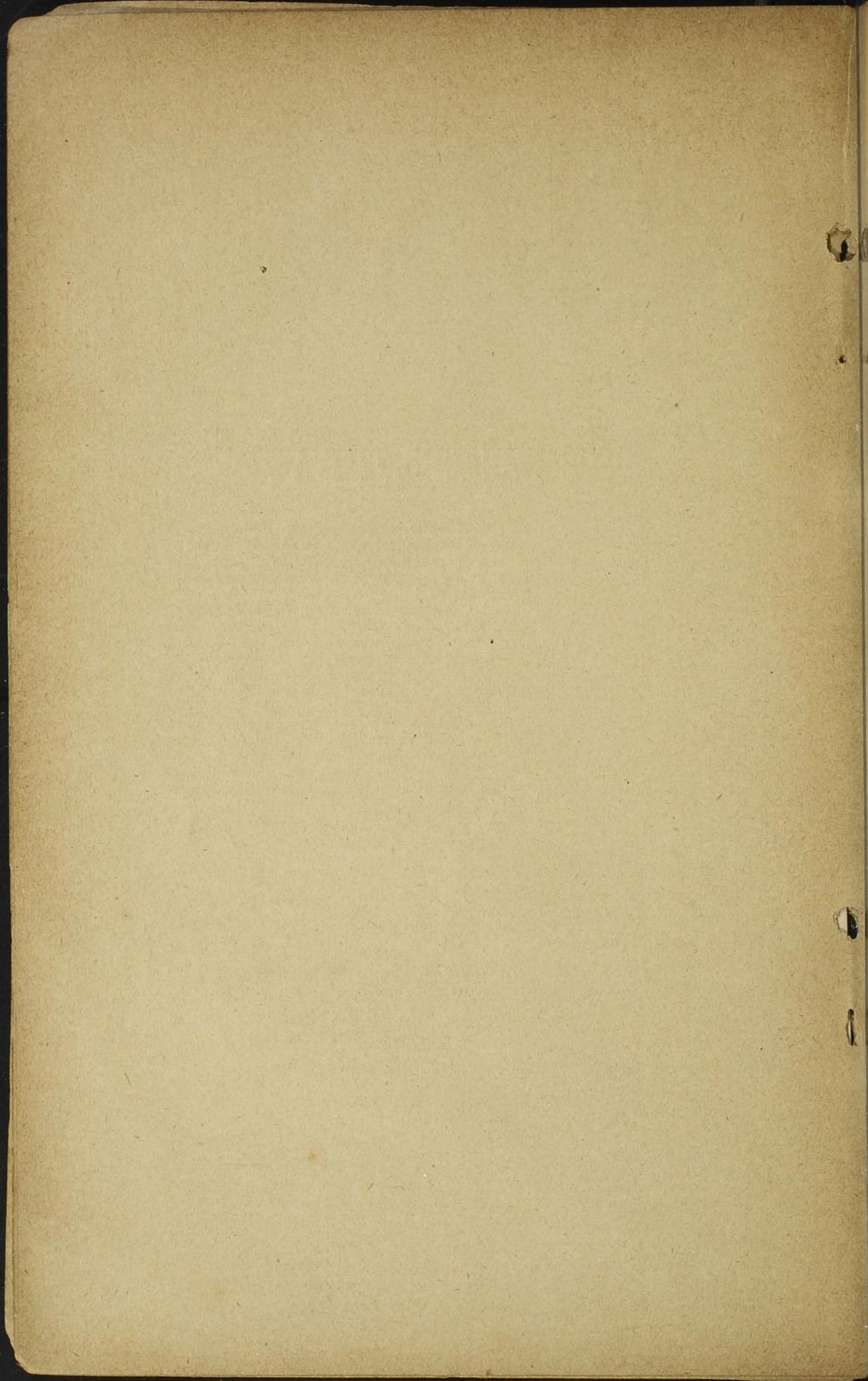
DECLARAÇÃO DECISIVA

...não deixe emfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito;
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CAMÕES, *Lusiadas*, V, 100.

Esta sabia e abençoada doutrina (o
Positivismo)... dominará eternamente, tanto
na vida publica, como na vida privada, todos
meus sentimentos, pensamentos e actos.

BENJAMIN CONSTANT.



I

ADVERTENCIA GERAL E PESSOAL

Nenhuma revolta pode evitar o reproche de inconsequencia... Insurgindo-se contra os papas, os reis modernos suscitaram finalmente a indisciplina de seus proprios subditos.

—O sacerdocio deve sempre esforçar-se por conter mutações pessoaes, cujo livre curso tornar-se-ia mais funesto do que os abusos que as houvessem inspirado.

—...o julgamento universal, sabiamente cumprido, constitue o officio sacerdotal mais decisivo, o mais difficil de fundar e desenvolver...—suppõe uma digna preponderancia do espirito synthetico, consolidada e desenvolvida por uma forte preparação encyclopedica, onde sempre domina a harmonia normal entre a sciencia, a arte e a industria.

A. COMTE, *Politica*, II, 327, 330 e 332.

Fica extinto o Centro de propaganda positivista que fundei nesta capital. O curso deste anno, que devia ter começado em Março, não terá mais lugar sob minha direcção.

Suspendo essa propaganda systematica, porque hoje só poderia proseguil-a abrindo scisão com o centro do Rio, de que fui desligado no dia 11 de Homero (8 de Fevereiro) e de que me acho totalmente afastado emquanto permanecer nelle a direcção actual.

Não é preciso explicar largamente todos os factos que nos levaram a tão completa separação. Apurar vagas apprehensões, illogicas hypotheses e divergencias pessoaes,—são cousas mui pouco positivistas para interessarem á Humanidade. Nisto, como em tudo o mais, cinjamo-nos aos ensinamentos do Mestre dos mestres, Chefe invisível, subjectivo Papa de todos nós (1).

Agora bastará explicar summariamente o rompimento final e minha final resolução.

*
* *

Duas cartas minhas, uma puramente intima e outra de character mais geral (2), serviram de motivos especiaes e caracteristicos para fundamentar minha desligação. A' primeira acompanhavam uns commentarios, cuja parte final, completando minha segunda carta, devia ser transcripta com ella. O chefe supprimiu essa parte e em vez della transcreveu a primeira carta, só cheia de noticias particulares, que podiam promover discordias. O uso de iniciaes suppostas ainda mais devia alargar as desavenças e equivoicações (3).

Na segunda carta, com seu complemento, pedia eu, por ultimo, vivazmente, energicamente uma organização para o Centro daqui, e protestava contra intervenções

(1) Veja-se no fim a nota n. I

(2) Sem deixar de ser bem intima. Isto de tomar o que se escreve intimamente, ou sob uma confiante subordinação, como paginas definitivas, vistas e revistas, de um livro publico,—pode ser habil muitas vezes, mas correcto, sympathico, fraternal é que não será com certeza. Entre amigos pensamos alto, já conversando, já escrevendo. Emittimos juizos em formação, e assim nos auxiliamos reciprocamente ao santo calor, á luz santa do sentimento puro, da mente esclarecida. Nossas opiniões podem assim dissipar-se ou firmar-se definitivamente, para depois influir em nossa vida publica.

(3) Houve com effeito algumas: *H* (Dr. Bhering) foi tomado por um outro; *S* (um extranho a nosso meio) foi tomado como eu proprio.

desorganizadoras a que o vago, a prevenção, «as apprehensões» me deixavam sempre sujeito (1).

O chefe, em tudo e por tudo, repellindo o que teve por uma «intimação», cortou commigo todas as relações, impoz-me um intermediario hostile, preferiu-o a um amigo commum e não me deu resposta alguma a estas deliberações:

1.^a) Logo que vi não poder proseguir na propaganda sem a hostilidade do centro fluminense,—que até suas publicações daqui me retirava,—fui ao cidadão Godofredo Furtado e offereci-lhe que continuasse a dirigir o Centro nosso em harmonia com o do Rio de Janeiro. A' vista de sua recusa formal, deliberei:

2.^a) Pedir ao Rio a vinda de um substituto a quem eu tudo entregaria, passando a simples ouvinte. Só na ausencia completa de um substituto, eu dissolveria o Centro, dando um destino social a todos seus moveis e ornamentos.

O intermediario não transmittiu ao chefe essas deliberações e inveridicamente o informou de que eu me recusava a entregar as publicações do Apostolado.

Prescindi afinal de tão infiel medianeiro e recorri a um querido amigo, muito considerado pelo chefe. Essa mediação foi absolutamente rejeitada. Foi rejeitado o

(1) O caso que motivou meu protesto cifrava-se em me desautorar o chefe, querendo decidir de novo o que já estava plenamente resolvido *ipso facto* e com sua approvação.

Não transcrevo minhas cartas, porque esta declaração visa sobretudo aos que têm conhecimento da circular do chefe. Dos commentarios não tenho cópia. Apesar de haver pedido ao chefe que os conservasse á minha disposição, até agora não m'os devolveu.

Desses commentarios resulta: 1.^o) que eu só devia prestar contas de meus actos, sem sujeitar a nova decisão o que eu mui legitimamente já decidira; 2.^o) que eu aqui dirigia um grupo composto de alguns que nenhuma relação mantinham com o chefe central, ou que delle eram conhecidos por meu intermedio; 3.^o) que não era possivel a autoridade do chefe prestar-se a resurgir questões decididas, ferindo-me de ricochete; pois eu arcava com toda a responsabilidade de minhas decisões quaesquer. Declarei que daria conta de meu proceder, mas não admittia que a questão recommencesse de seus primordios e desenrolasse todos seus aspectos desagradaveis, como aconteceu no primeiro julgamento, que para mim era decisivo.

testemunho de uma pessoa sympathica, como si não fosse dogma positivista que o amor não pode cegar, que só o odio é cego e que o amor sómente é real no mundo (1).

O chefe acceitou as informações falsas, ratificou-as (como si assim poudesse fazel-as veridicas) e hereticamente considerou a hostilidade actual como substituindo o julgamento do ceu, da «terra da verdade», no acertado dizer de nossos maiores (2).

Estimulou assim injustificaveis repulsões e impeliu-me para o caminho da rebeldia, da dissidencia, como unico a trilhar na prosecução de minha propaganda systematica.

Não podendo modificar minhas pretensões — de maneira alguma «insolitas», quer ante as nascentes praxes positivistas, quer perante as seculares de nossos predecessores catholicos (3):— não tendo, por outro lado, nenhuma formal accusação de outros erros, com o fim organico de me auxiliar na emenda (4); e, finalmente,

(1) Veja-se no fim a nota II. Depois um outro bom amigo e veterano positivista reforçou o testemunho. Mas o chefe só fez questão de ser firme e não quiz desilludir-se.

(2) V. no fim a nota III.

(3) Pode e deve haver decisões exclusivamente reservadas aos chefes estadaues, para manter a unidade nos diversos centros.

Vejam-se os casos reservados, desde os da celebre Bulla da ceia (*In cænâ Domini*) até os dos bispos, os *ex-informata conscientia*; vejam-se as attribuições dos simples curas, absolvendo *in articulis mortis* os mesmos casos reservados ao Papa; vejam-se os canonistas que tratam de taes casos, dos casos inappellaveis, desde o nosso MONTE (*Direito Ecclesiastico*, III) até GOUSSET (*Théologie morale*, tome II). Veja-se no fim a nota VI.

E para se conhecer qual fosse o escrupulo do sacerdocio catholico em evitar as intromissões na vinha ou na seara alheia, basta citar esta nota do *Catecismo do Concilio de Trento* (II parte, cap. VIII, § XIII): «O religioso respeito com que desde os antiquissimos tempos da Igreja se conservou o direito de padre commum, facilmente se vê nos velhos decretos dos Padres, *peios quaes se acautela que Bispo nem Padre não ouse ingerir-se em parochia de outro, sem a autoridade de quem a ella preside (quibus cautum est ne quis Episcopus aut Sacerdos in alterius parochiâ aliquid gerere audeat, sine ejus auctoritate, qui illi præset)*.

Finalmente o proprio chefe, quando subordinado do Sr. Laffitte, sustentava sua total competencia para decidir no caso de disciplina interna, sem *nada communicar a seu superior*. (Veja-se o relatorio de 1884, pag. 19).

(4) Quem deseja saber nossas mazellas para cural-as com a maledicencia, é indigno de nossa attenção.

havendo soffrido a mais repulsiva hostilidade, ao ponto de nem me poder communicar dignamente com o chefe, —só me restavam em geral dous caminhos a seguir:

1.º) Dar ao Centro paulista a organização que lhe negava o chefe geral e «proseguir por conta propria minha carreira positivista», constituindo mais «uma livre tentativa de propaganda» (1), o que era affrontar, era aggravar a hostilidade do gremio fluminense;

2.º) Extinguir o Centro, inutilizando aqui esforços meus e sacrificios de 10 annos, mas fugindo ao mesmo tempo o mau exemplo de systematizar uma nova revolta no seio da Igreja universal.

Senti, pensei e felizmente preferi o segundo caminho, o caminho da obscuridade, a que me volvo depois de tres annos de esforços continuos, de multiplos trabalhos numa propaganda systematica (2).

Si para a Humanidade for um bem a extinção deste Centro, ao exclusivo chefe, que dirige no Brazil o Apostolado systematico, pertence a gloria de semelhante feito. Si for um mal, como me parece, a indefectivel

(1) As expressões sublinhadas são da carta-circular em que o chefe, embora *prevendo* meu «*naufragio*», deseja que eu tenha exito feliz em meus tentamens de propagandista.

Quero evitar as accusações ferinas, e por isso não caracterizo essa permissão, curial nas epistolas do chefe.

(2) Para mostrar os males insanaveis que resultam das propagandas, dos centros antagonistas, basta citar este trecho de Augusto Comte, nosso juiz completo: «Qualquer antagonismo collectivo entre os diversos servidores da Humanidade não pode habitualmente conciliar-se nem com a noção, nem sobretudo com o sentimento, do verdadeiro Grão-Ser». (*Polit.*, II, 72). O venerando Sr. Congreve, chefe da Igreja Britanica, separando-se do Sr. Laffitte, sempre entendeu que a divergencia não importava em romper a fraternidade, os laços amistosos entre os positivistas. E elle sempre desaprovou a virulencia de linguagem do chefe brasileiro.—De facto, si nós mantemos relações com amigos de outros credos, porque as havemos de romper com os positivistas dissidentes?

Era esta propensão á tolerancia um dos defeitos meus que muito alarmavam o chefe. Eu, porém, já o tinha antes de entrar para o gremio fluminense, em 1892. Desde 1888 o manifestei quando, expondo com energia e firmeza a condemnação do jornalismo, mostrava a necessidade de o tolerar até certo ponto. O chefe então discordava por completo de meu modo de ver, e isso mais uma vez me afastou de seu gremio. Por fim, em 1890, teve que attenuar sua opinião absoluta, conforme expoz no relatorio de 1891.

justiça da Posteridade, negando-lhe seu grado e sua graça, ha de lançar em desconto de meus erros os esforços e sacrificios que fiz para evitar o desastroso evento.

Fica-lhe tambem a responsabilidade dos tresmalhos em que alguns hão de cahir, excusavelmente às vezes, porque não há quem lhes acuda com os sentimentos e convicções apropositadas, porque não se acham acostados a um gremio collector e unido.

Desordenado o Centro que eu aqui fundei e com a ausencia de um completo Superior universal ou mesmo nacional, o Positivismo, como preceituo Augusto Comte (*Polit.*, IV, 542), se desenvolverá melhor pelos livres esforços de seus dignos adeptos que sob um chefe insufficiente (1). Entre elles hão de surgir orgams propagadores da «fé mais susceptivel de inspirar o concurso sem alterar a independencia.» (*Ibid.* 541).

Confiemos mais e mais em Augusto Comte e esperemos que a Humanidade nos julgue, não só conforme os resultados effectivos de nosso labor, mas tambem á vista de nossos projectos, de nossos sentimentos reaes.

(1) Veja-se no fim a nota IV.

II

RESOLUÇÃO FINAL

Perturbaríamos continuamente a ordem social, em vez de aperfeiçoal-a, si nossa principal solicitude se não dirigisse para o emprego das forças *quaesquer*, feita abstracção de sua origem e mesmo de sua séde... Nosso verdadeiro merito, como nossa felicidade, depende sobretudo do digno emprego voluntario das forças *quaesquer* que a ordem real, assim a artificial, como a natural, nos torna disponiveis.

(A. COMTE, *Polit.*, II, 328 e 329)

Ora, eu por muito tempo tenho hesitado em dar a minhas forças *quaesquer* o destino social, positivista, porque achava que outros verdadeiramente aptos e mais fortes é que o deviam fazer. Mas esses não appareceram, não quizeram ahi empregar suas forças... (1)

(Carta ao Chefe, em 6 de Descartes—13 de Outubro—de 107—1895).

Devo assegurar a meus amigos e correligionarios que o desligamento, agora consummado, não é uma excommunhão nem é para mim um desligamento religioso (2). Os compromissos positivistas que tenho assumido como crente, na existencia pessoal e social, mantenho-os todos inteiramente, sempre confiante na Humanidade e em seu incomparavel interprete--August-

(1) Veja-se no fim a nota V.

(2) Veja-se no fim a nota VI.

to Comte—, inspirado por seu dilecto anjo,—Clotilde de Vaux.

Não abracei a Religião da Humanidade como derivativo ou como alimento a uma vã tendencia literaria e philosophista (1). Tendo sido creado no seio do catholicismo,—por uma piedosa e terna Mãe,—ao emancipar-me de seus dogmas sobrenaturaes, busquei outros que cimentassem bastantemente as necessidades organicas de minha alma.

Não podia ser mais feliz encontrando o positivismo. Não só encontrei uma doutrina real, util, certa, precisa, organica e relativa, mas sobretudo deparou-se-me ahi exabundantemente justificada a cultura dos sentimentos, que até ao catholicismo as varias religiões tinham gradualmente visado. Vi que o catholicismo é a melhor preparação ao positivismo, de que foi collectivamente o precursor necessario; vi que o scepticismo deve ser evitado, que o bem publico e a felicidade privada consagram a união das almas convergentes, que se devem conservar catholicas enquanto não se tornam positivistas (2).

Encontrei, em summa, a religião sympathica por excellencia, onde as mais ternas aspirações do coração humano, onde a poesia, a philosophia e a politica se consagram, onde intimamente se alliam para a conquista do bello, do verdadeiro e do bom.

Um ardor prematuro, mesmo antes de meu quarto lustro, me impelliu a propagar sofregamente a fé que

(1) O cidadão M. Lemos, hoje, malsina-me de literato e grammatico mal curado, chamando literatice á mesma propaganda que fiz em quasi 7 annos de subordinação a sua chefia. Pouco se me dá de tal juizo, porque não desejo para mim a nimia benevolencia que elle usa consigo proprio, chamando «apostolado pela palavra e pelo exemplo», mesmo a seu escuro estagio de consciente e nocivo littereismo, (*Nossa iniciação no Positivismo*, pag. 14, conferida com seus escriptos de 1875 a 1879).

E quanto á minha grammatiquice, tambem lhe digo que não posso desejar para mim a complacencia com que tem tratado as mesmas cogitações orthographicas, a que nunca me consagrei. (Vejam-se o opusculo e os varios avulsos que dedicou á chamada *ortografia positiva*, que nunca adoptei).

(2) *Appel aux conservateurs*, 74-80.

me animava. Uma vaidade ingenua amplificou-me as forças e arremessou-me á luta. Sopitando desaccordos pessoases, procurei associar-me aos adeptos da mesma fé e imaginei que assim havia de prelibar os gosos são da fraternidade religiosa. As desillusões vieram. Com ellas veiu o conhecimento de minha insufficiencia e de meu desamparo, porque o chefe se mostrava por igual insufficiente.

Não desanimei, porém, e nem desanimo, contemplando nossas imperfeições, proprias e alheias. Bem má é a humildade que tira o animo; entristecer-se, acabrunhar-se com os proprios defeitos é juntar um defeito a outro defeito. E' preciso que a humildade não nos leve a desconhecer as qualidades que temos, para dellas nos utilizarmos dignamente: nisso está «nosso verdadeiro merito, nossa felicidade.» Não é humildade e pode ser cynismo, pode ser astucia dizer a todos que temos defeitos: elles vêm de seu e por si se manifestam. Bastará confessal-os opportunamente aos corações abertos, aos piedosos, aos limpos de altivez e isentos da curiosidade petulante que sempre imagina o peor (1). Que vale confessar mazellas ao maledicente que só as empeçonha com sua lingua viperina, que leva a martellar continuamente num só defeito nosso, sem contribuir para sua correção?

E depois confessar defeitos, arguir-se de insufficiencia, continuando a fazer tudo como si fosse completo, fôra astucia vã para adeantar e fugir censuras justas, fôra fazer gala do sambenito, fôra frustrar a penitencia digna.

Sou por isso lançado no rumo de modesto recolhido, que se prepara, que se adestra para a luta, num meio ainda muito preocupado com as agitações politicas, que tomaram a deanteira ao culto, ao ensino e á

(1) Muitos destes pensamentos se vem manifestados e postos em pratica na vida do glorioso S. Francisco de Salles. (Veja-se sua excellente biographia feita pelo padre HAMON, cura de S. Sulpicio).

disciplina religiosa (1). E' assim que devo mostrar o sentimento pleno de minha insufficiencia actual, embora não desconheça que me tenho esforçado sempre e que alguma cousa tenho feito. Mas como isso está longe de bastar, recolho-me a tempo, sem maior desanimo, sem rancor, continuando a sentir e a pensar na grata, na sympathica persuasão de que hoje todos os homens são «positivistas espontaneos, em diversos graus de evolução, que só têm necessidade de ser completados» (2).

Volverei ao convivio com um Passado excelso, volverei á prece e ao estudo, applicando minha actividade no desenvolvimento da vida privada e publica, mostrando, nos limites de minhas forças, que todo o homem é um cidadão que a Familia prepara e a Igreja completa. Não devo transcurar o presentimento da Igreja universal na preparação, nas lucubrações que lhe hei de consagrar, no culto de seus proceres e na fé em seu advento. Mas, no setimo lustro (3) que agora enceto, não dirigirei na Igreja nenhuma propaganda systematica.

E como em geral, segundo preceito do Mestre (*Lettres à HURTON*, 116), seus discipulos quaesquer mais deverão falar que escrever,—nesse quinquennio, a par de minhas conferencias didacticas, raras serão as manifestações escriptas que me revigorem o ardor e transmitam a fé. Hei de vencer esse prazo poupando as forças insufficientes, a fim de fortalecel-as e augmental-as.

E' necessario ser um tempo mudo—

..... que aproveita

Sem armas, com fervor commetter tudo (4)?

(1) Mesmo no estado normal, A. Comte consagra para os cavalleiros positivistas «retiros periodicos em edificios especiaes, para retemperarem sua vocação ao pé do sacerdocio.» (*Polit.*, IV, 336).

(2) *Polit.*, IV, 377.

(3) Quantos têm estado em minha intimidade, e o proprio Chefe, testemunharão que foi sempre idéa minha só decidir de minha carreira apostolica quando completasse 35 annos.

(4) ANTONIO FERREIRA, *Carta a Diogo Bernardes*.

Si depois desse preparo tiver grangeado o fundo moral, o fundo intellectual e mesmo physico necessario ao serviço social, estarei prompto aos appellos da Humanidade, de quem espero manter-me sempre digno filho e servidor humilde. O homem se agita e a Humanidade o conduz.

Não fujo á arena; fico livre de laços que julguei me seriam amparo a minha fraqueza e vou preparar-me para fazer um serviço menos imperfeito.

Quanto ao desencargo, ao vital desafogo de que me vou gosar,—não os procurei por minhas mãos, nunca os procuraria, mesmo soffrendo um trabalho exhaustivo, a cumprir *todas* as ordens de um voluntarioso chefe, a satisfazer *todos* os appellos feitos a minhas posses quaesquer. Só o escrupulo de não querer buscar um inglorio descanso, é que me tolheu longo tempo numa tensão incomportavel. Pensei que, tratando-se de prestar serviços á Humanidade e não a pessoas insufficientes, era necessario contemporizar, era mister não solicitar minha desligação por dissidios pessoaes com um chefe provisório e incompleto. Aspirando ao triumpho da mesma doutrina e acceitando os ensinamentos do mesmo altanado Mestre, pareceu-me algum tempo que o proprio chefe prescindiria de uma concordancia de opiniões, em que mais se empenhava seu desnatural orgulho ou minha sofrega vaidade. Pareceu-me emfim que era nos aperfeiçoando debaixo do mesmo labaro, que deviamos mostrar a sinceridade de nossas protestações e a grandeza de nossa fé (1).

(1) O Mestre, mesmo em relação a nossos adversarios, dizia: «Superando, pela veneração, toda divergencia secundaria, os verdadeiros positivistas, que põem o coração acima do espirito, saberão activamente desenvolver as convergencias fundamentaes», (*Circulares*, pag. 60). Falando sobre a sentença de Santo Agostinho—*In necessariis unitas; in dubiis libertas; in omnibus charitas*,—diz o Mestre que este «admiravel axioma da Igreja Catholica» é um programma que só o positivismo realiza, obtendo «a unidade necessaria, a liberdade permittida, e a caridade continua.» (*Philosophie*, IV, 52 e *Lettres à HUTTON*, pag. 75).

O exemplo dos grandes, que não é feito para entibiar os pequenos,—ahi estava para nos guiar. Um incomparavel Hildebrando (cuja sós firmeza e virulencia compraz-se o chefe em imitar) convivia na Igreja com um S. Pedro Damião, que o apodara cruelmente. E assim outros Papas com um S. Bernardo, um S. Thomaz de Aquino, um Bossuet. Mas para um tal convivio era preciso disposições reciprocas, era preciso muita superioridade da parte do chefe. Si este a teve, que o demonstrem os factos e a sequencia de nossa vida.

Livre de pesadissimos encargos, tratarei de resarcir o tempo perdido. Sobretudo os meus, os de minha familia deverão ser compensados com os esforços espirituales e materiaes que improficuamente desviei para um gremio, que suppunha um elemento da Igreja universal. Seu chefe, que approvou, que solicitou e aproveitou meus serviços, minhas contribuições quaesquer, é o primeiro hoje que me chama ingrato e se associa aos que me diffamam.

Continuarei a offerecer a pouquidão de meus prestimos a todos os amigos de nossa causa e a meus sinceros affeiçãoos, esperando me perdoarão algum natural desabafo a que me levou a rudeza dos golpes que me foram vibrados.

Solemnemente declaro que a ninguem desejo responder. Para triste exemplificação, basta o que está feito. Quero fugir a novas recriminações, á critica de gallinaceo que tudo esgaravata, que põe tacha em tudo e nada corrige. Essa critiquice até hoje só nos ensinou a perder a veneração pelos proceres da vespera, e não consta que tenhamos com isso progredido, melhorando-nos a nós mesmos. Não é martellando os viciosos que havemos de patentear nossas virtudes.

Comtudo não deixarei indefezado meu bom nome, mesmo em satisfação aos que me honram com sua benevola confiança. Não pode ser ás mãos lavadas destruida uma reputação modesta, mas limpa, que desde a infancia um cus-

toso, um continuo trabalho gradualmente levantou. Quando os bem quinhoados só empregavam o tempo nos brincos infantis e nos folguedos collegiaes, já ao autor destas linhas pesavam os encargos das labutações da vida. Quando os mais, nos grandes centros, com os mestres afamados melhor podiam haurir o saber da Humanidade, só lhe coube a modesta instrucção de quem precisou sempre entregar-se aos misteres mais humildes para sustentar os seus. E quando uma Doutrina incomparavel lhe poude guiar os passos em vereda recta, sua vaidade o illudiu com um chefe insufficiente, que o accusa de quanto não fez sob sua direcção, e até esquece o que fez por pedido ou ordem sua.

Apezar de ter o testemunho irrefragavel dos que conhecem minha vida, eu não podia silenciar, não podia soffrer o malho destruidor como si fôra inconcussa bigorna. Seria pretensão desmarcada suppor que sou invulneravel e que todos disso devem estar convictos, sem nenhuma defeza minha. Estou, pois, resolvido a me defender em todo o terreno digno. Amo a paz muito e muito, mas não temo a guerra de nenhuma especie (1).

Si o chefe, sem dar ninguem por si, entender que me deve replicar, tornando explicitas suas vagas e secretas accusações,—peço que de todo em todo seja completo, seja claro, seja preciso e consistente em seus di-

(1) O Mestre, numa occasião bem dolorosa, disse: «Muito amo a paz, porém, sem temer a guerra de nenhuma especie.» (*Testamento*, 40).

Ao querido medianeiro que informou o chefe de minhas disposições pacificas, em beneficio da Doutrina, respondeu-lhe elle que «acceitar essa especie de treguas, seria, a seu ver, pactuar com a hypocrisia». Donde se infere que o orgulho, associado á destruidora maledicencia, bem como os demais instinctos nossos, devem ser manifestados para não passarmos por hypocritas. Comprimir suas divergencias, seus maus instinctos a bem da paz social,—é hypocrisia. E por isso lavrou o chefe seus rescriptos epistolares, acaçapando-me com expressões ferinas, provocando minha justa reacção.

Na mesma carta diz o chefe que não haverá guerra por falta de segundo contendor, pois elle «tem mais que fazer do que occupar-se em me combater». A sinceridade desse orgulhoso dizer avalia-se notando que as cartas hostis surgiram justamente quando eu, silencioso e retirado, mantinha uma attitude pacifica. Então o chefe me suppunha algum malhadeiro inerte, sem dignidade?

zeres. Só assim, por uma vez ultima, esclarecerei tudo ou farei de tudo um humildoso *mea culpa*, que ao menos me livre de perder mais tempo com ímpios e maliciosos, ou com mestres hypercriticos.

Entendo, porém, que o melhor caminho não é esse. Vãos debates sobre pessoas, sobre alheias faltas, não têm até hoje provado os acertos e a sufficiencia do chefe. Habitando os mais a despreçar os que eram bons na vespera, não é que levantamos a natureza humana. E' assim que promovemos nossa propria ruina, porque os pendores que suscitamos são os mesmos que virão depois empregar-se em nós. E' assim que as revoltas do chefe têm gerado essa falta de prestigio que notou em si. O prestigio seu teria aproveitado mais si em nossas relações mutuas houvesse praticado a dedicação e a veneração, que a moral positiva igualmente prescreve a todos os servidores da Humanidade (*Polit.*, IV, 342). Só o orgulho vão é que leva a presuppôr a veneração nos outros, qualquer que seja nossa conducta de chefe *ab-ovo*. Antes de exigir a veneração dos outros, nós, de nosso lado, a devemos estimular com nossa dedicação, com o exemplo completo de nossa propria veneração. Assim é que merecemos as honras de superior. Assim é que realmente vivemos para outrem e vivemos ás claras (1).

(1) E' de todo condemnavel pretender que se *vive ás claras*, ostentando os vicios propios, notando os vicios dos mais e maldizendo a conducta alheia. *Viver ás claras* deve ser um complemento pratico, deve ser a garantia do *viver para outrem*.

Fazer tudo sem refolhos, fazer quanto é confessavel, sem maldizer dos outros, sem contar tudo o que se faz—é *viver ás claras*. Nós não devemos dar conta habitual de nossos actos a todos indistintamente,—nós não devemos *viver ás escancaras*. O *viver ás claras* subordina-se ao *viver para outrem*. (*Polit.*, IV, 312; *Catéch.*, 298).

Viver ás claras é viver para outrem, é fazer o bem.

*Ne fais rien qui ne puisse éclater au grand jour,
Rien qui blesse en secret ton respect pour toi-même.*

(Vers dorés de PYTHAGORE)

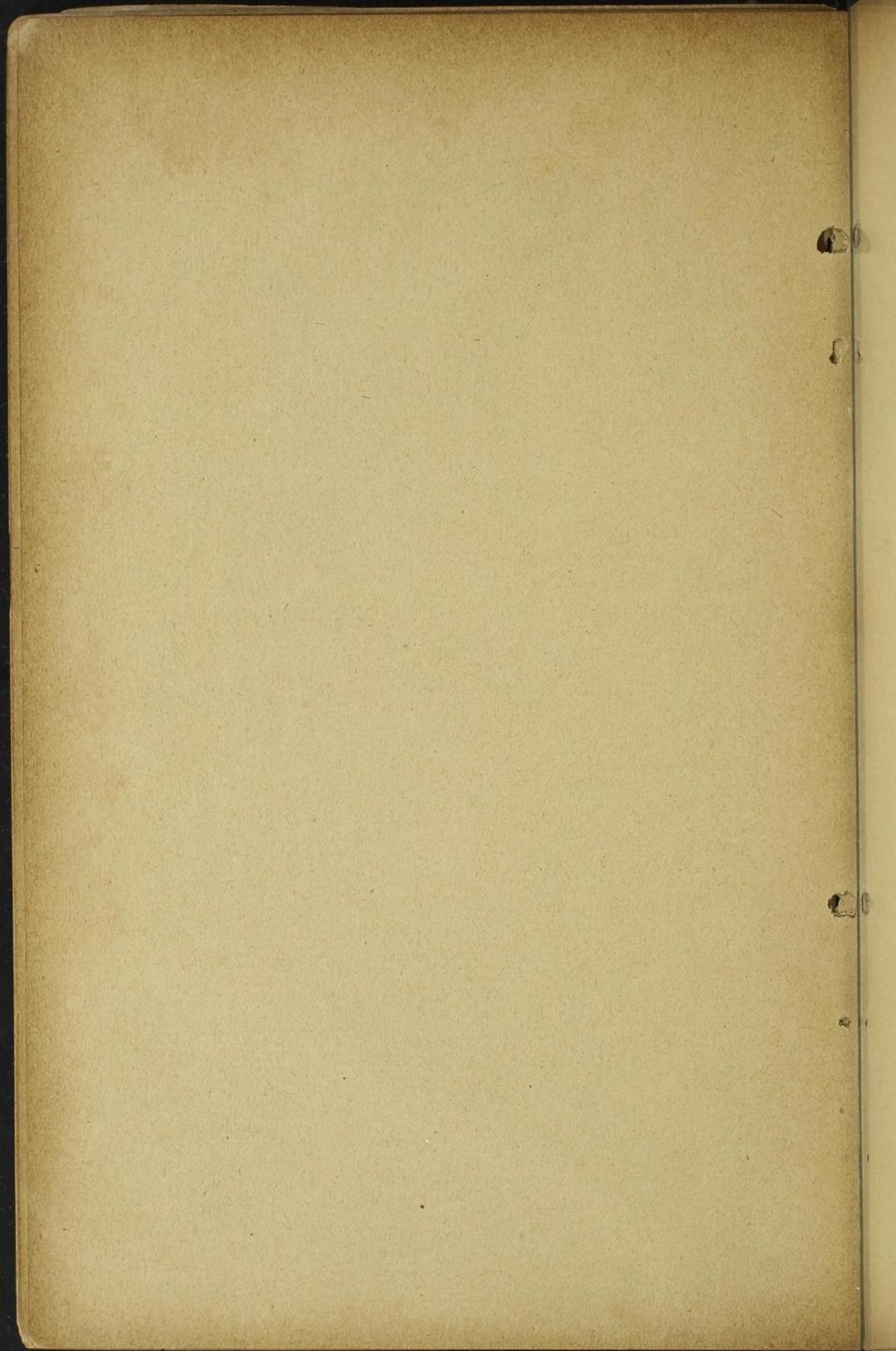
O que á inteira luz brilhar não poderia,
O que teu pundonor não soffre sem tisar-se,—
Jamais pratiques tu, fugindo á luz do dia.

(*Aureos carmes* ou *Versos de ouro*, attribuidos a PYTHAGORAS).

Não são, pois, as lutas pessoais o melhor caminho para galgar uma verdadeira supremacia.

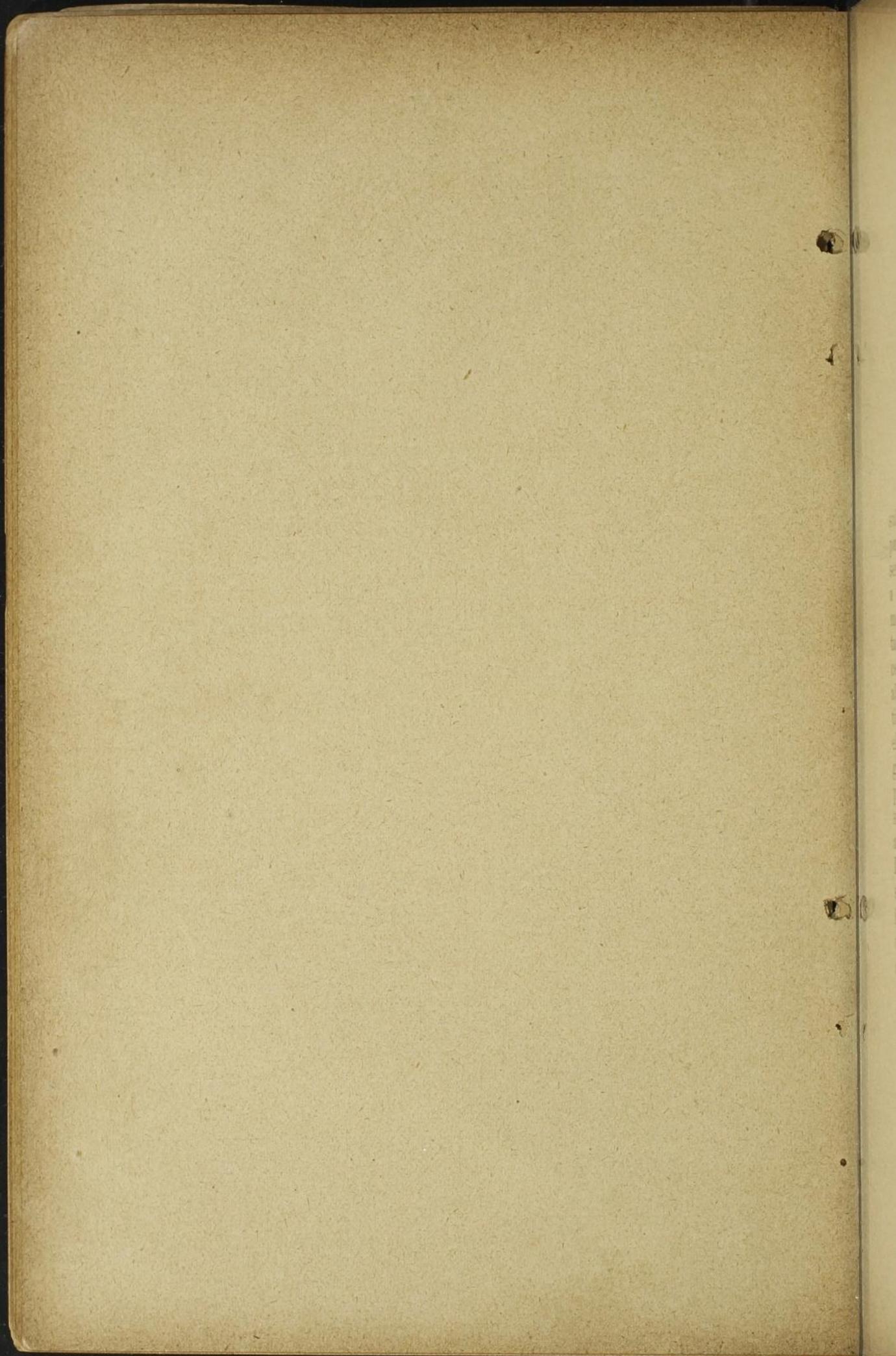
O melhor caminho a seguir é confiar no juízo da Humanidade, aceitando o conselho do Mestre que manda «*converter esses debates sem resultado em uma generosa emulação para ver quem realmente apresenta mais puros sentimentos e melhor conducta.*»

Tal é o desafio positivista com que termino esta exposição. Os novos ataques do chefe é que me farão arredar de meu silêncio. Praza á Humanidade que tal não aconteça!



II

DISSOLUÇÃO DO CENTRO POSITIVISTA



I

DISSOLUÇÃO DO CENTRO

A relutancia do chefe em dizer si tinha ou não substituto para me dar, agora ou mais tarde, foi motivo para suspender algum tempo esta solução final. Estive sempre resolvido a entregar o Centro, que aqui formei, a um continuador que bem aproveitasse os esforços meus. A divergencia e incompatibilidade que me afastavam da propaganda, referindo-se pessoalmente ao chefe central, e minhas crenças positivistas em nada se tendo abalado, era dever meu contribuir para que se não extinguisse um foco de nossa fé, por mais imperfeito que elle fosse. Uma vez que em todo o Occidente não surgiu ainda um completo sacerdocio positivista, nossa propaganda está sujeita á espontaneidade dos adeptos sinceros, quaesquer que sejam os inconvenientes que apresenta a insufficiencia espiritual de taes orgams. Desde que sinceramente nos apegamos a um credo sympathico, o digno, o conciliante proselytismo, em nós ha de forçosamente produzir-se, ha de impulsar-nos a um congraçamento fraternal, que seja nosso apoio, nosso allivio e a sementeira feliz de nossos esforços.

Só na ausencia completa de um continuador, eu intentava dissolver o Centro. Um resto de illusão me fez pensar que houvesse da parte do chefe um melhor conhecimento de sua incompetencia, para ver que não

pode concentrar em suas mãos os destinos da verdadeira propaganda positivista. Enganei-me, como se viu.

Uma hostilidade maligna julgou poder embaraçar meus bons propositos, desfigurando-os inteiramente. Reunindo uns poucos, fez crer ao chefe que todos haviam fornecido objectos para a sala commum, e que todos agora, afastando-se de mim, reclamavam o que me tinham dado. O chefe, que só deixára de intervir por habiliçade, para não embaraçar adhesões a seu procedimento, julgou-me de todo em todo repellido pelo «conjunto de seus confrades e amigos.» Deliberou então que lhes cabia o direito de reclamar tudo.

Sabendo eu dessa deliberação, pedi a meu amigo e correligionario, J. de Azevedo, que me trouxesse «o conjunto» dessas reclamações. Nenhuma só recebi até ao presente. O celebrado «conjunto» não existe, portanto: foi apenas uma arma pequenina de combate pessoal, de hostilidade rancorosa.

Fica, pois, assentado que só razões sociaes me fizeram desde logo retirar da liça, antes mesmo de conhecer a campanha infamatoria que contra mim têm promovido o chefe e seu delegado. A verdade inteira é que não fui abandonado: o truculento aspecto do chefe teve mesmo que se abrandar para ouvir muitas «lamentações» sobre os males que está fazendo a nossa propaganda, para *tolerar* dos melhores confrades um favoravel testemunho a meu respeito. Só o orgulho e a vaidade, que em tudo se revê, podia entonadamente desprezar isso tudo, achando que a firmeza é a principal qualidade do chefe, que este deve ser como rei, *cuja palavra não torna atrax*, ou como Deus, cuja omni-sciençia preelege as verdades que tem de aceitar nos testemunhos quaesquer.

Assim, queira ou não queira o chefe, o Centro paulista foi dissolvido porque entendi que não devia systematizar uma revolta analoga á que elle tem desenvolvido no Brazil. Convicto, mesmo por essa experien-

cia, dos grandes males que taes scisões produzem ; convicto de minha insufficiencia apostolica, dissolvi o Centro sem receber nenhuma reclamação dos amigos que me auxiliaram em sua installação.

A nenhum de meus amigos aconselhei que abandonasse o chefe. Deixei a todos plena, desembaraçada liberdade para decidirem a respeito, mesmo porque, retirando-me da propaganda systematica, não necessitava de afastar adhesões do chefe ou de as conquistar para mim.

A carta seguinte mostra claramente a maneira por que o Centro foi dissolvido e o destino que tiveram seus moveis quaesquer :

«S. Paulo, 7 de Archimedes de 110 (1 de Abril de 1898). Caro amigo e correligionario J. de Azevedo. —Por um trecho de carta que me mostraste, vi que o cidadão Miguel Lemos finalmente se manifestou sobre a dissolução de nosso Centro. Opina elle que, tendo eu sido abandonado (?) pelo «conjunto dos confrades e sympathicos paulistas», devo fazer entrega de tudo á «pessoa que elles incumbiram de reclamar os objectos e mesmo a sala.»

Nunca recebi nenhuma reclamação explicita a esse respeito. O cid. Godofredo, que vagamente me falou em reclamantes, nunca me apresentou uma reclamação formal, com as assignaturas dos confrades e sympathicos que a poudessem fazer. Isto apezar de lh'a ter eu pedido insistentemente.

A' vista de tal trecho de carta, pedi-te que apurasses o numero dos reclamantes e suas reclamações. Estava disposto, como declarei, a lhes entregar o destino do Centro, si realmente constituissem o «conjunto de nossos confrades e sympathicos.» Si apenas houvesse alguns reclamantes, acceitaria da parte delles uma proposta para ficarem com tudo, desfalcando da totalidade a pagar as quotas com que tivessem contribuido para a installação do Centro.

Afinal, como me declaraste, tendo chegado á conclusão de que ninguem faz reclamações, de que não existe o precitado «conjunto» de reclamantes, resolvo dissolver o Centro da seguinte fórma:

1.º) A ti e a meu caro amigo, a meu bom correlligionario Sebastião Hummel, constitúo depositarios da tribuna, columna, busto, quadros e mais objectos sagrados (bandeiras, jarras, livros, etc.), que não desejo vão ter a mãos profanas ou scepticas. Taes objectos podem ser entregues á pessoa que aqui se propozer fazer uma propaganda como a que iniciei e dirigi. No caso de não apparecer logo esse propagandista, de commum accordo dareis aos objectos o destino social que melhor parecer.

2.º) Os moveis, os trastes communs (cadeiras, armario, etc.) serão vendidos e seu producto será enviado á *Execução testamentaria* de A. Comte, para empregal-o na publicação da correspondencia geral de nosso Mestre.

Assim termina uma questão, propositalmente embaraçada por informações falsidicas. Não foram as primeiras e nem serão as ultimas, mas serão sempre o que ellas valem.

Agradeço teus bons officios, tua intervenção fraternal e crê-me, com a leal, a aberta franqueza de sempre, teu cordeal

amigo e servo no Amor e serviço de
nossa Deusa,

José Feliciano.

P. S.—Com esta te envio tambem o seguinte:

1.º) Conta de photographias e o remanescente que tinha em meu poder;

2.º) Conta do Garraux e um saldo de 71\$300.

3.º) Autorização para retirar da casa Garraux os livros e folhetos que eu lá consignára.

Fica assim de todo em todo liquidada a entrega de quanto pertence ao gremio do Rio. Não peço e não preciso quitação, estando, porém, prompto a responder

por todas as reclamações que apparecerem. E a este respeito preciso advertir que o preço das publicações vendidas está em todas desfalcado de 20 0/0, de comissão para os livreiros. Eu antes costumava repor essa commissão ou attenual-a com donativos mensaes.»

.....
Ahi está como é que eu «me neguei a entregar os objectos do Apostolado.» Eu, que gastei de minhas economias muitos contos de réis com o gremio fluminense, ia assenhorear-me de um punhado de publicações e retratos! Que mais não inventará o impotente rancor, o rancor dos imbecis?!

Adeante, para maior clareza de tudo, vai a lista de todos os contribuintes daqui.

II

RESUMO FINANCEIRO

(de Novembro de 1895 a Março de 1898)

Por minha proposta, a resenha de nosso movimento e o resumo financeiro de 1896 deviam ser annexados ao relatório do chefe central. Mas até agora não tendo sahido o relatório de 1896, darei o resumo financeiro completo de 1895 até hoje.

Nosso Centro foi inaugurado em sala especial a 10 de Maio de 1896, e o aluguel da sala correu de 1.^o de Março de 1896 a 31 de Março de 1898. As contribuições de alguns amigos começaram em Novembro de 1895, porém, as quotas recebidas de então até Março de 1896, considerei como donativos para a installação, em que effectivamente foram empregadas.

Mais tarde, quando publicar os artigos episodicos de nossa propaganda, hei de fazer uma resenha historica de nosso movimento.

RECEITA

Quadro dos contribuintes e totalidades de suas quotas

A. contribuintes installadores		Totaes	Donativos	Mensalidades
1	José Feliciano	470\$000	240\$000	230\$000
2	Gabriel Antunes	305\$000	80\$000	225\$000
3	Jeronymo Azevedo.	190\$000	80\$000	110\$000
4	Alcibiades Moreira.	185\$000	75\$000	110\$000
5	A. H. de Medeiros	160\$000	70\$000	90\$000
6	Godofredo Furtado.	160\$000	45\$000	115\$000
7	Alberto Souza	153\$000	83\$000	70\$000
8	Sebastião Hummel.	150\$000	30\$000	120\$000
9	João Camargo	125\$000	30\$000	95\$000
10	Oscar Corrêa.	120\$000	50\$000	70\$000
11	F. M. Germano.	119\$500	34\$500	85\$000
12	Silvio de Almeida	85\$000	20\$000	65\$000
13	Julio Souza	80\$000	35\$000	45\$000
14	Francisco Vianna	50\$000	10\$000	40\$000
15	Felicio de Oliveira.	50\$000	5\$000	45\$000
16	Floribello Leivas	50\$000	50\$000	
17	Ernesto Dias de Castro	40\$000	20\$000	20\$000
18	Basilio Magalhães	20\$000	20\$000	
19	Eugenio Gastaldetti	15\$000	15\$000	
20	Franklin Vianna	10\$000	10\$000	
21	Augusto Baillot.	10\$000	10\$000	
22	Vicente de Carvalho (1)	5\$000	5\$000	
B. outros contribuintes				
1	J. A. Paula Costa.	120\$000		120\$000
2	José Portugal Freixo	50\$000		50\$000
3	João Portugal Freixo.	46\$000		46\$000
4	Fernando Bonilha Junior.	45\$000		45\$000
5	Joaquim da Cunha Barros	30\$000		30\$000
6	Domin. ^s Tupinambá Godinho	4\$000		4\$000
		2:847\$500;	1:017\$500;	1:830\$000

(1) Esta verba é de um concurso mensal anterior a Março de 1896. Este nosso distinto correligionario e outros, ou por ausencia não souberam do concurso para a installação, ou por vicissitudes de mudanças e mais complicações se viram impossibilitados de contribuir para a manutenção de nosso Centro. Aliás, a este respeito, *nunca fiz nenhum appello especial*. Para este anno havia offerecimentos espontaneos de novos contribuintes, já frequentadores do Centro.

DESPEZA

Quadro das verbas despendidas

A. Na installação da sala

1.	5 1/2 duzias de cadeiras	662\$000
2.	Tapete, lampeão e moveis diversos (vid. as contas)	328\$000
		<hr/>
		990\$000

B. Na manutenção da sala

1.	Armario, alfaias e objectos diversos	170\$500
2.	Despezas em dias de festa	72\$400
3.	Despezas typographicas (1 artigo e 1 avulso)	64\$000
4.	Carreto, correio e telegrammas	33\$000
5.	1 ex. do <i>Testamento</i> e photographias	27\$000
		<hr/>
		366\$900

C. No aluguel da sala

25 mezes a 60\$000	1:500\$000
------------------------------	------------

RESUMO**RECEITA**

1.	Donativos e mensalidades	2:847\$500
2.	Publicações vendidas	53\$200
3.	Moveis e alfaias vendidas	577\$000
		<hr/>
	Total	3:477\$700

DESPEZA

1.	Despezas de installação	990\$000
2.	Despezas de manutenção	366\$900
3.	25 mezes de aluguel da sala	1:500\$000
		<hr/>
		2:856\$900
	Saldo	620\$800
		<hr/>
	Total	3:477\$700

OBSERVAÇÕES

1.^a) Não faço menção dos objectos doados, porque estão todos em deposito, como atraz se declarou. Apenas uma pequena mesa foi agora comprada pelo proprio doador, que a guarda como lembrança de nossa propaganda.

2.^a) Do saldo mencionado falta apenas deduzir as despezas com a impressão da primeira e segunda parte deste folheto. Feita essa deducção, o resto será enviado á *Execução testamentaria* de Augusto Comte.

3.^a) Da publicação *A Lucia*, feita por subscrição entre nossos amigos, falta prestar conta de 200 exs., enviados ao gremio do Rio (1). Além de taes exemplares, restam em meu poder mais 550, cuja venda fica a meu cargo. Pretendo publicar mais tarde algumas traducções e opusculos de propaganda: todo o rendimento que de taes publicações provenha, ha de ser exclusivamente empregado no custeio das mesmas. Opportunamente irei prestando conta ao publico da applicação de tal rendimento.

(1) Até hoje (2 de S. Paulo, 22 de Maio) não recebi a prestação de contas de taes exemplares. Para os que tão *zelosos e malignos* se mostraram em minha prestação de contas, é imperdoavel tal negligencia e merece registrada.

CONCLUSÃO

Para concluir sympathicamente esta parte financeira, devo participar a meus amigos que um caso, em extremo lamentavel, me obriga a ficar ainda encarregado de uma affectuosa gerencia.

Quando eu já tinha dado por dissolvido o Centro de S. Paulo, recebi uma carta de nosso venerando confrade, D. José Segundo Florez, ancião de 85 a 86 annos, que reside em Pariz e foi um discipulo querido de nosso Mestre. Nessa penosa missiva, o venerando ancião nos dá conta de sua extrema pobreza, de sua precaria saude e pede uma pensão minima de 100 francos mensaes.

Resolvi remetter-lhe logo essa quantia e promover entre meus amigos um subsidio mensal de 100 francos no minimo para auxiliar nosso confrade.

Até agora não tendo podido endereçar a todos uma circular neste sentido, aproveito a oportunidade para lhes dar esta noticia. Não é mister um fundamentado appello aos sentimentos altruistas, não é necessario encarecer o fim deste concurso para deliberar meus amigos a socorrer o veterano respeitavel que, no fim de sua longa existencia, lhes estende as mãos tremulas e lhes supplica um obolo para um viver escasso. Lembrolhes todavia os seguintes factos:

1.º) A. Comte, em seu *Testamento* (pag. 32), faz-lhe um pequeno legado como «lembrança especial da profunda estima que lhe inspiram seu coração, seu espirito e seu character.» E ainda accrescenta: «Lamento

não poder melhor testemunhar minha gratidão ao eminente discípulo,—o unico que plenamente caracterizou o conjunto de minha natureza, qualificando-me de *simpatico filosofo*.»

2.º) A' pag. 21, A. Comte declara que, si o subsidio positivista comportasse, elle instituiria vitaliciamente uma annuidade apostolica ao Sr. Florez.

3.º) A' pag. 20, escolhe D. José Florez para membro do *Comité positivo*, destinado a secundar a instalação geral do Positivismo: ao Sr. Florez cabia essa propaganda na Hespanha e seus annexos. D. José, por muitos annos (de Janeiro de 1852 ou 1854 ao fim de 1872), exerceu essa missão apostolica num periodico bimensal, intitulado—*El Eco Hispano-Americano*, que elle dirigia sob a divisa *Orden y Progreso*: em nossas plagas foi elle o primeiro que arvorou o lemma sagrado de nossa bandeira. Este periodico «era muito espalhado em toda a America hespanhola», segundo o testemunho de Augusto Comte (*Lettres à CONGREVE*, 35), que muito apreciava seus artigos, «pois, ha longo tempo, conhecia o zelo e o alcance deste modesto discípulo.» (*Lettres à HUTTON*, 65) (1).

(1) Sei que o cidadão Miguel Lemos já atacou este venerando discípulo de A. Comte e considerou como "legenda digna de lastima o protopostolado do Sr. Florez." "E isto porque o Chefe, 1.º) «tendo feito seus primeiros estudos de philosophia (?) em Montevideu, onde foi criado, *nem uma só vez ouviu alli falar de Augusto Comte ou do positivismo*; 2.º) porque "nunca lhe foi possivel ver aqui um só numero do periodico que o Sr. Florez publicava em Paris", antes mesmo do Sr. Lemos nascer. "Estas razões são realmente dignas de lastima. (V. relatorio de 1895, ed. braz. pag. 8-9). Não ha hesitar entre tão vivo assomo de personalidade e o testemunho de Augusto Comte, que declara: «Ce journal bi-mensuel» (*Eco Hispano Americano*), TRÉS REPANDU DANS TOUTE L'AMÉRIQUE ESPAGNOLE, est dirigé, sous la devise *Orden y Progreso*, par l'un de mes meilleurs disciples, M. Florez, espagnol résidant á Paris.» (*Lettres à CONGREVE*, pag. 35).

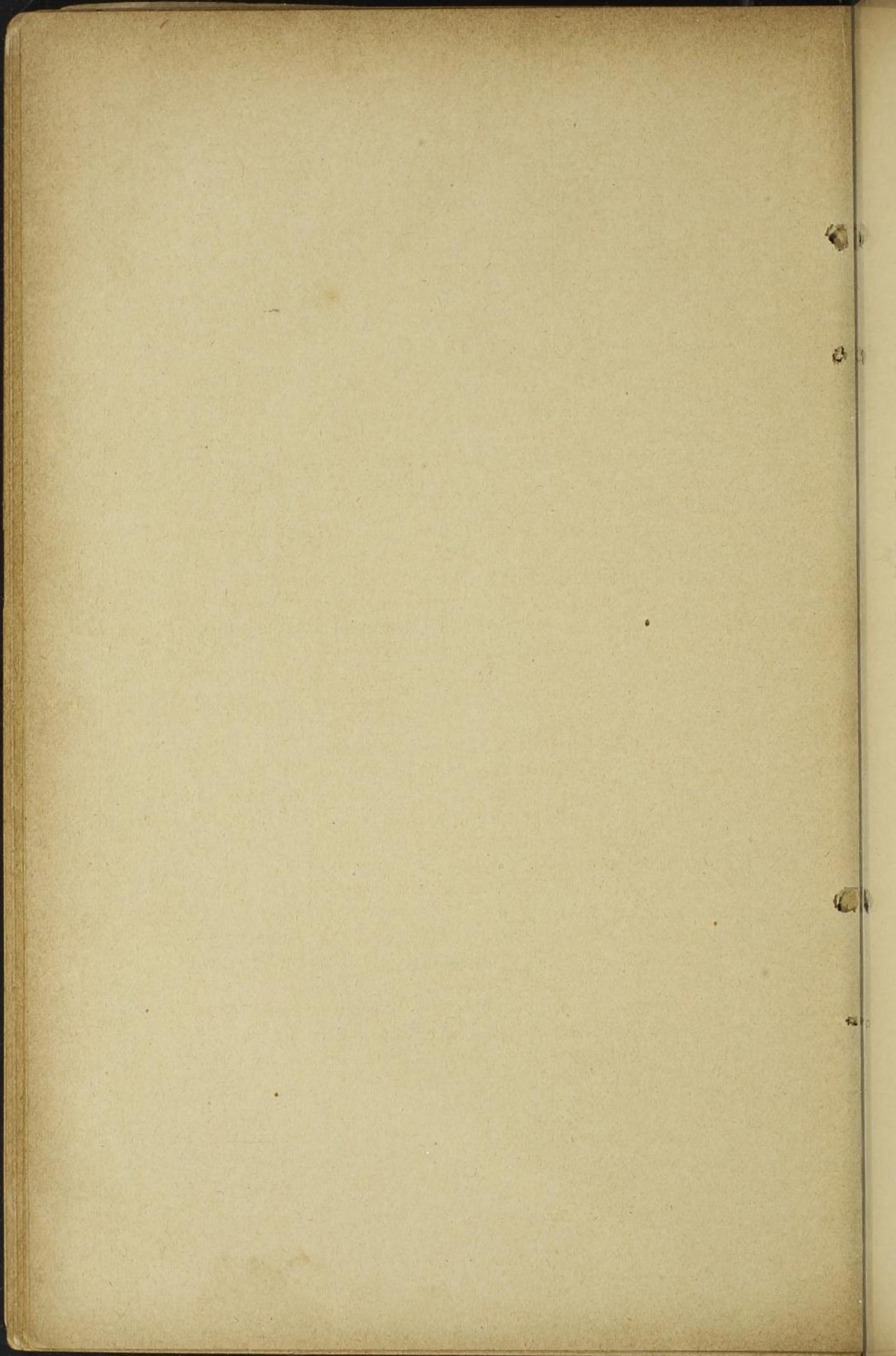
O Sr. Lemos, no mesmo relatorio (pag. 7, nota), não esconde que sua má vontade contra o Sr. Florez provém de ter este assignado uma acta lafittista, em que os ataques do chefe brasileiro são repellidos em termos acres. E entretanto quem assim tão sensivel se mostrou a uma *reacção* acriminiosa, costuma *atacar* em termos que se podem ver nas notas deste folheto (Vid. nota VII especialmente). E' assim que aconselha aos outros «verdade e caridade», reservando para si uma conducta sem amor e mesmo sem verdade.

Assim os positivistas americanos temos o dever especial de contribuir para a existencia de um venerando Apostolo, que Augusto Comte tanto distinguia, que estava destinado a dirigir a installação do Positivismo em nossa raça e que de facto apostolou inicialmente na America do Sul.

Conto, pois, com o concurso de meus amigos para um fim tão sympathico. Darei assim a algum resto de meus lazeres um destino affectuoso, e nós todos prelu-diaremos a commovente união religiosa que atravez dos mares soccorre irmãos, que não os deixa perecer á mingua.

III

NOTAS · E ESCLARECIMENTOS PESSOAES



I

(Pags. 11 e 12)

Além dos trechos citados, convem muito que tenhamos sempre em vista os seguintes no julgamento das cousas e das pessoas :

—«Só o conhecimento real da economia natural pode conter nosso arrastamento espontaneo para as opiniões que mais favorecem nossos instintos dominantes.

—Toda tendencia antipathica que não é assaz motivada torna-se tão contraria ao desenvolvimento do espirito como á satisfação do coração.

—O desespero, a diffamação e a suspeita... impulsam a complicar nossas hypotheses, de modo a nos afastar da verdade.

—...todo espirito criterioso extenderá até á ordem individual nossa predilecção espontanea pelas hypotheses mais favoraveis, como sendo necessariamente mais simples que as que inspiram o temor e a desconfiança.

—...toda suspeita que não é assaz motivada constitue, para com taes problemas (julgamentos sobre as pessoas), uma complicação logica tão viciosa como a do geometra que sobrecarrega a curva além do que indica actualmente a equação. Num e noutro caso, a confirmação ulterior seria igualmente fortuita e não dissiparia a irracionalidade desse desvio.

—Quer a complicação superflua de nossas hypotheses provenha do coração, quer provenha do espirito, ella tende sempre a nos arrastar para aberrações inde-

finidas, determinando um excesso de subjectividade que não comporta nenhum freio directo.» (*Politica Positiva*, III, 95 e 96).

«Não é sem razão que muitas vezes se consideram as suspeitas más como indícios muito mais decisivos contra quem as forma que em relação a quem as sofre.» (*Testam.* 535).

Devo declarar, em desafogo de minha consciencia, que, do fim de 1894 para cá, foi preciso muitas vezes toda a força systematica de nossa Doutrina para fazer previsões sympathicas, quando contemplava procedimentos espirituaes de todo contrarios ao bom sentir e á boa razão. Não me arrependo de minha tolerancia, de meu soffrimento, porque vejo no Mestre o altanado exemplo que isso mesmo e até mais me aconselhava. São delle estas palavras: «Muitas vezes me tenho felicitado por haver quasi sempre seguido esta regra (das hypotheses sympathicas) em meus julgamentos sobre as pessoas, mesmo quando a experiencia finalmente contradisse minhas primeiras supposições.» (*Polit.*, III, 96).

II

«Foi rejeitado o testemunho de uma pessoa sympathica...» pag. 14

A Doutrina que systematiza na logica a preponderancia fundamental do amor, que lhe attribue a efficacia dos esforços mentaes, que proclama como definitivo que o homem deve pensar sob a inspiração espontanea da mulher,—essa Doutrina sublimada reprova nos termos seguintes uma recusa tão mal fundada: «Deve-se olhar como honrosissima para nossa especie a grande estima que se inspiram mutuamente seus membros, quando se estudam muito. Com effeito, só o ódio, só a indifferença mereceriam a increpação de cegueira que uma

apreciação superficial applica ao amor.» (CATÉCH. éd. apostolique, 288) (1).

—«Melhor é inda amar que ser amado. *Não ha nada real* no mundo além de *amar.*» Augusto Comte repetia taes maximas em suas preces quotidianas (*Testamento*, pag. 81) e em sua *Politica* (tomo IV, 49), referindo-se a esta ultima, escreve este aureo trecho que transcrevo integralmente para consolo das almas ternas:

«Esta apreciação (do sentimento na unidade positiva) deixa a desejar um exame directo do principal attributo da unidade final,—a coincidencia necessaria entre o dever e a felicidade, que consistem igualmente em *viver para outrem.* Não obstante a intima consagração que o instinto sympathico espontaneamente accorda a todos os dignos esforços, theoreticos e praticos, elle só os institue como meios proprios a vencer as difficuldades da situação humana. A melhor satisfação que possam proporcionar, resulta de sua necessaria destinação ao serviço continuo do Grão-Ser. Independentemente de taes necessidades, o sentimento tanto pode constituir a verdadeira felicidade como a harmonia normal. Uma penna feminina (2) caracterizou dignamente tal privilegio por esta admiravel sentença, principal titulo de sua immortalidade: *Não ha nada real no mundo além de amar.*

Si bem que esta maxima da *Delphina* pareça a principio exaggerada, a religião positiva deve consagral-a, para melhor fazer sentir que a principal efficacia do sentimento reside nelle só. Ao passo que a especulação, e mesmo a acção, só contribuem para nossa felicidade em virtude de seus resultados, que muitas vezes abortam, por dependerem do exterior,—a affeição nos proporciona sempre uma satisfação directa e certa, que só depende do interior. Assim, a verdadeira felicidade não

(1) Não é assim que pensa o cid. Miguel Lemos. Na carta a meu amigo diz elle textualmente: «Permitti-me que vos diga que a *amixado continúa* a OFUSCAR o vosso esclarecido espirito».

(2) M.^{me} DE STAËL, *Delphine*, 3.^{eme} partie, lettre XXVIII.

pode consistir nos pensamentos, nem nos actos, mas unicamente nas sympathias, cuja melhor recompensa resulta de sua propria existencia (1).

Quando um digno exercicio nos fez apreciar este soberano bem, os maiores successos, theoreticos ou praticos, tornam-se incapazes de nos dar igual satisfação. Então reconhecemos que o principal merito de nossas opiniões e de nossos esforços consiste em reagir sobre nossos sentimentos, unicas fontes directas da felicidade e do dever, tanto privados como publicos».

—Arguir de suspeito um testemunho de amigo, é, pois, consagrar as praticas revolucionarias. Suspeição por amizade, não se entende. Si ella tambem por inimizade forçosamente deve existir, cria-se deste modo um impossivel estado de indiferença como proprio para um testemunho são. Tal imparcialidade suppositicia, e *impossivel*, seria assentar que se pode bem julgar um facto ou uma pessoa que não nos interessa, que nos é indifferente. Tal pretexto é a consagração da suspeita, da desconfiança e do temor, porque *não é possivel haver imparcialidade*. Para julgar é preciso boa vontade, benevolencia, porque nenhuma apreciação da resultado sem sympathia, sem fraternidade.

Foi o conhecimento continuado destas praticas que me levaram á energica manifestação que motivou meu desligamento. E si ella produziu tal resultado foi *exactamente porque, da parte do chefe, não mais existia a fraternidade, que «constitue a primeira condição de toda verdadeira subordinação, visto como seres antagonistas não podem compor nenhuma hierarchia.»* (Polit., III, 140).

E ainda é a triste experiencia de taes processos que me conduz hoje a rever todos os juizos, a que me levou a influencia do chefe ou suas informações quaesquer. Si meus intentos e actos são por elle tão desfi-

(1) «...a vida humana não tem por fim pensar, mas agir em virtude de affeições cujo aperfeiçoamento constitue o unico progresso que é capaz de se tornar verdadeiramente inexgotavel.» (Synthese, 537).

gurados, si elle consagra a hostilidade, a malevolencia como preferiveis á amizade, á benevolencia,—que confiança podem merecer os juizos que de taes praticas emanaram (1)?

Para concluir e mostrar que tambem aqui, nesta apuração pessoal, é baseado no Mestre que eu falo; para continuar a ser mensageiro de boa doutrina,—transcrevo mais o trecho seguinte, que ainda será consolo ás almas ternas:

«Sob todos os titulos essenciaes, a influencia philosophica do fetichismo se conforma admiravelmente com os melhores preceitos do positivismo... A preponderancia fundamental do coração sobre o espirito, que a systematização final penosamente estabelece num meio viciado pela theologia e pela metaphysica, emanou sem esforço da espontaneidade primitiva. Este unico principio da synthese humana conduziu, desde o inicio, a constituir instinctivamente a verdadeira logica, que, não obstante as alterações doutoraes, permaneceu sempre a logica popular, a que faz dignamente concorrerem os sentimentos, as imagens e os signaes na elaboração dos pensamentos.

«Sob a impulsão fetichica, a influencia affectiva ahi prevaleceu espontaneamente, como systematicamente ha de prevalecer quando a disciplina positiva superar as resistencias dos sophistas, que pretendem regular o espirito sem nenhuma participação do coração. A *feliz*

(1) O chefe, na missiva já citada, e em outras, vitupera-me impiedosamente, declarando ter a meu respeito um «juizo firmissimo» que annulla tudo quanto de bom pensam de mim os meus amigos equanto elle proprio já pensou. Mas si eu me transformar, declara elle que seu «juizo tambem mudará.» Ora, como seu juizo mudou agora porque eu «não trepidei em lhe endereçar missivas» nas quaes, em tom elevado, lhe fiz sentir seus deveres para comigo,—está claro que esse juizo mudará outra vez si eu lhe dirigir epistolas gratulatorias e elogiosas. Então ficarei outra vez prestimoso, dedicado, activo, etc., etc.

E' por isso que me devo agora libertar de muitos «juizos» do cid. M. Lemos, a quem sacrifiquei muitas vezes minha personalidade por uma condescendente subordinação, visando fins sociaes que seu orgulho, sua dureza não pouderam reconhecer.

disposição dos fetichistas á confiança habitual para com os seres e os acontecimentos quaesquer é eminentemente conforme á verdadeira racionalidade, porque ella conduz a simplificar mais todas as nossas hypotheses. Com effeito, sua simplificação consiste na eliminação, artificial ou natural, de cada influencia puramente subjectiva que é extranha a sua destinação objectiva. Ora, quer uma tal complicação seja moral, quer seja mental, a depuração torna-se por igual conveniente e sua importancia se proporciona á intensidade real das perturbações quaesquer.

«A tocante logica dos menores negros é, pois, mais criteriosa que nossa academica seccura, a qual, SOB O PRETEXTO EMPIRICO DE UMA IMPARCIALIDADE SEMPRE IMPOSSIVEL, consagra a suspeição e o temor (1).» (Polit., III, 120-121).

III

«...hereticamente considerou a hostilidade actual como substituindo o julgamento do ceu (2)...» pag. 14.

(1) Podia traduzir apprehensão (*crainte*), que com a suspeita, a denigração constituem hypotheses inverificaveis. Como é que o Chefe, segundo affirma, pode *prever futuros desvios com apprehensões? Previsão não é prevenção*. Quando se *prevê*, basea-se em leis conhecidas e regula-se a conducta propria pelo resultado positivamente esperado. Quando se está *prevendo*, basea-se no vago, em circumstancias fortuitas, e a conducta é guiada occultamente por uma criação má de nosso espirito. Nós mesmos ajudamos com nosso proceder a realização de nossas suspeitas. Cabe-nos culpa, e ás vezes a maxima, na maldade *suspeitada*; desamparámos e irritámos a victima de nossa prevenção, facilitando assim o predomínio dos maus pendoros.

(2) Aos amigos que extranharam formalmente a conducta hostil e ingrata de uns *certos*, apaniguados do chefe,—declarou o cid. Miguel Lemos, continuando a divergir de Augusto Comte: «abstrahindo (?) dos ataques inconsiderados ou violentos, haveis de reconhecer que nós positivistas, que não podemos esperar pelo juizo de outro mundo, temos que fazer justiça neste mesmo».

Os ataques de seu infiel mediano foram «desbragados», segundo este proprio confessou. Agora, *abstrahindo delles*, o que fica naturalmente não é «desbragado»: ou não é nada ou será algum prodromo imperfeitissimo da verdadeira opinião publica esclarecida e disciplinada. Mas com taes depurações maliciosas, não sei onde se achará o mau, porque, em tudo, abstrahindo do que é mau ou nada ficará ou ficará o que não é mau. E assim consagra o chefe que os desbragados podem julgar os que não são de sua igualha, que opinião publica é a critica dos pessimistas maledicentes, dos desaffectedos, *quando estes abocanham nos desfavorecidos de sua graça*.

Lamentó muito que a paixão tenha incutido mais esta pratica, que se não compadece nenhumentemente com quaesquer preceitos moraes e em particular com os nossos, conforme destes trechos se verá:

—«a aptidão apreciatrix constitue directamente o principal caracteristico do poder espiritual.

—O sacerdocio «deve construir e desenvolver uma ordem subjectiva fundada sobre a estima pessoal, em virtude de uma sufficiente apreciação de todos os titulos individuaes.»

«A competencia directa e exclusiva do poder espiritual não exige, a este respeito, nenhuma explicação... elle deve distribuir a estima aos individuos, conforme a *aptidão total* de cada um delles a servir dignamente a Humanidade.»

—«Esta attribuição extrema (julgamento dos vivos e dos mortos) que, no fundo, resume todas as outras, *constitue realmente o mais difficil dos deveres pontificaes, porque exige as determinações mais precisas.* Após ter feito abstracção das vantagens que resultam de cada situação, devem-se tambem afastar as que provêm da instrucção; porquanto, sem serem mais pessoaes, até aqui pouco menos fortuitas são. Mais ainda: é preciso abster-se de julgar os mortos ou os vivos pelas sós producções de sua existencia effectiva, porque ellas dependem demais da posição no tempo e no espaço, que domina muitas vezes as condições verdadeiramente individuaes. Tal é a triplice codea que o sacerdocio deve habitualmente penetrar para instituir dignamente a classificação abstrata. Mesmo assim esta immensa difficuldade só comporta uma solução plena quando a apreciação pontifical pode abraçar toda a carreira pessoal. Poucos typos humanos são assaz caracterizados para se tornarem verdadeiramente julgaveis antes que seu destino se tenha cumprido. Dahi resulta uma nova demonstração de que é necessariamente impossivel em tempo algum fazer prevalecer objectivamente a ordem abstrata sobre a ordem

concreta. Este officio sacerdotal é, pois, tambem aquelle que mais facilmente poderia degenerar em tendencia subversiva, si a sabedoria e a pureza a elle não presidissem continuamente. Ao mesmo tempo que exige uma applicação mais delicada da doutrina universal, demanda maior calma no meio correspondente. De todas as funcções proprias ao grande organismo, essa é, pois, a que mais soffre nos seculos anarchicos. Nada hoje pode mais contristar o verdadeiro philosopho como ver muitas vezes que a consideração, tanto como o poder, são usurpados pelos mais indignos typos, emquanto que as melhores naturezas ficam menosprezadas ou comprimidas por falta de toda disciplina espirital.» (*Politica*, II, 330-332: leiam-se essas pags., completando-se esta nota com os trechos citados na epigraphe e nota I).

O chefe, que conhece taes verdades, já uma vez me disse que ellas, como todas as verdades, precisam ser entendidas, e que estas só se referem a um juizo *post mortem*, a um juizo definitivo e irrevogavel. E entretanto, não obstante sua insufficiencia (veja-se nota IV), não obstante estar eu vivo, já tem a meu respeito juizo firmissimo, juizo definitivo, com que tenta romper até minhas intimas, minhas inalteraveis amizades. São estes processos que me provocam a sahir de minha moderação. Acaso ha para as verdades positivistas um *entendimento* bastante lato para permittir as excepcionaes excommunhões, sem um completo sacerdocio, sem uma Igreja completa? (Veja-se nota VI).

Naturalmente eu nunca pretendi subtrahir minha conducta a uma justa apreciação do publico, pois sei que cada um tem no mundo a dupla funcção de dirigir sua vida e examinar a de outrem. Sei tambem, segundo o Mestre, que o egoista é o mais interessado em comprimir o egoismo dos outros, seus intrataveis concorrentes (1).

(1) Veja-se *Polit.*, II, pag. 416 e 417; *Catóch.* ed. ap., pag. 262. E isto não é julgar: ninguém é julgavel a não ser por seus superiores. (*Polit.*, IV, 540).

Mas tudo isto no Positivismo é dirigido por uma educação universal, distribuida systematicamente por um sacerdocio que ahi tem «os meios mais puros, mais directos e no fundo os mais efficazes» para prevenir ou reparar os desvios quaesquer, agindo na consciencia de cada um. E' um campo vasto com uma disciplina ás claras, sempre demonstravel e com demonstrações sempre discutiveis. Não é o corro de inimigos falsidicos que calculam com os successos individuaes, substituindo as influencias fortuitas por supposições e regras tiradas do proprio egoismo. E quando se reclama contra taes prevenções ou taes hostilidades, invoca-se «a discreção e a solitudine que não permitem communicar por *impresões isoladas* (!) e *gradativas* (!) as previsões acerca de futuros desvios;» invocam-se «apprehensões inspiradas por varios e repetidos incidentes e por uma observação frequente.» (*Circular* de 11 de Homero). E mais: julga-se ainda que a hostilidade pessoal, directa, embaraçosa é um equivalente do juizo de além tumulo.

Augusto Comte, no precioso tratado da *Politica Positiva* (II, pag. 422), declara que é na classe do sacerdocio «que deve reinar a verdadeira prudencia, isto é, a circumspecção reflectida, sempre subordinada a uma sã apreciação systematica, que só é possível em relação aos casos civicos. Em qualquer outra parte, meras inspirações do egoismo são muitas vezes decoradas com tal nome. Com effeito, os successos pessoaes e praticos são demasiadamente complicados com influencias fortuitas para que se tornem assaz calculaveis.»

Nos casos individuaes, não é, pois, a prudencia, não é a circumspecção que nos leva a ter e a recomendar «reservas»: é a prevenção, a suspeita, é o egoismo, que apura casos sem basear-se em leis conhecidas. Antes a illusão, o logro, que a reserva, a arteirice.

Não desenvolvo mais esta nota, porque iria cahir nas manifestações pessoaes de uma indignação, aliás bem provocada e legitima. Não devo dar mais pabulo

á critica já tão estimulada e approvada pelo chefe. Ainda aqui é o Mestre que nos aconselha: «Tendo reconhecido o perigo de cultivar regularmente os sentimentos rancorosos, mesmo quando a indignação é a mais legitima, é preciso sobretudo fugir de os estimular num meio critico, em que o positivismo vem reorganizar a veneração.» (Polit., IV, 404-405) (1).

IV

... «sob um chefe insufficiente...» pag. 16.

Envolvendo o cid. Miguel Lemos nesta asserção, já como superior nacional, já como sacerdote ou apóstolo, não lhe faço uma increpação pessoal, uma hostilidade vã. Não é por um julgamento meu, baseado em «principios de apreciação» fornecidos pelo Mestre (2), que o chefe brasileiro deve ser considerado como insufficiente. E' por sentença d'elle proprio, conforme se verá dos trechos seguintes:

1.º «...continúo como chefe da Igreja e director do Apostolado brasileiro, mas devo aproveitar este ensejo para declarar que sempre me considereí, e ainda me considero, nesse duplo cargo, como um funcionario provisorio...

(1) Pode-se ler a *Biographia de B. Constant*, I, 467-469, cotejando-se com as pags. 257 e 330. Ahi se expõem e se desenvolvem os ensinamentos de A. Comte a respeito da funcção apreciatrix, «principal caracteristico do poder espirital». Benjamin Constant é um caso typico das extemporaneas e apaixonadas condemnações do chefe do Apostolado. Hoje sabemos que a influencia do Fundador da Republica foi que reergueu um gremio prestes a desaparecer na voragem das lutas acrimoniosas. Isto augmenta mais nossa veneração por B. Constant, porque, embora seja insufficiente o chefe, nós precisamos manter o fóco da propaganda, cujo incremento depende de sua inteira oportunidade. E' por isso que nunca lamentarei qualquer efficaz auxilio que a esse gremio tenha prestado. O homem passa e a instituição permanece, ainda que actualmente não seja esta um elemento da Igreja universal, em virtude de lutas anti-positivistas.

(2) *Polit.*, IV, 539.

Com effeito, tenho sempre repetido que eu só exerceria taes funcções emquanto não apparecesse alguém que preenchesse as condições sacerdotaes, ou mesmo as do apostolado de um modo mais completo que eu.

Ainda no exordio do discurso com que inaugurei a nossa capella, lembrei de novo esse meu proposito, nascido da convicção profunda em que estou de ser eu pessoalmente muito inferior ás exigencias de tal missão, além de me reconhecer como dotado de uma natureza mais pratica do que theorica.» (*Undecima circular*, de 1891, ed. braz. pags, 51-52).

2.º) Na circular de 1893, (pag. 55 da ed. braz.), suspendendo «a conferição de sacramentos», baseia seu acto nestes dous motivos:

a) «a deficiente preparação e a pouca preocupação religiosa que, em geral, offerecem os positivistas; b) as lacunas de minha competencia, as quaes enfraquecendo minha autoridade, deixam esta sem o necessario prestigio para determinar de modo efficaz os aturados esforços que cada positivista precisa fazer sobre si e em torno de si, a fim de desobrigar-se dos difficeis e minuciosos deveres que decorrem de nossos sacramentos.»

3.º) Em cartas recentes, e em conversações, o chefe tem insistido sempre na mesma confissão, notando sua insufficiencia e a da maioria de seus subordinados.

—Sempre entendi que, na deficiencia actual, nós nos tinhamos de tolerar mutuamente, e que (como escrevi ao chefe) «precisavamos respeitar geralmente as pessoas providas de officios.» E isto porque, segundo diz o Mestre (*Polit.*, II, 329), «a harmonia habitual entre as funcções e os funcionarios apresentará sempre immensas imperfeições. Quando mesmo se quizesse collocar cada um em seu lugar, a curta duração de nossa vida objectiva impediria necessariamente de o conseguir, por não se poderem assaz examinar os titulos a fim de com tempo de se fazerem as mutações.»

Mas tendo pessoalmente sentido e verificado a completa realidade de taes confissões, vi que só dando uma organização especial ao Centro paulista poderíamos manter unida nossa propaganda.

O chefe, porém, numa *tensão* de relações em que seus defeitos estavam empenhados, achou que o rompimento era a unica solução, como si tudo de sua parte fosse perfeito, integral, estando só de meu lado os defeitos graves e os gravissimos.

E' a responsabilidade de tal acção que devo deixar bem clara deante de meus amigos e correligionarios, para esclarecimento dos que definitivamente nos hão de julgar.

E já que minha sinceridade foi posta em acceirada suspeição, devo dizer que desde 1893 sempre declarei meu sentir sobre nossa deficiencia religiosa, advertindo amigos que com ella se impressionavam mal, e escrevendo ao proprio chefe. Sinceramente, francamente lembrei meios que nos melhorassem, porque não era por maledicencia que notava defeitos nos outros, não era por me livrar de censuras que me dizia imperfeito.

Em minhas queixas, não fui sinão o corajoso arauto do que em torno do chefe com mais intensidade se diz (1). E o fil-o francamente, sinceramente, procurando sempre cooperar com um chefe insufficiente, porque eu tambem me julguei sempre um simples *puxador de rexa*.

(1) O insuspeito amigo que em carta publica (V. a nota VII) já apreciou francamente esta malfadada questão, em missiva posterior dá-me um testemunho digno de ser registrado em comprovação do que assevero acima: ... «continúo a tributar ao chefe brasileiro o respeito que espontaneamente voto aos homens de convicção; mas, reconhecendo embora as superiores qualidades que o distinguem, não posso comtudo negar seus exagerados assomos de dominação orgulhosa, que fizeram da direcção central do positivismo em nossa patria uma função irritante, exclusivista e até odienta. Aliás, a correligionarios vossos que hoje se prosternam em submissão inacreditavel aos pés do chefe soberano, outr'ora,—não ha muito tempo ainda,—ouvi muitas vezes referencias desfavoraveis á virulencia com que o Sr. Lemos aggride aos proprios confrades que Augusto Comte honrou com o titulo de discipulos, e á vaidade vivax com que afasta cautelosamente a collaboraçãõ alheia na propagação do positivismo.»

Mas depois que os defeitos do chefe o levaram ao extremo de fazer trocadilho e me ultrajar com esse modesto titulo,—um *modus vivendi*, uma organização especial foi-se impondo como condição necessaria de minha cooperação (1). Pedi aquella, continuando a offerecer esta em condições de mantermos nossa independencia e o concurso de nossos esforços. Já viram meus amigos como tudo foi repellido e como os defeitos do chefe mais uma vez se patentearam, destruindo-me qualquer illusão de um possivel accordo.

Si, pois, me afasto do chefe e volvo minha actividade para uma preparação privada,—naturalmente inseparavel da vida civica e mesmo universal,—é sobretudo de sua imperfeição que se deve queixar, si contra elle se manifestar qualquer indifferença dos que me acompanhavam aqui.

Para concluir fazendo preponderar a voz do Mestre, aqui transcrevo um trecho seu, em tudo muito a proposito:

«Si o sacerdocio estiver abaixo de sua destinação normal, disso deverá elle sobretudo arguir a sua propria imperfeição, muito mais de temer que a hostilidade do governo e a indifferença do publico.

A principal tentação, de que elle sempre deve preservar-se, resulta de nossa involuntaria tendencia a mandar quando se devera persuadir ou convencer. Uma autoridade qualquer, mesmo quando a principio provém de uma fonte puramente espiritual, nos arrasta habitualmente a substituir as demonstrações discutiveis pelas prescripções imperativas, como o orgulho pedantocratico hoje o mostra tantas vezes.» (*Polit.*, II, 420).

(1) Si quizesse alongar esta questão pessoal, rectificaria, afóra outros pontos, as duas notas da circular em que se não diz a verdade inteira sobre a "carta que amarguei silenciosamente pelo bem geral," e sobre a severa opinião do chefe a respeito do recorrente ali referido. (V. a nota VII)

V

... «não quizeram ahi empregar suas forças...»
pag. 17.

Accrescento aqui o restante desse trecho :

«Então eu, com os conselhos de meus chefes (1), resolvi tomar o lugar com a modestia que me é possível. Estou resolvido a trabalhar para que surja alguém apto a bem prégar o positivismo. Iniciei a propaganda nesse modesto proposito. Reconhecendo minhas imperfeições, minha fraqueza, estou sempre á espera do Apostolo, para me retirar, mesmo do posto secundario de repetidor de catecismo.»

Isto mesmo disse eu varias vezes em outras cartas e em conversações.

Para que melhor se veja o modesto character que dei a minha propaganda, aqui transcrevo o introito com que inaugurava a serie annual de minhas conferencias :

«E' muito modesto o papel que venho representar, --é um prolongamento social de minha funcção de professor. Não assumo, não posso assumir nenhum primado espiritual com as conferencias positivistas que agora enceto. Os impulsos do meio, as esperanças dos chefes, juntos a estímulos de amigos, me levam a emprehender esta tarefa, em que a deficiencia de minhas forças será compensada pela grandeza da Doutrina que me inspira.»

Todos soffremos os males dolorosos da anarchia tremenda que nos derranca a vida pessoal, a vida domestica, a vida civica. Bem mais faceis são todas as tarefas que commetemos quando as qualidades pessoas,

(1) Devo declarar que o eminente apostolo cid. R. Teixeira Mendes, em sua visita inolvidavel de 1895 e na inolvidavel correspondencia do mesmo anno, foi quem effectivamente contribuiu para me resolver a encetar aqui a propaganda systematica. Em minha viagem ao Rio, a 9 de Julho de 1895, o cid. Miguel Lemos só me aconselhou que fizesse uma propaganda simples, com *bonhomia* (?) em sala emprestada, num edificio publico, etc.

quando a Família, quando a Pátria e a Humanidade nos cumulam de elementos favoráveis. Porém, mui poucos são os mimos da fortuna que se podem conhecer felizes ante as oscillações de nossa vida dilacerada, profundamente desunida.

Mas, como quer que seja, fortes ou fracos, felizes ou infelizes, competentes ou incompetentes, nós temos uma Doutrina grandiosa que havemos prégar pelos diversos meios a nosso alcance. Cumpre não desanimar com os defeitos que em nós contemplarmos ou com os resultados de nosso esforço. Havemos de fazer conta que todos os nossos sentimentos, todas as nossas idéas, todos os nossos actos, de um modo geral, todas as nossas palavras,—que exprimem acção, idéa e sentimento,—constituem outras tantas sementes que lançamos á ventura no vasto terreno social. Taes sementes, como as do antigo Evangelho, hão de soffrer o seu destino, de conformidade com o lugar em que cahirem. Si entre espinhos se afogam algumas, si algumas se reseccam nas pedras e si pelos homens outras são calcadas,—muitas haverá que encontrarão terra boa onde germinem, floresçam e fructifiquem».

*
* *

Não é de agora que tenho fugido a preeminencias facticias na propaganda do positivismo. Em 1891, quando aqui installámos um Club Cooperador Positivista, a 9 de Agosto, rejeitei o lugar de seu presidente, allegando minha pouca idade, falta de prestigio e posição social pouco relevante. A 15 de Agosto, estando com o chefe pela primeira vez e dando-lhe noticia da inauguração do Club, elle achou que eu devia ter acceitado o cargo de presidente, desde que a funcção de professor primario, que eu então exercia, não me collocava numa constrangida posição civil.

Foram, pois, as influencias do meio, foi meu amor pela Doutrina que me levou a assumir modestamente a direcção de nosso movimento, do qual me cabia «a responsabilidade moral, pela espontanea evolução das cousas», conforme o chefe me escrevia o anno passado.

Ultimamente, porém, o zelo do chefe, seus continuos alarmas faziam-me cada vez mais resistente ao desenvolvimento apostolico de minha funcção. Sempre dizia a meus intimos que era um «puxador de reza», e até aos 35 annos não queria passar além. Até lá, prestando a minha fé os serviços compatíveis com minhas forças, esperava que surgisse um propagandista capaz de *apostolar* verdadeiramente. Cingir-me-ia a «um prolongamento social de minha funcção de professor», e não accitaria delegações para ceremonias sacramentaes ou religiosas: só por digna obediencia exerceria qualquer funcção mais alargada.

Emquanto não apparecesse o capaz e decidido, o acceito pelos chefes, eu teria que exercer aqui uma certa funcção directiva, cabendo-me encaminhar as individualidades que fossem surgindo sob minha acção limitada. Não fugi a tal dever e a sua responsabilidade; mas não queria alargal-os, não lhes queria dar feição espiritual ou por outra—feição sacerdotal.

Ora, sendo estas minhas firmes, constantes, ratificadas resoluções, surprehendeu-me que o chefe, de tudo sabedor (1), viesse declarar ter eu por diversas vezes solicitado que me investisse aqui na funcção de chefe. O cid. M. Lemos NUNCA teve de mim nenhuma INSISTENCIA para me consagrar chefe com uma INVESTIDURA especial, emanada de sua autoridade. Foi-lhe forçoso accuitar-me como espontaneo centro coordenador do movimento paulista, porque todos me rodeavam a mim, apesar de minhas relutancias, ultimamente inspiradas

(1) Eu sempre *pequei* por expansivo, e em minhas cartas expunha ao chefe todos meus intentos com extensão prolixa.

pelo *xelo* do cid M. Lemos. Consagrar-me! Realmente o cid. Miguel Lemos, quando lhe convem a seu orgulho, toma bastante ao serio as funcções sacerdotaes, para que tão insufficiente se confessa.

A fim de que se avalie o entono do chefe, transcrevo sua *retardada* e habil resposta a minhas deliberações de pag. 13:

«Não tenho que dar satisfações ao Sr. J. F. sobre meus projectos relativos á propaganda em S. Paulo, nem sobre si nomearei ou não qualquer substituto. Elle foi que quiz de *motu proprio* entregar-se ahi á propaganda, si bem que com a minha animação e sanção, mas sempre considerando eu essa tentativa como um simples ensaio de suas forças e capacidade. Nunca, porém, o investi de chefia alguma, e ás diversas solicitações (?) que elle me fez neste sentido, pedindo-me a organização systematica do grupo de S. Paulo, respondi (?) invariavelmente (?) que não achava isso opportuno, e *que elle deveria conquistar pelos seus proprios esforços a sua ascendencia pessoal* (o grypho é do chefe) e que eu então sancionaria essa ascendencia provada. Como fui bem inspirado (?) em proceder com toda a prudencia que o assumpto exigia!»

Devo frizar bem a inverdade deste trecho contraditorio, pouco delicado e presumpçoso.

O chefe na exclamação final vangloria-se das *zelosas*, das suspicazes prevenções de que eu o accusei e que em balde tem querido negar. As *solicitações* e as *invariaveis respostas* de que fala nesse trecho, não são verdadeiras: ellas não passam de phantasmas suspeitosos que o chefe criou e agora toma como reaes. E é só de taes criações, de taes suspeitas que elle se vangloria, como vou mostrar.

Uma UNICA vez, a 30 de Setembro de 1895, disse-me o chefe uma cousa parecida com a phrase que elle gryphou, como sendo a resposta invariavel a meus *diversos* pedidos de investidura espiritual. A proposito de

uma questão com um seu «velho camarada», e *não em resposta a qualquer das taes «solicitações»*, disse-me o chefe: «...vossa situação de quem tem que *conquistar ainda* um ascendente espontaneo, não vos permite maiores exigencias a esse respeito do que aos vossos confrades (1).»

Depois disso, a 2 de Aristoteles (27 de Fevereiro) do anno passado, dizia-me elle, tratando de uma intervenção fraterna e de character bem espiritual: «...cabe-vos, pela espontanea evolução das cousas, a responsabilidade moral do movimento positivista nessa cidade, cumpre-me habilitar-vos com as informações que tal responsabilidade precisa»...

Não ha nada mais que possa verificar as afirmações do chefe. A UNICA vez que pedi uma organização systematica de nosso Centro foi a que motivou agora meu desligamento. Tudo o mais não é verdadeiro; ha de ser criação do *novo* juizo que fez a meu respeito.

E' esse juizo *novo* que tambem levou o chefe a carregar em minha insufficiencia apostolica, chegando a me tirar todo o merito intellectual que antes «me supozera.»

Acho que o despeito do chefe o torna incompetente para tal aferição, por mais intellectualidade que nelle eu supponha. Si é notavel o merito intellectual do chefe e si o meu é nullo, mais estreita será a conta que deve prestar á Humanidade pelo desperdicio de seu talento nas polemicas e revoltas, com que tem perturbado a familia positivista.

Os dotes fortuitos, os dotes da situação e os da instrução não constituem o verdadeiro merito, o valor real dos homens. A's vezes são dotes mais seguros os que «pezam e carregam para a humildade que os que elevam e desvanecem para a soberba». Não ter dotes

(1) Da resposta a essa carta é que extractei os trechos citados na epigraphe da pag. 17, e no começo desta nota.

nenhuns, ou ter poucos, pode ser até glorificação para quem tira da mingua propria as forças com que faz alguma cousa. «Mais difficultoso é ganhar pouco com pouco, que muito com muito.» (V. A. COMTE, *Polit.*, II, 329; P. VIEIRA, *Sermões*, I, 1854, 172-176).

A Humanidade, beneficiando o Chefe com os talentos que tanto o desvanecem e o fazem abater os maldotados, será inflexivel quando julgar o que elle produziu em 18 annos de uma propaganda, que só mantem o centro fluminense com 28 agremiados.

Até lá é possivel que eu lhe dê ensejo de mostrar a um tempo sua total competencia e minha nullidade. Si me for propicio o quinquennio semi-pythagorico, pedir-lhe-ei que me examine os merecimentos com as theses scientificas, que o Mestre prescreveu para consagrar sacerdote o digno apostolo ou o digno crente.

Antes disso, é melhor ficarmos em paz com esta melindrosa questão sobre meritos intellectuaes.

VI

O sacerdocio, a disciplina e a propaganda positivista

Esta nota, a maior parte da anterior, bem como a seguinte e outras que ajuntei no baixo de algumas paginas, são posteriores á redacção do corpo deste folheto, onde vem minha declaração decisiva. São tambem decisivas manifestações de uma defeza necessaria e prestadia. Meu caso ha de aproveitar assim para esclarecer e firmar certas questões da propaganda positivista, até hoje entregue a uma especie de ditadura temporal.

A facilidade com que o chefe rompe ligações espirituaes e lhes empresta a forma de semi-excommunhão, — não pode continuar, a bem do Positivismo, que ainda não comporta funcções sacerdotaes, desprovido como está de um digno clero. Fóra da subordinação directa

aos textos de A. Comte, a religião se torna insufficiente nos grupos que, sem sacerdocio, se arrogam as prerogativas de Igreja.

O chefe brasileiro ha de modificar-se, ha de abai-xar suas pretensões, para que o numero dos positivistas agremiados não vá cada vez mais diminuindo (1). Depois da Republica, o grupo se tem mantido graças ao advento dos adeptos *politicos*, que se achegaram ao Centro por influencia de B. Constant. Si a Igreja continuar a progredir só com taes sympathias politicas, seu gremio não passará de um foco partidario, com bases positivistas.

Ora a insufficiencia do chefe tende a levar o gremio par esse terreno escorregadio. Hoje um fragilimo estado de sitio já concorre para emmudecer a propa-ganda, que, no Brazil todo, conta sómente com um apóstolo que *préga* (2). Dependente assim das agita-

(1) Hoje, em toda a Republica, não passam de 28, incluindo os chefes e um ou mais proselytos. Em Janeiro de 1882 o Centro contava 45 membros.

O chefe tem um tão fraco proselytismo e acha-se tão cheio de sua pessoa, que ainda quando se visse reduzido a elle só, não deixaria de pensar que é o «unico depositario da verdade». E' isto o que elle, em termos habeis, já chegou a dizer (relatorio de 1884, pag. 11), e é o que se infere de sua carreira em que tem acerbamente rejeitado a preponderancia ou mesmo a simples, a fraternal collaboração dos discipulos directos de A. Comte. E' crível que, no mundo todo, só tenha a verdade inteira da Doutrina quem até hoje nunca fez della um curso geral, quem não a préga habitualmente, quem carece da educação encyclopedica e até se julga mais propenso a funções praticas? A «plena e inteira fidelidade ao Mestre», em que firma seu primado espirital, onde hauriu elle, que competencia a consagrou, além da propria que é insufficiente? Não é um circulo vicioso basear seu prestigio numa fidelidade que só tem como fiador esse mesmo prestigio?

(2) Foi em Setembro do anno passado que contemplei este contristador espectáculo, que mui decisivamente concorreu para a energia de minhas reclamações e de minhas queixas:—vimos um director de *apostolos* que nem apóstolo poude ser. Annunciando a viagem do Sr. Mendes á Europa, prometteu continuar a exposição dominical de nossa Doutrina, e depois, no dia seguinte ao de sua partida, veio declarar pelos jornaes que tal resolução «ficava de nenhum effeito, por ter reconhecido sua *impraticabilidade*», isto é, «por *he ser impossível* realizar esse projecto.» (V. *Boletim* n. 4 P.). Os ensaios de exposição parcial que fizeram alguns confrades, foram suspensos em Novembro, a pretexto de se não confiar no «poder suspeito» que decretára o estado de sitio. E assim um vistoso templo, que tantos,

ções partidarias e reduzida a contar com um só apóstolo, a Igreja brasileira pode apresentar uma organização positivista?

Não; não pode, dizem os textos do Mestre.

Esta nota visava o desenvolvimento da these que acima indiquei, tratando geral e particularmente do verdadeiro sacerdocio, da verdadeira disciplina e da propaganda verdadeira. A nota, porém, foi-se avolumando muito, e como seu pleno desenvolvimento adiaría demais a publicação deste folheto, resolvi deixal-a para ser depois publicada em avulso.

Para estes trabalhos só disponho dos domingos e ás vezes das noites de sabbado. Tal era o tempo em que preparava as conferencias de minha «deficientissima» propaganda, que se não limitava a esse curso theorico, porque dos fructos de meu trabalho real e util,—UNICA fonte de meus rendimentos quaesquer,—sempre tirei largamente para subsidiar a disseminação de nossa Doutrina. Tudo isso entresachado com penosas perturbações morbidas, minhas e da familia, que me embaraçam muito e ajudam sempre a fazer de mim «o trapalhão» (1) que tanto desinquieta o chefe. Si este tivesse mais coração e menos orgulho, honraria melhor seu cargo, correspondendo a minha ingenua confiança, que a elle nada occultava e delle exigia a solitudine que *nunca* mostrou. A expansiva, a larga correspondencia que com

tantos sacrificios nos tem custado, ficou totalmente silencioso, mesmo no centenario natalicio de nosso Mestre. Assim a deficiencia apostolica do chefe e o partidarismo, em que por demais se tem mettido, mostraram toda a inconsistencia dos motivos geraes em que me baseava para supportar um chefe insufficiente. Que valia sacrificar-me a bem de uma propaganda, cujo director a deixava amortecer em seu proprio centro e a comprimia em sua irradiação? Não escondi as impressões penosas que tal espectáculo me produziu, e depois disso era mesmo impossivel supportar mais os assomos, as intromissões de um chefe cuja insufficiencia tão deploravelmente se revelava. E' isto que melhor se verá no desenvolvimento ulterior desta nota.

(1) Tal é a amostra dos termos com que o chefe trata quem se não prosterna a seus pés.

elle manteve, presta-se a provar meu asserto, quando se cotejar a parte que ahi me cabe com as as minguadas, as seccas manifestações que pertencem ao chefe.

Parece que o chefe até hoje tem querido impôr-se pelo gladio, pela virulencia com que arremette contra os que o offendem ou o chocam, mesmo de leve. E' contar muito com a covardia alheia, é abusar da prudencia dos mais.

Eu tenho muito amor á paz, e si esta questão parar aqui, estou disposto a abrir mão desta nota. Mas si o chefe continuar a me diffamar, fazendo de mim um reprobado excommungado, a repulsa é inevitavel e é util para convencer ao cid. M. Lemos de que a prudencia tem limites, de que a covardia não é universal. Quem espalha os ventos do orgulho, deve colher as tempestades de uma justa reacção.

E' isto uma vivaz affirmacção a meus amigos, para que sintam que não *morri*. As almas timidas, lendo os empolados rescriptos do chefe, devem ter encolhido as azas tremulas, pensando que é melhor não affron-tar as furias do alto (1). Em mim estas rajadas produzem um effeito contrario: incitam á luta e reforçam a alma, depois que passa a tristeza de alguma de-sillusão. E eu nunca me puz em o numero das *almas fortes*, daquellas que o chefe, a seu modo, costuma apreciar...

(1) No dizer de um bom e pacifico amigo, «o chefe possui tempera de combatente.» Aliás, elle proprio se «reconhece como dotado de uma natureza mais pratica que theorica.» E', pois, o receio ás manifestações dessa «tempera,» é a timidez, a prudencia que muitas vezes ha de fazer o chefe *dominar*. Triste dominio para quem se diz um chefe espiritual!

VII

Esclarecimentos pessoais

Esta nota fez-se indispensavel depois que, entre meus amigos e correligionarios, espalhou o chefe largamente uma serie de accusações ferinas, que miram desconceituar-me por todos os modos. Já nosso publico está informado de taes manejos, por uma carta que um prezado amigo (cidadão Alberto Souza) me endereçou com o titulo—*Espiritualismo e positivismo*. Não sou eu, pois, o culpado de publicar agora questões pessoais: a defeza minha e a confiança que mereço de muitos, por igual me forçam a dar aqui alguns esclarecimentos.

Primeiro esclarecerei alguns pontos da carta do cidadão A. Souza e depois falarei nas epistolas, nos dizeres accusatorios que contra mim espalhou o chefe.

I

O cidadão A. Souza refere-se a uma reunião frustrada, que considerei hostile a mim. Contesta que para ella concorresse intimamente e declara que ahi nada houve que me fosse pessoalmente hostile. Registrando tão insuspeito e veridico testemunho, acrescento que tal reunião exactamente se frustrou porque a maioria de meus amigos não correspondeu aos intuitos de seu promotor. Este veio a minha casa no dia seguinte

muito despeitado, e em novas sortidas foi tal sua indelicadeza «desbragada» (1), que rompi com elle todas as relações pessoaes. Já que era meu inimigo encapotado, fosse-o ás claras, á vista de todos. Isto de aninhar serpentes desentanguidas e feras, só mesmo por «toleima» (2), tão grossa que nem a fabula ainda consagrotó. Como disse ao chefe: «Minha vivacidade ou violencia de forma só se exaspera com as posições hypocritas dos que me atacam por detraz, ou sem razão querem sempre me comprimir a personalidade para cevar instintos criticos.»

Diz ainda meu amigo A. Souza que «o conflicto foi provocado por mim, pela interpretação opposta que eu dei á carta inicial do Sr. Lemos.» Explicarei este ponto.

A habilidade do chefe consiste justamente em fazer crer numa explosão suspeitosa, de todo gratuita. Mas na propria circular se desmente essa pretendida innocencia da carta inicial. Minha energica repulsa não podia surprehender o chefe, porque, segundo declara, «havia muito que eu lhe tinha inspirado sérias apprehensões.» havia muito que, suspicaz, desconfiado, elle me espreitava em «varios e repetidos incidentes» e com «uma observação frequente». Um homem orgulhoso, que confessa estar «ha muito» em vigilancia tão suspeitosa, podia manter em nossas relações a lhaneza cordial, a fraternidade que «constitue a condição primaria de toda verdadeira subordinação?» (*Polit.*, III, 140).

Essa falta de cordialidade attingia a indelicadeza de não responder á participação que lhe fiz, quando inaugurei publicamente minhas conferencias positivistas. Quando celebrámos a Festa da Humanidade pela primeira vez, em 1897, meus correligionarios me surprehenderam com uma captivante, mas prematura manifestação de apreço. O chefe, depois de um mez, accusando

(1) Como elle proprio declarou a um meu amigo.

(2) E' uma nova amostra dos termos epistolares usados pelo chefe.

a recepção da noticia que a respeito lhe enviei, notou «falta de compasso na expressão que lhe deram». Nesse tempo, em Londres, o venerando octogenario, Sr. Ricardo Congreve, só impedido por «sua fraca saude», é que já me não enviára suas benevolas felicitações, que constituem para mim, reunidas a outras, as mais suaves e preciosas lembranças de um trabalho tão espinhoso.

Cingindo-me, porém, ao assumpto desta explicação, devo dizer que, já por seus antecedentes, já por seus consequentes, era a carta *inicial* uma zelosa tomada de contas a meu procedimento. Nesse caracter lhe prometti obedecer, como explicitamente declaro nos comentarios que o chefe não publicou, só transcrevendo a carta ultima que se podia prestar a intrigas.

Resumâmos:

1.º) Em vista de seus antecedentes, era essa carta de um zeloso insufficiente, que absorve negocios universaes,—porque:

a) Em casos menos graves, o chefe sempre decidiu contra mim, só *fazendo questão de ser firme*, humilhando-me e exaltando seus «velhos camaradas», cujo procedimento não devo caracterizar;—o de um por indigno, o de outro, mais innocio, porque a sympathia, a piedade não me permitem resurgir o passado num presente que lhe é tão penoso e acabrunhador;

b) A pessoa agora em questão, a 6 de Setembro de 1896, já merecera um juizo severissimo do chefe e de sua familia, quando um membro desta teve um conflicto com o recorrente;

c) Porque a decisão recorrida já lhe fôra exposta por inteiro, como baseada inicialmente em seu juizo, e d'elle tivera approvação expressa.

2.º) Em vista de seus consequentes, porque:

a) O chefe só teve pressa em dar viva, irosa, precipitada solução a minhas cartas, e até hoje não resolveu a questão que occasionalmente as suscitou,—

apezar das condemnavéis manifestações com que na imprensa se tem exhibido o recorrente (1);

b) Mantem entre os seus o recorrente e delle recebe informações a meu respeito, fazendo como o coador, que, na phrase de Frei Heitor Pinto, deixa passar o limpo licor, só retendo as fézes e immundicias;

c) Finalmente, porque a indigna hostilidade, que acompanhou e succedeu á desligação, bem mostra os intuitos da carta *inicial*. Numa das cartas hostis, vituperosas, essa questão já é agora indignamente apresentada como «tristissima para mim» (2): é isto que o chefe denomina *mudança de juizo*.

O procedimento insufficiente, alarmado, suspeito e pouco lhano do chefe, que tocava o extremo da indelicadeza, me pozera em expectativa. A primeira incurção, eu oppuz meus embargos e deu-se o que já vimos.

Tal é em resumo a explicação do ponto referido. O caso é tão desfavoravel ao chefe que, mesmo sem minhas explicações, tem sido esse um dos pontos que mais escandalizaram meus amigos. Só por generosidade não o frizei no corpo de minha declaração, e si agora o faço, é por exigencias de minha defeza, é porque a edificação do proximo não comporta mais uma generosa reserva. Não estou disposto a anihilar-me, dando aos amigos um deprimente espectáculo, sem nenhum lucro para o bem social.

*
* *

Não foi só em tal questão que se patenteou a habilidade do chefe. A publicação de minha carta intima obedeceu tambem a cadimas intenções, que só agora

(1) Só um mez depois de meu desligamento, só a 13 de Aristoteles (10 Março) é que o chefe, segundo confessa, «poude ler os documentos da referida questão». (Carta ao medianeiro meu).

(2) Hoje assim podemos chamar-lhe, porque a intervenção do chefe deu lugar a uma serie de *tristexas*, cujas consequencias, até materiaes, custosamente estou pagando. E é assim que o chefe aspira á estima dos que o rodeiam, firmando um prestigio de que tanto necessita?

descobri. O chefe serviu-se do que ahí narro sobre a doença de um seu «velho camarada» para me accusar de tartufismo. Tudo isto porque em tempo, segundo suas prevenções, o chefe attendeu a queixas que seu camarada lhe fez contra mim, e me *aconsellou* a ter com elle uma conducta demasiado humilde, a que pontualmente acquiesci. Nunca o tratei mal e, pelo contrario, depois de suas ultimas desgraças, sinto por elle funda, piedosa sympathia, ao ponto de afastar queixas graves que contra o mesmo se levantaram. O chefe, porém, acha que eu intentava eliminá-lo de nossas relações, e agora, em sua desgraça, só por tartufismo poderia eu manifestar-lhe piedade e offerecer-lhe meus serviços.

Como isto fica longe do preceito christão—*Diligite inimicos vestros* (MATHEUS, cap. 5, 44) (1)! Como se distancia da maxima de Clotilde (a VII)!

E aqui não se trata de inimigos maus, que me hostilizam. Imagine-se o que de mim não dirá o chefe, si um dia me vir carregar na desgraça alguns dos que hoje o rodeiam e me diffamam!

Não ha de ser, porém, o juizo seu que me demo-verá de praticar a verdadeira caridade, o altruismo verdadeiro, que se paga de actos e não de palavras falsidicas.

*
* *

Estes e os esclarecimentos seguintes mostram bem o que eu dizia ao chefe: «Perturbações domesticas e civicas que aqui soffro, que afasto efficaçmente, vêm-me depois com vossa autoridade a me humilhar, sem nenhuma utilidade social.»

Antes de passar adeante, preciso apoiar meu procedimento em palavras que o Mestre escreveu, quando

(1) *Nulli malum pro malo... Dilectio proximi malum non operatur* (S. PAULO, *ad Roman.* XII, 17; XIII, 10). A Humanidade é que premeia ou castiga—*Mihi vindicta: ego retribuam, dicit DOMINA* (*Ibid.* XII, 19).

publicamente explicava uma «apparente anomalia de sua despeza pessoal.» Dizia elle: «Evitando qualquer detalhe superfluo, minha verdadeira dignidade não soffrerá com este publico esclarecimento, que prevenirá accusações irreflectidas e talvez mesmo uma ignobil malevolencia.» (*Circulares*, 33).

Assim acobertado e obedecendo ás prescripções da moral positiva, que me manda viver ás claras, passo á parte mais delicada, mais intima desta explicação.

Que a Humanidade perdôe ao chefe as perturbações que seu orgulho e sua dureza me têm acarretado!

*
* *

Os esclarecimentos rapidos que vou dar sobre outros pontos do folheto—*Espiritualismo e positivismo*, vêm reforçar o que já disse a respeito da «prevenção tensiva» com que o chefe me atenazou, com que de continuo se alarmava e me trazia alarmado.

Falarei primeiro dos «acontecimentos de ordem estrictamente privada», que o meu amigo A. Souza encontrou coloridos e ornamentados no meio positivista, cuja falta de cohesão e fraternidade sempre deplorei, diligenciando melhora-lo com meus desajudados esforços. Assim se verá tambem como é que tal «prevenção tensiva» data dos fins de 1894.

Nesse anno comecei a conhecer os *processos espirituales* do director do Apostolado. Sahindo do gremio um querido amigo,—a influencia dominante que affectuosamente me aproximou do Centro,—escrevi ao chefe lamentando o facto e intervindo para ver si o amigo poderia voltar. Esperava que tal se dêsse, porque o director considerava muito o meu amigo: na despedida escreveu-lhe amistosamente e elogiou na circular suas boas qualidades, mesmo de coração (1).

(1) Só hoje sei que, além da circular, uma carta mais expressiva foi dirigida ao meu amigo.

Qual não foi minha surpresa quando, em sua resposta, o chefe usa de phrases cortantes, de expressões deprimentes contra meu amigo. Não sei que lhe respondi, salvando minha amizade, apesar dos defeitos que a autoridade do chefe tão ferinamente notava no amigo. Mas fiquei fundamente, dolorosamente impressionado com tão *duro* e incorrecto *processo espiritual*.

No fim do mesmo anno foi o director «invocado para acalmar os conflictos que a *imperfeição humana torna inseparaveis dos melhores laços* (são palavras do Mestre, *POLIT.*, IV, pag. 313). Foi invocado por minha Senhora e não por mim. A intervenção dos verdadeiros sacerdotes é que se torna efficaz no seio das familias, porque todos seus membros lhes são pessoalmente conhecidos, segundo a regra, tão preciosa socialmente como intellectualmente, que affecta ao mesmo professor os sete annos do ensino encyclopedico (*Polit.*, *ibid.*). Sciente disto e do mais, eu por mim talvez não invocasse tal autoridade, embora minha ingenua affeição ainda muito me apegasse ao chefe insufficiente.

Minha Senhora, porém, julgou dirigir-se a um sacerdote e com elle se abriu confiadamente, levando-me a fazer o mesmo. Ambos, porém, fomos enganados em nossa confiança, como hoje vemos mais claramente. A devassa foi aberta, os amigos foram interrogados e os dous recorrentes foram postos um deante do outro, a se digladiarem em «provas e contra-provas.»

Por fim, satisfeita inteiramente a curiosidade aguçada, deixou-nos o chefe alguns mezes totalmente indecisos, suspensos, numa situação dolorosissima, insupportavel. E quando em minhas cartas transparecia esse terrivel estado d'alma, o chefe, do alto de sua potestade, advertia-me com dureza que eu *parecia descontente*, que pelos modos eu tinha «mais sofreguidão do que as circumstancias permittiam.»

Então, quando já era impossivel supportar mais tantas delongas, o eminente apostolo, cidadão Teixeira

Mendes, bondosamente se offereceu para vir aqui. O chefe encarregou-o de «ouvir-nos» *outra vez* e elle, ouvindo-nos, tudo resolveu pelo melhor, tudo aconselhou em nosso bem, com uma bondade amical que conquistou nossa estima e gratidão profunda.

Sem mais detalhes e commentarios, taes são os factos «de ordem estrictamente privada» que meus confrades coloriram e ornamentaram. Alguns desses ornamentos chégaram a meus ouvidos, e partiu de um positivista fluminense, que foi ou é intimo do chefe. Isto me faz crer que os coloridos vêm de cima.

Como quer que seja, livre hoje de uma responsabilidade que me ia sacrificando por todos os modos, não temo o chefe nas guerras diversas que me possa promover, quando a mim quizer fazer carga desses conflictos, ou divergencias, muito vulgares no gremio que tão insufficientemente dirige. Imagino mesmo que o chefe tem abusado de nossa inteira e ingenua confiança, porque no desmarcado juizo firmissimo, que de mim faz a um querido amigo, declarou que esse julgamento resultava de nossas «prolongadas relações em que lhe foi dado perscrutar o mais intimo de minha natureza». Para isso diz elle que fez «uma serie de imparciaes observações.» Vejam os meus amigos a que ingenuamente, inconsciamente estive eu sujeito no gremio fluminense. Fui um objecto de observações e de perscrutações intimas... Talvez, á maneira de Lombroso, minha propria letra, meus traços physionómicos não escapassem aos olheiros inquisitoriaes que em mim vigiavam suspeitosamente!

Como tudo isto é triste de se ver e de se exprimir!.....

Si, á vista das manifestações consummadas, eu não tivesse *tudo* a esperar da atrabilis do chefe, affianço a meus amigos que nenhuma satisfação a este respeito daria. Mais sabe o tolo em sua casa que o sizudo na

alheia (1). Deixaria que de mim falassem as irresponsáveis más linguas, que se acoutam hypocritamente num gremio de nossa Religião. Que se esbofassem, até os limites compatíveis com minha liberdade pessoal...

Mas tratando-se de um chefe, que possuiu minha confiança, que usou e abusou da condescendente subordinação que lhe teve quem já era positivista antes de se chegar a elle; tratando-se de falatorios autorizados por meu ex-chefe, era de minha parte um dever dar explicação de tudo. Embora, a respeito dessa questão íntima, tenha eu do chefe categoricas affirmações de que ellas me não deslustraram em seu conceito,—agora não posso mais confiar em taes documentos, porque o chefe *tudo mudou*, depois que «eu não trepidei em endereçar-lhe» as famosas epistolas. Para contar com seu antigo juizo, precisaria transformar-me, isto é, precisaria dirigir-lhe missivas laudatorias. Ora, como esta mudança é improvavel, á vista do exposto,—não tenho remedio sinão esclarecer até nugas pessoas, que dão fundamento a calumnias vagas.

*
* *

Em seu folheto fala o meu amigo que os conceitos do chefe e seus sequazes foram ao ponto de descobrir «que até o merito intellectual me falta». Soube realmente como o chefe proclama que meu pobre intellecto nem o francez alcançou. Este caso, a explicar-se, havia de ser uma historia interessante. Com documentos escriptos, provaria que, apesar de minguado, alguns serviços prestou meu saberete na segunda edição do *Catecismo*. E isto examinando pouco mais de um quarto da versão portugueza, a pedido do traductor, que é o proprio chefe.

(1) ...advertid que mas sabe,
Que el entendido en la agena,
En su casa el ignorante.

(F. DE ROJAS—Teatro Español escogido, 352)

Mas é melhor não tocar nestas e noutras cousas. Só o farei, si a isso for *de novo* provocado pelo chefe. Estas ninharias contristam quem se vê obrigado a versal-as seriamente. Isto até nos vence, porque nos enteja... Quem se vale de taes niquices, deve estar bem pobre de argumentos para tisnar os serviços que malbarata, depois de os haver utilizado.

Passemos para a segunda parte desta nota.

II

Devo tratar agora das epistolas vituperosas, que para aqui enviou o chefe, no intento ferino de me afastar amigos caros e dedicados. A essas cartas se refere o cidadão A. Souza, dizendo que «estava longe de subscrever todos os conceitos emitidos a meu respeito, quer na circular e documentos annexos, quer nas cartas posteriores.»

Só tratei de haver á mão a que foi dirigida ao medianeiro de minha escolha, amigo certo, de velha data e intimo conhecedor de minha vida. A carta, porém, tão apaixonada, tão «aspera» lhe parecerá que, sob sua responsabilidade, não m'a quiz communicar e pediu a autorização do chefe. Nesse tempo a carta, em cópia e com additamento, era por aqui largamente conhecida. A ella se remettiam os amigos recalcitrantes, para inteiramente se desilludirem a meu respeito.

Uma quinzena demorou o chefe em responder. Habitualmente costuma demorar muito mais, sempre que se trata de assumpto que não o toca pessoalmente.

Afinal veio a autorização: a carta me podia ser communicada, pois era util que eu conhecesse meus defeitos, a fim de mais efficazmente reformar-me.

Meus amigos já lhe conhecem muitos pontos extractados em notas anteriores. Tratar do mais que áhi se lê, fôra esgrimir palavras pouco sonoras. Que hei de responder a um homem orgulhoso, que soberbamente

nos quer *decretar* empolados juizos em lugar de factos, e se limita a improperar chamando-me «grande trapalhão», «pessoa incompetente moral e intellectualmente», cheia de «toleima», etc., etc.?

Si os factos, em que diz basear-se, forem cabaes para me afastar dos postos que tenho prejudicado, —repito,—em publico e ás claras me deve chamar a contas, enunciando tudo racionalmente, isto é, com precisão, clareza e consistencia. O mais não merece attenção, não pode ser rebatido seriamente. «Toda proposição que finalmente não é reductivel á simples enunciação de um facto, ou particular ou geral, não pode offerer nenhum sentido real e intelligivel» (1). As ficções positivas só um Augusto Comte pode construir, e tiveram sempre ou um alto destino logico ou um sublimado alcance moral. Nunca poderiam forjar-se para com ellas deturpar o character de nossos desaffectedos. Só um chefe muito insufficiente pode pensar de outro modo.

Não posso, pois, e não devo e não quero oppor uma repulsa *analytica* a affirmações orgulhosas, em que, habilmente (2), se atiram labeus vagos para falsar os golpes do adversario, para obrigar-o a sahir de sua moderação e entrar no terreno das invectivas, dos improprios.

O cidadão Miguei Lemos, desde seus tempos escolares até hoje, nunca achou um superior digno de seu respeito e de sua obediencia. Contra todos se revoltou, porque uma autolatria exagerada não lhe permite ver ninguem superior a elle mesmo.

Devia, pois, respeitar-se a si proprio e não escrever cartas onde se renega em tudo. Já que não o fez, eu tratarei de remediar ás semrazões que seu proceder acarreta.

(1) A. COMTE—*Philosoph. posit.*—condens. de Miss MARTINEAU, II, pag. 587; *Philosoph. posit.*, VI, 3.^{me} éd. pag. 600; *Polit. posit.*, app., pag. 140.

(2) «Desbragadamente», disse e fez aqui o representante do chefe.

Em respeito a todos os proceres do Passado e aos que no Futuro a todos nós hão de julgar : em respeito a venerandos anciãos que no presente devem merecer nosso amor ; em respeito, por ultimo, a minha propria dignidade, que, por menos que valha, vale sempre minha justa individualidade,—não mais tomarei em consideração quaesquer atrabiliarias epistolas com que o chefe me queira detrahir. Baseando-se em factos, citados com rigor, tratarei de os esclarecer, quando em publico vierem desinquietar as consciencias rectas.

E só. Que a Humanidade me perdôe, si acaso ultrapassei os limites da justa repulsa ! A paciencia minha não poude comportar tanta cousa a um tempo.

CONCLUSÃO

Em parte nenhuma desta exposição neguei ao chefe o discrecionário poder que elle tinha para me desligar do centro que dirige. Não lho neguei e não lho nego. Si a soberba do chefe insufficiente não suporta collaboradores esforçados, ainda que insufficientes também; si elle só quer subordinados para esposar os resentimentos seus e para applaudir todos seus actos, amargando calado todas as censuras,—está claro que eu gravemente claudiquei, não levando até ao calvario a terrível cruz que me avergoava. Mas dado o castigo, consummado o desligamento, não podia o chefe exceder-se, procurando alcançar-me em todas as minhas relações, para me deprimir, para me arruinar totalmente. O castigo justo só visa a falta incriminada,—não attinge os actos lidimos, não tisna as manifestações, os serviços que a precederam; não alcança todos os aspectos de nossa vida.

Já que eu estomagára pessoalmente o chefe (1),

(1) E' preciso não esquecer que eu fui desligado porque não «trepidei em endereçar» ao chefe missivas com reclamações energicas e queixas fundadas. O chefe declara que, mesmo provado o fundamento de minhas queixas, eu teria aberrado de seu canon pessoal. Assim, eu aberrei sómente do positivismo encarnado pessoalmente no chefe, e é por isso que eu não cessarei de firmar que minha questão é com a pessoa do director do Apostolado. Até hoje ainda não puz em duvida um só dos principios dogmaticos do Positivismo, em cuja Igreja universal espero morrer, como declarei a meu amigo A. Souza.

Esta nota vai com vista a boateiros que propalaram estarem *abaladas* minhas crenças depois deste conflicto puramente pessoal. Tal conflicto terá em minha vida reacção analogá á de uma violenta separação entre dous amigos de crenças communs e com indoles, com defeitos contrarios.

este que cortasse relações comigo. Mas o poder *peçoal*, que assim castiga, não ha de passar além. Não ha de pretender inutilizar-nos como esposo, como pai, como filho, como amigo e mesmo como cidadão. Incompatibilizar-se pessoalmente com o director de um *gremio* positivista, não é sahir do gremio da Igreja universal, não é soffrer excommunhão perpetua, excommunhão maior.

O que transcender esses limites, só da raivença destruidora pode nascer, só pode vir da insufficiencia que antes de tudo quer *parecer* chefe, confundindo o orgulho pessoal com a dignidade social e a cruel dureza com a energia directora (1). O proprio Mestre, que era Summo Sacerdote e podia excommunhar, dizendo que seus contemporaneos seriam sobretudo julgados conforme sua conducta em relação ao positivismo, faz esta declaração característica: «duas estigmatizações pessoais provaram já que, a este respeito, EU OUSO *antecipar a Posteridade.*» (*Circ.*, 102).

Foi contra ousadias e assomos desmarcados que acabei de reagir. Será contra pretensões assim irracionaes e anti-positivistas que hei de protestar na promettida nota VI. Precisamos ver que não é mister o estrondo, o espavento, as invectivas para que passemos por chefe, por firme, por homem riço de character. A perseverança e a energia são os mais communs dos attributos humanos: encontram-se em todos os animaes verdadeiramente activos. O principal é termos amor, é termos fé, porque as qualidades do character «faltam raramente ás vocações sufficientemente reguladas.» A falta de religião é que hoje torna a vida publica «o apanagio privilegiado das ambições vulgares», é que neutraliza «nos melhores typos» a dedicação corajosa e perseverante. (*Polit.*, IV, 457-458).

(1) Veja-se pag. 73 das *Circulares* de A. COMTE e *Polit.*, IV, 457-458.

A doçura, a bondade, a conciliação, dentro de nossos princípios,—perfeitamente conciliantes e relativos,—constituem processos melhor conducentes a attrahir, a reerguer as almas bem nascidas, que por ahí se abatem ou se transviam contemplando nossas lutas. A reacção que, mesmo nas almas timidas, produz uma conducta conciliante, paternal, amistosa é das mais favoraveis para sua disciplina, para sua reformação. Os grandes doutores da Igreja catholica, os melifluos Ambrosios, os angelicos Aquinos e sobretudo os Salles dulciloquos, já assim o entenderam, ameigando os sobrecechos carancudos, diminuindo os terrores infernaes, decantando as glorias celestes, afastando os bellicos petrechos, que não cabem nas religiosas navetas ou nos alforges espirituaes.

Por isso tudo almejo a terminação desta contenda, a que tenho sido provocado por todos os modos. A parte essencial está terminada. As minucias agora são desnecessarias: só na continuação do debate é que ellas poderiam exigir uma ventilação especial.

Tenho ancia de refugiar-me no seio do Passado e nas esperanças do Porvir, sem a demasiada preocupação deste borrascoso presente. Os homens passam e a Humanidade fica. Si com ella quizermos permanecer, tratemos de viver para outrem: esse é o unico meio de conquistar a immortalidade verdadeira, cujos ambitos se alargam mais e mais com o progressivo desenvolvimento de nossa especie.

Nos dominios inexauriveis de nosso progresso moral, vejamos quem melhor afasta feios rancores e quem mais trabalha para desenvolver os sentimentos bons.

Si é uma inclinação *real* isto que experimento, sei-o eu em consciencia e sabem-no em manifestações os que me querem, os que por mim são queridos. Si parecer minguado o que *de real* eu sinto,—isso tenho e com isso me contento, emquanto a Humanidade me não guia a posses mais altas, de mais *realidade*. O que tenho de

sentimento ha de valer por si, independente dos juizos rancorosos.

Não fico peor porque me vituperam e nem ficaria melhor se me afamassem. O que eu for, isso hei de ser, por mais que me elevem ou me abaixem os juizes incompetentes (1)

(1) *Imitação*, liv. II, cap. VI.

Publicações do mesmo autor

1. **Revista dos Novos** (1885-1886) — collecção incompleta 2\$000
2. **O balão Julio Cesar e o jornalismo** (1888) 1\$000
3. **A ditadura republicana** (1889) 1\$000
4. **O exercicio da medicina** (1890). \$200
5. **A reforma do ensino** (1890) \$500
6. **O Supremo Par**, versos, (1891). \$300
7. **Geometria** de CLAIRAUT (1892), esgotada e a 2.^a edição a entrar no prelo.
8. **Lucia**, novella de C. de Vaux, trad. de Rita F. de Oliveira, e **A. Comte e C. de Vaux**, artigo de Aimel, trad. de José Feliciano (1897) 2\$000
9. **O Natal da nova Religião**, versos, (1898) \$300

ADVERTENCIA.—Este pequenino catalogo pode mostrar a meus amigos alguns de meus esforços em prol de nossa propaganda, a contar sobretudo de 1888 para cá. Só em 1891 me approximei do Centro fluminense, do qual me afastára até então seu exclusivismo intolerante, seu «privilegio de virtude» (1), conforme escrevia em 1889 ao amigo de que falo á pag. 70. Foi a influencia desse amigo que me fez entrar no gremio a 5 de Setembro de 1892.

(1) No *Boletim* n.º 5 P vêm estes trechos que provam como o chefe, confessando sempre sua insufficiencia e a da maioria de seus subordinados, não cessa de arrogar-se a supremacia em tudo. «O positivismo... não receia a comparação entre a conducta privada e publica de seus verdadeiros adeptos com a dos seus adversarios, *grandes ou pequenos*. — ...os que se sentem prejudicados com a *obra de saneamento moral que nossa propaganda vai promovendo*... não conseguirão arrancar-nos apologias ou explicações que reservamos para aquelles que julgamos dignos dellas.»

PROTESTAÇÃO FINAL (*)

Nos elogios que tributei aos talentos do chefe, e que mantenho hoje; nas opiniões e testemunhos com que reforço agora suas próprias confissões de incompetencia apostolica ou sacerdotal; nas repulsas inevitaveis que tive de oppor a suas accusações ferinas,—protesto:

1.º Não pretender mais autoridade além da que resultar dos documentos citados ou da opinião discutivel e imperfeita do autor: sou uma testemunha coeva que me agito, com o fim de ser conduzido pela Prioridade que *ensina* e pela Posteridade que *julga*;

2.º Esperar a sentença definitiva do sacerdocio futuro, á qual me sujeitarei de plano: no presente só o verdadeiro poder espiritual fará um julgamento completo e mui raramente *ousará* prevenir o aresto final da Posteridade.

(*) Sigo aqui nossos bons predecessores catholicos. Imito a protestaço que Urbano VIII prescreveu aos fieis, quando em seus livros apreciasssem os feitos ou exemplos de pessoas notaveis. (Decretos de 1625, 1631 e 1634). Precisamos dignamente sentir que o interregno espiritual continúa, que não ha sacerdocio e não podemos nos arrogar a funcção de juizes completos. Assim diminuiremos o estímulo critico em um meio tão anarchizado e tão presumpçoso.

Tudo, tudo submetto á correcção do sacerdocio da verdadeira Igreja positivista, em cujo seio conto sempre viver, como rendido filho e servidor humilde. Assim possa eu alcançar dignamente o surto feliz de tão alto sacerdocio!

Em 16 de S. Paulo de 110 (5 de Junho de 1898)

José Feliciano

6, rua General Jardim,
N. em Jundiáhy a 6 de Março de 1868.

ADDENDA

(á pag. 38)

A demora na impressão deste folheto me permite communicar a meus amigos que D. J. S. Florez já me accusou o recebimento da quantia enviada. De sua carta extraio commovido estas linhas tocantes: «Completei 85 annos a 29 de Março ultimo, e os carrégo bem penosamente, atormentado por uma nevrose aguda, um eczema geral, uma forte irritação na bexiga e duas hernias inguinaes... Aos confrades que vos derem dinheiro para mim, dizei-lhes que, tendo eu 85 annos, tal subsidio infelizmente não pode durar muitos annos. Creio mesmo que irei breve,—o que para mim seria desejavel, a fim de acabar com esta vida de soffrimento. Os sabios latinos diziam muito bem e com razão: *A vida não é estar vivo, mas estar válido (Non est vivere, sed valere, vita).*»



CORRIGENDA

Pag. 12, em vez de *proprio*. —leia-se: *proprio...*

» 15, » » » *permissão*,— » *permistão*,

Outros erros são de facil correcção.

INDICE

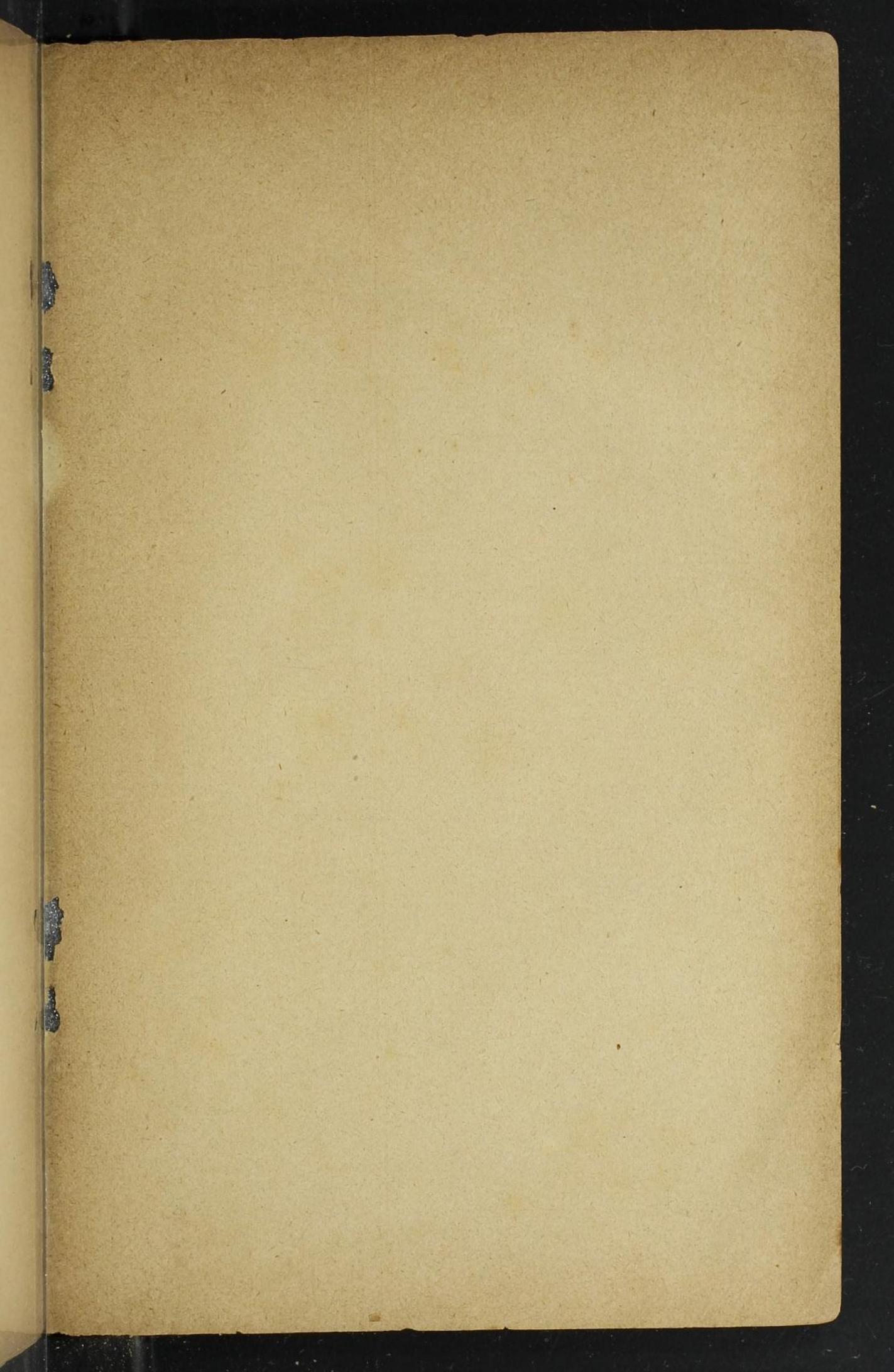
Advertencia	2
A Augusto Comte	3
Nota prévia	5
I. DECLARAÇÃO DECISIVA	9
I. Advertencia geral e pessoal	11
II. Resolução final.	17
II. DISSOLUÇÃO DO CENTRO POSITIVISTA	27
I. Dissolução do Centro	29
II. Resumo financeiro	34
Conclusão	38
III. NOTAS E ESCLARECIMENTOS PESSOAES	41
I. (As hypotheses sympathicas)	43
II. (Os testemunhos da amizade)	44
III. (A aptidão apreciatrix e julgamentos do chefe)	48
IV. (A insufficiencia do chefe)	52
V. (A insufficiencia minha)	56
VI. O sacerdocio, a disciplina e a propa- ganda positivista	61
VII. Esclarecimentos pessoaes	65
CONCLUSÃO	77
Publicações do mesmo autor	81
Protestação final	82
Addenda e corrigenda	84

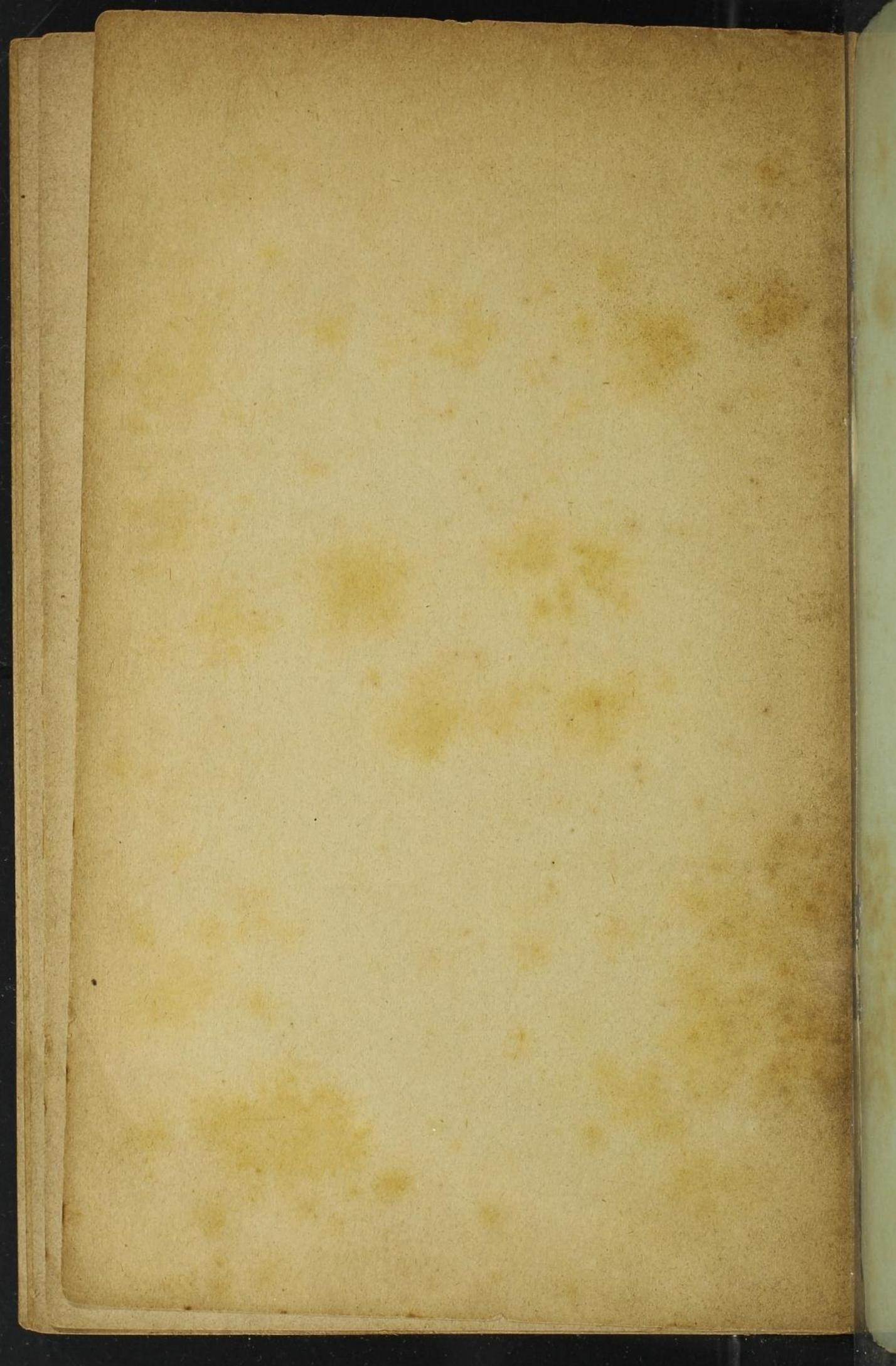
NOTA. Devido a tardanças da typographia, só se acabou de imprimir este folheto a 21 de S. Paulo de 110 (10 de Junho de 1898).

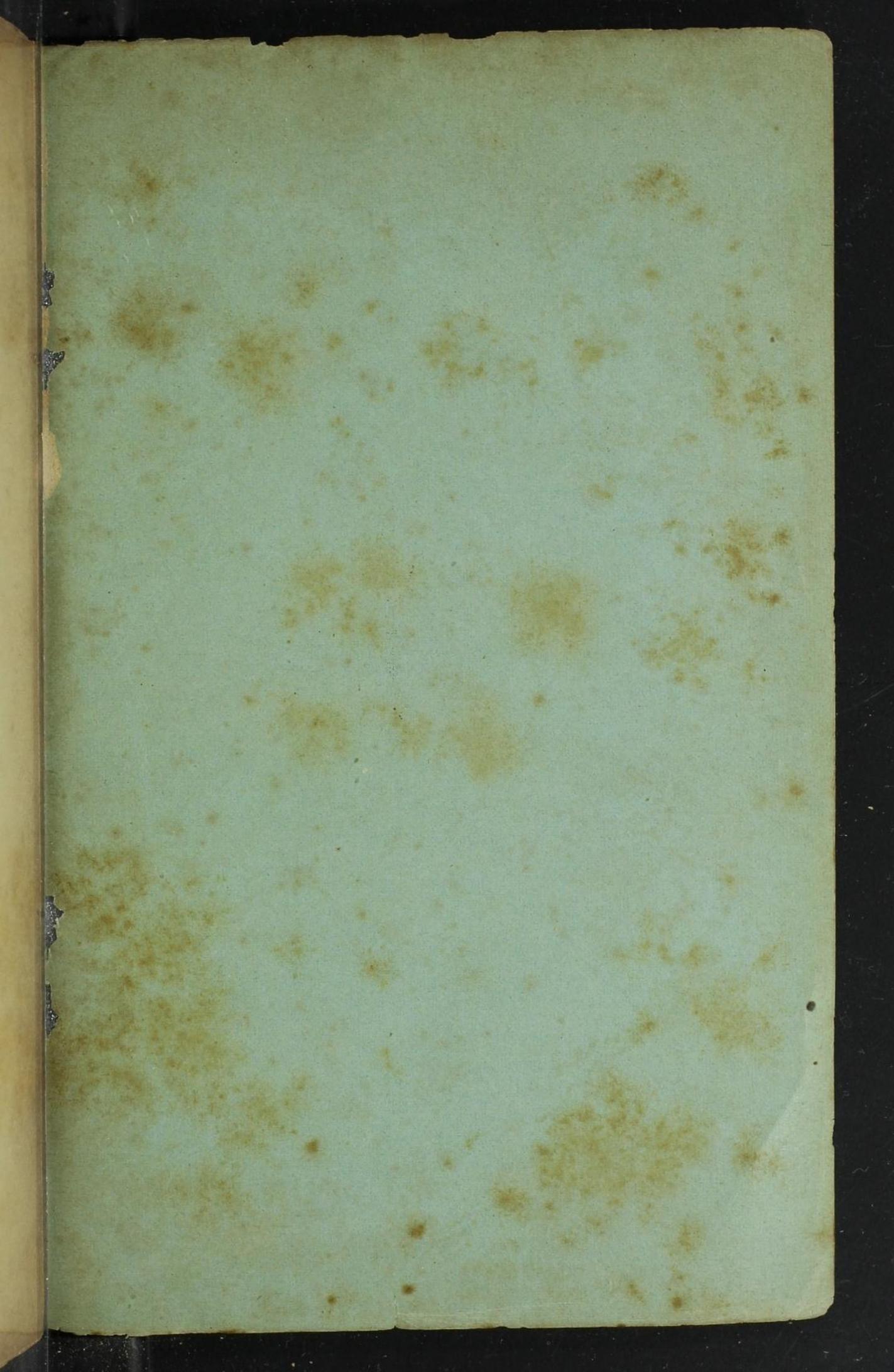
1840

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM
OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.

1840
1841
1842
1843
1844
1845
1846
1847
1848
1849
1850









N.º 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM

VIVER ÀS CLARAS

A PROPAGANDA POSITIVISTA

em

S. PAULO

(Explicação decisiva aos amigos e correligionarios)

por

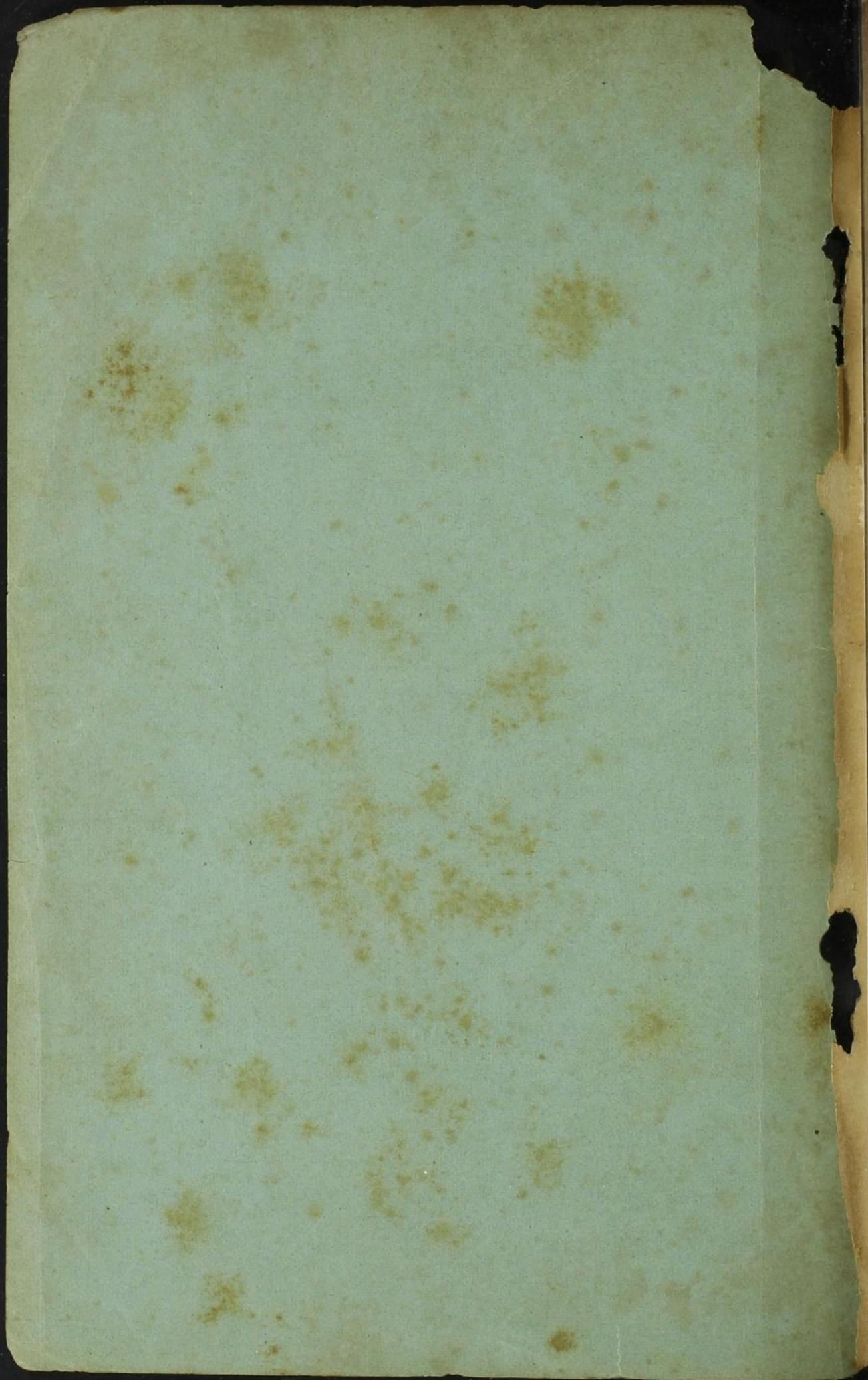
JOSÉ FELICIANO



S. PAULO

6, Rua General Jardim, 6

ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Maio de 1898



R
O AND

A P

(L)

N.º 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM

VIVER ÀS CLARAS

A PROPAGANDA POSITIVISTA

em

S. PAULO

(Explicação decisiva aos amigos e correligionarios)

por

JOSÉ FELICIANO



S. PAULO

6, Rua General Jardim, 6

ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Maio de 1898

ADVERTENCIA

Deste folheto só se tirou uma pequena edição.

Não é destinado á venda, embora se distribua a todos que se interessarem pela questão, e a respeito desejem esclarecer-se. Em qualquer caso, porém, a distribuição ha de ser pessoal, porque «ninguem devendo aspirar á estima daquelles que lh'a não merecem, cada um não deve a todos indistintamente uma conta habitual de suas acções quaesquer.» (*Catéch. posit.* 298).

Este exemplar n.º é dirigido ao cidadão

.....

.....

O Autor,

.....

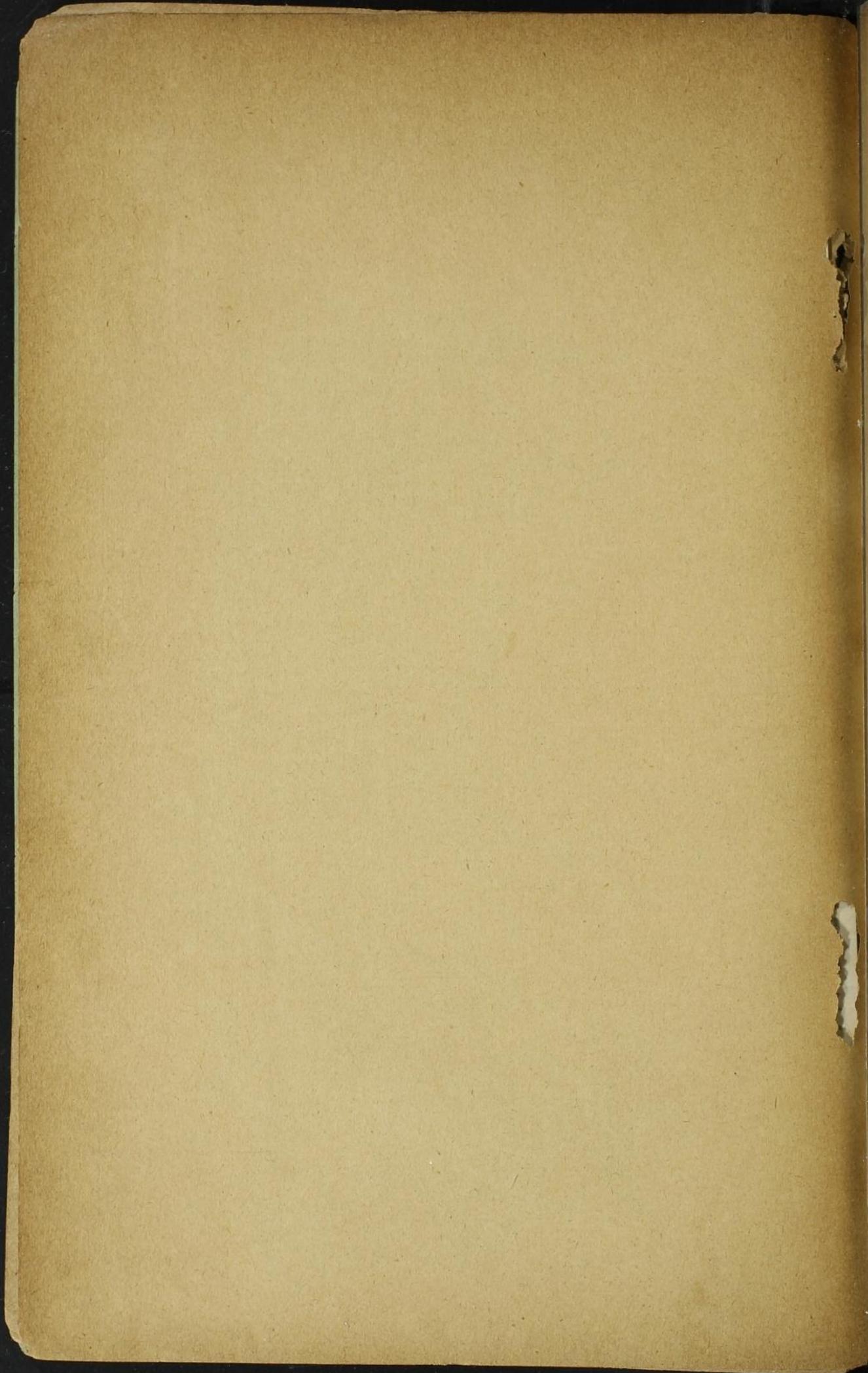
A AUGUSTO COMTE

Tantas, tão rudes nesta vida foram
As penas que curtiste, Mestre amado,
Que é bem possas viver recompensado
Nos corações daquelles que te adoram.

Quantos no mundo a influência exoram
De teu saber—resumo do Passado,—
Tendo da vida o travo amargurado,
Em teu soffrer o coração vigoram.

.....

Em ti devem tambem haurir a força,
Para affrontar a tormentosa lida
Que os fracos doma e os validos reforça.



NOTA PRÉVIA

...«é instante a necessidade que temos de alargar a esphera de nossa propaganda religiosa, a fim de garantir a efficacia e o futuro de nossa Igreja.»

...«ainda somos muito revolucionarios para sentir bem os verdadeiros proveitos de uma extensa fraternidade, de uma larga tolerancia, de uma affectuosa conducta que attráia e não repilla.»

(Resenha de *nosso movimento em 1896*).

Só agora participo a meus amigos e correligionarios a deliberação a que fui levado pela circular que me desligou do gremio fluminense, e «considerou extintas nossas relações» com seu chefe, conforme este declara devolvendo sem abrir uma carta minha (1). Aguardei que se applicasse a effervescencia provocada pelo chefe e não animei discordias, não desafiei reacções, não instiguei os dyscolos. Minha deliberação final era de natureza a prescindir de qualquer apoio *partidario*, e seria mau discutir assumptos que só a calma reflexão utilmente resolve.

Desejava mesmo soffrer tudo com paciencia e retardar esta declaração. Acreditei, porém, que estava prejudicando os mais com meu silencio, principalmente

(1) Só depois da minha completa desillusão, só depois das cartas vituperosas, é que expliquei esta offensa inutil e gratuita.

sendo varias vezes perguntado pela abertura de minhas conferencias deste anno.

O tempo decorrido após minha desligação, realizada ha quasi dous mezes, basta para que minhas palavras sejam decisiva explicação e não sirvam de incitamento a criticas apaixonadas.

Precisamos nos abster de accusações ferinas, que nos amargariam a todos, que nos tornariam mais imperfeitos e iriam escandalizar as almas ternas, as almas que começavam a divisar a grandeza da nova Religião nos esforços que por ella envidávamos.

Por isso é que não tomo em consideração umas epistolas aculeadas, contumeliosas que por aqui têm corrido. Si as accusações que contêm são cabaes para me afastar dos postos que tenho prejudicado, de outro modo e ás claras é que me deviam chamar a contas. Não é generoso, é maledicencia atacar ferinamente os mais, compellindo-os a reacções deploraveis, a manifestações em que os maus pendores inevitavelmente se exercitam.

Si, acabada a agitação, o chefe lamentar haver cedido a tão maus impulsos, lograrei ao menos a satisfação de não o haver directamente provocado a essas e a outras invectivas, de todo em todo contrarias á terna, á sympathica, á synthetica, á synergica, á santissima Religião nossa. E' assim que devemos seguir os dictames do Mestre, trabalhando em nosso aperfeiçoamento privado, «eliminando todos os sentimentos repulsivos, por mais legitimos que elles sejam». (*Testamento*, 223).

Não digo isto por inculcar virtude que eu já tenha, mas por ser mensageiro de boa doutrina, por mostrar os desejos que me animam, as intenções com que actúo.

Sei que a paciencia tem limites racionaes; ultrapassal-os é, como diz um Santo, semear vicios, nutrir a negligencia, promover o mal. Só por isso tambem é que venho dar esta explicação.

Já que tudo fez inevitavel o rompimento, já que elle é definitivo e definitiva é minha resolução final,

expliquemos os factos claramente, francamente; expliquemos tudo sem hostilidade vã, sem inuteis accusações .
pessoaes.

Esta é a mira que leva quanto se vai ler nas paginas seguintes (1).

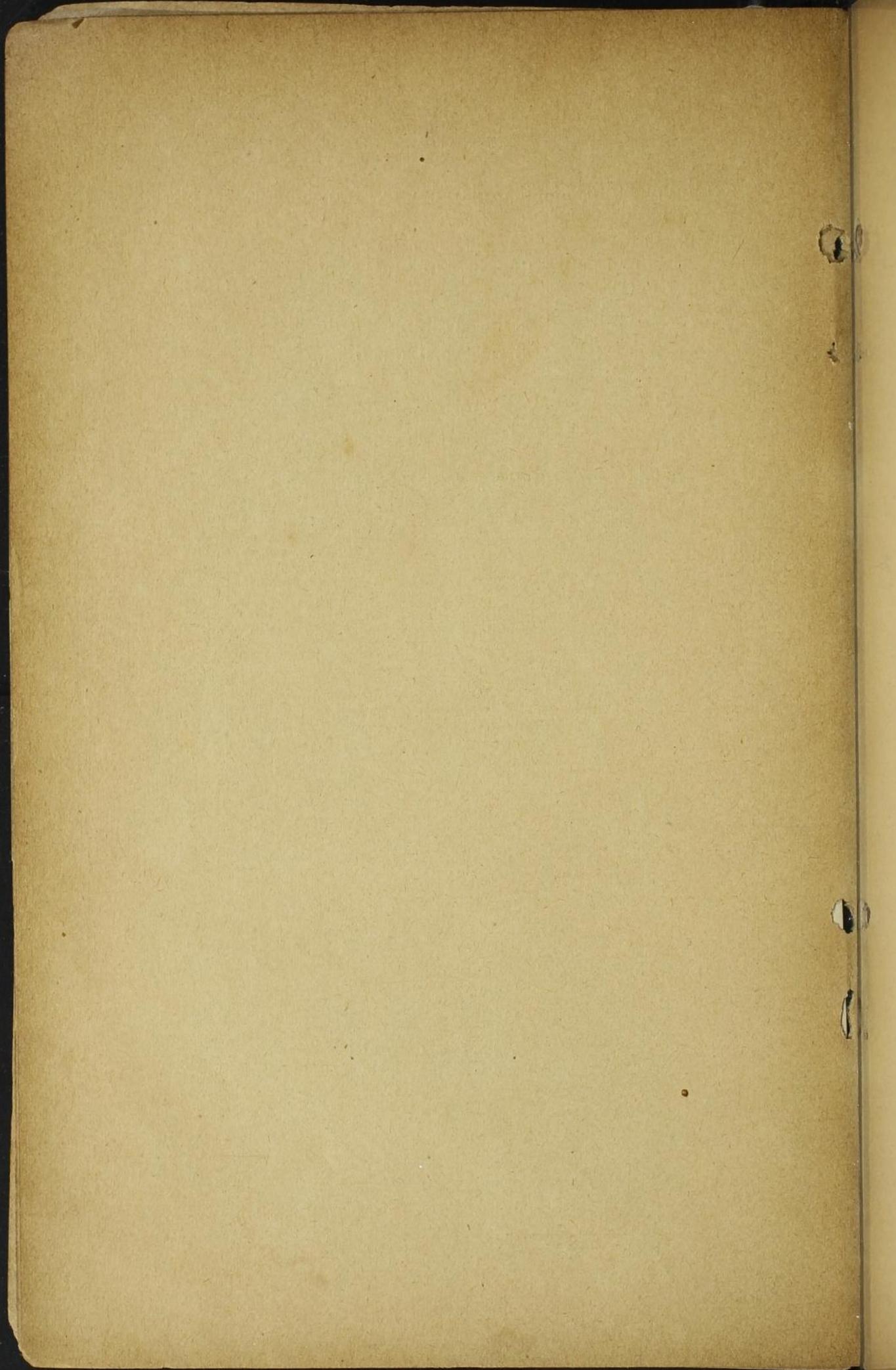
S. Paulo, $\frac{9 \text{ de Archimedes de } 110}{3 \text{ de Abril de } 1898}$

José Feliciano de Oliveira.

6, rua General Jardim (Villa Buarque)

Nascido em Jundiahy a 6 de Março de 1868.

(1) Tendo conhecimento de varias accusações ferinas que o chefe tem feito correr entre os amigos que me estimam, para os desligar de mim, — fui obrigado a alongar umas notas que já determinara appensar a esta declaração. Mantive, porém, o proposito de fugir a uma hostilidade vã e a inuteis accusações pessoaes, embora não pudesse evitar uma justa reacção no esclarecimento de pontos desagradaveis. A muito mais me provocou o chefe, como se verá em a nota VII. (24 de Archimedes—18 de Abril).



I

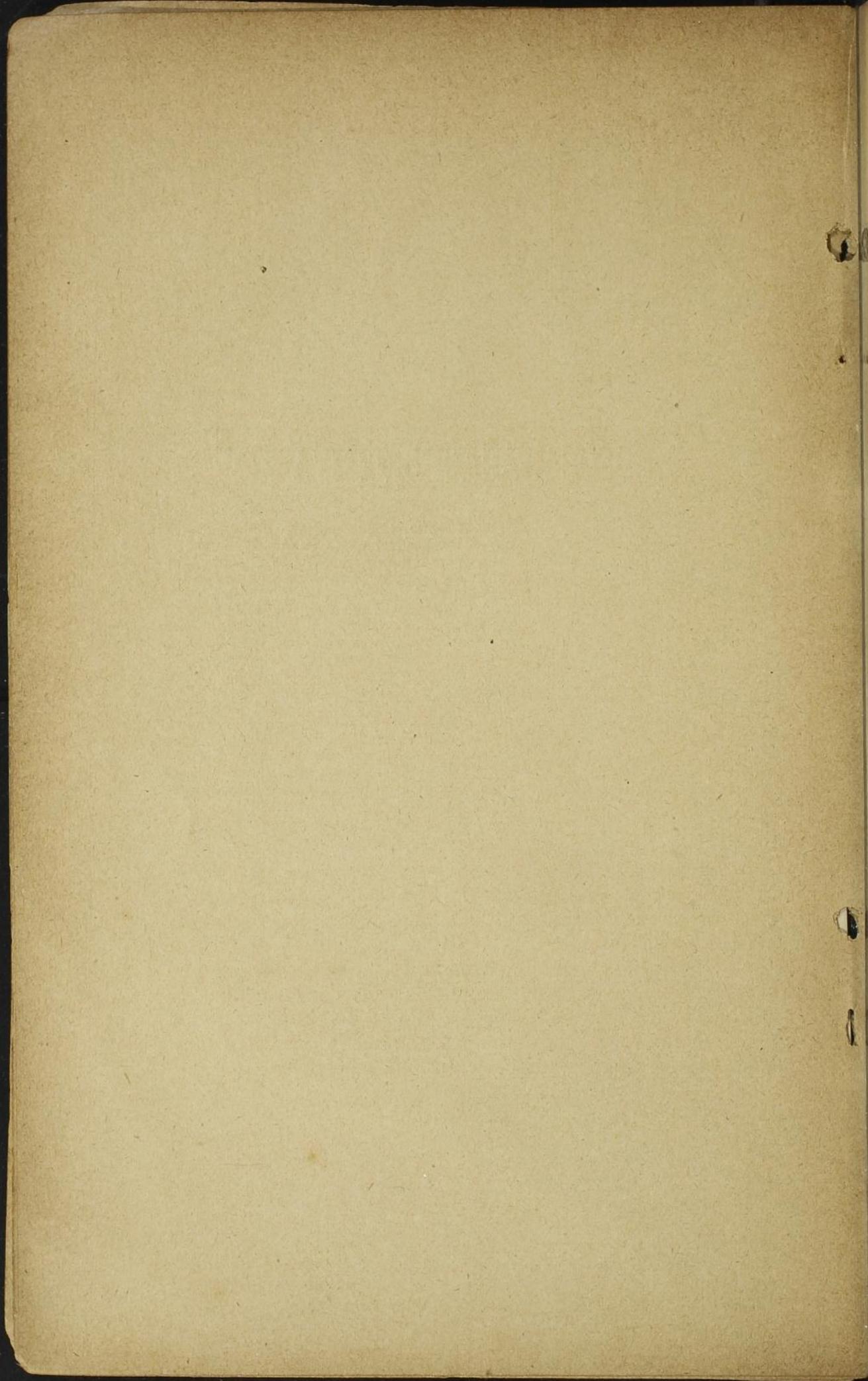
DECLARAÇÃO DECISIVA

...não deixe emfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito;
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CAMÕES, *Lusiadas*, V, 100.

Esta sabia e abençoada doutrina (o
Positivismo)... dominará eternamente, tanto
na vida publica, como na vida privada, todos
meus sentimentos, pensamentos e actos.

BENJAMIN CONSTANT.



I

ADVERTENCIA GERAL E PESSOAL

Nenhuma revolta pode evitar o reproche de inconsequencia... Insurgindo-se contra os papas, os reis modernos suscitaram finalmente a indisciplina de seus proprios subditos.

—O sacerdocio deve sempre esforçar-se por conter mutações pessoaes, cujo livre curso tornar-se-ia mais funesto do que os abusos que as houvessem inspirado.

—...o julgamento universal, sabiamente cumprido, constitue o officio sacerdotal mais decisivo, o mais difficil de fundar e desenvolver...—suppõe uma digna preponderancia do espirito synthetico, consolidada e desenvolvida por uma forte preparação encyclopedica, onde sempre domina a harmonia normal entre a sciencia, a arte e a industria.

A. COMTE, *Politica*, II, 327, 330 e 332.

Fica extinto o Centro de propaganda positivista que fundei nesta capital. O curso deste anno, que devia ter começado em Março, não terá mais lugar sob minha direcção.

Suspendo essa propaganda systematica, porque hoje só poderia proseguil-a abrindo scisão com o centro do Rio, de que fui desligado no dia 11 de Homero (8 de Fevereiro) e de que me acho totalmente afastado emquanto permanecer nelle a direcção actual.

Não é preciso explicar largamente todos os factos que nos levaram a tão completa separação. Apurar vagas apprehensões, illogicas hypotheses e divergencias pessoases,—são cousas mui pouco positivistas para interessarem á Humanidade. Nisto, como em tudo o mais, cinjamo-nos aos ensinamentos do Mestre dos mestres, Chefe invisível, subjectivo Papa de todos nós (1).

Agora bastará explicar summariamente o rompimento final e minha final resolução.

*
* *

Duas cartas minhas, uma puramente intima e outra de character mais geral (2), serviram de motivos especiaes e caracteristicos para fundamentar minha desligação. A' primeira acompanhavam uns commentarios, cuja parte final, completando minha segunda carta, devia ser transcripta com ella. O chefe supprimiu essa parte e em vez della transcreveu a primeira carta, só cheia de noticias particulares, que podiam promover discordias. O uso de iniciaes suppostas ainda mais devia alargar as desavenças e equivoicações (3).

Na segunda carta, com seu complemento, pedia eu, por ultimo, vivazmente, energicamente uma organização para o Centro daqui, e protestava contra intervenções

(1) Veja-se no fim a nota n. I

(2) Sem deixar de ser bem intima. Isto de tomar o que se escreve intimamente, ou sob uma confiante subordinação, como paginas definitivas, vistas e revistas, de um livro publico,—pode ser habil muitas vezes, mas correcto, sympathico, fraternal é que não será com certeza. Entre amigos pensamos alto, já conversando, já escrevendo. Emittimos juizos em formação, e assim nos auxiliamos reciprocamente ao santo calor, á luz santa do sentimento puro, da mente esclarecida. Nossas opiniões podem assim dissipar-se ou firmar-se definitivamente, para depois influir em nossa vida publica.

(3) Houve com effeito algumas: *H* (Dr. Bhering) foi tomado por um outro; *S* (um extranho a nosso meio) foi tomado como eu proprio.

desorganizadoras a que o vago, a prevenção, «as apprehensões» me deixavam sempre sujeito (1).

O chefe, em tudo e por tudo, repellindo o que teve por uma «intimação», cortou commigo todas as relações, impoz-me um intermediario hostile, preferiu-o a um amigo commum e não me deu resposta alguma a estas deliberações:

1.^a) Logo que vi não poder proseguir na propaganda sem a hostilidade do centro fluminense,—que até suas publicações daqui me retirava,—fui ao cidadão Godofredo Furtado e offereci-lhe que continuasse a dirigir o Centro nosso em harmonia com o do Rio de Janeiro. A' vista de sua recusa formal, deliberei:

2.^a) Pedir ao Rio a vinda de um substituto a quem eu tudo entregaria, passando a simples ouvinte. Só na ausencia completa de um substituto, eu dissolveria o Centro, dando um destino social a todos seus moveis e ornamentos.

O intermediario não transmittiu ao chefe essas deliberações e inveridicamente o informou de que eu me recusava a entregar as publicações do Apostolado.

Prescindi afinal de tão infiel medianeiro e recorri a um querido amigo, muito considerado pelo chefe. Essa mediação foi absolutamente rejeitada. Foi rejeitado o

(1) O caso que motivou meu protesto cifrava-se em me desautorar o chefe, querendo decidir de novo o que já estava plenamente resolvido *ipso facto* e com sua approvação.

Não transcrevo minhas cartas, porque esta declaração visa sobretudo aos que têm conhecimento da circular do chefe. Dos commentarios não tenho cópia. Apesar de haver pedido ao chefe que os conservasse á minha disposição, até agora não m'os devolveu.

Desses commentarios resulta: 1.^o) que eu só devia prestar contas de meus actos, sem sujeitar a nova decisão o que eu mui legitimamente já decidira; 2.^o) que eu aqui dirigia um grupo composto de alguns que nenhuma relação mantinham com o chefe central, ou que delle eram conhecidos por meu intermedio; 3.^o) que não era possivel a autoridade do chefe prestar-se a resurgir questões decididas, ferindo-me de ricochete; pois eu arcava com toda a responsabilidade de minhas decisões quaesquer. Declarei que daria conta de meu proceder, mas não admittia que a questão recommencesse de seus primordios e desenrolasse todos seus aspectos desagradaveis, como aconteceu no primeiro julgamento, que para mim era decisivo.

testemunho de uma pessoa sympathica, como si não fosse dogma positivista que o amor não pode cegar, que só o odio é cego e que o amor sómente é real no mundo (1).

O chefe acceitou as informações falsas, ratificou-as (como si assim poudesse fazel-as veridicas) e hereticamente considerou a hostilidade actual como substituindo o julgamento do ceu, da «terra da verdade», no acertado dizer de nossos maiores (2).

Estimulou assim injustificaveis repulsões e impeliu-me para o caminho da rebeldia, da dissidencia, como unico a trilhar na prosequção de minha propaganda systematica.

Não podendo modificar minhas pretensões—de maneira alguma «insolitas», quer ante as nascentes praxes positivistas, quer perante as seculares de nossos predecessores catholicos (3):—não tendo, por outro lado, nenhuma formal accusação de outros erros, com o fim organico de me auxiliar na emenda (4); e, finalmente,

(1) Veja-se no fim a nota II. Depois um outro bom amigo e veterano positivista reforçou o testemunho. Mas o chefe só fez questão de ser firme e não quiz desilludir-se.

(2) V. no fim a nota III.

(3) Pode e deve haver decisões exclusivamente reservadas aos chefes estadaues, para manter a unidade nos diversos centros.

Vejam-se os casos reservados, desde os da celebre Bulla da ceia (*In cænâ Domini*) até os dos bispos, os *ex-informata conscientia*; vejam-se as attribuições dos simples curas, absolvendo *in articulis mortis* os mesmos casos reservados ao Papa; vejam-se os canonistas que tratam de taes casos, dos casos inappellaveis, desde o nosso MONTE (*Direito Ecclesiastico*, III) até GOUSSET (*Théologie morale*, tome II). Veja-se no fim a nota VI.

E para se conhecer qual fosse o escrupulo do sacerdocio catholico em evitar as intromissões na vinha ou na seara alheia, basta citar esta nota do *Catecismo do Concilio de Trento* (II parte, cap. VIII, § XIII): «O religioso respeito com que desde os antiquissimos tempos da Igreja se conservou o direito de padre commum, facilmente se vê nos velhos decretos dos Padres, *peios quaes se acautela que Bispo nem Padre não ouse ingerir-se em parochia de outro, sem a autoridade de quem a ella preside (quibus cautum est ne quis Episcopus aut Sacerdos in alterius parochiâ aliquid gerere audeat, sine ejus auctoritate, qui illi præset)*.

Finalmente o proprio chefe, quando subordinado do Sr. Laffitte, sustentava sua total competencia para decidir no caso de disciplina interna, sem *nada communicar a seu superior*. (Veja-se o relatorio de 1884, pag. 19).

(4) Quem deseja saber nossas mazellas para cural-as com a maledicencia, é indigno de nossa attenção.

havendo soffrido a mais repulsiva hostilidade, ao ponto de nem me poder communicar dignamente com o chefe, —só me restavam em geral dous caminhos a seguir:

1.º) Dar ao Centro paulista a organização que lhe negava o chefe geral e «proseguir por conta propria minha carreira positivista», constituindo mais «uma livre tentativa de propaganda» (1), o que era affrontar, era aggravar a hostilidade do gremio fluminense;

2.º) Extinguir o Centro, inutilizando aqui esforços meus e sacrificios de 10 annos, mas fugindo ao mesmo tempo o mau exemplo de systematizar uma nova revolta no seio da Igreja universal.

Senti, pensei e felizmente preferi o segundo caminho, o caminho da obscuridade, a que me volvo depois de tres annos de esforços continuos, de multiplos trabalhos numa propaganda systematica (2).

Si para a Humanidade for um bem a extinção deste Centro, ao exclusivo chefe, que dirige no Brazil o Apostolado systematico, pertence a gloria de semelhante feito. Si for um mal, como me parece, a indefectivel

(1) As expressões sublinhadas são da carta-circular em que o chefe, embora *prevendo* meu «*naufragio*», deseja que eu tenha exito feliz em meus tentamens de propagandista.

Quero evitar as accusações ferinas, e por isso não caracterizo essa permissão, curial nas epistolas do chefe.

(2) Para mostrar os males insanaveis que resultam das propagandas, dos centros antagonistas, basta citar este trecho de Augusto Comte, nosso juiz completo: «Qualquer antagonismo collectivo entre os diversos servidores da Humanidade não pode habitualmente conciliar-se nem com a noção, nem sobretudo com o sentimento, do verdadeiro Grão-Ser». (*Polit.*, II, 72). O venerando Sr. Congreve, chefe da Igreja Britanica, separando-se do Sr. Laffitte, sempre entendeu que a divergencia não importava em romper a fraternidade, os laços amistosos entre os positivistas. Elle sempre desaprovou a virulencia de linguagem do chefe brasileiro.—De facto, si nós mantemos relações com amigos de outros credos, porque as havemos de romper com os positivistas dissidentes?

Era esta propensão á tolerancia um dos defeitos meus que muito alarmavam o chefe. Eu, porém, já o tinha antes de entrar para o gremio fluminense, em 1892. Desde 1888 o manifestei quando, expondo com energia e firmeza a condemnação do jornalismo, mostrava a necessidade de o tolerar até certo ponto. O chefe então discordava por completo de meu modo de ver, e isso mais uma vez me afastou de seu gremio. Por fim, em 1890, teve que attenuar sua opinião absoluta, conforme expoz no relatorio de 1891.

justiça da Posteridade, negando-lhe seu grado e sua graça, ha de lançar em desconto de meus erros os esforços e sacrificios que fiz para evitar o desastroso evento.

Fica-lhe tambem a responsabilidade dos tresmalhos em que alguns hão de cahir, excusavelmente às vezes, porque não há quem lhes acuda com os sentimentos e convicções apropositadas, porque não se acham acostados a um gremio collecter e unido.

Desordenado o Centro que eu aqui fundei e com a ausencia de um completo Superior universal ou mesmo nacional, o Positivismo, como preceitou Augusto Comte (*Polit.*, IV, 542), se desenvolverá melhor pelos livres esforços de seus dignos adeptos que sob um chefe insufficiente (1). Entre elles hão de surgir orgams propagadores da «fé mais susceptivel de inspirar o concurso sem alterar a independencia.» (*Ibid.* 541).

Confiemos mais e mais em Augusto Comte e esperemos que a Humanidade nos julgue, não só conforme os resultados effectivos de nosso labor, mas tambem á vista de nossos projectos, de nossos sentimentos reaes.

(1) Veja-se no fim a nota IV.

II

RESOLUÇÃO FINAL

Perturbaríamos continuamente a ordem social, em vez de aperfeiçoal-a, si nossa principal solicitude se não dirigisse para o emprego das forças *quaesquer*, feita abstracção de sua origem e mesmo de sua séde... Nosso verdadeiro merito, como nossa felicidade, depende sobretudo do digno emprego voluntario das forças *quaesquer* que a ordem real, assim a artificial, como a natural, nos torna disponiveis.

(A. COMTE, *Polit.*, II, 328 e 329)

Ora, eu por muito tempo tenho hesitado em dar a minhas forças *quaesquer* o destino social, positivista, porque achava que outros verdadeiramente aptos e mais fortes é que o deviam fazer. Mas esses não appareceram, não quizeram ahi empregar suas forças... (1)

(Carta ao Chefe, em 6 de Descartes—13 de Outubro—de 107—1895).

Devo assegurar a meus amigos e correligionarios que o desligamento, agora consummado, não é uma excommunhão nem é para mim um desligamento religioso (2). Os compromissos positivistas que tenho assumido como crente, na existencia pessoal e social, mantenho-os todos inteiramente, sempre confiante na Humanidade e em seu incomparavel interprete--August-

(1) Veja-se no fim a nota V.

(2) Veja-se no fim a nota VI.

to Comte—, inspirado por seu dilecto anjo,—Clotilde de Vaux.

Não abracei a Religião da Humanidade como derivativo ou como alimento a uma vã tendencia literaria e philosophista (1). Tendo sido creado no seio do catholicismo,—por uma piedosa e terna Mãe,—ao emancipar-me de seus dogmas sobrenaturaes, busquei outros que cimentassem bastantemente as necessidades organicas de minha alma.

Não podia ser mais feliz encontrando o positivismo. Não só encontrei uma doutrina real, util, certa, precisa, organica e relativa, mas sobretudo deparou-se-me ahi exabundantemente justificada a cultura dos sentimentos, que até ao catholicismo as varias religiões tinham gradualmente visado. Vi que o catholicismo é a melhor preparação ao positivismo, de que foi collectivamente o precursor necessario; vi que o scepticismo deve ser evitado, que o bem publico e a felicidade privada consagram a união das almas convergentes, que se devem conservar catholicas enquanto não se tornam positivistas (2).

Encontrei, em summa, a religião sympathica por excellencia, onde as mais ternas aspirações do coração humano, onde a poesia, a philosophia e a politica se consagram, onde intimamente se alliam para a conquista do bello, do verdadeiro e do bom.

Um ardor prematuro, mesmo antes de meu quarto lustro, me impelliu a propagar sofregamente a fé que

(1) O cidadão M. Lemos, hoje, malsina-me de literato e grammatico mal curado, chamando literatice á mesma propaganda que fiz em quasi 7 annos de subordinação a sua chefia. Pouco se me dá de tal juizo, porque não desejo para mim a nimia benevolencia que elle usa consigo proprio, chamando «apostolado pela palavra e pelo exemplo», mesmo a seu escuro estagio de consciente e nocivo littereismo, (*Nossa iniciação no Positivismo*, pag. 14, conferida com seus escriptos de 1875 a 1879).

E quanto á minha grammatiquice, tambem lhe digo que não posso desejar para mim a complacencia com que tem tratado as mesmas cogitações orthographicas, a que nunca me consagrei. (Vejam-se o opusculo e os varios avulsos que dedicou á chamada *ortografia positiva*, que nunca adoptei).

(2) *Appel aux conservateurs*, 74-80.

me animava. Uma vaidade ingenua amplificou-me as forças e arremessou-me á luta. Sopitando desaccordos pessoases, procurei associar-me aos adeptos da mesma fé e imaginei que assim havia de prelibar os gosos são da fraternidade religiosa. As desillusões vieram. Com ellas veiu o conhecimento de minha insufficiencia e de meu desamparo, porque o chefe se mostrava por igual insufficiente.

Não desanimei, porém, e nem desanimo, contemplando nossas imperfeições, proprias e alheias. Bem má é a humildade que tira o animo; entristecer-se, acabrunhar-se com os proprios defeitos é juntar um defeito a outro defeito. E' preciso que a humildade não nos leve a desconhecer as qualidades que temos, para dellas nos utilizarmos dignamente: nisso está «nosso verdadeiro merito, nossa felicidade.» Não é humildade e pode ser cynismo, pode ser astucia dizer a todos que temos defeitos: elles vêm de seu e por si se manifestam. Bastará confessal-os opportunamente aos corações abertos, aos piedosos, aos limpos de altivez e isentos da curiosidade petulante que sempre imagina o peor (1). Que vale confessar mazellas ao maledicente que só as empeçonha com sua lingua viperina, que leva a martellar continuamente num só defeito nosso, sem contribuir para sua correção?

E depois confessar defeitos, arguir-se de insufficiencia, continuando a fazer tudo como si fosse completo, fôra astucia vã para adeantar e fugir censuras justas, fôra fazer gala do sambenito, fôra frustrar a penitencia digna.

Sou por isso lançado no rumo de modesto recolhido, que se prepara, que se adestra para a luta, num meio ainda muito preocupado com as agitações politicas, que tomaram a deanteira ao culto, ao ensino e á

(1) Muitos destes pensamentos se vem manifestados e postos em pratica na vida do glorioso S. Francisco de Salles. (Veja-se sua excellente biographia feita pelo padre HAMON, cura de S. Sulpicio).

disciplina religiosa (1). E' assim que devo mostrar o sentimento pleno de minha insufficiencia actual, embora não desconheça que me tenho esforçado sempre e que alguma cousa tenho feito. Mas como isso está longe de bastar, recolho-me a tempo, sem maior desanimo, sem rancor, continuando a sentir e a pensar na grata, na sympathica persuasão de que hoje todos os homens são «positivistas espontaneos, em diversos graus de evolução, que só têm necessidade de ser completados» (2).

Volverei ao convivio com um Passado excelso, volverei á prece e ao estudo, applicando minha actividade no desenvolvimento da vida privada e publica, mostrando, nos limites de minhas forças, que todo o homem é um cidadão que a Familia prepara e a Igreja completa. Não devo transcurar o presentimento da Igreja universal na preparação, nas lucubrações que lhe hei de consagrar, no culto de seus proceres e na fé em seu advento. Mas, no setimo lustro (3) que agora enceto, não dirigirei na Igreja nenhuma propaganda systematica.

E como em geral, segundo preceito do Mestre (*Lettres à HURTON*, 116), seus discipulos quaesquer mais deverão falar que escrever,—nesse quinquennio, a par de minhas conferencias didacticas, raras serão as manifestações escriptas que me revigorem o ardor e transmitam a fé. Hei de vencer esse prazo poupando as forças insufficientes, a fim de fortalecel-as e augmental-as.

E' necessario ser um tempo mudo—

..... que aproveita

Sem armas, com fervor commetter tudo (4)?

(1) Mesmo no estado normal, A. Comte consagra para os cavalleiros positivistas «retiros periodicos em edificios especiaes, para retemperarem sua vocação ao pé do sacerdocio.» (*Polit.*, IV, 336).

(2) *Polit.*, IV, 377.

(3) Quantos têm estado em minha intimidade, e o proprio Chefe, testemunharão que foi sempre idéa minha só decidir de minha carreira apostolica quando completasse 35 annos.

(4) ANTONIO FERREIRA, *Carta a Diogo Bernardes*.

Si depois desse preparo tiver grangeado o fundo moral, o fundo intellectual e mesmo physico necessario ao serviço social, estarei prompto aos appellos da Humanidade, de quem espero manter-me sempre digno filho e servidor humilde. O homem se agita e a Humanidade o conduz.

Não fujo á arena; fico livre de laços que julguei me seriam amparo a minha fraqueza e vou preparar-me para fazer um serviço menos imperfeito.

Quanto ao desencargo, ao vital desafogo de que me vou gosar,—não os procurei por minhas mãos, nunca os procuraria, mesmo soffrendo um trabalho exaustivo, a cumprir *todas* as ordens de um voluntarioso chefe, a satisfazer *todos* os appellos feitos a minhas posses quaesquer. Só o escrupulo de não querer buscar um inglorio descanso, é que me tolheu longo tempo numa tensão incomportavel. Pensei que, tratando-se de prestar serviços á Humanidade e não a pessoas insufficientes, era necessario contemporizar, era mister não solicitar minha desligação por dissidios pessoaes com um chefe provisório e incompleto. Aspirando ao triumpho da mesma doutrina e acceitando os ensinamentos do mesmo altanado Mestre, pareceu-me algum tempo que o proprio chefe prescindiria de uma concordancia de opiniões, em que mais se empenhava seu desnatural orgulho ou minha sofrega vaidade. Pareceu-me emfim que era nos aperfeiçoando debaixo do mesmo labaro, que deviamos mostrar a sinceridade de nossas protestações e a grandeza de nossa fé (1).

(1) O Mestre, mesmo em relação a nossos adversarios, dizia: «Superando, pela veneração, toda divergencia secundaria, os verdadeiros positivistas, que põem o coração acima do espirito, saberão activamente desenvolver as convergencias fundamentaes», (*Circulares*, pag. 60). Falando sobre a sentença de Santo Agostinho—*In necessariis unitas; in dubiis libertas; in omnibus charitas*,—diz o Mestre que este «admiravel axioma da Igreja Catholica» é um programma que só o positivismo realiza, obtendo «a unidade necessaria, a liberdade permittida, e a caridade continua.» (*Philosophie*, IV, 52 e *Lettres à HUTTON*, pag. 75).

O exemplo dos grandes, que não é feito para entibiar os pequenos,—ahi estava para nos guiar. Um incomparavel Hildebrando (cuja sós firmeza e virulencia compraz-se o chefe em imitar) convivia na Igreja com um S. Pedro Damião, que o apodara cruelmente. E assim outros Papas com um S. Bernardo, um S. Thomaz de Aquino, um Bossuet. Mas para um tal convivio era preciso disposições reciprocas, era preciso muita superioridade da parte do chefe. Si este a teve, que o demonstrem os factos e a sequencia de nossa vida.

Livre de pesadissimos encargos, tratarei de resarcir o tempo perdido. Sobretudo os meus, os de minha familia deverão ser compensados com os esforços espirituales e materiaes que improficuamente desviei para um gremio, que suppunha um elemento da Igreja universal. Seu chefe, que approvou, que solicitou e aproveitou meus serviços, minhas contribuições quaesquer, é o primeiro hoje que me chama ingrato e se associa aos que me diffamam.

Continuarei a offerecer a pouquidão de meus prestimos a todos os amigos de nossa causa e a meus sinceros affeiçãoados, esperando me perdoarão algum natural desabafo a que me levou a rudeza dos golpes que me foram vibrados.

Solemnemente declaro que a ninguem desejo responder. Para triste exemplificação, basta o que está feito. Quero fugir a novas recriminações, á critica de gallinaceo que tudo esgaravata, que põe tacha em tudo e nada corrige. Essa critiquice até hoje só nos ensinou a perder a veneração pelos proceres da vespera, e não consta que tenhamos com isso progredido, melhorando-nos a nós mesmos. Não é martellando os viciosos que havemos de patentear nossas virtudes.

Comtudo não deixarei indefeizo meu bom nome, mesmo em satisfação aos que me honram com sua benevola confiança. Não pode ser ás mãos lavadas destruida uma reputação modesta, mas limpa, que desde a infancia um cus-

tosos, um continuo trabalho gradualmente levantou. Quando os bem quinhoados só empregavam o tempo nos brincos infantis e nos folguedos collegiaes, já ao autor destas linhas pesavam os encargos das labutações da vida. Quando os mais, nos grandes centros, com os mestres afamados melhor podiam haurir o saber da Humanidade, só lhe coube a modesta instrucção de quem precisou sempre entregar-se aos misteres mais humildes para sustentar os seus. E quando uma Doutrina incomparavel lhe poude guiar os passos em vereda recta, sua vaidade o illudiu com um chefe insufficiente, que o accusa de quanto não fez sob sua direcção, e até esquece o que fez por pedido ou ordem sua.

Apezar de ter o testemunho irrefragavel dos que conhecem minha vida, eu não podia silenciar, não podia soffrer o malho destruidor como si fôra inconcussa bigorna. Seria pretensão desmarcada suppor que sou invulneravel e que todos disso devem estar convictos, sem nenhuma defeza minha. Estou, pois, resolvido a me defender em todo o terreno digno. Amo a paz muito e muito, mas não temo a guerra de nenhuma especie (1).

Si o chefe, sem dar ninguem por si, entender que me deve replicar, tornando explicitas suas vagas e secretas accusações,—peço que de todo em todo seja completo, seja claro, seja preciso e consistente em seus di-

(1) O Mestre, numa occasião bem dolorosa, disse: «Muito amo a paz, porém, sem temer a guerra de nenhuma especie.» (*Testamento*, 40).

Ao querido medianeiro que informou o chefe de minhas disposições pacificas, em beneficio da Doutrina, respondeu-lhe elle que «acceitar essa especie de treguas, seria, a seu ver, pactuar com a hypocrisia». Donde se infere que o orgulho, associado á destruidora maledicencia, bem como os demais instinctos nossos, devem ser manifestados para não passarmos por hypocritas. Comprimir suas divergencias, seus maus instinctos a bem da paz social,—é hypocrisia. E por isso lavrou o chefe seus rescriptos epistolares, acaçapando-me com expressões ferinas, provocando minha justa reacção.

Na mesma carta diz o chefe que não haverá guerra por falta de segundo contendor, pois elle «tem mais que fazer do que occupar-se em me combater». A sinceridade desse orgulhoso dizer avalia-se notando que as cartas hostis surgiram justamente quando eu, silencioso e retirado, mantinha uma attitude pacifica. Então o chefe me suppunha algum malhadeiro inerte, sem dignidade?

zeres. Só assim, por uma vez ultima, esclarecerei tudo ou farei de tudo um humildoso *mea culpa*, que ao menos me livre de perder mais tempo com ímpios e maliciosos, ou com mestres hypercriticos.

Entendo, porém, que o melhor caminho não é esse. Vãos debates sobre pessoas, sobre alheias faltas, não têm até hoje provado os acertos e a sufficiencia do chefe. Habitando os mais a despreçar os que eram bons na vespera, não é que levantamos a natureza humana. E' assim que promovemos nossa propria ruina, porque os pendores que suscitamos são os mesmos que virão depois empregar-se em nós. E' assim que as revoltas do chefe têm gerado essa falta de prestigio que notou em si. O prestigio seu teria aproveitado mais si em nossas relações mutuas houvesse praticado a dedicação e a veneração, que a moral positiva igualmente prescreve a todos os servidores da Humanidade (*Polit.*, IV, 342). Só o orgulho vão é que leva a presuppôr a veneração nos outros, qualquer que seja nossa conducta de chefe *ab-ovo*. Antes de exigir a veneração dos outros, nós, de nosso lado, a devemos estimular com nossa dedicação, com o exemplo completo de nossa propria veneração. Assim é que merecemos as honras de superior. Assim é que realmente vivemos para outrem e vivemos ás claras (1).

(1) E' de todo condemnavel pretender que se *vive ás claras*, ostentando os vicios propios, notando os vicios dos mais e maldizendo a conducta alheia. *Viver ás claras* deve ser um complemento pratico, deve ser a garantia do *viver para outrem*.

Fazer tudo sem refolhos, fazer quanto é confessavel, sem maldizer dos outros, sem contar tudo o que se faz—é *viver ás claras*. Nós não devemos dar conta habitual de nossos actos a todos indistintamente,—nós não devemos *viver ás escancaras*. O *viver ás claras* subordina-se ao *viver para outrem*. (*Polit.*, IV, 312; *Catéch.*, 298).

Viver ás claras é viver para outrem, é fazer o bem.

*Ne fais rien qui ne puisse éclater au grand jour,
Rien qui blesse en secret ton respect pour toi-même.*

(Vers dorés de PYTHAGORE)

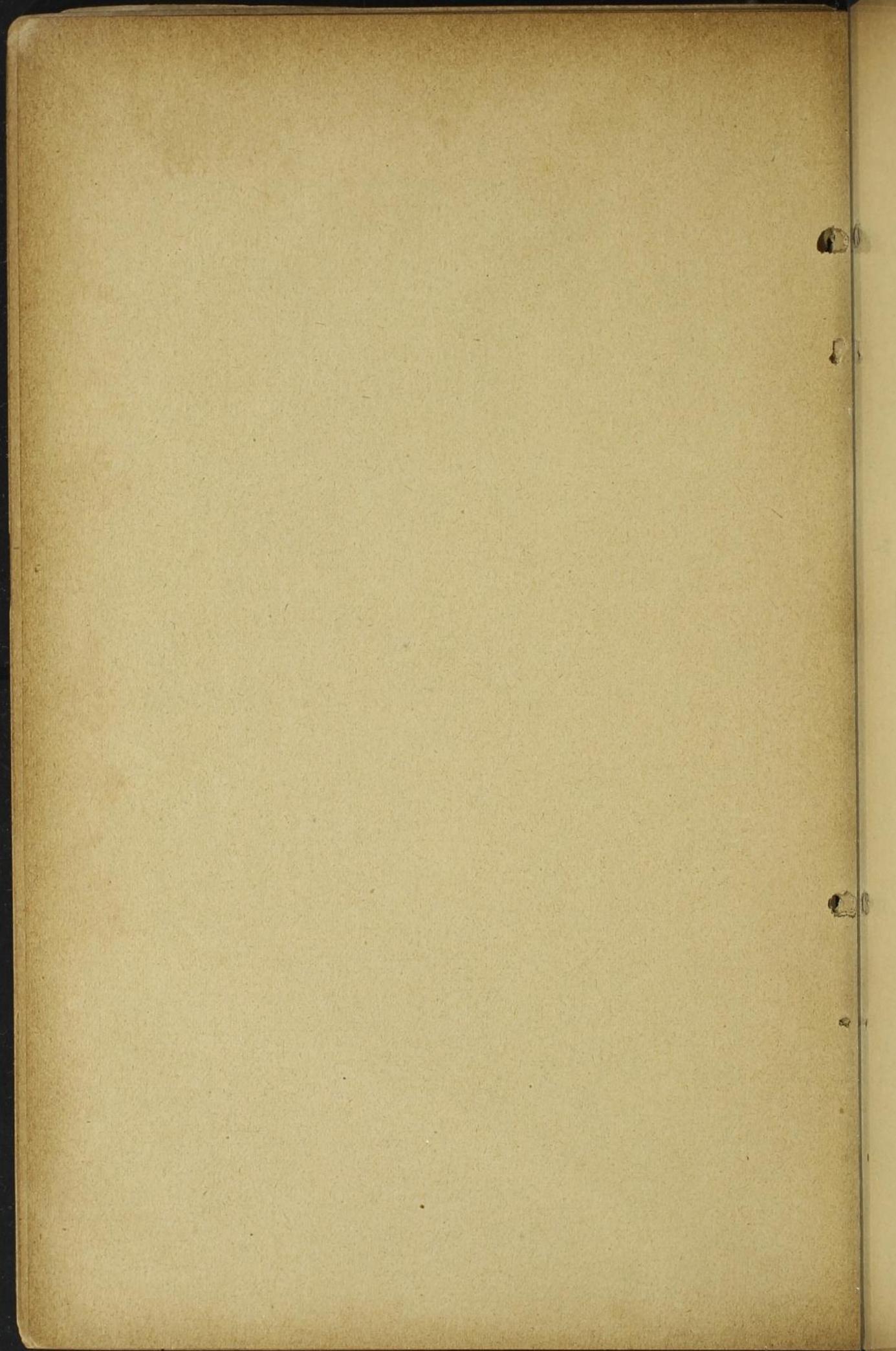
O que á inteira luz brilhar não poderia,
O que teu pundonor não soffre sem tisar-se,—
Jamais pratiques tu, fugindo á luz do dia.

(*Aureos carmes* ou *Versos de ouro*, attribuidos a PYTHAGORAS).

Não são, pois, as lutas pessoais o melhor caminho para galgar uma verdadeira supremacia.

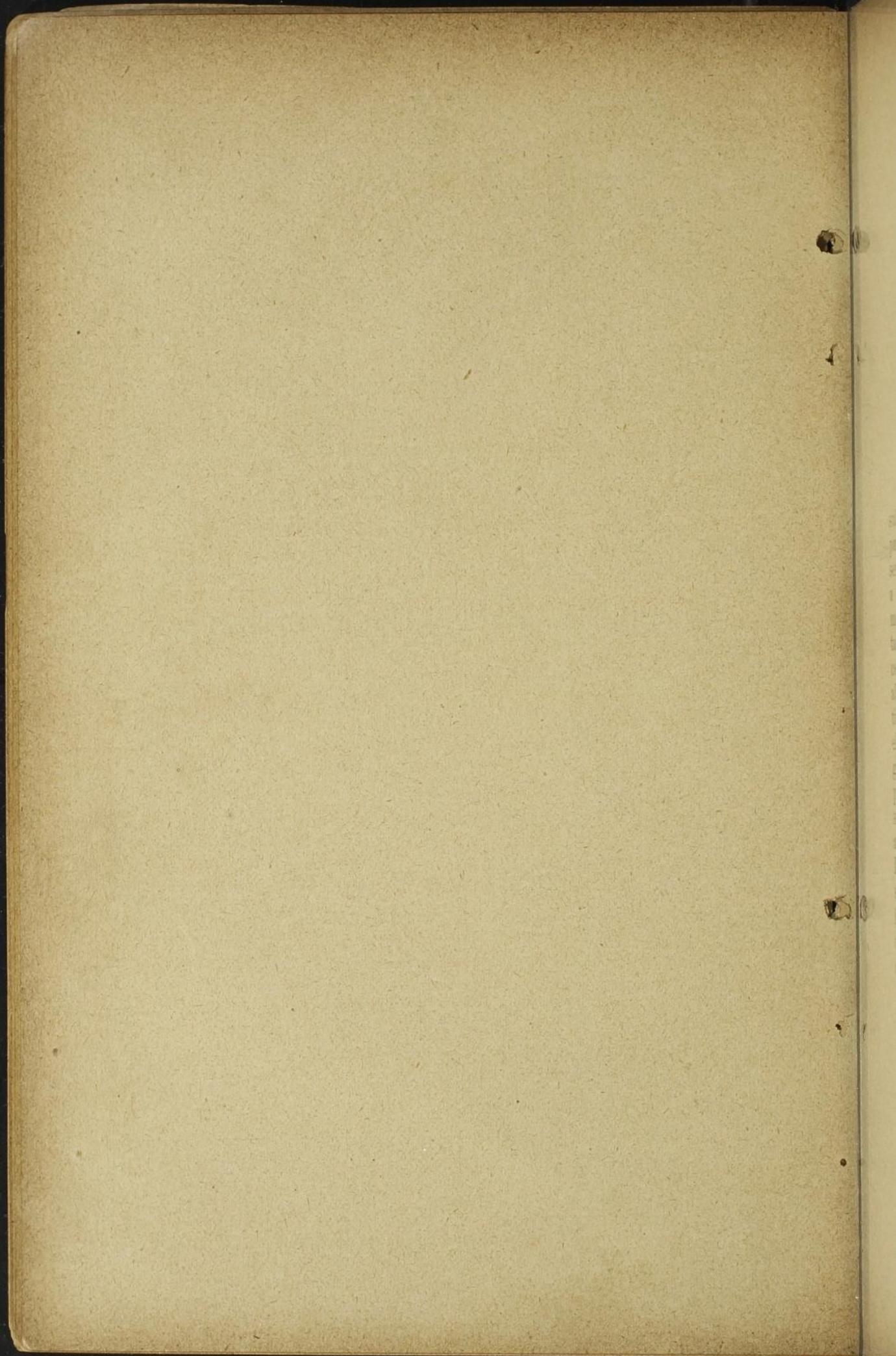
O melhor caminho a seguir é confiar no juízo da Humanidade, aceitando o conselho do Mestre que manda «*converter esses debates sem resultado em uma generosa emulação para ver quem realmente apresenta mais puros sentimentos e melhor conducta.*»

Tal é o desafio positivista com que termino esta exposição. Os novos ataques do chefe é que me farão arredar de meu silêncio. Praza á Humanidade que tal não aconteça!



II

DISSOLUÇÃO DO CENTRO POSITIVISTA



I

DISSOLUÇÃO DO CENTRO

A relutancia do chefe em dizer si tinha ou não substituto para me dar, agora ou mais tarde, foi motivo para suspender algum tempo esta solução final. Estive sempre resolvido a entregar o Centro, que aqui formei, a um continuador que bem aproveitasse os esforços meus. A divergencia e incompatibilidade que me afastavam da propaganda, referindo-se pessoalmente ao chefe central, e minhas crenças positivistas em nada se tendo abalado, era dever meu contribuir para que se não extinguisse um foco de nossa fé, por mais imperfeito que elle fosse. Uma vez que em todo o Occidente não surgiu ainda um completo sacerdocio positivista, nossa propaganda está sujeita á espontaneidade dos adeptos sinceros, quaesquer que sejam os inconvenientes que apresenta a insufficiencia espiritual de taes orgams. Desde que sinceramente nos apegamos a um credo sympathico, o digno, o conciliante proselytismo, em nós ha de forçosamente produzir-se, ha de impulsar-nos a um congraçamento fraternal, que seja nosso apoio, nosso allivio e a sementeira feliz de nossos esforços.

Só na ausencia completa de um continuador, eu intentava dissolver o Centro. Um resto de illusão me fez pensar que houvesse da parte do chefe um melhor conhecimento de sua incompetencia, para ver que não

pode concentrar em suas mãos os destinos da verdadeira propaganda positivista. Enganei-me, como se viu.

Uma hostilidade maligna julgou poder embaraçar meus bons propositos, desfigurando-os inteiramente. Reunindo uns poucos, fez crer ao chefe que todos haviam fornecido objectos para a sala commum, e que todos agora, afastando-se de mim, reclamavam o que me tinham dado. O chefe, que só deixára de intervir por habiliçade, para não embaraçar adhesões a seu procedimento, julgou-me de todo em todo repellido pelo «conjunto de seus confrades e amigos.» Deliberou então que lhes cabia o direito de reclamar tudo.

Sabendo eu dessa deliberação, pedi a meu amigo e correligionario, J. de Azevedo, que me trouxesse «o conjunto» dessas reclamações. Nenhuma só recebi até ao presente. O celebrado «conjunto» não existe, portanto: foi apenas uma arma pequenina de combate pessoal, de hostilidade rancorosa.

Fica, pois, assentado que só razões sociaes me fizeram desde logo retirar da liça, antes mesmo de conhecer a campanha infamatoria que contra mim têm promovido o chefe e seu delegado. A verdade inteira é que não fui abandonado: o truculento aspecto do chefe teve mesmo que se abrandar para ouvir muitas «lamentações» sobre os males que está fazendo a nossa propaganda, para *tolerar* dos melhores confrades um favoravel testemunho a meu respeito. Só o orgulho e a vaidade, que em tudo se revê, podia entonadamente desprezar isso tudo, achando que a firmeza é a principal qualidade do chefe, que este deve ser como rei, *cuja palavra não torna atrax*, ou como Deus, cuja omni-scienza preelege as verdades que tem de aceitar nos testemunhos quaesquer.

Assim, queira ou não queira o chefe, o Centro paulista foi dissolvido porque entendi que não devia systematizar uma revolta analoga á que elle tem desenvolvido no Brazil. Convicto, mesmo por essa experien-

cia, dos grandes males que taes scisões produzem; convicto de minha insufficiencia apostolica, dissolvi o Centro sem receber nenhuma reclamação dos amigos que me auxiliaram em sua installação.

A nenhum de meus amigos aconselhei que abandonasse o chefe. Deixei a todos plena, desembaraçada liberdade para decidirem a respeito, mesmo porque, retirando-me da propaganda systematica, não necessitava de afastar adhesões do chefe ou de as conquistar para mim.

A carta seguinte mostra claramente a maneira por que o Centro foi dissolvido e o destino que tiveram seus moveis quaesquer:

«S. Paulo, 7 de Archimedes de 110 (1 de Abril de 1898). Caro amigo e correligionario J. de Azevedo. — Por um trecho de carta que me mostraste, vi que o cidadão Miguel Lemos finalmente se manifestou sobre a dissolução de nosso Centro. Opina elle que, tendo eu sido abandonado (?) pelo «conjunto dos confrades e sympathicos paulistas», devo fazer entrega de tudo á «pessoa que elles incumbiram de reclamar os objectos e mesmo a sala.»

Nunca recebi nenhuma reclamação explicita a esse respeito. O cid. Godofredo, que vagamente me falou em reclamantes, nunca me apresentou uma reclamação formal, com as assignaturas dos confrades e sympathicos que a poudessem fazer. Isto apezar de lh'a ter eu pedido insistentemente.

A' vista de tal trecho de carta, pedi-te que apurasses o numero dos reclamantes e suas reclamações. Estava disposto, como declarei, a lhes entregar o destino do Centro, si realmente constituissem o «conjunto de nossos confrades e sympathicos.» Si apenas houvesse alguns reclamantes, acceitaria da parte delles uma proposta para ficarem com tudo, desfalcando da totalidade a pagar as quotas com que tivessem contribuido para a installação do Centro.

Afinal, como me declaraste, tendo chegado á conclusão de que ninguem faz reclamações, de que não existe o precitado «conjunto» de reclamantes, resolvo dissolver o Centro da seguinte fórma:

1.º) A ti e a meu caro amigo, a meu bom correigionario Sebastião Hummel, constitúo depositarios da tribuna, columna, busto, quadros e mais objectos sagrados (bandeiras, jarras, livros, etc.), que não desejo vão ter a mãos profanas ou scepticas. Taes objectos podem ser entregues á pessoa que aqui se propozer fazer uma propaganda como a que iniciei e dirigi. No caso de não apparecer logo esse propagandista, de commum accordo dareis aos objectos o destino social que melhor parecer.

2.º) Os moveis, os trastes communs (cadeiras, armario, etc.) serão vendidos e seu producto será enviado á *Execução testamentaria* de A. Comte, para empregal-o na publicação da correspondencia geral de nosso Mestre.

Assim termina uma questão, propositalmente embaraçada por informações falsidicas. Não foram as primeiras e nem serão as ultimas, mas serão sempre o que ellas valem.

Agradeço teus bons officios, tua intervenção fraternal e crê-me, com a leal, a aberta franqueza de sempre, teu cordeal

amigo e servo no Amor e serviço de
nossa Deusa,

José Feliciano.

P. S.—Com esta te envio tambem o seguinte:

1.º) Conta de photographias e o remanescente que tinha em meu poder;

2.º) Conta do Garraux e um saldo de 71\$300.

3.º) Autorização para retirar da casa Garraux os livros e folhetos que eu lá consignára.

Fica assim de todo em todo liquidada a entrega de quanto pertence ao gremio do Rio. Não peço e não preciso quitação, estando, porém, prompto a responder

por todas as reclamações que apparecerem. E a este respeito preciso advertir que o preço das publicações vendidas está em todas desfalcado de 20 0/0, de comissão para os livreiros. Eu antes costumava repor essa commissão ou attenual-a com donativos mensaes.»

.....
Ahi está como é que eu «me neguei a entregar os objectos do Apostolado.» Eu, que gastei de minhas economias muitos contos de réis com o gremio fluminense, ia assenhorear-me de um punhado de publicações e retratos! Que mais não inventará o impotente rancor, o rancor dos imbecis?!

Adeante, para maior clareza de tudo, vai a lista de todos os contribuintes daqui.

II

RESUMO FINANCEIRO

(de Novembro de 1895 a Março de 1898)

Por minha proposta, a resenha de nosso movimento e o resumo financeiro de 1896 deviam ser annexados ao relatório do chefe central. Mas até agora não tendo sahido o relatório de 1896, darei o resumo financeiro completo de 1895 até hoje.

Nosso Centro foi inaugurado em sala especial a 10 de Maio de 1896, e o aluguel da sala correu de 1.º de Março de 1896 a 31 de Março de 1898. As contribuições de alguns amigos começaram em Novembro de 1895, porém, as quotas recebidas de então até Março de 1896, considerei como donativos para a installação, em que effectivamente foram empregadas.

Mais tarde, quando publicar os artigos episodicos de nossa propaganda, hei de fazer uma resenha historica de nosso movimento.

RECEITA

Quadro dos contribuintes e totalidades de suas quotas

	A. contribuintes installadores	Totaes	Donativos	Mensalidades
1	José Feliciano	470\$000	240\$000	230\$000
2	Gabriel Antunes	305\$000	80\$000	225\$000
3	Jeronymo Azevedo.	190\$000	80\$000	110\$000
4	Alcibiades Moreira.	185\$000	75\$000	110\$000
5	A. H. de Medeiros	160\$000	70\$000	90\$000
6	Godofredo Furtado.	160\$000	45\$000	115\$000
7	Alberto Souza	153\$000	83\$000	70\$000
8	Sebastião Hummel.	150\$000	30\$000	120\$000
9	João Camargo	125\$000	30\$000	95\$000
10	Oscar Corrêa.	120\$000	50\$000	70\$000
11	F. M. Germano.	119\$500	34\$500	85\$000
12	Silvio de Almeida	85\$000	20\$000	65\$000
13	Julio Souza	80\$000	35\$000	45\$000
14	Francisco Vianna	50\$000	10\$000	40\$000
15	Felicio de Oliveira.	50\$000	5\$000	45\$000
16	Florisbello Leivas	50\$000	50\$000	
17	Ernesto Dias de Castro	40\$000	20\$000	20\$000
18	Basilio Magalhães	20\$000	20\$000	
19	Eugenio Gastaldetti	15\$000	15\$000	
20	Franklin Vianna	10\$000	10\$000	
21	Augusto Baillot.	10\$000	10\$000	
22	Vicente de Carvalho (1)	5\$000	5\$000	
	B. outros contribuintes			
1	J. A. Paula Costa.	120\$000		120\$000
2	José Portugal Freixo.	50\$000		50\$000
3	João Portugal Freixo.	46\$000		46\$000
4	Fernando Bonilha Junior.	45\$000		45\$000
5	Joaquim da Cunha Barros	30\$000		30\$000
6	Domin. ^s Tupinambá Godinho	4\$000		4\$000
		2:847\$500;	1:017\$500;	1:830\$000

(1) Esta verba é de um concurso mensal anterior a Março de 1896. Este nosso distinto correligionario e outros, ou por ausencia não souberam do concurso para a installação, ou por vicissitudes de mudanças e mais complicações se viram impossibilitados de contribuir para a manutenção de nosso Centro. Aliás, a este respeito, *nunca fiz nenhum appello especial*. Para este anno havia offercimentos espontaneos de novos contribuintes, já frequentadores do Centro.

DESPEZA

Quadro das verbas despendidas

A. Na installação da sala

1.	5 1/2 duzias de cadeiras	662\$000
2.	Tapete, lampeão e moveis diversos (vid. as contas)	328\$000
		<u>990\$000</u>

B. Na manutenção da sala

1.	Armario, alfaias e objectos diversos	170\$500
2.	Despezas em dias de festa	72\$400
3.	Despezas typographicas (1 artigo e 1 avulso)	64\$000
4.	Carreto, correio e telegrammas	33\$000
5.	1 ex. do <i>Testamento</i> e photographias	27\$000
		<u>366\$900</u>

C. No aluguel da sala

25 mezes a 60\$000	1:500\$000
------------------------------	------------

RESUMO

RECEITA

1.	Donativos e mensalidades	2:847\$500
2.	Publicações vendidas	53\$200
3.	Moveis e alfaias vendidas	577\$000
	Total	<u>3:477\$700</u>

DESPEZA

1.	Despezas de installação	990\$000
2.	Despezas de manutenção	366\$900
3.	25 mezes de aluguel da sala	<u>1:500\$000</u>
		2:856\$900
	Saldo	<u>620\$800</u>
	Total	3:477\$700

OBSERVAÇÕES

1.^a) Não faço menção dos objectos doados, porque estão todos em deposito, como atraz se declarou. Apenas uma pequena mesa foi agora comprada pelo proprio doador, que a guarda como lembrança de nossa propaganda.

2.^a) Do saldo mencionado falta apenas deduzir as despezas com a impressão da primeira e segunda parte deste folheto. Feita essa deducção, o resto será enviado á *Execução testamentaria* de Augusto Comte.

3.^a) Da publicação *A Lucia*, feita por subscrição entre nossos amigos, falta prestar conta de 200 exs., enviados ao gremio do Rio (1). Além de taes exemplares, restam em meu poder mais 550, cuja venda fica a meu cargo. Pretendo publicar mais tarde algumas traducções e opusculos de propaganda: todo o rendimento que de taes publicações provenha, ha de ser exclusivamente empregado no custeio das mesmas. Opportunamente irei prestando conta ao publico da applicação de tal rendimento.

(1) Até hoje (2 de S. Paulo, 22 de Maio) não recebi a prestação de contas de taes exemplares. Para os que tão *zelosos e malignos* se mostraram em minha prestação de contas, é imperdoavel tal negligencia e merece registrada.

CONCLUSÃO

Para concluir sympathicamente esta parte financeira, devo participar a meus amigos que um caso, em extremo lamentavel, me obriga a ficar ainda encarregado de uma affectuosa gerencia.

Quando eu já tinha dado por dissolvido o Centro de S. Paulo, recebi uma carta de nosso venerando confrade, D. José Segundo Florez, ancião de 85 a 86 annos, que reside em Pariz e foi um discipulo querido de nosso Mestre. Nessa penosa missiva, o venerando ancião nos dá conta de sua extrema pobreza, de sua precaria saude e pede uma pensão minima de 100 francos mensaes.

Resolvi remetter-lhe logo essa quantia e promover entre meus amigos um subsidio mensal de 100 francos no minimo para auxiliar nosso confrade.

Até agora não tendo podido endereçar a todos uma circular neste sentido, aproveito a oportunidade para lhes dar esta noticia. Não é mister um fundamentado appello aos sentimentos altruistas, não é necessario encarecer o fim deste concurso para deliberar meus amigos a soccorrer o veterano respeitavel que, no fim de sua longa existencia, lhes estende as mãos tremulas e lhes supplica um obolo para um viver escasso. Lembrolhes todavia os seguintes factos:

1.º) A. Comte, em seu *Testamento* (pag. 32), faz-lhe um pequeno legado como «lembrança especial da profunda estima que lhe inspiram seu coração, seu espirito e seu character.» E ainda accrescenta: «Lamento

não poder melhor testemunhar minha gratidão ao eminente discípulo,—o unico que plenamente caracterizou o conjunto de minha natureza, qualificando-me de *simpatico filosofo*.»

2.º) A' pag. 21, A. Comte declara que, si o subsidio positivista comportasse, elle instituiria vitaliciamente uma annuidade apostolica ao Sr. Florez.

3.º) A' pag. 20, escolhe D. José Florez para membro do *Comité positivo*, destinado a secundar a instalação geral do Positivismo: ao Sr. Florez cabia essa propaganda na Hespanha e seus annexos. D. José, por muitos annos (de Janeiro de 1852 ou 1854 ao fim de 1872), exerceu essa missão apostolica num periodico bimensal, intitulado—*El Eco Hispano-Americano*, que elle dirigia sob a divisa *Orden y Progreso*: em nossas plagas foi elle o primeiro que arvorou o lemma sagrado de nossa bandeira. Este periodico «era muito espalhado em toda a America hespanhola», segundo o testemunho de Augusto Comte (*Lettres à CONGREVE*, 35), que muito apreciava seus artigos, «pois, ha longo tempo, conhecia o zelo e o alcance deste modesto discípulo.» (*Lettres à HUTTON*, 65) (1).

(1) Sei que o cidadão Miguel Lemos já atacou este venerando discípulo de A. Comte e considerou como "legenda digna de lastima o protopostolado do Sr. Florez." "E isto porque o Chefe, 1.º) «tendo feito seus primeiros estudos de philosophia (?) em Montevideu, onde foi criado, *nem uma só vez ouviu alli falar de Augusto Comte ou do positivismo*; 2.º) porque "nunca lhe foi possivel ver aqui um só numero do periodico que o Sr. Florez publicava em Paris", antes mesmo do Sr. Lemos nascer. "Estas razões são realmente dignas de lastima. (V. relatorio de 1895, ed. braz. pag. 8-9). Não ha hesitar entre tão vivo assomo de personalidade e o testemunho de Augusto Comte, que declara: «Ce journal bi-mensuel» (*Eco Hispano Americano*), TRÉS REPANDU DANS TOUTE L'AMÉRIQUE ESPAGNOLE, est dirigé, sous la devise *Orden y Progreso*, par l'un de mes meilleurs disciples, M. Florez, espagnol résidant á Paris.» (*Lettres à CONGREVE*, pag. 35).

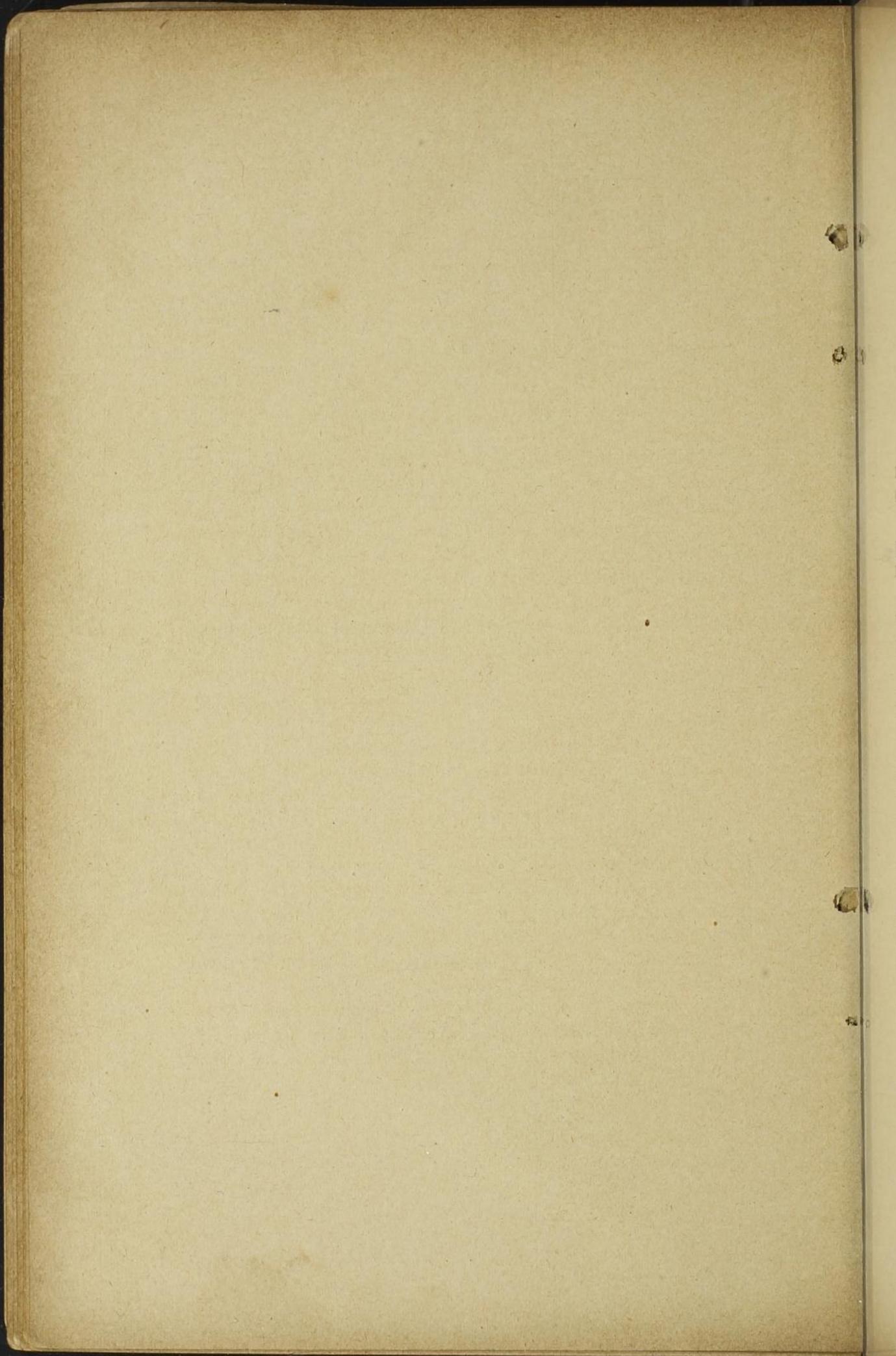
O Sr. Lemos, no mesmo relatorio (pag. 7, nota), não esconde que sua má vontade contra o Sr. Florez provém de ter este assignado uma acta lafittista, em que os ataques do chefe brasileiro são repellidos em termos acres. E entretanto quem assim tão sensivel se mostrou a uma *reacção* acriminiosa, costuma *atacar* em termos que se podem ver nas notas deste folheto (Vid. nota VII especialmente). E' assim que aconselha aos outros «verdade e caridade», reservando para si uma conducta sem amor e mesmo sem verdade.

Assim os positivistas americanos temos o dever especial de contribuir para a existencia de um venerando Apostolo, que Augusto Comte tanto distinguia, que estava destinado a dirigir a installação do Positivismo em nossa raça e que de facto apostolou inicialmente na America do Sul.

Conto, pois, com o concurso de meus amigos para um fim tão sympathico. Darei assim a algum resto de meus lazeres um destino affectuoso, e nós todos prelu-diaremos a commovente união religiosa que atravez dos mares soccorre irmãos, que não os deixa perecer á mingua.

III

NOTAS · E ESCLARECIMENTOS PESSOAES



I

(Pags. 11 e 12)

Além dos trechos citados, convem muito que tenhamos sempre em vista os seguintes no julgamento das cousas e das pessoas :

—«Só o conhecimento real da economia natural pode conter nosso arrastamento espontaneo para as opiniões que mais favorecem nossos instintos dominantes.

—Toda tendencia antipathica que não é assaz motivada torna-se tão contraria ao desenvolvimento do espirito como á satisfação do coração.

—O desespero, a diffamação e a suspeita... impulsam a complicar nossas hypotheses, de modo a nos afastar da verdade.

—...todo espirito criterioso extenderá até á ordem individual nossa predilecção espontanea pelas hypotheses mais favoraveis, como sendo necessariamente mais simples que as que inspiram o temor e a desconfiança.

—...toda suspeita que não é assaz motivada constitue, para com taes problemas (julgamentos sobre as pessoas), uma complicação logica tão viciosa como a do geometra que sobrecarrega a curva além do que indica actualmente a equação. Num e noutro caso, a confirmação ulterior seria igualmente fortuita e não dissiparia a irracionalidade desse desvio.

—Quer a complicação superflua de nossas hypotheses provenha do coração, quer provenha do espirito, ella tende sempre a nos arrastar para aberrações inde-

finidas, determinando um excesso de subjectividade que não comporta nenhum freio directo.» (*Politica Positiva*, III, 95 e 96).

«Não é sem razão que muitas vezes se consideram as suspeitas más como indícios muito mais decisivos contra quem as forma que em relação a quem as sofre.» (*Testam.* 535).

Devo declarar, em desafogo de minha consciencia, que, do fim de 1894 para cá, foi preciso muitas vezes toda a força systematica de nossa Doutrina para fazer previsões sympathicas, quando contemplava procedimentos espirituaes de todo contrarios ao bom sentir e á boa razão. Não me arrependo de minha tolerancia, de meu soffrimento, porque vejo no Mestre o altanado exemplo que isso mesmo e até mais me aconselhava. São delle estas palavras: «Muitas vezes me tenho felicitado por haver quasi sempre seguido esta regra (das hypotheses sympathicas) em meus julgamentos sobre as pessoas, mesmo quando a experiencia finalmente contradisse minhas primeiras supposições.» (*Polit.*, III, 96).

II

«Foi rejeitado o testemunho de uma pessoa sympathica...» pag. 14

A Doutrina que systematiza na logica a preponderancia fundamental do amor, que lhe attribue a efficacia dos esforços mentaes, que proclama como definitivo que o homem deve pensar sob a inspiração espontanea da mulher,—essa Doutrina sublimada reprova nos termos seguintes uma recusa tão mal fundada: «Deve-se olhar como honrosissima para nossa especie a grande estima que se inspiram mutuamente seus membros, quando se estudam muito. Com effeito, só o ódio, só a indifferença mereceriam a increpação de cegueira que uma

apreciação superficial applica ao amor.» (CATÉCH. éd. apostolique, 288) (1).

—«Melhor é inda amar que ser amado. *Não ha nada real* no mundo além de *amar.*» Augusto Comte repetia taes maximas em suas preces quotidianas (*Testamento*, pag. 81) e em sua *Politica* (tomo IV, 49), referindo-se a esta ultima, escreve este aureo trecho que transcrevo integralmente para consolo das almas ternas:

«Esta apreciação (do sentimento na unidade positiva) deixa a desejar um exame directo do principal attributo da unidade final,—a coincidencia necessaria entre o dever e a felicidade, que consistem igualmente em *viver para outrem.* Não obstante a intima consagração que o instinto sympathico espontaneamente accorda a todos os dignos esforços, theoreticos e praticos, elle só os institue como meios proprios a vencer as difficuldades da situação humana. A melhor satisfação que possam proporcionar, resulta de sua necessaria destinação ao serviço continuo do Grão-Ser. Independentemente de taes necessidades, o sentimento tanto pode constituir a verdadeira felicidade como a harmonia normal. Uma penna feminina (2) caracterizou dignamente tal privilegio por esta admiravel sentença, principal titulo de sua immortalidade: *Não ha nada real no mundo além de amar.*

Si bem que esta maxima da *Delphina* pareça a principio exaggerada, a religião positiva deve consagral-a, para melhor fazer sentir que a principal efficacia do sentimento reside nelle só. Ao passo que a especulação, e mesmo a acção, só contribuem para nossa felicidade em virtude de seus resultados, que muitas vezes abortam, por dependerem do exterior,—a affeição nos proporciona sempre uma satisfação directa e certa, que só depende do interior. Assim, a verdadeira felicidade não

(1) Não é assim que pensa o cid. Miguel Lemos. Na carta a meu amigo diz elle textualmente: «Permitti-me que vos diga que a *amixado continúa* a OFUSCAR o vosso esclarecido espirito».

(2) M.^{me} DE STAËL, *Delphine*, 3.^{eme} partie, lettre XXVIII.

pode consistir nos pensamentos, nem nos actos, mas unicamente nas sympathias, cuja melhor recompensa resulta de sua propria existencia (1).

Quando um digno exercicio nos fez apreciar este soberano bem, os maiores successos, theoreticos ou praticos, tornam-se incapazes de nos dar igual satisfação. Então reconhecemos que o principal merito de nossas opiniões e de nossos esforços consiste em reagir sobre nossos sentimentos, unicas fontes directas da felicidade e do dever, tanto privados como publicos».

—Arguir de suspeito um testemunho de amigo, é, pois, consagrar as praticas revolucionarias. Suspeição por amizade, não se entende. Si ella tambem por inimizade forçosamente deve existir, cria-se deste modo um impossivel estado de indiferença como proprio para um testemunho são. Tal imparcialidade suppositicia, e *impossivel*, seria assentar que se pode bem julgar um facto ou uma pessoa que não nos interessa, que nos é indifferente. Tal pretexto é a consagração da suspeita, da desconfiança e do temor, porque *não é possivel haver imparcialidade*. Para julgar é preciso boa vontade, benevolencia, porque nenhuma apreciação da resultado sem sympathia, sem fraternidade.

Foi o conhecimento continuado destas praticas que me levaram á energica manifestação que motivou meu desligamento. E si ella produziu tal resultado foi *exactamente porque, da parte do chefe, não mais existia a fraternidade, que «constitue a primeira condição de toda verdadeira subordinação, visto como seres antagonistas não podem compor nenhuma hierarchia.»* (Polit., III, 140).

E ainda é a triste experiencia de taes processos que me conduz hoje a rever todos os juizos, a que me levou a influencia do chefe ou suas informações quaesquer. Si meus intentos e actos são por elle tão desfi-

(1) «...a vida humana não tem por fim pensar, mas agir em virtude de affeições cujo aperfeiçoamento constitue o unico progresso que é capaz de se tornar verdadeiramente inexgotavel.» (Synthese, 537).

gurados, si elle consagra a hostilidade, a malevolencia como preferiveis á amizade, á benevolencia,—que confiança podem merecer os juizos que de taes praticas emanaram (1)?

Para concluir e mostrar que tambem aqui, nesta apuração pessoal, é baseado no Mestre que eu falo; para continuar a ser mensageiro de boa doutrina,—transcrevo mais o trecho seguinte, que ainda será consolo ás almas ternas:

«Sob todos os titulos essenciaes, a influencia philosophica do fetichismo se conforma admiravelmente com os melhores preceitos do positivismo... A preponderancia fundamental do coração sobre o espirito, que a systematização final penosamente estabelece num meio viciado pela theologia e pela metaphysica, emanou sem esforço da espontaneidade primitiva. Este unico principio da synthese humana conduziu, desde o inicio, a constituir instintivamente a verdadeira logica, que, não obstante as alterações doutoraes, permaneceu sempre a logica popular, a que faz dignamente concorrerem os sentimentos, as imagens e os signaes na elaboração dos pensamentos.

«Sob a impulsão fetichica, a influencia affectiva ahi prevaleceu espontaneamente, como systematicamente ha de prevalecer quando a disciplina positiva superar as resistencias dos sophistas, que pretendem regular o espirito sem nenhuma participação do coração. A *feliz*

(1) O chefe, na missiva já citada, e em outras, vitupera-me impiedosamente, declarando ter a meu respeito um «juizo firmissimo» que annulla tudo quanto de bom pensam de mim os meus amigos equanto elle proprio já pensou. Mas si eu me transformar, declara elle que seu «juizo tambem mudará.» Ora, como seu juizo mudou agora porque eu «não trepidei em lhe endereçar missivas» nas quaes, em tom elevado, lhe fiz sentir seus deveres para comigo,—está claro que esse juizo mudará outra vez si eu lhe dirigir epistolas gratulatorias e elogiosas. Então ficarei outra vez prestimoso, dedicado, activo, etc., etc.

E' por isso que me devo agora libertar de muitos «juizos» do cid. M. Lemos, a quem sacrifiquei muitas vezes minha personalidade por uma condescendente subordinação, visando fins sociaes que seu orgulho, sua dureza não puderam reconhecer.

disposição dos fetichistas á confiança habitual para com os seres e os acontecimentos quaesquer é eminentemente conforme á verdadeira racionalidade, porque ella conduz a simplificar mais todas as nossas hypotheses. Com effeito, sua simplificação consiste na eliminação, artificial ou natural, de cada influencia puramente subjectiva que é extranha a sua destinação objectiva. Ora, quer uma tal complicação seja moral, quer seja mental, a depuração torna-se por igual conveniente e sua importancia se proporciona á intensidade real das perturbações quaesquer.

«A tocante logica dos menores negros é, pois, mais criteriosa que nossa academica seccura, a qual, SOB O PRETEXTO EMPIRICO DE UMA IMPARCIALIDADE SEMPRE IMPOSSIVEL, consagra a suspeição e o temor (1).» (*Polít.*, III, 120-121).

III

«...hereticamente considerou a hostilidade actual como substituindo o julgamento do ceu (2)...» pag. 14.

(1) Podia traduzir apprehensão (*crainte*), que com a suspeita, a denigração constituem hypotheses inverificaveis. Como é que o Chefe, segundo affirma, pode *prever futuros desvios com apprehensões? Previsão não é prevenção*. Quando se *prevê*, basea-se em leis conhecidas e regula-se a conducta propria pelo resultado positivamente esperado. Quando se está *prevendo*, basea-se no vago, em circumstancias fortuitas, e a conducta é guiada occultamente por uma criação má de nosso espirito. Nós mesmos ajudamos com nosso proceder a realização de nossas suspeitas. Cabe-nos culpa, e ás vezes a maxima, na maldade *suspeitada*; desamparámos e irritámos a victima de nossa prevenção, facilitando assim o predomínio dos maus pendoros.

(2) Aos amigos que extranharam formalmente a conducta hostil e ingrata de uns *certos*, apaniguados do chefe,—declarou o cid. Miguel Lemos, continuando a divergir de Augusto Comte: «abstrahindo (?) dos ataques inconsiderados ou violentos, haveis de reconhecer que nós positivistas, que não podemos esperar pelo juizo de outro mundo, temos que fazer justiça neste mesmo».

Os ataques de seu infiel mediano foram «desbragados», segundo este proprio confessou. Agora, *abstrahindo delles*, o que fica naturalmente não é «desbragado»: ou não é nada ou será algum prodromo imperfeitissimo da verdadeira opinião publica esclarecida e disciplinada. Mas com taes depurações maliciosas, não sei onde se achará o mau, porque, em tudo, abstrahindo do que é mau ou nada ficará ou ficará o que não é mau. E assim consagra o chefe que os desbragados podem julgar os que não são de sua igualha, que opinião publica é a critica dos pessimistas maledicentes, dos desaffectedos, *quando estes abocanham nos desfavorecidos de sua graça*.

Lamentó muito que a paixão tenha incutido mais esta pratica, que se não compadece nenhumentemente com quaesquer preceitos moraes e em particular com os nossos, conforme destes trechos se verá:

—«a aptidão apreciatrix constitue directamente o principal caracteristico do poder espiritual.

—O sacerdocio «deve construir e desenvolver uma ordem subjectiva fundada sobre a estima pessoal, em virtude de uma sufficiente apreciação de todos os titulos individuaes.»

«A competencia directa e exclusiva do poder espiritual não exige, a este respeito, nenhuma explicação... elle deve distribuir a estima aos individuos, conforme a *aptidão total* de cada um delles a servir dignamente a Humanidade.»

—«Esta attribuição extrema (julgamento dos vivos e dos mortos) que, no fundo, resume todas as outras, *constitue realmente o mais difficil dos deveres pontificaes, porque exige as determinações mais precisas.* Após ter feito abstracção das vantagens que resultam de cada situação, devem-se tambem afastar as que provêm da instrucção; porquanto, sem serem mais pessoaes, até aqui pouco menos fortuitas são. Mais ainda: é preciso abster-se de julgar os mortos ou os vivos pelas sós producções de sua existencia effectiva, porque ellas dependem demais da posição no tempo e no espaço, que domina muitas vezes as condições verdadeiramente individuaes. Tal é a triplice codea que o sacerdocio deve habitualmente penetrar para instituir dignamente a classificação abstrata. Mesmo assim esta immensa difficuldade só comporta uma solução plena quando a apreciação pontifical pode abraçar toda a carreira pessoal. Poucos typos humanos são assaz caracterizados para se tornarem verdadeiramente julgaveis antes que seu destino se tenha cumprido. Dahi resulta uma nova demonstração de que é necessariamente impossivel em tempo algum fazer prevalecer objectivamente a ordem abstrata sobre a ordem

concreta. Este officio sacerdotal é, pois, tambem aquelle que mais facilmente poderia degenerar em tendencia subversiva, si a sabedoria e a pureza a elle não presidissem continuamente. Ao mesmo tempo que exige uma applicação mais delicada da doutrina universal, demanda maior calma no meio correspondente. De todas as funcções proprias ao grande organismo, essa é, pois, a que mais soffre nos seculos anarchicos. Nada hoje pode mais contristar o verdadeiro philosopho como ver muitas vezes que a consideração, tanto como o poder, são usurpados pelos mais indignos typos, enquanto que as melhores naturezas ficam menosprezadas ou comprimidas por falta de toda disciplina espirital.» (*Politica*, II, 330-332: leiam-se essas pags., completando-se esta nota com os trechos citados na epigraphe e nota I).

O chefe, que conhece taes verdades, já uma vez me disse que ellas, como todas as verdades, precisam ser entendidas, e que estas só se referem a um juizo *post mortem*, a um juizo definitivo e irrevogavel. E entretanto, não obstante sua insufficiencia (veja-se nota IV), não obstante estar eu vivo, já tem a meu respeito juizo firmissimo, juizo definitivo, com que tenta romper até minhas intimas, minhas inalteraveis amizades. São estes processos que me provocam a sahir de minha moderação. Acaso ha para as verdades positivistas um *entendimento* bastante lato para permittir as excepcionaes excommunhões, sem um completo sacerdocio, sem uma Igreja completa? (Veja-se nota VI).

Naturalmente eu nunca pretendi subtrahir minha conducta a uma justa apreciação do publico, pois sei que cada um tem no mundo a dupla funcção de dirigir sua vida e examinar a de outrem. Sei tambem, segundo o Mestre, que o egoista é o mais interessado em comprimir o egoismo dos outros, seus intrataveis concorrentes (1).

(1) Veja-se *Polit.*, II, pag. 416 e 417; *Catóch.* ed. ap., pag. 262. E isto não é julgar: ninguem é julgavel a não ser por seus superiores. (*Polit.*, IV, 540).

Mas tudo isto no Positivismo é dirigido por uma educação universal, distribuida systematicamente por um sacerdocio que ahi tem «os meios mais puros, mais directos e no fundo os mais efficazes» para prevenir ou reparar os desvios quaesquer, agindo na consciencia de cada um. E' um campo vasto com uma disciplina ás claras, sempre demonstravel e com demonstrações sempre discutíveis. Não é o corro de inimigos falsidicos que calculam com os successos individuaes, substituindo as influencias fortuitas por supposições e regras tiradas do proprio egoismo. E quando se reclama contra taes prevenções ou taes hostilidades, invoca-se «a discreção e a solicitude que não permitem communicar por *impresões isoladas* (!) e *gradativas* (!) as previsões acerca de futuros desvios;» invocam-se «apprehensões inspiradas por varios e repetidos incidentes e por uma observação frequente.» (*Circular* de 11 de Homero). E mais: julga-se ainda que a hostilidade pessoal, directa, embaraçosa é um equivalente do juizo de além tumulo.

Augusto Comte, no precioso tratado da *Politica Positiva* (II, pag. 422), declara que é na classe do sacerdocio «que deve reinar a verdadeira prudencia, isto é, a circumspecção reflectida, sempre subordinada a uma sã apreciação systematica, que só é possível em relação aos casos civicos. Em qualquer outra parte, meras inspirações do egoismo são muitas vezes decoradas com tal nome. Com effeito, os successos pessoaes e praticos são demasiadamente complicados com influencias fortuitas para que se tornem assaz calculaveis.»

Nos casos individuaes, não é, pois, a prudencia, não é a circumspecção que nos leva a ter e a recomendar «reservas»: é a prevenção, a suspeita, é o egoismo, que apura casos sem basear-se em leis conhecidas. Antes a illusão, o logro, que a reserva, a arteirice.

Não desenvolvo mais esta nota, porque iria cahir nas manifestações pessoaes de uma indignação, aliás bem provocada e legitima. Não devo dar mais pabulo

á critica já tão estimulada e approvada pelo chefe. Ainda aqui é o Mestre que nos aconselha: «Tendo reconhecido o perigo de cultivar regularmente os sentimentos rancorosos, mesmo quando a indignação é a mais legitima, é preciso sobretudo fugir de os estimular num meio critico, em que o positivismo vem reorganizar a veneração.» (Polit., IV, 404-405) (1).

IV

... «sob um chefe insufficiente...» pag. 16.

Envolvendo o cid. Miguel Lemos nesta asserção, já como superior nacional, já como sacerdote ou apóstolo, não lhe faço uma increpação pessoal, uma hostilidade vã. Não é por um julgamento meu, baseado em «principios de apreciação» fornecidos pelo Mestre (2), que o chefe brasileiro deve ser considerado como insufficiente. E' por sentença d'elle proprio, conforme se verá dos trechos seguintes:

1.º «...continúo como chefe da Igreja e director do Apostolado brasileiro, mas devo aproveitar este ensejo para declarar que sempre me considereí, e ainda me considero, nesse duplo cargo, como um funcionario provisorio...

(1) Pode-se ler a *Biographia de B. Constant*, I, 467-469, cotejando-se com as pags. 257 e 330. Ahi se expõem e se desenvolvem os ensinamentos de A. Comte a respeito da funcção apreciatrix, «principal caracteristico do poder espirital». Benjamin Constant é um caso typico das extemporaneas e apaixonadas condemnações do chefe do Apostolado. Hoje sabemos que a influencia do Fundador da Republica foi que reergueu um gremio prestes a desaparecer na voragem das lutas acrimoniosas. Isto augmenta mais nossa veneração por B. Constant, porque, embora seja insufficiente o chefe, nós precisamos manter o fóco da propaganda, cujo incremento depende de sua inteira oportunidade. E' por isso que nunca lamentarei qualquer efficaz auxilio que a esse gremio tenha prestado. O homem passa e a instituição permanece, ainda que actualmente não seja esta um elemento da Igreja universal, em virtude de lutas anti-positivistas.

(2) *Polit.*, IV, 539.

Com effeito, tenho sempre repetido que eu só exerceria taes funcções emquanto não apparecesse alguém que preenchesse as condições sacerdotaes, ou mesmo as do apostolado de um modo mais completo que eu.

Ainda no exordio do discurso com que inaugurei a nossa capella, lembrei de novo esse meu proposito, nascido da convicção profunda em que estou de ser eu pessoalmente muito inferior ás exigencias de tal missão, além de me reconhecer como dotado de uma natureza mais pratica do que theorica.» (*Undecima circular*, de 1891, ed. braz. pags, 51-52).

2.º) Na circular de 1893, (pag. 55 da ed. braz.), suspendendo «a conferição de sacramentos», baseia seu acto nestes dous motivos:

a) «a deficiente preparação e a pouca preocupação religiosa que, em geral, offerecem os positivistas; b) as lacunas de minha competencia, as quaes enfraquecendo minha autoridade, deixam esta sem o necessario prestigio para determinar de modo efficaz os aturados esforços que cada positivista precisa fazer sobre si e em torno de si, a fim de desobrigar-se dos difficeis e minuciosos deveres que decorrem de nossos sacramentos.»

3.º) Em cartas recentes, e em conversações, o chefe tem insistido sempre na mesma confissão, notando sua insufficiencia e a da maioria de seus subordinados.

—Sempre entendi que, na deficiencia actual, nós nos tinhamos de tolerar mutuamente, e que (como escrevi ao chefe) «precisavamos respeitar geralmente as pessoas providas de officios.» E isto porque, segundo diz o Mestre (*Polit.*, II, 329), «a harmonia habitual entre as funcções e os funcionarios apresentará sempre immensas imperfeições. Quando mesmo se quizesse collocar cada um em seu lugar, a curta duração de nossa vida objectiva impediria necessariamente de o conseguir, por não se poderem assaz examinar os titulos a fim de com tempo de se fazerem as mutações.»

Mas tendo pessoalmente sentido e verificado a completa realidade de taes confissões, vi que só dando uma organização especial ao Centro paulista poderíamos manter unida nossa propaganda.

O chefe, porém, numa *tensão* de relações em que seus defeitos estavam empenhados, achou que o rompimento era a unica solução, como si tudo de sua parte fosse perfeito, integral, estando só de meu lado os defeitos graves e os gravissimos.

E' a responsabilidade de tal acção que devo deixar bem clara deante de meus amigos e correligionarios, para esclarecimento dos que definitivamente nos hão de julgar.

E já que minha sinceridade foi posta em acceirada suspeição, devo dizer que desde 1893 sempre declarei meu sentir sobre nossa deficiencia religiosa, advertindo amigos que com ella se impressionavam mal, e escrevendo ao proprio chefe. Sinceramente, francamente lembrei meios que nos melhorassem, porque não era por maledicencia que notava defeitos nos outros, não era por me livrar de censuras que me dizia imperfeito.

Em minhas queixas, não fui sinão o corajoso arauto do que em torno do chefe com mais intensidade se diz (1). E o fil-o francamente, sinceramente, procurando sempre cooperar com um chefe insufficiente, porque eu tambem me julguei sempre um simples *puxador de rexa*.

(1) O insuspeito amigo que em carta publica (V. a nota VII) já apreciou francamente esta malfadada questão, em missiva posterior dá-me um testemunho digno de ser registrado em comprovação do que assevero acima: ... «continúo a tributar ao chefe brasileiro o respeito que espontaneamente voto aos homens de convicção; mas, reconhecendo embora as superiores qualidades que o distinguem, não posso comtudo negar seus exagerados assomos de dominação orgulhosa, que fizeram da direcção central do positivismo em nossa patria uma função irritante, exclusivista e até odienta. Aliás, a correligionarios vossos que hoje se prosternam em submissão inacreditavel aos pés do chefe soberano, outr'ora,—não ha muito tempo ainda,—ouvi muitas vezes referencias desfavoraveis á virulencia com que o Sr. Lemos aggride aos proprios confrades que Augusto Comte honrou com o titulo de discipulos, e á vaidade vivax com que afasta cautelosamente a collaboraçãõ alheia na propagação do positivismo.»

Mas depois que os defeitos do chefe o levaram ao extremo de fazer trocadilho e me ultrajar com esse modesto titulo,—um *modus vivendi*, uma organização especial foi-se impondo como condição necessaria de minha cooperação (1). Pedi aquella, continuando a offerecer esta em condições de mantermos nossa independencia e o concurso de nossos esforços. Já viram meus amigos como tudo foi repellido e como os defeitos do chefe mais uma vez se patentearam, destruindo-me qualquer illusão de um possivel accordo.

Si, pois, me afasto do chefe e volvo minha actividade para uma preparação privada,—naturalmente inseparavel da vida civica e mesmo universal,—é sobretudo de sua imperfeição que se deve queixar, si contra elle se manifestar qualquer indifferença dos que me acompanhavam aqui.

Para concluir fazendo preponderar a voz do Mestre, aqui transcrevo um trecho seu, em tudo muito a proposito:

«Si o sacerdocio estiver abaixo de sua destinação normal, disso deverá elle sobretudo arguir a sua propria imperfeição, muito mais de temer que a hostilidade do governo e a indifferença do publico.

A principal tentação, de que elle sempre deve preservar-se, resulta de nossa involuntaria tendencia a mandar quando se devera persuadir ou convencer. Uma autoridade qualquer, mesmo quando a principio provém de uma fonte puramente espiritual, nos arrasta habitualmente a substituir as demonstrações discutiveis pelas prescripções imperativas, como o orgulho pedantocratico hoje o mostra tantas vezes.» (*Polit.*, II, 420).

(1) Si quizesse alongar esta questão pessoal, rectificaria, afóra outros pontos, as duas notas da circular em que se não diz a verdade inteira sobre a "carta que amarguei silenciosamente pelo bem geral," e sobre a severa opinião do chefe a respeito do recorrente ali referido. (V. a nota VII)

V

... «não quizeram ahi empregar suas forças...»
pag. 17.

Accrescento aqui o restante desse trecho :

«Então eu, com os conselhos de meus chefes (1), resolvi tomar o lugar com a modestia que me é possível. Estou resolvido a trabalhar para que surja alguém apto a bem prégar o positivismo. Iniciei a propaganda nesse modesto proposito. Reconhecendo minhas imperfeições, minha fraqueza, estou sempre á espera do Apostolo, para me retirar, mesmo do posto secundario de repetidor de catecismo.»

Isto mesmo disse eu varias vezes em outras cartas e em conversações.

Para que melhor se veja o modesto character que dei a minha propaganda, aqui transcrevo o introito com que inaugurava a serie annual de minhas conferencias :

«E' muito modesto o papel que venho representar, --é um prolongamento social de minha funcção de professor. Não assumo, não posso assumir nenhum primado espiritual com as conferencias positivistas que agora enceto. Os impulsos do meio, as esperanças dos chefes, juntos a estímulos de amigos, me levam a emprehender esta tarefa, em que a deficiencia de minhas forças será compensada pela grandeza da Doutrina que me inspira.»

Todos soffremos os males dolorosos da anarchia tremenda que nos derranca a vida pessoal, a vida domestica, a vida civica. Bem mais faceis são todas as tarefas que commetemos quando as qualidades pessoas,

(1) Devo declarar que o eminente apostolo cid. R. Teixeira Mendes, em sua visita inolvidavel de 1895 e na inolvidavel correspondencia do mesmo anno, foi quem effectivamente contribuiu para me resolver a encetar aqui a propaganda systematica. Em minha viagem ao Rio, a 9 de Julho de 1895, o cid. Miguel Lemos só me aconselhou que fizesse uma propaganda simples, com *bonhomia* (?) em sala emprestada, num edificio publico, etc.

quando a Família, quando a Patria e a Humanidade nos cumulam de elementos favoraveis. Porém, mui poucos são os mimosos da fortuna que se podem conhecer felizes ante as oscillações de nossa vida dilacerada, profundamente desunida.

Mas, como quer que seja, fortes ou fracos, felizes ou infelizes, competentes ou incompetentes, nós temos uma Doutrina grandiosa que havemos prégar pelos diversos meios a nosso alcance. Cumpre não desanimar com os defeitos que em nós contemplarmos ou com os resultados de nosso esforço. Havemos de fazer conta que todos os nossos sentimentos, todas as nossas idéas, todos os nossos actos, de um modo geral, todas as nossas palavras,—que exprimem acção, idéa e sentimento,—constituem outras tantas sementes que lançamos á ventura no vasto terreno social. Taes sementes, como as do antigo Evangelho, hão de soffrer o seu destino, de conformidade com o lugar em que cahirem. Si entre espinhos se afogam algumas, si algumas se reseccam nas pedras e si pelos homens outras são calcadas,—muitas haverá que encontrarão terra boa onde germinem, floresçam e fructifiquem».

*
* *

Não é de agora que tenho fugido a preeminencias facticias na propaganda do positivismo. Em 1891, quando aqui installámos um Club Cooperador Positivista, a 9 de Agosto, rejeitei o lugar de seu presidente, allegando minha pouca idade, falta de prestigio e posição social pouco relevante. A 15 de Agosto, estando com o chefe pela primeira vez e dando-lhe noticia da inauguração do Club, elle achou que eu devia ter acceitado o cargo de presidente, desde que a funcção de professor primario, que eu então exercia, não me collocava numa constrangida posição civil.

Foram, pois, as influencias do meio, foi meu amor pela Doutrina que me levou a assumir modestamente a direcção de nosso movimento, do qual me cabia «a responsabilidade moral, pela espontanea evolução das cousas», conforme o chefe me escrevia o anno passado.

Ultimamente, porém, o zelo do chefe, seus continuos alarmas faziam-me cada vez mais resistente ao desenvolvimento apostolico de minha funcção. Sempre dizia a meus intimos que era um «puxador de reza», e até aos 35 annos não queria passar além. Até lá, prestando a minha fé os serviços compatíveis com minhas forças, esperava que surgisse um propagandista capaz de *apostolar* verdadeiramente. Cingir-me-ia a «um prolongamento social de minha funcção de professor», e não accitaria delegações para ceremonias sacramentaes ou religiosas: só por digna obediencia exerceria qual-quer funcção mais alargada.

Emquanto não apparecesse o capaz e decidido, o acceito pelos chefes, eu teria que exercer aqui uma certa funcção directiva, cabendo-me encaminhar as individualidades que fossem surgindo sob minha acção limitada. Não fugi a tal dever e a sua responsabilidade; mas não queria alargal-os, não lhes queria dar feição espiritual ou por outra—feição sacerdotal.

Ora, sendo estas minhas firmes, constantes, ratificadas resoluções, surprehendeu-me que o chefe, de tudo sabedor (1), viesse declarar ter eu por diversas vezes solicitado que me investisse aqui na funcção de chefe. O cid. M. Lemos NUNCA teve de mim nenhuma INSISTENCIA para me consagrar chefe com uma INVESTIDURA especial, emanada de sua autoridade. Foi-lhe forçoso accuitar-me como espontaneo centro coordenador do movimento paulista, porque todos me rodeavam a mim, apesar de minhas relutancias, ultimamente inspiradas

(1) Eu sempre *pequei* por expansivo, e em minhas cartas expunha ao chefe todos meus intentos com extensão prolixa.

pelo *xelo* do cid M. Lemos. Consagrar-me! Realmente o cid. Miguel Lemos, quando lhe convem a seu orgulho, toma bastante ao serio as funcções sacerdotaes, para que tão insufficiente se confessa.

A fim de que se avalie o entono do chefe, transcrevo sua *retardada* e habil resposta a minhas deliberações de pag. 13:

«Não tenho que dar satisfações ao Sr. J. F. sobre meus projectos relativos á propaganda em S. Paulo, nem sobre si nomearei ou não qualquer substituto. Elle foi que quiz de *motu proprio* entregar-se ahi á propaganda, si bem que com a minha animação e sanção, mas sempre considerando eu essa tentativa como um simples ensaio de suas forças e capacidade. Nunca, porém, o investi de chefia alguma, e ás diversas solicitações (?) que elle me fez neste sentido, pedindo-me a organização systematica do grupo de S. Paulo, respondi (?) invariavelmente (?) que não achava isso opportuno, e *que elle deveria conquistar pelos seus proprios esforços a sua ascendencia pessoal* (o grypho é do chefe) e que eu então sancionaria essa ascendencia provada. Como fui bem inspirado (?) em proceder com toda a prudencia que o assumpto exigia!»

Devo frizar bem a inverdade deste trecho contraditorio, pouco delicado e presumpçoso.

O chefe na exclamação final vangloria-se das *zelosas*, das suspicazes prevenções de que eu o accusei e que em balde tem querido negar. As *solicitações* e as *invariaveis respostas* de que fala nesse trecho, não são verdadeiras: ellas não passam de phantasmas suspeitosos que o chefe criou e agora toma como reaes. E é só de taes criações, de taes suspeitas que elle se vangloria, como vou mostrar.

Uma UNICA vez, a 30 de Setembro de 1895, disse-me o chefe uma cousa parecida com a phrase que elle gryphou, como sendo a resposta invariavel a meus *diversos* pedidos de investidura espiritual. A proposito de

uma questão com um seu «velho camarada», e *não em resposta a qualquer das taes «solicitações»*, disse-me o chefe: «...vossa situação de quem tem que *conquistar ainda* um ascendente espontaneo, não vos permite maiores exigencias a esse respeito do que aos vossos confrades (1).»

Depois disso, a 2 de Aristoteles (27 de Fevereiro) do anno passado, dizia-me elle, tratando de uma intervenção fraterna e de character bem espiritual: «...cabe-vos, pela espontanea evolução das cousas, a responsabilidade moral do movimento positivista nessa cidade, cumpre-me habilitar-vos com as informações que tal responsabilidade precisa»...

Não ha nada mais que possa verificar as afirmações do chefe. A UNICA vez que pedi uma organização systematica de nosso Centro foi a que motivou agora meu desligamento. Tudo o mais não é verdadeiro; ha de ser criação do *novo* juizo que fez a meu respeito.

E' esse juizo *novo* que tambem levou o chefe a carregar em minha insufficiencia apostolica, chegando a me tirar todo o merito intellectual que antes «me supozera.»

Acho que o despeito do chefe o torna incompetente para tal aferição, por mais intellectualidade que nelle eu supponha. Si é notavel o merito intellectual do chefe e si o meu é nullo, mais estreita será a conta que deve prestar á Humanidade pelo desperdicio de seu talento nas polemicas e revoltas, com que tem perturbado a familia positivista.

Os dotes fortuitos, os dotes da situação e os da instrução não constituem o verdadeiro merito, o valor real dos homens. A's vezes são dotes mais seguros os que «pezam e carregam para a humildade que os que elevam e desvanecem para a soberba». Não ter dotes

(1) Da resposta a essa carta é que extractei os trechos citados na epigraphe da pag. 17, e no começo desta nota.

nenhuns, ou ter poucos, pode ser até glorificação para quem tira da mingua propria as forças com que faz alguma cousa. «Mais difficultoso é ganhar pouco com pouco, que muito com muito.» (V. A. COMTE, *Polit.*, II, 329; P. VIEIRA, *Sermões*, I, 1854, 172-176).

A Humanidade, beneficiando o Chefe com os talentos que tanto o desvanecem e o fazem abater os maldotados, será inflexivel quando julgar o que elle produziu em 18 annos de uma propaganda, que só mantem o centro fluminense com 28 agremiados.

Até lá é possivel que eu lhe dê ensejo de mostrar a um tempo sua total competencia e minha nullidade. Si me for propicio o quinquennio semi-pythagorico, pedir-lhe-ei que me examine os merecimentos com as theses scientificas, que o Mestre prescreveu para consagrar sacerdote o digno apostolo ou o digno crente.

Antes disso, é melhor ficarmos em paz com esta melindrosa questão sobre meritos intellectuaes.

VI

O sacerdocio, a disciplina e a propaganda positivista

Esta nota, a maior parte da anterior, bem como a seguinte e outras que ajuntei no baixo de algumas paginas, são posteriores á redacção do corpo deste folheto, onde vem minha declaração decisiva. São tambem decisivas manifestações de uma defeza necessaria e prestadia. Meu caso ha de aproveitar assim para esclarecer e firmar certas questões da propaganda positivista, até hoje entregue a uma especie de ditadura temporal.

A facilidade com que o chefe rompe ligações espirituaes e lhes empresta a forma de semi-excommunhão, — não pode continuar, a bem do Positivismo, que ainda não comporta funcções sacerdotaes, desprovido como está de um digno clero. Fóra da subordinação directa

aos textos de A. Comte, a religião se torna insufficiente nos grupos que, sem sacerdocio, se arrogam as prerogativas de Igreja.

O chefe brasileiro ha de modificar-se, ha de abai-xar suas pretensões, para que o numero dos positivistas agremiados não vá cada vez mais diminuindo (1). Depois da Republica, o grupo se tem mantido graças ao advento dos adeptos *politicos*, que se achegaram ao Centro por influencia de B. Constant. Si a Igreja continuar a progredir só com taes sympathias politicas, seu gremio não passará de um foco partidario, com bases positivistas.

Ora a insufficiencia do chefe tende a levar o gremio par esse terreno escorregadio. Hoje um fragilimo estado de sitio já concorre para emmudecer a propa-ganda, que, no Brazil todo, conta sómente com um apóstolo que *préga* (2). Dependente assim das agita-

(1) Hoje, em toda a Republica, não passam de 28, incluindo os chefes e um ou mais proselytos. Em Janeiro de 1882 o Centro contava 45 membros.

O chefe tem um tão fraco proselytismo e acha-se tão cheio de sua pessoa, que ainda quando se visse reduzido a elle só, não deixaria de pensar que é o «unico depositario da verdade». E' isto o que elle, em termos habeis, já chegou a dizer (relatorio de 1884, pag. 11), e é o que se infere de sua carreira em que tem acerbamente rejeitado a preponderancia ou mesmo a simples, a fraternal collaboração dos discipulos directos de A. Comte. E' crível que, no mundo todo, só tenha a verdade inteira da Doutrina quem até hoje nunca fez della um curso geral, quem não a préga habitualmente, quem carece da educação encyclopedica e até se julga mais propenso a funções praticas? A «plena e inteira fidelidade ao Mestre», em que firma seu primado espirital, onde hauriu elle, que competencia a consagrou, além da propria que é insufficiente? Não é um circulo vicioso basear seu prestigio numa fidelidade que só tem como fiador esse mesmo prestigio?

(2) Foi em Setembro do anno passado que contemplei este contristador espectáculo, que mui decisivamente concorreu para a energia de minhas reclamações e de minhas queixas:—vimos um director de *apostolos* que nem apóstolo poude ser. Annunciando a viagem do Sr. Mendes á Europa, prometteu continuar a exposição dominical de nossa Doutrina, e depois, no dia seguinte ao de sua partida, veio declarar pelos jornaes que tal resolução «ficava de nenhum effeito, por ter reconhecido sua *impraticabilidade*», isto é, «por *he ser impossível* realizar esse projecto.» (V. *Boletim* n. 4 P.). Os ensaios de exposição parcial que fizeram alguns confrades, foram suspensos em Novembro, a pretexto de se não confiar no «poder suspeito» que decretára o estado de sitio. E assim um vistoso templo, que tantos,

ções partidarias e reduzida a contar com um só apóstolo, a Igreja brasileira pode apresentar uma organização positivista?

Não; não pode, dizem os textos do Mestre.

Esta nota visava o desenvolvimento da these que acima indiquei, tratando geral e particularmente do verdadeiro sacerdocio, da verdadeira disciplina e da propaganda verdadeira. A nota, porém, foi-se avolumando muito, e como seu pleno desenvolvimento adiaria demais a publicação deste folheto, resolvi deixal-a para ser depois publicada em avulso.

Para estes trabalhos só disponho dos domingos e às vezes das noites de sabbado. Tal era o tempo em que preparava as conferencias de minha «deficientissima» propaganda, que se não limitava a esse curso theorico, porque dos fructos de meu trabalho real e util,—UNICA fonte de meus rendimentos quaesquer,—sempre tirei largamente para subsidiar a disseminação de nossa Doutrina. Tudo isso entresachado com penosas perturbações morbidas, minhas e da familia, que me embarçam muito e ajudam sempre a fazer de mim «o trapalhão» (1) que tanto desinquieta o chefe. Si este tivesse mais coração e menos orgulho, honraria melhor seu cargo, correspondendo a minha ingenua confiança, que a elle nada occultava e d'elle exigia a solitudine que *nunca* mostrou. A expansiva, a larga correspondencia que com

tantos sacrificios nos tem custado, ficou totalmente silencioso, mesmo no centenario natalicio de nosso Mestre. Assim a deficiencia apostolica do chefe e o partidarismo, em que por demais se tem mettido, mostraram toda a inconsistencia dos motivos geraes em que me baseava para supportar um chefe insufficiente. Que valia sacrificar-me a bem de uma propaganda, cujo director a deixava amortecer em seu proprio centro e a comprimia em sua irradiação? Não escondi as impressões penosas que tal espectáculo me produziu, e depois disso era mesmo impossivel supportar mais os assomos, as intromissões de um chefe cuja insufficiencia tão deploravelmente se revelava. E' isto que melhor se verá no desenvolvimento ulterior desta nota.

(1) Tal é a amostra dos termos com que o chefe trata quem se não prosterna a seus pés.

elle manteve, presta-se a provar meu asserto, quando se cotejar a parte que ahi me cabe com as as minguadas, as seccas manifestações que pertencem ao chefe.

Parece que o chefe até hoje tem querido impôr-se pelo gladio, pela virulencia com que arremette contra os que o offendem ou o chocam, mesmo de leve. E' contar muito com a covardia alheia, é abusar da prudencia dos mais.

Eu tenho muito amor á paz, e si esta questão parar aqui, estou disposto a abrir mão desta nota. Mas si o chefe continuar a me diffamar, fazendo de mim um reprobado excommungado, a repulsa é inevitavel e é util para convencer ao cid. M. Lemos de que a prudencia tem limites, de que a covardia não é universal. Quem espalha os ventos do orgulho, deve colher as tempestades de uma justa reacção.

E' isto uma vivaz affirmacção a meus amigos, para que sintam que não *morri*. As almas timidas, lendo os empolados rescriptos do chefe, devem ter encolhido as azas tremulas, pensando que é melhor não affron-tar as furias do alto (1). Em mim estas rajadas produzem um effeito contrario: incitam á luta e reforçam a alma, depois que passa a tristeza de alguma de-sillusão. E eu nunca me puz em o numero das *almas fortes*, daquellas que o chefe, a seu modo, costuma apreciar...

(1) No dizer de um bom e pacifico amigo, «o chefe possui tempera de combatente.» Aliás, elle proprio se «reconhece como dotado de uma natureza mais pratica que theorica.» E', pois, o receio ás manifestações dessa «tempera,» é a timidez, a prudencia que muitas vezes ha de fazer o chefe *dominar*. Triste dominio para quem se diz um chefe espiritual!

VII

Esclarecimentos pessoais

Esta nota fez-se indispensavel depois que, entre meus amigos e correligionarios, espalhou o chefe largamente uma serie de accusações ferinas, que miram desconceituar-me por todos os modos. Já nosso publico está informado de taes manejos, por uma carta que um prezado amigo (cidadão Alberto Souza) me endereçou com o titulo—*Espiritualismo e positivismo*. Não sou eu, pois, o culpado de publicar agora questões pessoais: a defeza minha e a confiança que mereço de muitos, por igual me forçam a dar aqui alguns esclarecimentos.

Primeiro esclarecerei alguns pontos da carta do cidadão A. Souza e depois falarei nas epistolas, nos dizeres accusatorios que contra mim espalhou o chefe.

I

O cidadão A. Souza refere-se a uma reunião frustrada, que considerei hostile a mim. Contesta que para ella concorresse intimamente e declara que ahi nada houve que me fosse pessoalmente hostile. Registrando tão insuspeito e veridico testemunho, acrescento que tal reunião exactamente se frustrou porque a maioria de meus amigos não correspondeu aos intuitos de seu promotor. Este veio a minha casa no dia seguinte

muito despeitado, e em novas sortidas foi tal sua indelicadeza «desbragada» (1), que rompi com elle todas as relações pessoaes. Já que era meu inimigo encapotado, fosse-o ás claras, á vista de todos. Isto de aninhar serpentes desentanguidas e feras, só mesmo por «toleima» (2), tão grossa que nem a fabula ainda consagrotó. Como disse ao chefe: «Minha vivacidade ou violencia de forma só se exaspera com as posições hypocritas dos que me atacam por detraz, ou sem razão querem sempre me comprimir a personalidade para cevar instintos criticos.»

Diz ainda meu amigo A. Souza que «o conflicto foi provocado por mim, pela interpretação opposta que eu dei á carta inicial do Sr. Lemos.» Explicarei este ponto.

A habilidade do chefe consiste justamente em fazer crer numa explosão suspeitosa, de todo gratuita. Mas na propria circular se desmente essa pretendida innocencia da carta inicial. Minha energica repulsa não podia surprehender o chefe, porque, segundo declara, «havia muito que eu lhe tinha inspirado sérias apprehensões.» havia muito que, suspicaz, desconfiado, elle me espreitava em «varios e repetidos incidentes» e com «uma observação frequente». Um homem orgulhoso, que confessa estar «ha muito» em vigilancia tão suspeitosa, podia manter em nossas relações a lhaneza cordial, a fraternidade que «constitue a condição primaria de toda verdadeira subordinação?» (*Polit.*, III, 140).

Essa falta de cordialidade attingia a indelicadeza de não responder á participação que lhe fiz, quando inaugurei publicamente minhas conferencias positivistas. Quando celebrámos a Festa da Humanidade pela primeira vez, em 1897, meus correligionarios me surprehenderam com uma captivante, mas prematura manifestação de apreço. O chefe, depois de um mez, accusando

(1) Como elle proprio declarou a um meu amigo.

(2) E' uma nova amostra dos termos epistolares usados pelo chefe.

a recepção da noticia que a respeito lhe enviei, notou «falta de compasso na expressão que lhe deram». Nesse tempo, em Londres, o venerando octogenario, Sr. Ricardo Congreve, só impedido por «sua fraca saude», é que já me não enviára suas benevolas felicitações, que constituem para mim, reunidas a outras, as mais suaves e preciosas lembranças de um trabalho tão espinhoso.

Cingindo-me, porém, ao assumpto desta explicação, devo dizer que, já por seus antecedentes, já por seus consequentes, era a carta *inicial* uma zelosa tomada de contas a meu procedimento. Nesse caracter lhe prometti obedecer, como explicitamente declaro nos comentarios que o chefe não publicou, só transcrevendo a carta ultima que se podia prestar a intrigas.

Resumâmos:

1.º) Em vista de seus antecedentes, era essa carta de um zeloso insufficiente, que absorve negocios universaes,—porque:

a) Em casos menos graves, o chefe sempre decidiu contra mim, só *fazendo questão de ser firme*, humilhando-me e exaltando seus «velhos camaradas», cujo procedimento não devo caracterizar;—o de um por indigno, o de outro, mais innoxio, porque a sympathia, a piedade não me permitem resurgir o passado num presente que lhe é tão penoso e acabrunhador;

b) A pessoa agora em questão, a 6 de Setembro de 1896, já merecera um juizo severissimo do chefe e de sua familia, quando um membro desta teve um conflicto com o recorrente;

c) Porque a decisão recorrida já lhe fôra exposta por inteiro, como baseada inicialmente em seu juizo, e d'elle tivera approvação expressa.

2.º) Em vista de seus consequentes, porque:

a) O chefe só teve pressa em dar viva, irosa, precipitada solução a minhas cartas, e até hoje não resolveu a questão que occasionalmente as suscitou,—

apezar das condemnavéis manifestações com que na imprensa se tem exhibido o recorrente (1);

b) Mantem entre os seus o recorrente e delle recebe informações a meu respeito, fazendo como o coador, que, na phrase de Frei Heitor Pinto, deixa passar o limpo licor, só retendo as fézes e immundicias;

c) Finalmente, porque a indigna hostilidade, que acompanhou e succedeu á desligação, bem mostra os intuitos da carta *inicial*. Numa das cartas hostis, vituperosas, essa questão já é agora indignamente apresentada como «tristissima para mim» (2): é isto que o chefe denomina *mudança de juizo*.

O procedimento insufficiente, alarmado, suspeito e pouco lhano do chefe, que tocava o extremo da indelicadeza, me pozera em expectativa. A primeira incurção, eu oppuz meus embargos e deu-se o que já vimos.

Tal é em resumo a explicação do ponto referido. O caso é tão desfavoravel ao chefe que, mesmo sem minhas explicações, tem sido esse um dos pontos que mais escandalizaram meus amigos. Só por generosidade não o frizei no corpo de minha declaração, e si agora o faço, é por exigencias de minha defeza, é porque a edificação do proximo não comporta mais uma generosa reserva. Não estou disposto a anihilar-me, dando aos amigos um deprimente espectáculo, sem nenhum lucro para o bem social.

*
* *

Não foi só em tal questão que se patenteou a habilidade do chefe. A publicação de minha carta intima obedeceu tambem a cadimas intenções, que só agora

(1) Só um mez depois de meu desligamento, só a 13 de Aristoteles (10 Março) é que o chefe, segundo confessa, «poude ler os documentos da referida questão». (Carta ao medianeiro meu).

(2) Hoje assim podemos chamar-lhe, porque a intervenção do chefe deu lugar a uma serie de *tristexas*, cujas consequencias, até materiaes, custosamente estou pagando. E é assim que o chefe aspira á estima dos que o rodeiam, firmando um prestigio de que tanto necessita?

descobri. O chefe serviu-se do que ahí narro sobre a doença de um seu «velho camarada» para me accusar de tartufismo. Tudo isto porque em tempo, segundo suas prevenções, o chefe attendeu a queixas que seu camarada lhe fez contra mim, e me *aconsellou* a ter com elle uma conducta demasiado humilde, a que pontualmente acquiesci. Nunca o tratei mal e, pelo contrario, depois de suas ultimas desgraças, sinto por elle funda, piedosa sympathia, ao ponto de afastar queixas graves que contra o mesmo se levantaram. O chefe, porém, acha que eu intentava eliminá-lo de nossas relações, e agora, em sua desgraça, só por tartufismo poderia eu manifestar-lhe piedade e offerecer-lhe meus serviços.

Como isto fica longe do preceito christão—*Diligite inimicos vestros* (MATHEUS, cap. 5, 44) (1)! Como se distancia da maxima de Clotilde (a VII)!

E aqui não se trata de inimigos maus, que me hostilizam. Imagine-se o que de mim não dirá o chefe, si um dia me vir carregar na desgraça alguns dos que hoje o rodeiam e me diffamam!

Não ha de ser, porém, o juizo seu que me demo-verá de praticar a verdadeira caridade, o altruismo verdadeiro, que se paga de actos e não de palavras falsidicas.

*
* *

Estes e os esclarecimentos seguintes mostram bem o que eu dizia ao chefe: «Perturbações domesticas e civicas que aqui soffro, que afasto efficaçmente, vêm-me depois com vossa autoridade a me humilhar, sem nenhuma utilidade social.»

Antes de passar adeante, preciso apoiar meu procedimento em palavras que o Mestre escreveu, quando

(1) *Nulli malum pro malo... Dilectio proximi malum non operatur* (S. PAULO, *ad Roman.* XII, 17; XIII, 10). A Humanidade é que premeia ou castiga—*Mihi vindicta: ego retribuam, dicit DOMINA* (*Ibid.* XII, 19).

publicamente explicava uma «apparente anomalia de sua despeza pessoal.» Dizia elle: «Evitando qualquer detalhe superfluo, minha verdadeira dignidade não soffrerá com este publico esclarecimento, que prevenirá accusações irreflectidas e talvez mesmo uma ignobil malevolencia.» (*Circulares*, 33).

Assim acobertado e obedecendo ás prescripções da moral positiva, que me manda viver ás claras, passo á parte mais delicada, mais intima desta explicação.

Que a Humanidade perdôe ao chefe as perturbações que seu orgulho e sua dureza me têm acarretado!

*
* *

Os esclarecimentos rapidos que vou dar sobre outros pontos do folheto—*Espiritualismo e positivismo*, vêm reforçar o que já disse a respeito da «prevenção tensiva» com que o chefe me atenazou, com que de continuo se alarmava e me trazia alarmado.

Falarei primeiro dos «acontecimentos de ordem estrictamente privada», que o meu amigo A. Souza encontrou coloridos e ornamentados no meio positivista, cuja falta de cohesão e fraternidade sempre deplorei, diligenciando melhora-lo com meus desajudados esforços. Assim se verá tambem como é que tal «prevenção tensiva» data dos fins de 1894.

Nesse anno comecei a conhecer os *processos espirituales* do director do Apostolado. Sahindo do gremio um querido amigo,—a influencia dominante que affectuosamente me aproximou do Centro,—escrevi ao chefe lamentando o facto e intervindo para ver si o amigo poderia voltar. Esperava que tal se dêsse, porque o director considerava muito o meu amigo: na despedida escreveu-lhe amistosamente e elogiou na circular suas boas qualidades, mesmo de coração (1).

(1) Só hoje sei que, além da circular, uma carta mais expressiva foi dirigida ao meu amigo.

Qual não foi minha surpresa quando, em sua resposta, o chefe usa de phrases cortantes, de expressões deprimentes contra meu amigo. Não sei que lhe respondi, salvando minha amizade, apesar dos defeitos que a autoridade do chefe tão ferinamente notava no amigo. Mas fiquei fundamente, dolorosamente impressionado com tão *duro* e incorrecto *processo espiritual*.

No fim do mesmo anno foi o director «invocado para acalmar os conflictos que a *imperfeição humana torna inseparaveis dos melhores laços* (são palavras do Mestre, *POLIT.*, IV, pag. 313). Foi invocado por minha Senhora e não por mim. A intervenção dos verdadeiros sacerdotes é que se torna efficaz no seio das familias, porque todos seus membros lhes são pessoalmente conhecidos, segundo a regra, tão preciosa socialmente como intellectualmente, que affecta ao mesmo professor os sete annos do ensino encyclopedico (*Polit.*, *ibid.*). Sciente disto e do mais, eu por mim talvez não invocasse tal autoridade, embora minha ingenua affeição ainda muito me apegasse ao chefe insufficiente.

Minha Senhora, porém, julgou dirigir-se a um sacerdote e com elle se abriu confiadamente, levando-me a fazer o mesmo. Ambos, porém, fomos enganados em nossa confiança, como hoje vemos mais claramente. A devassa foi aberta, os amigos foram interrogados e os dous recorrentes foram postos um deante do outro, a se digladiarem em «provas e contra-provas.»

Por fim, satisfeita inteiramente a curiosidade aguçada, deixou-nos o chefe alguns mezes totalmente indecisos, suspensos, numa situação dolorosissima, insupportavel. E quando em minhas cartas transparecia esse terrivel estado d'alma, o chefe, do alto de sua potestade, advertia-me com dureza que eu *parecia descontente*, que pelos modos eu tinha «mais sofreguidão do que as circumstancias permittiam.»

Então, quando já era impossivel supportar mais tantas delongas, o eminente apostolo, cidadão Teixeira

Mendes, bondosamente se offereceu para vir aqui. O chefe encarregou-o de «ouvir-nos» *outra vez* e elle, ouvindo-nos, tudo resolveu pelo melhor, tudo aconselhou em nosso bem, com uma bondade amical que conquistou nossa estima e gratidão profunda.

Sem mais detalhes e commentarios, taes são os factos «de ordem estrictamente privada» que meus confrades coloriram e ornamentaram. Alguns desses ornamentos chégaram a meus ouvidos, e partiu de um positivista fluminense, que foi ou é intimo do chefe. Isto me faz crer que os coloridos vêm de cima.

Como quer que seja, livre hoje de uma responsabilidade que me ia sacrificando por todos os modos, não temo o chefe nas guerras diversas que me possa promover, quando a mim quizer fazer carga desses conflictos, ou divergencias, muito vulgares no gremio que tão insufficientemente dirige. Imagino mesmo que o chefe tem abusado de nossa inteira e ingenua confiança, porque no desmarcado juizo firmissimo, que de mim faz a um querido amigo, declarou que esse julgamento resultava de nossas «prolongadas relações em que lhe foi dado perscrutar o mais intimo de minha natureza». Para isso diz elle que fez «uma serie de imparciaes observações.» Vejam os meus amigos a que ingenuamente, inconsciamente estive eu sujeito no gremio fluminense. Fui um objecto de observações e de perscrutações intimas... Talvez, á maneira de Lombroso, minha propria letra, meus traços physionómicos não escapassem aos olheiros inquisitoriaes que em mim vigiavam suspeitosamente!

Como tudo isto é triste de se ver e de se exprimir!.....

Si, á vista das manifestações consummadas, eu não tivesse *tudo* a esperar da atrabilis do chefe, affianço a meus amigos que nenhuma satisfação a este respeito daria. Mais sabe o tolo em sua casa que o sizudo na

alheia (1). Deixaria que de mim falassem as irresponsáveis más linguas, que se acoutam hypocritamente num gremio de nossa Religião. Que se esbofassem, até os limites compatíveis com minha liberdade pessoal...

Mas tratando-se de um chefe, que possuiu minha confiança, que usou e abusou da condescendente subordinação que lhe teve quem já era positivista antes de se chegar a elle; tratando-se de falatorios autorizados por meu ex-chefe, era de minha parte um dever dar explicação de tudo. Embora, a respeito dessa questão íntima, tenha eu do chefe categoricas affirmações de que ellas me não deslustraram em seu conceito,—agora não posso mais confiar em taes documentos, porque o chefe *tudo mudou*, depois que «eu não trepidei em endereçar-lhe» as famosas epistolas. Para contar com seu antigo juizo, precisaria transformar-me, isto é, precisaria dirigir-lhe missivas laudatorias. Ora, como esta mudança é improvavel, á vista do exposto,—não tenho remedio sinão esclarecer até nugas pessoas, que dão fundamento a calumnias vagas.

*
* *

Em seu folheto fala o meu amigo que os conceitos do chefe e seus sequazes foram ao ponto de descobrir «que até o merito intellectual me falta». Soube realmente como o chefe proclama que meu pobre intellecto nem o francez alcançou. Este caso, a explicar-se, havia de ser uma historia interessante. Com documentos escriptos, provaria que, apesar de minguado, alguns serviços prestou meu saberete na segunda edição do *Catecismo*. E isto examinando pouco mais de um quarto da versão portugueza, a pedido do traductor, que é o proprio chefe.

(1) ...advertid que mas sabe,
Que el entendido en la agena,
En su casa el ignorante.

(F. DE ROJAS—Teatro Español escogido, 352)

Mas é melhor não tocar nestas e noutras cousas. Só o farei, si a isso for *de novo* provocado pelo chefe. Estas ninharias contristam quem se vê obrigado a versal-as seriamente. Isto até nos vence, porque nos enteja... Quem se vale de taes niquices, deve estar bem pobre de argumentos para tsnar os serviços que malbarata, depois de os haver utilizado.

Passemos para a segunda parte desta nota.

II

Devo tratar agora das epistolas vituperosas, que para aqui enviou o chefe, no intento ferino de me afastar amigos caros e dedicados. A essas cartas se refere o cidadão A. Souza, dizendo que «estava longe de subscrever todos os conceitos emitidos a meu respeito, quer na circular e documentos annexos, quer nas cartas posteriores.»

Só tratei de haver á mão a que foi dirigida ao medianeiro de minha escolha, amigo certo, de velha data e intimo conhecedor de minha vida. A carta, porém, tão apaixonada, tão «aspera» lhe parecerá que, sob sua responsabilidade, não m'a quiz communicar e pediu a autorização do chefe. Nesse tempo a carta, em cópia e com additamento, era por aqui largamente conhecida. A ella se remettiam os amigos recalcitrantes, para inteiramente se desilludirem a meu respeito.

Uma quinzena demorou o chefe em responder. Habitualmente costuma demorar muito mais, sempre que se trata de assumpto que não o toca pessoalmente.

Afinal veio a autorização: a carta me podia ser communicada, pois era util que eu conhecesse meus defeitos, a fim de mais efficazmente reformar-me.

Meus amigos já lhe conhecem muitos pontos extractados em notas anteriores. Tratar do mais que áhi se lê, fôra esgrimir palavras pouco sonoras. Que hei de responder a um homem orgulhoso, que soberbamente

nos quer *decretar* empolados juizos em lugar de factos, e se limita a improperar chamando-me «grande trapalhão», «pessoa incompetente moral e intellectualmente», cheia de «toleima», etc., etc.?

Si os factos, em que diz basear-se, forem cabaes para me afastar dos postos que tenho prejudicado, —repito,—em publico e ás claras me deve chamar a contas, enunciando tudo racionalmente, isto é, com precisão, clareza e consistencia. O mais não merece attenção, não pode ser rebatido seriamente. «Toda proposição que finalmente não é reductivel á simples enunciação de um facto, ou particular ou geral, não pode offerer nenhum sentido real e intelligivel» (1). As ficções positivas só um Augusto Comte pode construir, e tiveram sempre ou um alto destino logico ou um sublimado alcance moral. Nunca poderiam forjar-se para com ellas deturpar o character de nossos desaffectedos. Só um chefe muito insufficiente pode pensar de outro modo.

Não posso, pois, e não devo e não quero oppor uma repulsa *analytica* a affirmações orgulhosas, em que, habilmente (2), se atiram labeus vagos para falsar os golpes do adversario, para obrigar-o a sahir de sua moderação e entrar no terreno das invectivas, dos improperios.

O cidadão Miguei Lemos, desde seus tempos escolares até hoje, nunca achou um superior digno de seu respeito e de sua obediencia. Contra todos se revoltou, porque uma autolatria exagerada não lhe permite ver ninguem superior a elle mesmo.

Devia, pois, respeitar-se a si proprio e não escrever cartas onde se renega em tudo. Já que não o fez, eu tratarei de remediar ás semrazões que seu proceder acarreta.

(1) A. COMTE—*Philosoph. posit.*—condens. de Miss MARTINEAU, II, pag. 587; *Philosoph. posit.*, VI, 3.^{me} éd. pag. 600; *Polit. posit.*, app., pag. 140.

(2) «Desbragadamente», disse e fez aqui o representante do chefe.

Em respeito a todos os proceres do Passado e aos que no Futuro a todos nós hão de julgar : em respeito a venerandos anciãos que no presente devem merecer nosso amor ; em respeito, por ultimo, a minha propria dignidade, que, por menos que valha, vale sempre minha justa individualidade,—não mais tomarei em consideração quaesquer atrabiliarias epistolas com que o chefe me queira detrahir. Baseando-se em factos, citados com rigor, tratarei de os esclarecer, quando em publico vierem desinquietar as consciencias rectas.

E só. Que a Humanidade me perdôe, si acaso ultrapassei os limites da justa repulsa ! A paciencia minha não poude comportar tanta cousa a um tempo.

CONCLUSÃO

Em parte nenhuma desta exposição neguei ao chefe o discrecionário poder que elle tinha para me desligar do centro que dirige. Não lho neguei e não lho nego. Si a soberba do chefe insufficiente não suporta collaboradores esforçados, ainda que insufficientes também; si elle só quer subordinados para esposar os resentimentos seus e para applaudir todos seus actos, amargando calado todas as censuras,—está claro que eu gravemente claudiquei, não levando até ao calvario a terrível cruz que me avergoava. Mas dado o castigo, consummado o desligamento, não podia o chefe exceder-se, procurando alcançar-me em todas as minhas relações, para me deprimir, para me arruinar totalmente. O castigo justo só visa a falta incriminada,—não attinge os actos lidimos, não tisna as manifestações, os serviços que a precederam; não alcança todos os aspectos de nossa vida.

Já que eu estomagára pessoalmente o chefe (1),

(1) E' preciso não esquecer que eu fui desligado porque não «trepidei em endereçar» ao chefe missivas com reclamações energicas e queixas fundadas. O chefe declara que, mesmo provado o fundamento de minhas queixas, eu teria aberrado de seu canon pessoal. Assim, eu aberrei sómente do positivismo encarnado pessoalmente no chefe, e é por isso que eu não cessarei de firmar que minha questão é com a pessoa do director do Apostolado. Até hoje ainda não puz em duvida um só dos principios dogmaticos do Positivismo, em cuja Igreja universal espero morrer, como declarei a meu amigo A. Souza.

Esta nota vai com vista a boateiros que propalaram estarem *abaladas* minhas crenças depois deste conflicto puramente pessoal. Tal conflicto terá em minha vida reacção analogá á de uma violenta separação entre dous amigos de crenças communs e com indoles, com defeitos contrarios.

este que cortasse relações comigo. Mas o poder *peçoal*, que assim castiga, não ha de passar além. Não ha de pretender inutilizar-nos como esposo, como pai, como filho, como amigo e mesmo como cidadão. Incompatibilizar-se pessoalmente com o director de um *gremio* positivista, não é sahir do gremio da Igreja universal, não é soffrer excommunhão perpetua, excommunhão maior.

O que transcender esses limites, só da raivença destruidora pode nascer, só pode vir da insufficiencia que antes de tudo quer *parecer* chefe, confundindo o orgulho pessoal com a dignidade social e a cruel dureza com a energia directora (1). O proprio Mestre, que era Summo Sacerdote e podia excommunhar, dizendo que seus contemporaneos seriam sobretudo julgados conforme sua conducta em relação ao positivismo, faz esta declaração característica: «duas estigmatizações pessoais provaram já que, a este respeito, EU OUSO *antecipar a Posteridade.*» (*Circ.*, 102).

Foi contra ousadias e assomos desmarcados que acabei de reagir. Será contra pretensões assim irracionais e anti-positivistas que hei de protestar na promettida nota VI. Precisamos ver que não é mister o estrondo, o espavento, as invectivas para que passemos por chefe, por firme, por homem riço de character. A perseverança e a energia são os mais communs dos attributos humanos: encontram-se em todos os animaes verdadeiramente activos. O principal é termos amor, é termos fé, porque as qualidades do character «faltam raramente ás vocações sufficientemente reguladas.» A falta de religião é que hoje torna a vida publica «o apanagio privilegiado das ambições vulgares», é que neutraliza «nos melhores typos» a dedicação corajosa e perseverante. (*Polit.*, IV, 457-458).

(1) Veja-se pag. 73 das *Circulares* de A. COMTE e *Polit.*, IV, 457-458.

A doçura, a bondade, a conciliação, dentro de nossos princípios,—perfeitamente conciliantes e relativos,—constituem processos melhor conducentes a attrahir, a reerguer as almas bem nascidas, que por ahí se abatem ou se transviam contemplando nossas lutas. A reacção que, mesmo nas almas timidas, produz uma conducta conciliante, paternal, amistosa é das mais favoraveis para sua disciplina, para sua reformação. Os grandes doutores da Igreja catholica, os melifluos Ambrosios, os angelicos Aquinos e sobretudo os Salles dulciloquos, já assim o entenderam, ameigando os sobrecechos carancudos, diminuindo os terrores infernaes, decantando as glorias celestes, afastando os bellicos petrechos, que não cabem nas religiosas navetas ou nos alforges espirituaes.

Por isso tudo almejo a terminação desta contenda, a que tenho sido provocado por todos os modos. A parte essencial está terminada. As minucias agora são desnecessarias: só na continuação do debate é que ellas poderiam exigir uma ventilação especial.

Tenho ancia de refugiar-me no seio do Passado e nas esperanças do Porvir, sem a demasiada preocupação deste borrascoso presente. Os homens passam e a Humanidade fica. Si com ella quizermos permanecer, tratemos de viver para outrem: esse é o unico meio de conquistar a immortalidade verdadeira, cujos ambitos se alargam mais e mais com o progressivo desenvolvimento de nossa especie.

Nos dominios inexauriveis de nosso progresso moral, vejamos quem melhor afasta feios rancores e quem mais trabalha para desenvolver os sentimentos bons.

Si é uma inclinação *real* isto que experimento, sei-o eu em consciencia e sabem-no em manifestações os que me querem, os que por mim são queridos. Si parecer minguado o que *de real* eu sinto,—isso tenho e com isso me contento, enquanto a Humanidade me não guia a posses mais altas, de mais *realidade*. O que tenho de

sentimento ha de valer por si, independente dos juizos rancorosos.

Não fico peor porque me vituperam e nem ficaria melhor se me afamassem. O que eu for, isso hei de ser, por mais que me elevem ou me abaixem os juizes incompetentes (1)

(1) *Imitação*, liv. II, cap. VI.

Publicações do mesmo autor

1. **Revista dos Novos** (1885-1886) — collecção incompleta 2\$000
2. **O balão Julio Cesar e o jornalismo** (1888) 1\$000
3. **A ditadura republicana** (1889) 1\$000
4. **O exercicio da medicina** (1890). \$200
5. **A reforma do ensino** (1890) \$500
6. **O Supremo Par**, versos, (1891). \$300
7. **Geometria** de CLAIRAUT (1892), esgotada e a 2.^a edição a entrar no prelo.
8. **Lucia**, novella de C. de Vaux, trad. de Rita F. de Oliveira, e **A. Comte e C. de Vaux**, artigo de Aimel, trad. de José Feliciano (1897) 2\$000
9. **O Natal da nova Religião**, versos, (1898) \$300

ADVERTENCIA.—Este pequenino catalogo pode mostrar a meus amigos alguns de meus esforços em prol de nossa propaganda, a contar sobretudo de 1888 para cá. Só em 1891 me approximei do Centro fluminense, do qual me afastára até então seu exclusivismo intolerante, seu «privilegio de virtude» (1), conforme escrevia em 1889 ao amigo de que falo á pag. 70. Foi a influencia desse amigo que me fez entrar no gremio a 5 de Setembro de 1892.

(1) No *Boletim* n.º 5 P vêem estes trechos que provam como o chefe, confessando sempre sua insufficiencia e a da maioria de seus subordinados, não cessa de arrogar-se a supremacia em tudo. «O positivismo... não receia a comparação entre a conducta privada e publica de seus verdadeiros adeptos com a dos seus adversarios, *grandes ou pequenos*. — ...os que se sentem prejudicados com a *obra de saneamento moral que nossa propaganda vai promovendo*... não conseguirão arrancar-nos apologias ou explicações que reservamos para aquelles que julgamos dignos dellas.»

PROTESTAÇÃO FINAL (*)

Nos elogios que tributei aos talentos do chefe, e que mantenho hoje; nas opiniões e testemunhos com que reforço agora suas próprias confissões de incompetencia apostolica ou sacerdotal; nas repulsas inevitaveis que tive de oppor a suas accusações ferinas,—protesto:

1.º Não pretender mais autoridade além da que resultar dos documentos citados ou da opinião discutivel e imperfeita do autor: sou uma testemunha coeva que me agito, com o fim de ser conduzido pela Prioridade que *ensina* e pela Posteridade que *julga*;

2.º Esperar a sentença definitiva do sacerdocio futuro, á qual me sujeitarei de plano: no presente só o verdadeiro poder espiritual fará um julgamento completo e mui raramente *ousará* prevenir o aresto final da Posteridade.

(*) Sigo aqui nossos bons predecessores catholicos. Imito a protestaço que Urbano VIII prescreveu aos fieis, quando em seus livros apreciasssem os feitos ou exemplos de pessoas notaveis. (Decretos de 1625, 1631 e 1634). Precisamos dignamente sentir que o interregno espiritual continúa, que não ha sacerdocio e não podemos nos arrogar a funcção de juizes completos. Assim diminuiremos o estímulo critico em um meio tão anarchizado e tão presumpçoso.

Tudo, tudo submetto á correcção do sacerdocio da verdadeira Igreja positivista, em cujo seio conto sempre viver, como rendido filho e servidor humilde. Assim possa eu alcançar dignamente o surto feliz de tão alto sacerdocio!

Em 16 de S. Paulo de 110 (5 de Junho de 1898)

José Feliciano

6, rua General Jardim,
N. em Jundiahy a 6 de Março de 1868.

ADDENDA

(á pag. 38)

A demora na impressão deste folheto me permite communicar a meus amigos que D. J. S. Florez já me accusou o recebimento da quantia enviada. De sua carta extraio commovido estas linhas tocantes: «Completei 85 annos a 29 de Março ultimo, e os carrégo bem penosamente, atormentado por uma nevrose aguda, um eczema geral, uma forte irritação na bexiga e duas hernias inguinaes... Aos confrades que vos derem dinheiro para mim,izei-lhes que, tendo eu 85 annos, tal subsidio infelizmente não pode durar muitos annos. Creio mesmo que irei breve,—o que para mim seria desejavel, a fim de acabar com esta vida de soffrimento. Os sabios latinos diziam muito bem e com razão: *A vida não é estar vivo, mas estar válido (Non est vivere, sed valere, vita).*»



CORRIGENDA

Pag. 12, em vez de *proprio*. —leia-se: *proprio...*

» 15, » » » *permissão*,— » *permistão*,

Outros erros são de facil correcção.

INDICE

Advertencia	2
A Augusto Comte	3
Nota prévia	5
I. DECLARAÇÃO DECISIVA	9
I. Advertencia geral e pessoal	11
II. Resolução final.	17
II. DISSOLUÇÃO DO CENTRO POSITIVISTA	27
I. Dissolução do Centro	29
II. Resumo financeiro	34
Conclusão	38
III. NOTAS E ESCLARECIMENTOS PESSOAES	41
I. (As hypotheses sympathicas)	43
II. (Os testemunhos da amizade)	44
III. (A aptidão apreciatrix e julgamentos do chefe)	48
IV. (A insufficiencia do chefe)	52
V. (A insufficiencia minha)	56
VI. O sacerdocio, a disciplina e a propa- ganda positivista	61
VII. Esclarecimentos pessoaes	65
CONCLUSÃO	77
Publicações do mesmo autor	81
Protestação final	82
Addenda e corrigenda	84

NOTA. Devido a tardanças da typographia, só se acabou de imprimir este folheto a 21 de S. Paulo de 110 (10 de Junho de 1898).

1840

THE
MAY
1840

1840

1840

